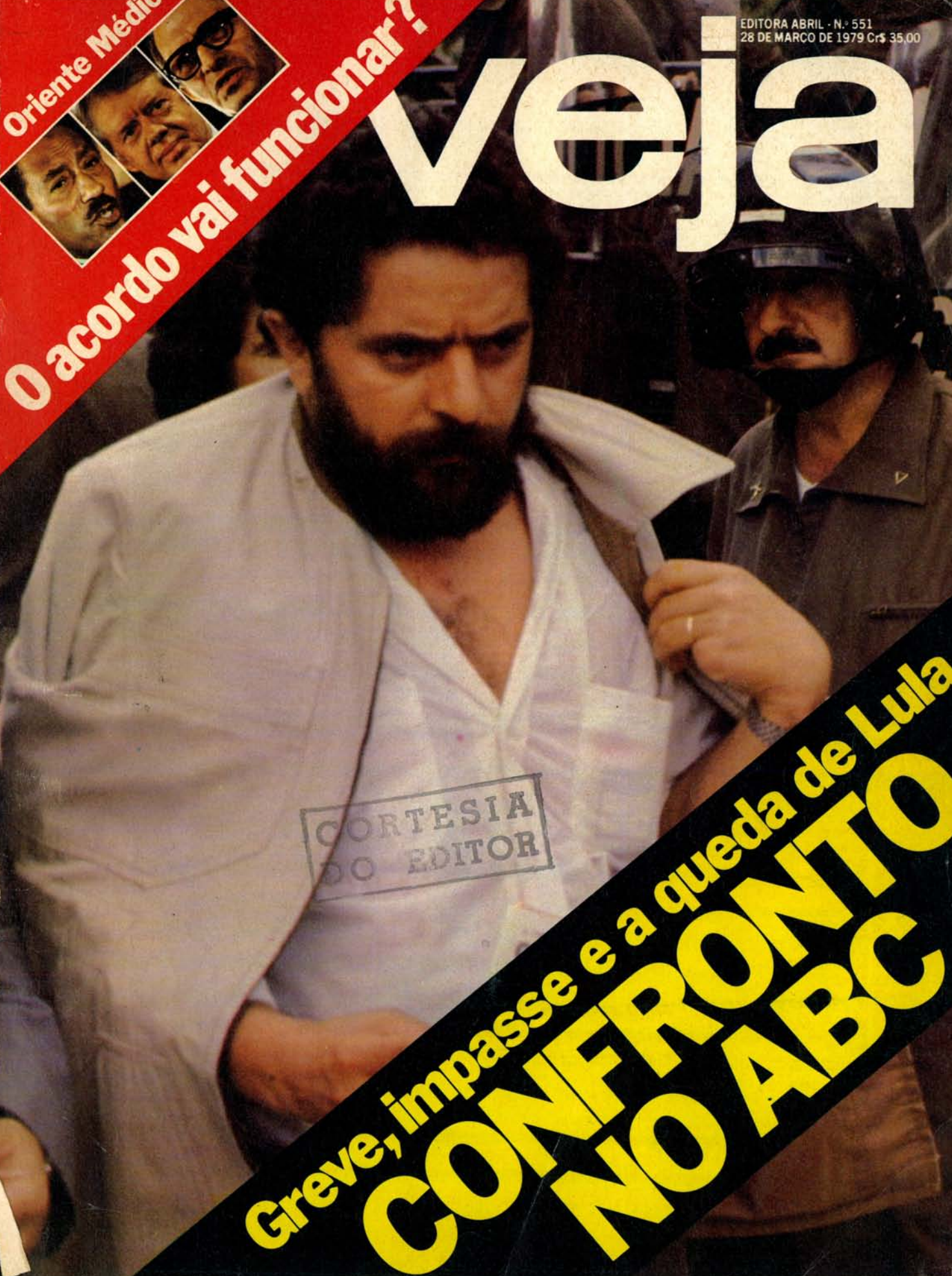


Orientes Médicos
O acordo vai funcionar?

EDITORIA ABRIL - N.º 551
28 DE MARÇO DE 1979 Cr\$ 35,00

veja



CORTESIA
DO EDITOR

Greve, impasse e a queda de Lula
**CONFRONTO
NO ABC**

Memorando. Favor transferir para outro dia a reunião para a assinatura do contrato. Hoje eu tenho algo muito mais importante para assinar: o gesso do meu melhor amigo.



HILTON. UM ESTILO DE VIDA.



Os civis terão vez

O governador da Bahia fala do processo de abertura, aponta as dificuldades que esperam Figueiredo e prega o entendimento entre Arena e MDB

por Augusto Nunes e Ricardo Noblat

As caravanas arenistas que percorreram a Bahia na campanha para as eleições de novembro passado eram freqüentemente saudadas por faixas com uma curta mensagem: "ACM para presidente". Seria o começo da campanha para transformar o governador Antônio Carlos Magalhães, em 1985 — quando estará com 57 anos —, no primeiro presidente civil desde 1964? Magalhães nega, e jura estar exclusivamente interessado no governo da Bahia — cargo que, por sinal, já ocupou entre 1970 e 1974. Desmentidos à parte, o médico e ex-jornalista Magalhães, hoje um dos mais conhecidos políticos do país, parece preparar-se para vãos mais altos. E vem atacando com crescente desenvoltura os temas nacionais, como demonstra nesta entrevista concedida a VEJA na semana passada, no Palácio da Aclamação, em Salvador:

A anistia política virá ainda em 79

VEJA — Há poucos dias, o senhor declarou que as questões políticas em debate no Congresso devem ser negociadas ponto por ponto entre o governo e a oposição. Quais os principais temas desse contencioso?

MAGALHÃES — Acho que a estratégia da Arena deve ser negociar ponto por ponto todos os temas controvertidos — por exemplo, a formação de novos partidos, o restabelecimento das eleições diretas para governadores, a coincidência das eleições. Também a anistia deve ser debatida, embora seja

Magalhães: o governo precisa dialogar

atribuição do presidente da República. A negociação é sempre necessária, para que não se chegue a impasses no Congresso. No MDB e na Arena existem excelentes negociadores. E a radicalização de posições, venha de onde vier, não levaria a coisa alguma. Precisamos evitar o risco de não se conseguir maioria para a votação dos grandes temas.

VEJA — Teremos eleições diretas para os governos estaduais em 1982?

MAGALHÃES — Creio que a volta das eleições diretas é hoje um desejo de toda a nação. Se não houver conturbações, elas deverão verificar-se já em 1982.

VEJA — E para a Presidência da República?

MAGALHÃES — Se você me perguntar se sou favorável às eleições diretas para a Presidência, direi que sim. Mas, se me perguntar se acho que elas serão realizadas já em 1985, direi que não. De qualquer forma, é possível que as coisas corram tão bem em 1982 que até tornem possível o pleito direto para a Presidência. Tudo vai depender da transigência dos políticos.



ANTÔNIO ANDRADE

VEJA — O sucessor do general Figueiredo poderá ser um civil?

MAGALHÃES — Não faço maiores distinções entre civis e militares. Claro, existem ocasiões em que a escolha de um presidente civil se torna impraticável — foi assim, por exemplo, na sucessão do presidente Geisel. Mas o presidente Figueiredo poderá ter um sucessor civil. As possibilidades de que isso aconteça são amplas.

VEJA — E esse civil poderá ser o senhor?

MAGALHÃES — Não.

Não tenho tal pretensão e não penso nisso. Quem pensar nisso agora está maluco.

VEJA — A anistia será concedida ainda neste ano?

MAGALHÃES — O juiz dessa questão é o presidente da República. Mas a minha opinião é de que a anistia talvez saia este ano. Aliás, eu até tiraria o "talvez". Do ponto de vista político, a anistia será a mais ampla possível. Mas é preciso que se diga que a anistia ampla e irrestrita reivindicada por alguns não pode beneficiar quem praticou o terrorismo, quem matou. Acho que tudo o que se fizer contra a tortura merece aplauso e apoio, inclusive os trabalhos jornalísticos que denunciam tais práticas. Mas também não se pode ignorar que dezenas de pessoas ficaram viúvas, órfãs, graças ao terrorismo. Aqui na Bahia, muita gente procura entrevistar um preso, Teodomiro dos Santos, que matou covardemente um sargento. Ninguém entrevista a viúva do sargento. Só os verdadeiros criminosos políticos, que tiveram seus direitos suspensos ou cumpriram a pena do exílio,

merecem compreensão. E devem ser anistiados.

VEJA — *Inclusive Leonel Brizola, Miguel Arraes e Luiz Carlos Prestes?*

MAGALHÃES — Pessoalmente, não vejo por que não anistiá-los. Veja o caso do Prestes. O que poderá fazer com mais de 80 anos? Os verdadeiros comunistas irão beber em outra fonte.

VEJA — *Quando será negociada a eliminação de alguns restos do regime autoritário, como a "Lei Falcão" e os senadores biônicos?*

MAGALHÃES — Não acredito que a "Lei Falcão" seja aplicada às próximas eleições. Da mesma forma, os chamados biônicos deixarão de existir depois que os atuais cumprirem integralmente seus mandatos. Mas os mandatos dos senadores biônicos não serão reduzidos.

Houve duas vitórias no último pleito

VEJA — *E as salvaguardas?*

MAGALHÃES — As salvaguardas desaparecerão no momento oportuno. Até lá, é preciso que todos os setores da sociedade aprendam a agir de modo responsável. A democracia, afinal, não é o regime da calúnia, da injúria e da difamação.

VEJA — *O primeiro governo do senhor coincidiu com a era Medici, considerada a mais fechada dos últimos quinze anos. Vai ser mais difícil governar a Bahia em pleno processo de abertura política?*

MAGALHÃES — No plano administrativo, as dificuldades serão maiores. Mas os problemas não decorrem exclusivamente da abertura; decorrem, também, das dificuldades econômico-financeiras do momento. Cabe à inteligência dos políticos encontrar os caminhos que levem à democracia ampla que todos desejam, porque os políticos sabem enfrentar tais dificuldades com mais eficiência que os técnicos. Como estamos vivendo uma outra época, dei a este meu segundo governo um cunho mais político. Acho que temos condições de harmonizar a luta pela superação dessas dificuldades e a abertura política, que é indispensável e, mais cedo ou mais tarde, evidentemente irreversível.

VEJA — *Quer dizer que o processo de abertura ainda não é irreversível?*

MAGALHÃES — Espero que se torne

irreversível o mais cedo possível. Entretanto, e mais no plano nacional que no estadual, a oposição deve estar ciente de que as dificuldades que um governo tem de enfrentar não são apenas delas do país — que deve estar acima dos partidos e dos políticos. Em certos casos, a oposição não deve querer ganhar popularidade às custas dos problemas do governo. Ao contrário, deve colaborar na superação de tais dificuldades, para que o processo de abertura possa tornar-se de fato irreversível, como desejam governo e oposição.

VEJA — *O crescimento da ala esquerda do MDB pode ameaçar a abertura?*

MAGALHÃES — Não creio. Trata-se de um problema que pertence exclusivamente ao MDB. Aliás, o pleito de novembro passado marcou nitidamente duas vitórias. A primeira foi a do governo; até governistas não acreditam, mas a verdade é que o governo ganhou. Outra foi a das esquerdas dentro do MDB. Quem não foi uma coisa nem outra, não se elegeu. Em outras palavras: quem quis se vestir de Arena no MDB, ou vice-versa, perdeu.

VEJA — *O senhor mencionou com frequência a existência de "dificuldades". Quais são elas?*

MAGALHÃES — O combate à inflação, por exemplo. Ninguém combate a inflação com medidas simpáticas. Outra é a verdade salarial: todos a almejamos, mas não é possível chegar-se a ela de uma única vez. É preciso tratar da diminuição gradativa das injustiças, até que se chegue ao ponto ideal. Essas questões exigem uma série de providências que, nos dois primeiros anos, poderão fazer com que o governo não goze da simpatia popular. Há também o problema das greves, e não é fácil caracterizar as greves como legais ou ilegais. Evidentemente, o governo deve munir-se de instrumento para que a economia nacional não seja paralisada. Mas também deve mostrar compreensão, e dialogar. Esse diálogo — com os operários, com os estudantes, com a oposição, sem que cada um se descaracterize — é extremamente necessário ao momento vivido pelo país. A célebre frase em que o presidente Figueiredo afirmou estar com a mão estendida em conciliação é um primeiro passo nesse sentido.

VEJA — *O ministro Delfim Netto acha que as greves são um fenômeno natural numa democracia. O senhor concorda?*

MAGALHÃES — Quando se vive quinze anos num sistema diferente, não se pode pular de uma só vez para um sistema inteiramente aberto. Nesta fase de transição em que estamos, todos temos de mostrar paciência. A transição não pode ser feita de modo tão brusco que acabe prejudicando todo o trabalho que vem sendo desenvolvido por pessoas realmente interessadas em democratizar o país. Acho indispensável uma nova legislação a respeito da greve, que leve em conta o tempo presente. Eu também citaria, como parte do diálogo que considero necessário, as conversações diretas entre empregados e empregadores, que no ano passado, em São Paulo, surtiram bons efeitos até mesmo em greves ilegais.

VEJA — *Caso não sejam superadas, essas dificuldades poderão conduzir a algum retrocesso político?*

MAGALHÃES — Essa possibilidade existe, embora seja remota. Para quem conhece, como eu conheço, o desejo do general Figueiredo de realmente prosseguir a abertura iniciada pelo presidente Geisel e transformar este país numa democracia, fica evidente que tal retrocesso só ocorrerá se todos os seus esforços resultarem inúteis.

Teremos um PTB e um PS, mas não o PC

VEJA — *E de onde vêm as ameaças de retrocesso? Dos "revolucionários sinceros, mas radicais" a que se referiu certa vez o presidente Geisel?*

MAGALHÃES — Confesso que não sou um especialista em assuntos militares. Conseqüentemente, sempre fujo da discussão de problemas militares. Mas negar a existência, nos quartéis, de pessoas que pensam assim seria um caso de cegueira. E eu não sou cego.

VEJA — *A experiência do bipartidarismo já estaria esgotada?*

MAGALHÃES — Não serão criados novos partidos ainda em 1979. Trata-se de uma constatação, não de uma simples opinião. Mas acredito que chegaremos às eleições de 1982 com novos partidos.

VEJA — *Que partidos serão esses?*

MAGALHÃES — Não adianta criar partidos por decreto; se for assim, já bastam a Arena e o MDB. Eles devem brotar naturalmente, para que de fato representem o povo. E a evolução do

**Chegou
a lata de 2,5 litros
de Esso Super.
Mas não é por isso
que ele está maior**



**A Tecnologia
Sob Medida.**



Esso Super cresceu.
Cresceu em tecnologia, em viscosidade,
em economia e, principalmente, no conceito
do público.

Cresceu o dobro e mais a metade. Para
suprir as necessidades da grande maioria dos
carros que rodam pelo Brasil, e que levam
exatamente 2,5 litros de óleo no motor.

No entanto, para a grande aceitação
que o Esso Super vem conquistando junto
ao público, o seu novo tamanho não é
documento. O que conta, isto sim, são as suas
comprovadas qualidades.

Esso Super; em latas de meio, um e
dois litros e meio.

A mais alta técnica em óleos lubrificantes,
e a qualidade que suplanta todas as exigências
para o bom funcionamento do motor
do seu carro.

processo de abertura acabará levando à criação de novos partidos: no momento em que os parlamentares perceberem que suas bases desejam uma reformulação partidária, encontrarão caminhos para que isso se efetive — com a atual legislação ou, se necessário, modificando-a. Acho inevitável a criação de um partido trabalhista, surja ele do MDB ou da ação de líderes sindicais como o Lula. O PTB deverá surgir num período curto, embora deva lembrar que, em política, três anos são, por exemplo, um curto período. Também haverá um partido socialista, que deverá ter representatividade sobretudo na classe "A", como teve no passado a "Esquerda Democrática". Acredito que um PS teria razoável força em São Paulo.

VEJA — O Partido Comunista deve ser legalizado?

MAGALHÃES — Sou um político realista. Portanto, não vejo condições, no momento, para a legalização do Partido Comunista, sem que isso prejudique o processo de abertura. Mas acho a questão irrelevante diante da grandeza e importância de um processo de abertura democrática.

Hoje, ninguém quer ser de direita

VEJA — O senhor falou de partidos à esquerda do leque político. E à direita?

MAGALHÃES — O engraçado é que, no Brasil de hoje, ninguém quer ser de direita. Capitalistas, empresários gananciosos — todo mundo agora quer ser de centro-esquerda. Todos se sentem acanhados até mesmo em se dizerem de centro. Eu não. Sou um homem de centro, mas favorável a medidas necessárias ao desenvolvimento social do país. Uma delas é uma completa reforma fundiária — não uso a expressão "reforma agrária" porque me parece demasiado gasta. A reforma fundiária é indispensável a um país das dimensões do Brasil. Vou combater a grilagem, vou tentar impedir que o homem da terra não seja expulso pelo grande empresário. Este poderia associar o homem do campo aos seus empreendimentos. Infelizmente, porém, não é o que tem ocorrido em nosso país.

VEJA — E que partidos representariam esse centro? Uma réplica da antiga UDN, por exemplo?

MAGALHÃES — Não. Creio que a

UDN é uma legenda já ultrapassada. Entretanto, talvez seja indispensável um partido com a mesma flexibilidade do antigo PSD. Para ser franco, devo dizer que tenho pensado na questão dos novos partidos. Mas, no momento, nossa estratégia é fortalecer a Arena, impedindo que surjam divisões no partido do governo. Ainda assim, repito que chegaremos às eleições de 1982 com outro quadro partidário.

VEJA — O senhor omite as eleições previstas para 1980. É um sinal de que os mandatos dos atuais prefeitos e vereadores serão prorrogados?

MAGALHÃES — Na Bahia, estamos inteiramente preparados para as eleições de 1980. Mas esse pleito pode acarretar prejuízos para os dois partidos, já que o mandato-tampão de dois anos para os prefeitos nem sempre favorece a escolha dos melhores candidatos. Uma solução seria estabelecer mandatos de seis anos, para que a coincidência dos mandatos ocorra em 1986. Outra fórmula é a realização de eleições conjuntas em 1982. Pessoalmente, sou favorável a esta alternativa.

VEJA — Nesses últimos quinze anos, quase todos os governadores atuaram como meros delegados do poder central. Eles terão maior autonomia daqui para a frente?

MAGALHÃES — Obviamente, nas duas vezes que fui indicado para o governo da Bahia, a escolha foi feita pelo poder central. Mas nunca agi como seu delegado. Sempre achei que a Bahia tinha autonomia e governei com plenos poderes, sem permitir interferências.

VEJA — O deputado Magalhães Pinto costuma dizer que ocupar pela segunda vez um mesmo cargo político é como beber café requentado. O senhor achou bom voltar ao governo da Bahia?

MAGALHÃES — Em tese, voltar talvez não seja o melhor. Mas o caso baiano é diferente. Quando começou o processo sucessório, eu tinha um relativo prestígio popular, mas as lideranças políticas do Estado estavam todas formadas com o então governador Roberto Santos — e contra mim. As circunstâncias fizeram que todos os que apoiavam o doutor Roberto Santos ficassem a meu lado. Ele dizia que eu não unia o partido, mas acabou combatendo sozinho. Então, eu me senti de certa forma obrigado a voltar, e com a mesma disposição com que eu iniciei meu primeiro governo.

VEJA — O general Figueiredo é o primeiro presidente, nos últimos quinze anos, a governar o Brasil sem o auxílio das leis de exceção. Ele será bem sucedido?

MAGALHÃES — A inteligência humana tem a obrigação de encontrar soluções para os problemas que vão surgir. Por esta razão, o processo é político. O importante é encontrar soluções que levem à abertura e à democracia. E, ao mesmo tempo, isolar os que sonham com retrocessos.

Uma réplica do Hyde Park em Salvador

VEJA — Os estudantes planejam realizar em maio, na Bahia, um congresso para a remontagem da UNE. O senhor pretende conversar com eles?

MAGALHÃES — Se for procurado pelos estudantes, sejam eles baianos ou de outros Estados, jamais me negarei a um encontro. Tanto não tenho qualquer prevenção contra os estudantes, que venho pensando na criação de uma área reservada a manifestações de protesto, aqui em Salvador. Como no Hyde Park de Londres, haveria uma tribuna para que se pudesse dizer o que quisesse. Esse é um dos meus projetos.

VEJA — O senhor é favorável à volta da UNE?

MAGALHÃES — Não vejo por que não haver uma entidade que congregue nacionalmente os estudantes, mas sem as características da antiga UNE. Aliás, a UNE me parece defasada em relação ao Brasil de hoje. Mas acredito que os estudantes devem fazer política também nas universidades, e não apenas dentro dos partidos, sem prejuízo das atividades acadêmicas. Acho inteiramente natural, e muito importante para a formação de novos líderes, a luta política nas universidades, com correntes de direita e de esquerda disputando os diretórios.

VEJA — Por falar em novas lideranças, por que apareceram tão poucas de 1964 para cá?

MAGALHÃES — Uma das causas principais é justamente o fechamento político na universidade. No meu tempo de estudante, o gosto pela política nascia na disputa dos diretórios. Também por isso sou favorável a que as novas gerações acadêmicas tenham uma participação política muito mais intensa.

Compre estas ofertas pelo correio.

Compre da Tarefa.

(Pelos melhores preços de São Paulo, válidos para todo o Brasil.)



A Tarefa não é uma loja. Nem empresa de Correios. Nem uma empresa de transportes. Mas faz tudo isso e um pouco mais. A Tarefa seleciona produtos, compra, armazena, divulga, vende e entrega esses produtos. Em São Paulo, Rio, Quixeramobim e em qualquer cidade brasileira. Sempre pelos mesmos preços e quase sempre sem cobrar transporte. Todos os produtos selecionados pela Tarefa são de ótima qualidade, produzidos por empresas que respeitam o consumidor. Ainda assim, havendo qualquer problema, a Tarefa se encarrega de trocar o produto. Quando você



recebe um catálogo ou vê anúncios da Tarefa nos veículos de comunicação e se interessa por alguma das ofertas, seu trabalho para comprar o produto é muito pequeno: basta preencher o cupom ou escrever uma carta, marcando claramente os produtos desejados, nome, endereço e demais informações solicitadas. A forma de pagamento - à vista ou com Cartão de Crédito - está sempre explicada no catálogo ou no



anúncio. Depois, basta colocar o pedido no Correio. E você recebe seu produto em casa, num prazo de três semanas depois que a Tarefa receber seu pedido. Nas próximas páginas desta revista estão as ofertas que a Tarefa selecionou especialmente para você. Faça sua escolha, preencha cuidadosamente o cupom, ou faça seu pedido por carta, com as informações solicitadas no cupom.



Escolha a forma de pagamento preferida:
Cartão de Crédito

☐ PASSAPORTE

Credicard, Diners ou Passaporte ou cheque nominal para Tarefa Marketing e Comércio L. Depois é só enviar o pedido para a Caixa Postal n.º 9, São Paulo, Capital. E aguardar em casa, onde você receberá seu pedido sem nenhuma outra despesa e sem qualquer problema.

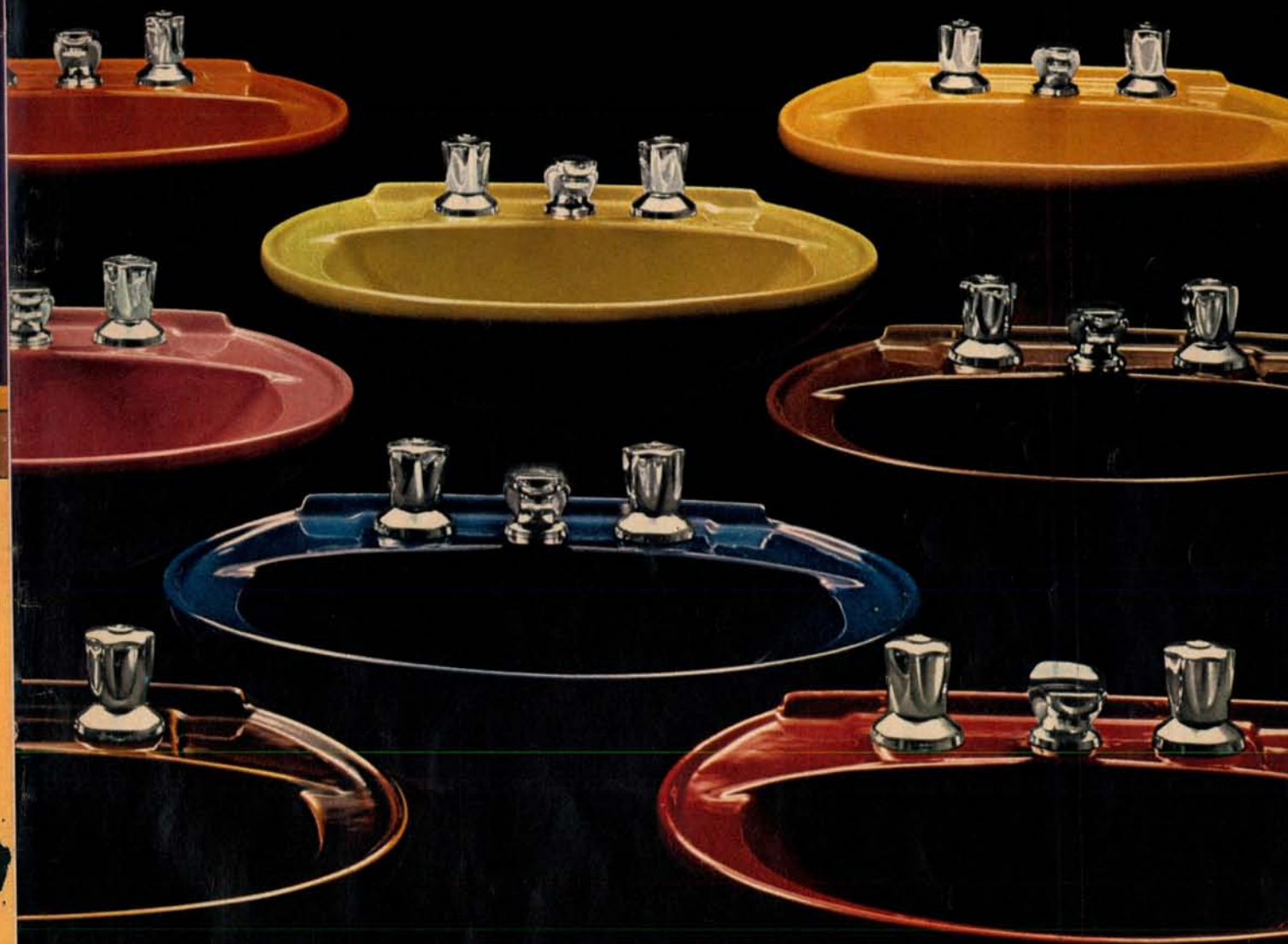
Tarefa
MARKETING E COMÉRCIO LTDA.
Al. Gabriel Monteiro da Silva, 355
Fones: 280-4610 - 280-9043
852-9779 e 853-6924
CEP 01441 - São Paulo - SP

Uma loja em cada cidade do Brasil

Deca. Louças com a



mesma alma dos Metais.



Geisel

Sr. diretor: Pintar o perfil de um chefe de Estado quando ele está prestes a retirar-se para a vida privada é fácil, basta elogiá-lo, dizer de suas obras, enaltecê-lo e assim por diante; difícil é fazê-lo com clareza e honestidade, como aconteceu a VEJA (n.º 549). Grandes esperanças estão preparadas para o atual governo; espero que se concretizem e que eu possa ler, daqui a seis anos, um perfil semelhante do presidente Figueiredo.

Maura Soares
Florianópolis, SC

Sr. diretor: Embora incompleta em certos aspectos, a reportagem sobre o presidente Ernesto Geisel foi bem elaborada. Limitou-se, entretanto, a informar que ele é protestante. Geisel entrou para a História como o primeiro protestante a assumir a Presidência do Brasil. Comportou-se com discrição e correção, distinguindo bem entre o cumprimento dos deveres funcionais e a prática de convicções religiosas. Certamente, decepcionou a protestantes e evangélicos que esperavam vê-lo freqüentando suas igrejas, mas assumiu conscientemente o papel de magistrado da nação, procurando manter separados o Estado e as igrejas, ao mesmo tempo que assegurou a liberdade religiosa no país. Que seu exemplo frutifique.

Roberto Torres Hollanda
Brasília, DF

Sr. diretor: Li com muita atenção o trabalho de VEJA sobre o governo Geisel, não concordando com a maioria dos pontos de vista ali expostos. Em minha opinião, Geisel nos forneceu o mais ineficiente e inoperante governo da Revolução, com altas taxas de juros, escândalos como o Lutfalla, a nefasta administração do ex-ministro das Minas e Energia. A única classe que ganhou com Geisel foi a da imprensa, que teve suas mãos desatadas. Mas, por outro lado, com essa vitória da democracia temos de volta os arruaceiros, como Brizola, Arraes, Almino e outros, que por aí estão já tumultuando a vida do pacato e bom povo brasileiro.

Artur Barros Medeiros
São Paulo, SP

Einstein

Sr. diretor: Li com alegria a bela reportagem sobre o centenário do maior cérebro da humanidade no século XX. Nada mais justo que uma gigantesca estátua para Albert Einstein (VEJA n.º 549).

Raimundo Nonato da S. Oliveira
Rio de Janeiro, RJ

Sr. diretor: Ao correr os olhos sobre a excelente reportagem "O universo de Einstein" meu coração pulou de alegria. Parabéns.

Edilson Rodrigues Almeida
Fortaleza, CE

Rischbieter

Sr. diretor: Esperamos que o senhor Rischbieter seja prestigiado pelo presidente Figueiredo e consiga concretizar as idéias que brilhantemente expôs a VEJA n.º 548.

Carlos Alberto de Moura Vila Nova
Maceió, AL

Sr. diretor: Parabéns aos jornalistas Emílio Matsumoto e José Paulo Kupfer pela excelente reportagem com o ministro Rischbieter.

Amauri Honório dos Santos
Guarulhos, SP

Redemocratização

Sr. diretor: Só os descrentes não querem se convencer de que vivemos o reencontro com as práticas democráticas. Se ainda falta o selo da eleição direta é porque a nação, inegavelmente, não está preparada para correr, logo, o risco de ver o processo de redemocratização tumultuado pelos políticos, demagogos e subversivos. Neste momento histórico, é irrecusável a mão estendida à conciliação nacional para que alcancemos, de maneira responsável, a almejada emancipação política.

F. A. P. Vianna
Rio de Janeiro, RJ

Sr. diretor: Se o abjeto PTB e políticos como Brizola, Ivete Vargas & Cia. voltarem à ativa, o presidente Figueiredo vai embarcar em rabo de foguete. E o Brasil mergulhará novamente na lama trabalhista onde chafurdou até 1964.

Florinda Dec
Curitiba, PR

K. S. Karol

Sr. diretor: Na "Carta ao leitor" de VEJA n.º 548, URSS e China são chamadas de "matrizes do ideário marxista". As experiências ditas socialistas ou comunistas das quais temos conhecimento realmente merecem críticas, porém o verdadeiro pensamento marxista é algo que está muito além das experiências que utilizam sua roupagem. Não me pareceu que K. S. Karol, nas páginas amarelas daquele número, criticasse o marxismo e, sim, os "marxismos".

Eurico C. Oliveira
Belo Horizonte, MG

Censura

Sr. diretor: A censura é filha de quem? Pelo que tenho lido, ninguém a quer. Se o governo, que a instituiu, agora a abomina, é sinal de que os ventos da abertura estão mesmo fortes. Por que, então, não brindar o povo com sua extinção? Garanto que muito sorriso encalhado irá aparecer porque a alegria será geral, ampla e irrestrita.

José Marques da Silva
Brasília, DF

Racionamento/racionalização

Sr. diretor: Por ser assunto do momento e o governo estar pedindo, apresento minhas sugestões para a economia de derivados do petróleo: 1) ampliar e aperfeiçoar a rede ferroviária; 2) implantar e ampliar os metrô; 3) implantar os ônibus elétricos; 4) não enquadrar as motocicletas como "supérfluos" para importação.

Aramis A. Nickel
Curitiba, PR

Sr. diretor: O artigo "O tremor do petróleo" (VEJA n.º 548), sem dúvida, nos deixa apreensivos diante de possíveis aumentos de preço e/ou racionamentos de gasolina. Porém, quanto às alternativas do petróleo, penso que o governo devia dar uma olhada com mais interesse para o carvão.

Luiz Carlos Lasek
Porto Alegre, RS

Sr. diretor: Deixar o veículo particular e andar de coletivo é uma forma decisiva de economizar combustível (e dinheiro). Mas, se for retirado de circulação um percentual de coletivos (face ao corte de 5% no fornecimento de óleo diesel — VEJA n.º 548), acabaremos andando a pé. Ou sendo forçados a novamente utilizar o veículo particular.

Maurício Francisco Miszewski
Porto Alegre, RS

Sr. diretor: Minha sugestão para um eventual racionamento de derivados de petróleo a ser implantado pelo governo: 1.º) carros com chapa final 4 não poderiam sair nos dias 4, 14 e 24. Carros com chapa final 7 não poderiam sair nos dias 7, 17 e 27 — e assim por diante; 2.º) nos dias 31, todos os carros estariam livres para circular a fim de não prejudicar aqueles de final 1; 3.º) esta medida aplicar-se-ia apenas aos carros com chapa amarela.

Ruy Nepomuceno Filho
São Paulo, SP

Enchentes e imposto

Sr. diretor: Havia, e há, várias outras op-

PHILIPS



Quando um conjunto como este decide se apresentar ao público, você pode esperar por momentos inesquecíveis.

O AH 987 é formado pelo que há de mais avançado em matéria de som. Da maneira mais prática.

Você começa a descobrir isso no toca-discos com cambiador automático e motor dinamicamente balanceado.

O intérprete certo para o gênero de música de que você gosta.

Ou no tape-deck estéreo, com ampla faixa de resposta em frequência e recursos para qualquer tipo de gravação.

Mas não pára por aí, não: o AH 987 tem um sintonizador AM/FM estéreo que reproduz com incrível perfeição as programações mais sofisticadas.

E um amplificador com 50 watts de potência musical e o fôlego dos grandes cantores. Junto com o AH 987 vêm duas

caixas acústicas. Você pode acoplar mais duas e multiplicar seu prazer. Mesmo no acabamento, você nota que o AH 987 é um quarteto que nasceu pronto para o sucesso. Por isso, se depois de ouvir nele sua música preferida você tiver vontade de aplaudir, não sinta vergonha. Ele merece.

NOVO AH 987 DA PHILIPS.

O QUARTETO EM SI

SERVIÇO AO ASSINANTE

veja

**Para assinar VEJA ou
comunicar mudança de
endereço, preencha e
envie-nos este cupom.**

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____

CEP: _____ Estado: _____



Assinale com um "X" a forma de pagamento
escolhida e forneça os dados correspondentes:

☐ Cheque anexo (nominal a Editora Abril Ltda.)

Nº _____
do Banco _____

☐ Debitem em meu Cartão de Crédito.

DINERS nº _____

CREDICARD nº _____

Válido até ____/____/____

Assinatura _____

(deverá ser idêntica
à de seu Cartão).

Aguarde 4 semanas para
começar a receber VEJA.

Para qualquer informação,
telefone para:
SP - 263-4011
RJ - 244-2022 - 244-2152



filada ao
INSTITUTO
BRASILEIRO DE
MARKETING
DIRETO



Envie para:
**EDITORA
ABRIL LTDA.**
Divisão de Marketing Direto.
Caixa Postal 11.830
CEP 01000 - São Paulo, SP.

Notificar a
mudança de
endereço:

forneça o novo
no item de
endereço e
cole a etiqueta
da capa neste
espaço.

ções para socorrer as vítimas das cheias. Enumero quatro: aumento de 1 cruzeiro em cada cartão da Loteca, adicional sobre cigarros, adicional sobre bebidas e/ou bens supérfluos — além, é claro, de deixar de socorrer Lutfallas, Atallas, etc.

Otávio Augusto Mariano
Recife, PE

Sr. diretor: Acho que a imprensa tem razão em pichar a decisão ministerial de aumentar 5% sobre o imposto de renda a pagar: afinal, por que são visados os que vivem de salário? Por que não se destinar, por exemplo, parte da cota da Loteria Esportiva, que toca ao governo, ou mesmo uma porcentagem dos impostos que os governos recebem?

José Márcio Barcelos Costa
Mesquita, MG

Sr. diretor: Nossos sinceros agradecimentos pela cobertura aos acontecimentos em Aimorés, por ocasião das enchentes provocadas pelo rio Doce. Aproveito, também, para agradecer a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, colaboraram no sentido de amenizar o sofrimento de tantos brasileiros vitimados pela catástrofe.

J. Diniz, diretor-proprietário da Rádio Aimorés Ltda.
Aimorés, MG

Secas

Sr. diretor: A respeito da carta do leitor Arno Facker (VEJA n.º 549), desejo explicar a esse "pequeno agricultor sulino desesperado" que não tenho a fórmula para evitar as secas e as enchentes; tenho, sim, a consciência que muitos deveriam ter. Os agricultores não são inteiramente culpados, pois não possuem os recursos necessários para enriquecer o solo após cada cultura. Fazem ainda as queimadas que empobrecem o solo e provocam a erosão. As autoridades competentes fecham os olhos para o desmatamento desenfreado, daí também a destruição da fauna e da flora, o desequilíbrio ecológico, as secas e as enchentes. É preciso que cada brasileiro respeite a natureza. Se isso não acontecer, teremos poucas chances de um futuro melhor.

Lúcia Moojen Czernohous
Petrópolis, RJ

"Libertas quae sera tamen"

Sr. diretor: Diante da resposta (?) de Millôr à minha carta, tomo a liberdade de voltar ao assunto. De início, o "tom de superioridade" que me é atribuído não sei onde Millôr o foi buscar; em minha carta, com certeza, ele não se encontra. Ao escrever a VEJA, meu propósito era que se elucidassem as questões principais: primeiro, quanto à grafia incorreta de duas palavras latinas; segundo, quanto à ordem das palavras nos versos transcritos. (...) Custa a crer

que, depois de consultar várias edições das "Bucólicas", no total de sete — um número, diga-se de passagem, muito sugestivo —, não tenha Millôr observado que o texto latino da "Interlinear" se acha na ordem direta — uma concessão dela, presumo, para facilitar a tradução interlinear inglesa. Portanto, em seu artigo, dizendo reproduzir o "próprio original", Millôr o fez em termos: as palavras, salvo os erros de revisão, de VEJA, são de Virgílio; a disposição delas nos versos, da "Interlinear". A transcrição original, propriamente dita, é a de minha carta anterior, que reproduziu o trecho da "Selecta Latina", ali referida. Em suma, na pretensão de corrigir um erro de latim de Alvarenga, que citou a frase de memória, Millôr cometeu três erros, não obstante toda sua inteligência interpretativa. (...) Quanto à tradução que fiz, tratava-se apenas de um complemento natural à transcrição dos versos em latim. Desde o princípio, entendi que não cabia a Millôr discuti-la, pela razão singela que ele traduziu inglês; eu, latim. (...) De resto, que continue Millôr nas suas pesquisas de leito. Porém, em se tratando de gastar o latim (alheio), com transcrições do original de versos de Virgílio, seria mais interessante que ele, de duas, uma: ou passasse antes a consultar oito edições (minha "Selecta Latina" está às ordens), ou apenas indicar a seus leitores onde encontrá-los.

Silvio Travagli
São Paulo, SP

Viver de renda

Sr. diretor: Perdi 1,4 milhão de cruzeiros por causa de VEJA. A matéria "Para viver de renda" (VEJA n.º 548) deveria ter saído dois anos atrás, quando ganhei 2 milhões na Loteria Esportiva. Agora só me restam 600 000.

José Ruy V. Campossini
Araçatuba, SP

Nota da Redação: Sobre a representação do Ministério do Exército contra VEJA, recebemos e agradecemos as seguintes manifestações de solidariedade: dos leitores Antônio Alberto Prado (Washington, EUA), Berlino Estrela (João Pessoa, PB), J. Oliveira (Pirapora, MG), Iara Caldeira (Brasília, DF), Maria Eugênia Silva (Campinas, SP), C. M. Santos (Uberlândia, MG), Luiz Carlos Brunel Alves (Tubarão, SC), Olegário B. Limonge (Florianópolis, SC), Edilson Rodrigues Almeida (Fortaleza, CE), Júlio César Rigol Vargas (Porto Alegre, RS), deputado José Eudes e vereador Antônio Carlos (Rio de Janeiro, RJ), Catedral do Senhor Bom Jesus (Palmas, PR) e Comissão Permanente de Luta pela Liberdade de Expressão (Rio de Janeiro, RJ).

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital. Por razões de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.



No. 4711

Echt Kölnisch Wasser
A verdadeira e única
Água de Colônia



Pra ninguém dizer que não falo mais do

Cavalo de A a X

Alfana (Égua) — Montaria de Grasso em "Orlando Furioso"

Aquilino (Como uma águia) — O gigante de Raimondo em "Jerusalém Libertada", de Tasso.

Alsvind (Todo Rápido) — Na mitologia nórdica, o cavalo que puxa a carruagem da Lua.

Arion (Marcial) — Cavalo de Hércules, dado a Adrasto. Foi cavalo de Netuno, que o arrancou da terra com seu tridente. Suas patas direitas eram pés humanos, também tinha voz humana e andava mais rápido que a vista.

Arvak (Madrugador) — Na mitologia nórdica, o cavalo que puxa a carruagem solar dirigida pela virgem Sol.

Aurora — Os cavalos da Aurora eram: "Abraxa", "Eos" (madrugada) e "Faeton" (brilhante).

Baiardo — Cavalo de incrível rapidez dado por Carlos Magno aos filhos de Aymon. Se apenas um dos rapazes montasse o animal, este ficaria do tamanho normal. Se os quatro o montassem, o cavalo se alongaria para acomodá-los.

Baio-6 — Cavalo com que Deodoro proclamou a República.

Bális (Veloz) — Um dos cavalos dados a Peleus por Netuno. Mais tarde pertenceu a Aquiles. Como Xantos, era filho do vento Oeste. Sua mãe era uma Harpia.

Barbary Roan — Cavalo favorito de Ricardo II, cuja perda teria provocado o grito: "Meu reino por um cavalo!"

Bavieca — O cavalo do Cid. Sobreviveu dois anos e meio ao senhor e, durante todo esse tempo, a ninguém foi permitido montar nele. Foi sepultado em frente ao Mosteiro de Valência, com dois elmos semi-enterrados marcando o local da campa.

Black-Agnes — Palafrém de Maria, rainha da Escócia.

Brigliadoro — Corcel de Orlando, famoso pela rapidez e força, só menor que a do cavalo do Baiardo.

Bucéfalo (Cabeça de boi) — O famoso corcel de Alexandre, o Grande, única pessoa capaz de montá-lo, e diante de quem "Bucéfalo" sempre se ajoelhava. Tinha 30 anos ao morrer e Alexandre construiu a cidade de Bucéfala em sua homenagem.

Cavalo (O próprio) — De acordo com a mitologia grega, uma invenção de Netuno. De acordo com Virgílio, a primeira pessoa que montou um cavalo foi Eriquitônio. Na arte cristã, o cavalo representa coragem e generosidade.

Cavaleiros do Apocalipse — De acordo com a revelação de São João, quatro agentes de destruição. Dois agentes da Guerra, um da Fome, outro da Peste. O primeiro montava um cavalo branco; o segundo, um cavalo vermelho; o terceiro, um cavalo preto; o quarto, um cavalo pálido.

Cavalo alado — "Pégaso", cavalo alado, nascido do sangue de Medusa. Nele, Belerofonte cavalgou contra a Quimera. Um coice de "Pégaso" no monte Helicon abriu a fonte inspiradora dos poetas — Castália.

Cavalo de ferro — Locomotiva.

Cavalo de latão — Cavalo mágico dado a Cabuscão pelo rei da Arábia e da Índia. Bastava o dono lhe dar instruções e torcer uma rosca em seu ouvido que o cavalo o levava a qualquer parte.

Cavalo-de-madeira — Antigo instrumento militar de tortura. A vítima era colocada no cavalo-de-madeira (um tronco de carvalho) com uma pedra enorme amarrada em cada tornozelo, numa posição insuportável. Precursor do pau-de-arara.

Cavalo pálido — "Olhei e vi um cavalo pálido. E o nome que havia escrito nele era Morte." (Rev. VI. 8)

Cavalo-vapor — Medida básica de força aplicada às máquinas. Equivalente a elevar 33 000 libras a 1 pé de altura em 1 minuto. Foi fixada por Watt para indicar a força desenvolvida por sua máquina a vapor.

Cavalos brancos das ondas — Nome

poético das ondas espumosas que rolam em direção à praia.

Cavalos carnívoros — Os cavalos de Diômedes, tirano da Trácia, que alimentava os mesmos com os estrangeiros que visitavam o reino. Hércules venceu o nosso amigo, Diômedes, e deu a carcaça dele pros cavalos comerem.

Celer (Célere) — Cavalo do imperador Lucius Verus. Era alimentado com almôndegas e passas, coberto com púrpura real e dormia no palácio imperial.

Cilares — Cavalo de Castor e Pólux.

Clavigeno, el aligero — Cavalo de pau que aparece em "dom Quixote" e é governado por uma cunha na testa e tem as mesmas qualidades mágicas do cavalo de latão de Cambuscão e do cavalo mágico das "Mil e Uma Noites". Só que o das "Mil e Uma Noites" era de marfim e ébano.

Copenhague — Cavalo castanho cavalgado pelo duque de Wellington, em Waterloo. O nome comemora a participação do duque na expedição a Copenhague em 1807.

Elogio clássico — O cavalo é um nobre animal.

Eton (Feroz) — Um dos cavalos de Heitor.

Falo (Phallus) — O Garanhão. Cavalo de Hércules.

Ferradura — Um dia, o Demônio pediu a São Dunstan, famoso por sua habilidade como ferreiro, pra ferrar sua pata (única). Dunstan, percebendo quem era seu cliente, amarrou-o solidamente numa árvore antes de começar o trabalho. E, como o Demônio estava amarrado, torturou-o com as ferramentas o máximo que podia até o Demônio pedir socorro. Dunstan então soltou o Demônio com a condição de ele jamais entrar em qualquer lugar em que houvesse uma ferradura.

Filho da P. — Famoso cavalo inglês. Conta-se que um turfista inglês, visitando o Brasil, ficou entusiasmado com o nome que se dava aos cavalos, sobretudo

do quando não conseguiam ultrapassar seus rivais: "Filho da p...!" Chegando à Inglaterra, batizou um cavalo com esse nome. O curioso é que, nas reproduções do cavalo que existem no Brasil, em geral o nome é retraduzido e o cavalo passa a se chamar "Son of a Bitch".

Frênicos (O inteligente) — Cavalo de Hiero de Siracusa. Venceu a 73.^a Olimpíada.

Gênesis do cavalo — O garoto da cidade, que nunca tinha estado no campo, veio correndo pra mãe e disse: "Mãe, mamãe, acabei de conhecer o homem que faz cavalos. Peguei ele no momento mesmo em que estava pregando a ferradura na última pata!"

Grani (Cinzento) — Cavalo de Siegfried. De espantosa velocidade.

Haizum — O cavalo do Arcanjo Gabriel (Corão).

Harpagus (O que anda depressa) — Outro cavalo de Castor e Pólux.

Hélios — Os cavalos de Hélios, o Sol: "Acteon" (Efulgência), "Eton" (Vermelho-vivo), "Ametea" (Sem Preguiça), "Bronte" (Trovejante), "Eritreus" (O que cria o vermelho), "Lampos" (O que brilha como uma lâmpada), "Flegon" (Flamejante) e "Purocis" (Quente e Selvagem).

Hipocampo — Cavalo de Netuno. Só tinha duas patas, a parte traseira sendo dragão ou peixe.

Hrimfaxi (Juba gelada) — O cavalo

da noite, do qual caíam gotas de geada que orvalhavam a Terra (mitologia nórdica).

Incitatus (Instigado) — Cavalo do imperador romano Calígula. Tinha uma manjedoura de mármore e bebia vinho num balde de ouro.

Kanttaka — O cavalo branco do príncipe Gautama, o Buda.

Lamri (Corcoveante) — a égua do rei Artur.

Malhado — O burro de Sancho Pança.

Mossoró — Ganhou o primeiro Sweepstake brasileiro em 1936.

Marengo — O garanhão branco que Napoleão cavalcou nos Alpes.

Plutão — Os cavalos de Plutão eram "Abaster" (Longe das estrelas), "Abatos" (Inacessível), "Eton" (Veloz como uma águia) e "Nônios".

Podarge (Pé ligeiro) — Um dos cavalos de Heitor.

Rosabela — Ginete favorito de Maria, rainha da Escócia.

Rocinante — Cavalo de dom Quixote, só pele e osso.

Silver — Cavalo do Zorro.

Símbolo — Nas catacumbas, o cavalo representava a fugacidade da vida.

Símile — Como adjetivação, cavalo significa algo grosseiro, inferior, sem refinamento.

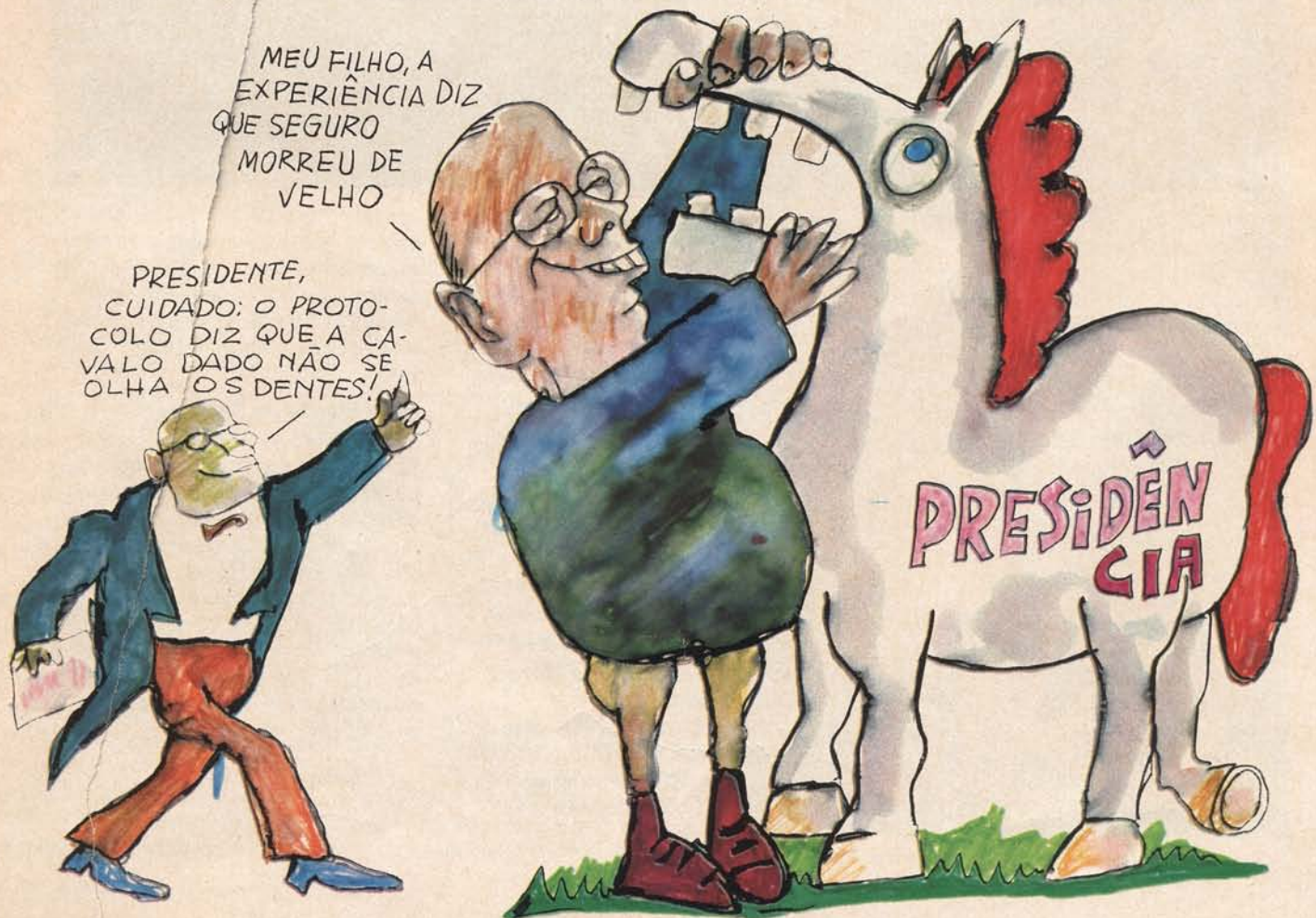
Skinfaxi (Juba brilhante) — O cavalo do dia (mitologia escandinava).

Sleipnir — O cavalo cinza de Odin, com oito patas. Podia atravessar a terra e o mar. "Sleipnir" simboliza o vento que sopra de oito pontos fundamentais (mitologia nórdica).

Tróia — Depois da morte de Heitor, Ulisses encomendou a Épios a feitura de um gigantesco cavalo de madeira e espalhou que aquilo era uma oferta dos deuses a Tróia para assegurar aos gregos uma esplêndida viagem de volta à Grécia. Os troianos puxaram o cavalo pra dentro de sua fortaleza apenas para descobrir que ele estava cheio de soldados comandados por Menelau. Os soldados gregos saíram do cavalo durante a noite, mataram os guardas da cidade, abriram os portões da cidade pro resto da tropa e incendiaram Tróia. Dizem as más-línguas que o cavalo de Tróia era dividido em duas partes. Na frente (primeira classe), iam os oficiais; atrás (segunda classe), iam os soldados.

Vegliatino (O vigilante) — Famoso corcel de Orlando.

Xantos — O maravilhoso corcel de Aquiles, irmão de "Bálios", outro cavalo de Aquiles, filho de "Zéfiro" e "Podarge". Censurado por seu dono por ter deixado Patroclos no campo de batalha, "Xantos" virou a cabeça como reprovação e disse a Aquiles que ele também estava numerado entre os mortos e não por culpa de seu cavalo mas por decreto inexorável do destino.



O BRASIL MEDE A SUA FORÇA.

Balanço das



Aumento de 11,3% no Consumo de Energia Elétrica.

O aumento do consumo de energia elétrica alcançou a faixa de 11,3%, com o Brasil atingindo 111 bilhões de kWh de geração bruta de energia. O consumo per capita atingiu 828 kWh contra os 768 kWh do ano passado.

Capacidade Geradora atinge 25 203 000 kW.

Em geração de energia elétrica, o Setor manteve o seu intenso ritmo de trabalho.

Acrescidos 2 566 000 kW à capacidade instalada no País. Prosseguiram as obras de instalação das Unidades 1 e 2 da Central Nuclear de Angra dos Reis, além dos trabalhos de construção ou ampliação de outras 24 usinas, na maioria hidrelétricas, totalizando 38 000 000 kW em construção.

Inauguradas as hidrelétricas de: Água Vermelha (Rio Grande, São Paulo/Minas Gerais), Itaúba (Rio Jacuí, Rio Grande do Sul), Paraibuna (Rio Paraibuna, São Paulo), Pedra (Rio de Contas, Bahia) e São Simão (Rio Paranaíba, Goiás/Minas Gerais). Foi completada a usina de Moxotó com a instalação de sua última unidade.

Término das obras de desvio do rio Paraná, para a construção da barragem de Itaipu. Concluída a barragem de Sobradinho, garantindo a continuidade do programa de pleno aproveitamento do rio São Francisco.

Concluídos 5 245 km de Linhas de Transmissão.

Além da conclusão, em 1978, dessas linhas de tensões entre 230 e 500 kV, foi iniciada a construção do sistema de transmissão de Itaipu, da parte em

corrente alternada, em 750 kV. Numa primeira fase, esse sistema interligará as usinas de Foz do Areia e Salto Santiago, no rio Iguaçu, e a área do Grande São Paulo, estabelecendo uma forte conexão entre as regiões Sudeste e Sul.

Interligação de Sistemas: o Programa continua.

Foi iniciada a construção de linha de 500 kV que interligará os sistemas elétricos das regiões Norte e Nordeste. A partir de 1982, essa interligação permitirá o suprimento da cidade de Belém com energia de origem hidráulica gerada no Nordeste e, com a entrada em operação da Hidrelétrica de Tucuruí, possibilitará a transferência dos saldos de energia da região Norte para a região Nordeste.

Atividades da Eletrobrás em 1978.

Maiores Investimentos na Área de Distribuição para Consumidores de Baixa Renda e Eletrificação Rural.

A Eletrobrás, em 1978, desenvolveu uma participação mais ativa na área de consumidores de baixa renda o que refletiu imediatamente na melhoria da qualidade de vida de larga faixa da população. O Programa de eletrificação rural beneficiou 966 municípios, tendo a Eletrobrás apoiado projetos no valor de Cr\$ 1.911 milhões. Desde o início do programa de eletrificação rural, em 1976, foram beneficiados 2.054 municípios e 82.800 propriedades rurais, cujos projetos representam investimentos no montante de Cr\$ 3.122 milhões.

Economia de Combustível permanece.

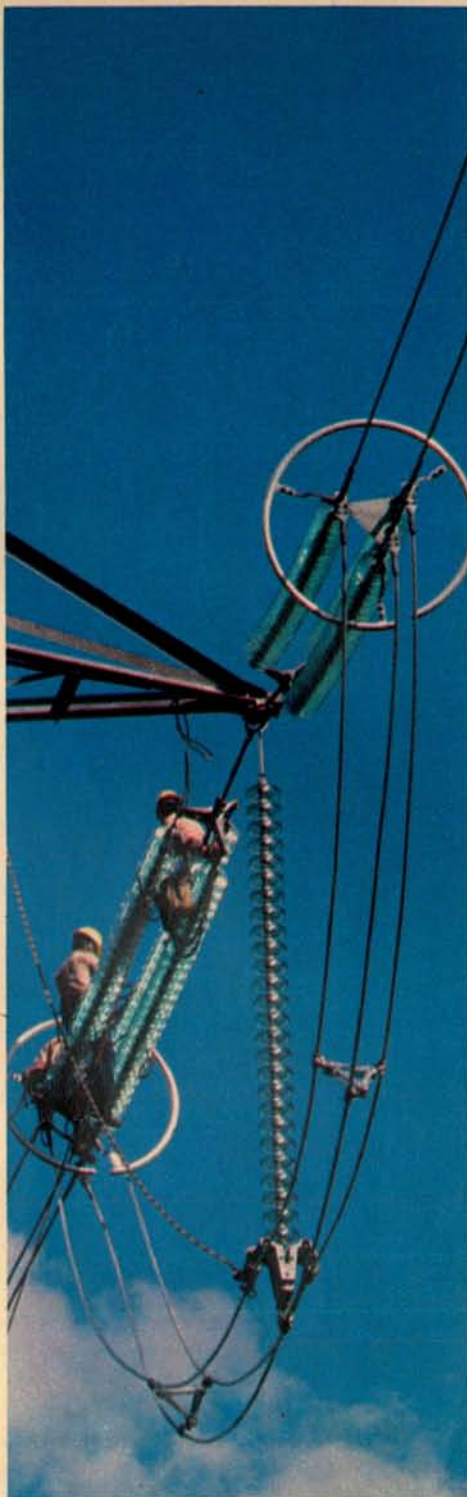
A geração elétrica a óleo combustível e diesel limitou-se apenas a 2,7% da geração total no decorrer de 1978.

Avanço da Tecnologia Brasileira.

O apoio à indústria nacional vem se constituindo em importante meta da Eletrobrás como contribuição para o desenvolvimento tecnológico e fortalecimento das estruturas industriais do País. Com a inauguração do Laboratório de Sistemas Elétricos do Cepel – Centro de Pesquisas de Energia Elétrica, o Setor passa a dispor de maiores recursos para o fortalecimento da indústria nacional, através da formação de uma tecnologia própria.

Investimentos no Setor.

Foram fixados para o Setor investimentos da ordem de 70,8 bilhões de cruzeiros. Não obstante o esforço dispendido para a captação de fontes usuais internas, e confirmando a credibilidade da Eletrobrás no mercado financeiro internacional, foram realizadas importantes operações no exterior. Cabe destacar os 2 empréstimos de 250 milhões de dólares cada um, realizados pela Eletrobrás com consórcios liderados por bancos



européus; o empréstimo obtido com o Banco Mundial, no valor de 130 milhões de dólares; as operações de lançamento de bônus e empréstimo financeiro com entidades bancárias japonesas, no valor de 75 milhões de dólares. Houve também lançamento de debêntures no mercado da Alemanha e, pela primeira vez, no do Kuwait.

Compra da Light: A Completa Nacionalização do Setor de Energia Elétrica.

Em dezembro de 78, com base na Exposição de Motivos n.º 633, de 28/12/78, apresentada pelos Srs. Ministros Chefe da Secretaria de Planejamento, da Fazenda e das Minas e Energia, o Exmo. Sr. Presidente da República autorizou a Eletrobrás a apresentar proposta de compra de 14.975.040.394 ações da Light – Serviços de Eletricidade S/A pertencentes à Brascan Limited do Canadá, representando 83% do capital social, pelo valor líquido de US\$ 380 milhões. A esse valor deve-se agregar o imposto de renda estimado em cruzeiros, equivalente a US\$ 56,4 milhões, o que representa a compra de cada ação do valor patrimonial, em 31/12/78, de Cr\$ 1,72 por Cr\$ 0,59.

Com esta iniciativa, agregando as áreas de distribuição das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, o Governo brasileiro concluiu a última etapa de seu programa de nacionalização do Setor de Energia Elétrica, cujo capital, trinta anos atrás, era integralmente estrangeiro.

Ministério das Minas e Energia


Eletrobrás

Eletrobrás Centrais Elétricas Brasileiras SA
Eletronorte Centrais Elétricas do Norte do Brasil SA
Chesf Companhia Hidro Elétrica do São Francisco
Furnas Furnas Centrais Elétricas SA
Eletrosul Centrais Elétricas do Sul do Brasil SA



Segurança por escrito.

A beleza e a qualidade dos diamantes Frankel são resultado de 30 anos de experiência em joalheria. Mas a segurança de seu investimento, ao comprar um diamante Frankel, não se baseia apenas em todos esses anos de tradição. Cada diamante vendido pela Frankel é único e vem acompanhado de um Certificado de Garantia, que especifica as dimensões, o tipo de lapidação, o formato, o brilho e o grau de pureza de sua pedra, dando a você a certeza de que fez um

investimento seguro, de valorização certa. E essa segurança você tem por escrito, num documento assinado pela Frankel e pela joalheria onde você comprou a jóia. Brilhantes Frankel: um investimento de sensibilidade, com segurança absoluta.



Frankel



Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Silveira Faria, Antônio Civita, Roberto Civita

Revista Semanal de Informação
REDAÇÃO

Diretor de Redação: José Roberto Guzzo

Diretor Adjunto: Sérgio Pompeu

Redator-chefe: Carmo Chagas

Editores: Alexandre de Faria Machado, Emílio K. Matsumoto, Geraldo Mayrink, Mário de Almeida, Roberto Pompeu de Toledo

Assistentes: Afílio Baccari, Antônio C. Augusto, Augusto Nunes, Claudio Cerri, Decio Bar, Humberto Verneck, Jairo Arco e Flexa, Jorge Escosteguy, J. A. Dias Lopes, José Paulo Kupfer, Luiz Henrique Frust, Luiz Nassif, Luiz Weis, Osvaldo Martins, Paulo Moreira Leite, Paulo Souto, Roberto Echeverria, Renato Pompeu, Ricardo A. Serti, Selma Santa Cruz, Sérgio Oliveira, Sérgio Sisti, Tales Alvarenga

Tradutor: Hensch Schechter

Assistente Administrativo: David Rodrigues Mendonça

Departamento de Informações

SÃO PAULO - Repórteres: Antônio Carlos Guida, Carlos Maranhão, Carmem Cagno, Francisco J. Malfitano, Lígia Martins de Almeida, Lucila Camargo, Suzana Veríssimo, Tânia Maria Mendes, Sônia Santos (produção); Sebastião Magalhães de Almeida (Análise de Investimentos)

RIO DE JANEIRO - Chefe: Zuenir Ventura; Assistente de Chefe: Cláudio Bojunga

Editores-Assistentes: Carlos Alberto de Oliveira, Flávio Pinheiro; Repórteres: Artur Xé-
rio, Eva Spitz, Franklin Campos, Joaquim F. dos Santos, Lúcia Rito, Miniam F. Lage,
Oscar Barata Costa, Regina Barniers, Roberto Lopera, R. do Passio, 56, 11.º andar,
fone: 244-2022, telex: 021-22674 - BRASÍLIA - Chefe: Dirceu Brásola; Editores-Assis-
tentes: Carlos Alberto Sardenberg, Hélio Marcos Doyle; Repórteres: Elaine Canta-
nheide, Jairo Sautchuk, Moacir de Oliveira Filho, Osvaldo Amorim, Ricardo Pedreira
- Ed. Central, salas 1301 e 1303 - Setor Comercial Sul, fone: 224-9200, telex:
(061)1464 - BELO HORIZONTE - Chefe: r. Carlos Lindenberg Spínola; Repórteres:
Glezer Neves, Manoel Lara Leite - r. Alvaes Cabral, 908, fone: 335-4129, telex:
(021)1085 - CURITIBA - Chefe: Helder Reis; Repórteres: Pedro Franco Cruz e Te-
resa Furtado - r. Fernandes de Barros, 491 - 1.º andar, fone: 62-8942, telex: (041)5278
- PORTO ALEGRE - Chefe: Luis Cláudio Cunha; Repórteres: Adélia Porto da Silva e
Pedro Maciel - r. Vieira da Castro, 285, fone: 23-9502 e 23-9446, telex: (051)1092
- RECIFE - Chefe: José Maria Andrade; Repórteres: Luiz Ricardo Leitão, Ricardo Car-
valho, Romildo Ferreira Porto e Terezinha Nunes - r. Siqueira Campos, 45 - 8.º andar,
fone: 224-8888 - tel. (081)1184 - SALVADOR - Chefe: Ricardo Noblat; Repórteres:
José Barreto - r. Itabuna, 304 - Rio Vermelho, fone: 247-0580, telex: (071)1180 -
PARIS - Pedro Cavalcanti e Pedro de Souza - LONDRES - Jader de Oliveira - BONN
- Carlos Struwe - ROMA - Marco Antonio de Rezende - WASHINGTON - Roberto
Yorski - NOVA YORK - Carlos Paterno e Carlo Licetti - MADRI - Eric Nepomuceno
- MÉXICO - Wladimir Dupont - TELAVIVE - Alessandro Porto

Correspondentes: Montgomery Holland (Teresina), Aldo Gargiolo (Florinópolis), Ciro
Pinheiro (Porto Velho), Guilherme Augusto de Souza (Belém), João Amado (Vitória), João
Silva (Macapá), José Chabul Leite (Rio Branco), Paulo F. T. Morais (Araçá), Mário Antônio
(Mauá)

Colaboradores: Luiz Carlos Maciel, Miltor Fernandes, Olívio Tavares de Araújo, Paulo
Perdigão, Tânia de Souza

Fotografia

Editor: Sérgio Sade

Chefe: Clodomir Bezerra

Fotógrafos: Immo Celso, Pedro Martinelli (São Paulo); Chico Nelson, Walter Firme (Rio);
Carlos Namba, Salomon Cytynowicz (Brasília); Célio Apolinário (Belo Horizonte); Ricar-
do Chaves (Porto Alegre); Antônio Andrade (Salvador); Amilton Vieira (Recife)

Arte e Produção

Editor: Pedro de Oliveira

Chefe: Américo Ietto Filho

Ilustradores: Laércio D'Angelo Ribeiro, Milton Rodrigues Alves
Diagramadores: Alfredo Nucci, Carlos Mendes da Silva, Eduardo N. B. Brito, Pindaro
Cavalcini Sobrinho, Roberto Barbo, Roberto Marcos Góes, José Gustavo Vasconcel-
los (preparadores) / Carilo Nuzzi e José Batista de Carvalho (produção gráfica)

Serviços Editoriais

Documentação: Marília S. J. França (gerente), Adolpho Lincoln Baracat, Antônio A.
Ferreira, Isney Savoy, Jany C. Roschovsky, Jullio Cesar Garcia, Lauro Augusto C. M.
Coelho, Lillian Baroni, Márcia Mendes de Almeida, Maria Angélica Noronha Serpa, Mar-
ia Aparecida S. Marz, Maria Inês Zanchetta, Marion A. Frank, Paulo R. Ribeiro, Roberto
Benedetto de Oliveira, Rosana P. Santos, Sheila Ribeiro, Suzana C. Kfour, Ubirajara For-
te, Valdirene Mendes da Costa, Vani Rezende, Vicente Roig; Abril Press: São Paulo:
Judith Baroni (gerente); Sucursal: Nova York - Edício Lincoln (gerente), 444 Madison
Avenue, Room 2201, New York, N.Y. 10022 - Telex: EDABRIL 423-063, Phone
(212)588-0531 - Paris - Pedro de Souza - 33, av. Champs Elysées, 2.º, Bureau
213 B15 214, Paris 75008 - Phone 226-5885 - Telex: ADRIPLA 660731F - França
- Milão - Lydia Straffoni - via Settembrini, 45 - 20124, Milano - Phone 27-8659
- Itália: 320070 LEORAR - Itália

Laboratório Fotográfico: Jussi Lehto (gerente)

Serviços Internacionais: Newsweek/Associated Press/Latin-Reuters/France Press/
Matérias Internacionais via Varig, Air France, Aerolineas Argentinas

Departamento Comercial

Diretor de Publicidade: Páriso Brito Pisan

Gerente Comercial: Valter Richetti

Gerente de Publicidade: Fábio Albamonte Amaral

Gerente de Assinaturas: José A. Soler

Assistente Administrativo: Antônio F. Chammaz

Representantes: Hércio V. N. de Andrade, José L. Decourt Ricci, Ricardo Sampaio
de Cruz, Sérgio Tercaroli

Coordenador de Produção e Publicidade: João Carlos de Oliveira

Belém, gerente: José Maurício Alves Fernandes; Belo Horizonte, gerente: Mariza Ta-
vares Pereira; Brasília, gerente: Lúcio Edgar P. Tostes; Curitiba, gerente: Aldo Schio-
chet; Florianópolis, gerente: Nelson da Silva; Porto Alegre, gerente: Elcio
Engel; Recife, gerente: Edmund Moraes; Rio, gerente: Kieker Vieira Bühr; Re-
presentantes: Antonio Aylor Farnesi, Paulo Roberto Avili; Salvador, gerente: Juracy Costa

Diretor do Depto. Central de Publicidade: Osvaldo de Almeida Filho

Diretor do Rio de Janeiro e Escritórios Regionais: Sebastião Santos

Assessor do Diretor Responsável: J. R. Franco da Fonseca

Diretor Responsável: Edgard de Silveira Faria

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES

COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: Global Advertising, Inc. 218 Ol-
ive Hill Lane, Woodside, California 94062, (415) 851-2408 - Telex: 334443 - Cables:
GLOBALAD - UNITED STATES: Media Force International: Strube Coughlin Associates
Inc. The Chamin Building - 380 Lexington Avenue, Suite 1121, New York, New York
10017, (212) 867-2150 Telex: 425442 - Cables: MEDIAFORCE William V. Strube - Esco
Bulding 5164 West 95th Street - Oak Lawn, Illinois 60453, 93121 445-4797 - EURO-
PE: Intercontinental Ltd. 28 Great Queen Street - London WC2 9BB, (01) 242-6346
Telex: 27105 HOLZAM G - Cables: HOLZAMRIC LONDON WC2 - JAPAN: Tokyo Re-
presentative Corporation - Sekiya Bulding 3-16-7 Higashinakan, Nakano-ku, Tokyo
166, (03) 678-1004 and 362-758 - Telex: 226000 - Cables: REPETRY - KOREA: Inter-
national Marketing Corporation C.P.O. Box 6533, Seoul 74-7635 Telex: JATTI 424231
Attn: IMC, Cables: LESEAYONGAD SEOUL - AUSTRALIA: John Havre 286 Toorack
Road Yarra, Melbourne 3141, 24-3246-7.



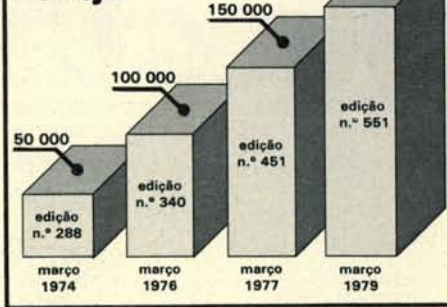
VEJA é uma publicação de Editora Abril Ltda. / Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:
av. Bráulio de Almeida, 440, C.D.C. 50 987 812/0001-38, tel. 246-0011 e 286-0022, caixa postal
2372, telex 01122096, São Paulo / Telex em Nova York: EDABRIL 423-063 / Escritórios: Belém: r. XV
de Novembro, 226, Edifício Chamé, sala 1313, tel. 222-5507 / Belo Horizonte: r. Alvaes Cabral, 908,
tel. 337-0251, telex 0211085, telegrafas: Abilpress / Brasília: SCS-Prójetada 6, Edifício Central, 13.º
andar, sala 1301/18, tel. 24-9150, telex: (061)1464, telegrafas: Abilpress / Curitiba: r. Fernandes de
Barros, 491, 1.º andar, tel. 62-8933, telex: (041)5278, telegrafas: Abilpress / Florianópolis: r. Felipe Schmidt, 81,
tel. 337-0251, telex: 0211085, telegrafas: Abilpress / Porto Alegre: r. Vieira da Castro, 285, tel. 23-9171 e 23-5348, telex:
(051)1092, telegrafas: Abilpress / Recife: r. Siqueira Campos, 45, Edifício Lygia Ulhoa Macielos,
1.º andar, tel. 224-4867, telex: (081)1184, telegrafas: Abilpress / Rio de Janeiro: r. do Passio, 56, 6.º andar,
tel. 244-2022, 244-2057, 244-2107 e 244-2152, caixa postal 2372, telex: (021)212674 / Salvador: r.
Itabuna, 304 - Parque Curupira - Bairro do Rio Vermelho, tel. 247-3899, telex: (071)1180, telegrafas:
Abilpress / Distribuidora nos EUA: M&Z Representations, 112 Ferry Street, Newark, N.J. 07105, tel.
(201)689-2194 / Preço do exemplar avulso: o constante na capa / Preço da assinatura: 52 semanas Cr\$
1.260,00 / Departamento de Assinaturas: 1. Edício Gomes, 701, tel. 343-4011, São Paulo / Distribuição pela
capa: 1. Edício Gomes, 701, tel. 343-4011, São Paulo / Distribuição pela
de vendedor e pague somente com cheque nominal / Números atrasados: ao preço da última edição em
circulação / por intermédio de seu distribuidor ou de qualquer outra forma / Em São Paulo: av. Tioleiros,
1391, r. São Domingos, 212, r. Antônio de Barros, 841, r. João Pereira, 197, r. Domingos de Moraes, 1851,
r. Barão de Campinas, 452, r. Diogoque, 91, no ABC: av. Industrial, 117 (Santana), no Rio de Janeiro:
Sacadas Cabral, 14, pedidos pela correio: caixa postal 845, São Paulo / Têm em estoque somente
as últimas seis edições / Todos os direitos reservados / Impressa e distribuída com exclusividade no país pela
Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo / Registrada no C.D.C.P. do Departamento de Polícia Federal sob
n.º 038/20073

Carta ao Leitor

Ensinam os manuais de vendas que as compras por antecipação só se efetivam quando o interessado confia no produto — e só se repetem sistematicamente quando existe a certeza de que a qualidade permanecerá inalterada. Exemplar, nesse caso, é uma assinatura bem-sucedida de publicação jornalística, em que o leitor paga de antemão quando acredita na revista ou jornal e renova a assinatura, tempos depois. Assim tem ocorrido com VEJA, desde 1972, quando se abriu aos leitores a possibilidade de assinar a revista. A época, então, era circunstancialmente desfavorável: a revista vivia o seu quarto ano de vida, o mercado editorial não conhecia uma distribuição nacional que servisse de parâmetro e, além de tudo, os Correios no Brasil davam os primeiros passos no rumo da modernização.

Era preciso, então, partir do zero, em todos os sentidos. Hoje, vencidas as dificuldades iniciais, VEJA continua sendo um dos maiores exemplos de êxito no campo das assinaturas já registrados no mercado editorial brasileiro: nesta semana, superamos a soma de 200 000 assinantes. Já se trata, aí, de uma grande massa — e, para atendê-la, foi preciso criar toda uma nova estrutura de distribuição. São 350 pessoas, a cada semana, entregando a revista de porta em porta ou encaminhando-a para as agências cada vez mais pontuais e eficientes dos Correios. Para as capitais mais distantes de São Paulo, o transporte é feito por rodovia — afinal, os 300 000 exemplares semanais de VEJA pesam acima de 90 000 quilos, o que equivaleria a seis Boeings 737 superlotados. Rodando sem paradas, a linha exclusiva que vai até Natal, por exemplo, per-

Assinaturas de Veja



corre todas as semanas 6 200 quilômetros. E no caminho vai deixando milhares de revistas para as bancas e para os assinantes. A separação e o encaminhamento ficam por conta de representantes regionais. Como Jorge Machado, no Recife, que recebe 11 000 revistas na noite de segunda-feira, entra pela madrugada trabalhando com sua equipe para que, na terça, estejam todas entregues ou postadas. Assim acontece a cada semana nesta primeira distribuição efetivamente nacional, regular, de uma publicação — capaz, hoje, de cobrir literalmente todo o território brasileiro, do Oiapoque (dois assinantes de VEJA) ao Chuí (três). J.R.G.

AMILTON VIEIRA

Índice

ECONOMIA E NEGÓCIOS .. 116

ARTE	133	HUMOR	14
BRASIL	20	INTERNACIONAL	36
CARTAS	10	INVESTIMENTOS	113
CIDADES	51	LITERATURA	71
CIÊNCIA	61	MEDICINA	57
CINEMA	85	MÚSICA	77
DATAS	108	PONTO DE VISTA	146
DISCOS	80	RELIGIÃO	105
EDUCAÇÃO	101	TEATRO	137
ENTREVISTA	3	TELEVISÃO	143
ESPORTE	96	TRÂNSITO	54
GENTE	141	VIDA MODERNA	95

CAPA: Foto de Pedro Martinelli.

Tiragem desta edição: 310 100 exemplares.

Edição gráfica da capa: Elías Andreato.

Questão de autoridade

Malogradas as negociações entre grevistas e empresários do ABC, o novo governo resolveu agir com firmeza — como já estava planejado

Dois dias antes da posse do general João Baptista Figueiredo, a luva já fora atirada ao rosto do novo governo: na efervescente região do ABC paulista, 180 000 metalúrgicos haviam entrado em greve — e a Justiça do Trabalho não tardou em proclamar a ilegalidade do movimento. Mas a greve não acabou. Ao contrário, transformou-se logo na segunda semana do novo governo num singular — e até esperado, no Palácio do Planalto — teste para a autoridade do novo Executivo. Aparentemente, os líderes operários imaginaram que o governo federal poderia reagir com uma natural hesitação; afinal, a equipe recém-instalada no Ministério ainda arruma suas gavetas — e os motores estão apenas amaciando. Pelo menos foi essa a imagem que o governo esculpiu para ele mesmo. A começar de Figueiredo, todos sentiram-se



Manifestação em São Bernardo: operários desafiam a polícia

Os primeiros recados

Abertura

“Abertura política significa menos tutela do Estado sobre os cidadãos e, no plano administrativo, do governo federal sobre os Estados e municípios. A ação federal será mais normativa e menos casuística”

Para Figueiredo, devolver a voz à sociedade civil — sob a vigilante tutela do Estado sobretudo de 1968 para cá — não parece suficiente. É preciso, também, restaurar o sistema federativo no campo da administração pública, concedendo-se maior autonomia aos Estados e municípios. Deduz-se, portanto, que as próximas etapas do processo de abertura deverão assinalar o fim da onipresença administrativa do governo federal, que se limitaria às diretrizes gerais.

Oposição

“Da oposição, espero: fiscalização e crítica construtiva. Jamais a crítica sistemática e apriorística. Não a proposição de fórmulas economicamente impossíveis. Muito menos a pregação da anarquia e de ideologias incompatíveis com o Estado democrático”

Eis aí um claro recado à esquerda do MDB, de onde costumam partir, além de áspersos ataques a Figueiredo, exortações a mudanças de fundo no modelo político-econômico. Nota-se, por outro lado, a preocupação do governo de não fechar o diálogo aos moderados da oposição. Faltou, talvez, estabelecer a partir de quando a crítica deixa de ser construtiva para tornar-se passível de réplicas mais duras.

Desenvolvimento

“Os cortes nos gastos públicos não implicam a estagnação do desenvolvimento ou a paralisação das grandes realizações governamentais”

Esta é uma condição natural para se alcançar os objetivos do governo expressos em outros trechos do discurso: “Melhoria da qualidade de vida (...) através do aumento da renda; da sua melhor distribuição entre regiões e indivíduos; e da democratização das oportunidades”. O presidente não parece disposto a lutar contra a inflação a qualquer custo. Num período de recessão, por exemplo, renda e oportunidades costumam declinar. De todo modo, o discurso não traça um programa completo de combate à inflação.



CARLOS NAMBA

Figueiredo: evitando comparações

postos à prova diante do mais ingrato dos desafios: a comparação de seu desempenho com o estilo inconfundível do ex-presidente Ernesto Geisel.

Na sexta-feira passada, os desdobramentos da movimentação metalúrgica no ABC demonstraram que os chefes sindicais, talvez por inevitável determinação de seu calendário salarial, estimularam uma forte reação em Brasília, cometendo assim um fatal erro de cálculo (veja a reportagem na página 116). Na verdade, o novo governo já chegara ao Planalto decidido a acabar com a

greve no ABC tão logo malograssem as negociações entre empregados e empregadores — e, no discurso que pronunciou na primeira reunião do Ministério (abaixo, os principais trechos do discurso e sua interpretação), Figueiredo emitiu um profético recado aos grevistas: “O combate à inflação é incompatível com reajustes salariais muito acima dos aumentos do custo de vida”, afirmou o presidente. Linhas adiante, ele avisou que o governo “não poderá transigir quanto ao cumprimento da legislação em vigor”



“Lula” e Macedo: longas conversas entre o governo e o símbolo da greve

Dívida externa

“Os empréstimos externos não devem ser considerados fonte elástica de recursos para a realização de planos setoriais”

De certa forma, reconhece-se que o limite de endividamento externo do país não é infinito. E a verdade é que, embora alguns indicadores ainda permitam análises otimistas, os mais de 40 bilhões de dólares devidos pelo país ao exterior — metade por conta das entidades estatais — têm contribuído fortemente para conturbar a economia. Pretende-se, portanto, conter os empréstimos externos. O problema é que recorrer a eles continua sendo muito vantajoso, como demonstram os planos de vários componentes da equipe de Figueiredo.

Lucros e juros

“Menos lucros nominais podem significar maiores ganhos globais. Apostar na inflação pode resultar em estoques encalhados. Banqueiros que emprestam a juros excessivos arriscam o principal.”

Desse lembrete aos empresários e banqueiros emerge a preocupação com um quadro econômico que acusa altas taxas de inflação e empresas excessivamente endividadas e arcando com elevados custos financeiros. Por isso de nada valeria apurar-se um lucro de 80% se a inflação estivesse em 60% e mais de 80% do capital investido pertencesse a terceiros. O combate à inflação pode facilitar a redução da taxa de juros. Mas é provável que medidas mais diretas sejam adotadas.

Impostos

“O processo se completa através de um sistema que, sem desincentivar a poupança (...), diminua as desigualdades econômicas entre as regiões e os indivíduos”

A reforma tributária com que aceitam os ministros econômicos de Figueiredo não mereceu, no discurso, mais que esta referência genérica. Contudo, o governo pretende adotar algum tipo de tributação sobre heranças e doações — mas não a ponto de estimular fugas de capitais. Da mesma forma, planeja reduzir a carga de impostos diretos — como o do cigarro — que hoje pesam fortemente nas camadas de renda mais baixa e utilizar mecanismos tributários para induzir o aproveitamento de recursos ociosos.

Depois, na quarta-feira passada, um derradeiro esforço do ministro do Trabalho, Murillo Macedo, para tentar a mediação terminou sumariamente rechaçado por milhares de operários, reunidos em assembléias no dia seguinte. Na madrugada da sexta-feira, enfim, foi decretada intervenção federal nos poderosos sindicatos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Santo André e São Caetano do Sul, e a polícia cercou as sedes das entidades.

COM O "LULA" — Mais que nunca disposto a mostrar que pisa chão firme e controla o país, o governo certamente continuará a agir com severidade — ao

"Sabemos que os estudantes planejam movimentos grevistas", exemplificou para VEJA uma fonte do governo. "E, antes que os abusos se multipliquem, é preciso agir com firmeza." De fato, a nova equipe do Palácio do Planalto esperava que seu primeiro teste real diante dos grupos de oposição viesse com o planejado congresso para a reorganização das entidades universitárias previsto para o final de maio. E de certa forma foi surpreendido com a determinação dos metalúrgicos do ABC, que ainda ao anoitecer da sexta-feira passada, isolados dos chefes afastados da direção sindical, desfilavam pelas ruas de São Bernardo do Campo can-

rio, o próprio Figueiredo tratou de mandar recados ainda mais enfáticos a opositoristas especialmente ousados.

Nesse mesmo discurso, de todo modo, Figueiredo procurou mostrar que as teses liberalizantes formuladas antes da posse são algo mais que meras promessas de candidato. Se preveniu grevistas, também remeteu advertência a empresários e banqueiros. Com franqueza, admitiu a existência de graves distorções sociais a corrigir. E, pela primeira vez, um presidente originário do movimento de março de 1964 não fez o elogio do binômio "segurança e desenvolvimento".

O pronunciamento, é verdade, foi marcado por um tom duro. Mas Figueiredo não acenou com retrocessos e em momento algum ameaçou recorrer a quaisquer outros instrumentos que não os previstos nas leis vigentes no país. Mais importante que tudo isso, contudo, foi a preocupação do presidente com a clareza: ao contrário de seus últimos quatro predecessores, Figueiredo cuidou de detalhar umas poucas e grandes linhas para o início de seu governo — evitando assim, esparramar-se em dezenas de prioridades que, em anos recentes, engordaram projetos tão massudos quanto inviáveis. Objetivo, o presidente informou que, "nas diretrizes gerais do governo, declaram-se prioritários apenas: o desenvolvimento da agropecuária e o combate à inflação". O resto virá depois.

Essa disposição de combater com o indispensável rigor a curva inflacionária talvez ajude a explicar — ao lado do interesse em demonstrar firmeza — a decidida reação federal à greve no ABC. Se as reivindicações operárias fossem atendidas, raciocinavam ministros da área econômica que participaram dos debates acerca da intervenção nos sindicatos, como evitar uma onda de pedidos de aumento superiores aos índices fixados pelo governo? Há nos gabinetes do Planalto quem admita que o ônus do combate à inflação não pode recair exclusivamente sobre os assalariados — e que a correção das fundas desigualdades salariais configura um desafio ainda à espera de soluções. Mas a primeira questão do novo governo acabou se transformando em algo bem mais prosaico: fazer valer sua decisão. O balanço imediato dos incidentes da semana passada demonstra que Figueiredo tem força. Ele provou, dessa forma, que pode conduzir em segurança seu projeto de abertura — e preparar o país para, no futuro, absorver com tranqüilidade o fenômeno da greve. ●



CARLOS NAMBA

A primeira reunião do Ministério: no discurso, recados e advertências

menos por algum tempo. "Nas duas semanas de seu governo, o Figueiredo vai cantar de galo", antecipou para VEJA, na manhã de segunda-feira passada, um governador de Estado com livre trânsito no Planalto. Segundo essa fonte, o presidente não quer permitir comparações desfavoráveis com seu antecessor. "O Geisel tinha uma imagem de presidente todo-poderoso, que mandava e desmandava", explica o governador. "E o Figueiredo não pretende aparecer aos olhos do país como um governante fraco." De acordo com essa fonte, Figueiredo teme que, nesta fase de início de governo, gestos de tolerância possam ser confundidos com sinais de fraqueza — o que poderia estimular, na esteira do movimento dos metalúrgicos do ABC, uma incontrolável sucessão de greves.

tando homenagens a Luís Inácio da Silva, o "Lula", símbolo da greve que o governo estava determinado a vencer.

SOB CONTROLE — Segundo a mesma fonte que antecipou para VEJA o carancudo cronograma das duas primeiras semanas de governo, o discurso de posse do ministro do Exército, general Walter Pires, foi um claro aviso aos mais renitentes opositores de Figueiredo. Assim, ao manobrar conceitos que sabidamente agradam aos setores "duros" das Forças Armadas, Pires teria procurado demonstrar que o processo de abertura agora comandado por Figueiredo não será feito contra os vitoriosos de 1964 — e, mais ainda, que será feito sob estreito controle do governo. Na tarde de segunda-feira passada, enfim, na primeira reunião do Ministé-



FOTOS CARLOS NAMBA

Portella: não é para ser aprovado

ANISTIA

Pouco em comum

As intenções do governo e a emenda do MDB

Que espécie de anistia poderá conceder o presidente João Baptista Figueiredo? Por certo não será a anistia “ampla e irrestrita” que pretende o projeto de emenda constitucional apresentado na semana passada pelo MDB. E, se depender de setores militares que se classificam a si próprios no “campo revolucionário”, não serão anistiados, além dos condenados por crimes de terrorismo, os políticos mais graúdos que receberam punições por sua atuação anterior a abril de 1964, como os ex-governadores Leonel Brizola e Miguel Arraes. “A anistia é um ato abrangente que importa em um consenso — e o primeiro consenso deve ser o das forças que a concedem”, resume uma alta autoridade federal.

Mesmo que esse consenso ainda não exista, assegura-se que a decisão política de conceder anistia já foi tomada — “faltando apenas operacionalizá-la”, como diz uma fonte com livre trânsito no Palácio do Planalto. Segundo o mesmo informante, isso significa que “andamos 80% do caminho e, embora sobrevivam dificuldades, é claro que vamos percorrer os 20% restantes”. O compromisso do governo com alguma forma de anistia foi por sinal reiterado

na semana passada por mais de uma fonte governamental. A profusão de declarações nesse sentido representou a resposta do Palácio do Planalto à iniciativa do MDB. O projeto oferecido pela oposição substitui, na verdade, uma emenda constitucional de autoria do senador fluminense Nelson Carneiro devolvendo ao Congresso o poder de conceder anistia. A diferença é que o substitutivo emedebista não só pretende restabelecer a prerrogativa do Legislativo como também dar a anistia — com a readmissão dos anistiados, “civis e militares”, aos cargos que ocupavam, algo que está definitivamente fora de cogitação, ao menos no caso dos militares cassados.

MOMENTO OPORTUNO — A emenda foi solenemente entregue ao presidente do Senado, Luiz Vianna Filho, pelo presidente do MDB, Ulysses Guimarães, na sessão do Congresso da quarta-feira à noite. É evidente que uma proposta tão ampla cultiva a pretensão de oferecer espaços à negociação. Mas, antes de despachar o projeto, o chefe oposicionista havia explicado aos jornalistas por que deve a anistia ser ampla e irrestrita. “Anistia é esquecimento”, raciocinou Guimarães, “e anistia com discriminação é injusta.” Citando a copiosa justificativa da emenda, preparada pelo deputado paranaense Álvaro Dias, ele exigiu que todos os chamados “crimes políticos” dos últimos quinze anos sejam esquecidos.

“Essa emenda foi feita para atender a todos os setores da federação de oposições, não para ser aprovada”, comentaria na sexta-feira, para Hélio Doyle, de VEJA, o ministro da Justiça, Petrônio Portella. Na véspera, ele dissera ao secretário da Justiça do Rio de Janeiro, o emedebista-chaguista Erasmo Martins Pedro, que o momento é “oportuno” para examinar a concessão de anistia. A afirma-

ção de Portella ganhou importância diante dos rumores de que altos chefes militares teriam manifestado ao presidente Figueiredo suas restrições à anistia — especialmente se ela pudesse beneficiar punidos como Leonel Brizola. Tais rumores, de qualquer forma, foram desmentidos pelo ministro da Comunicação Social, Saïd Farhat, quando ele transmitiu a posição oficial do governo contra a emenda do MDB.

QUANDO? — Farhat acusou então a oposição de querer modificar “as regras do jogo” e de ignorar que “estamos saindo de um processo revolucionário para uma fase de transição”. Ademais, frisou ele, o presidente da República não pode ser marginalizado do processo de concessão de anistia — “medida essencialmente política, que deve resultar da conjunção da vontade dos dois poderes, Executivo e Legislativo”. O ministro aproveitou para assegurar que o presidente Figueiredo enviará ao Congresso, oportunamente, um projeto de anistia. Quando?) Para o presidente do MDB, ocasião oportuna seria o quanto antes. “Se o governo discorda de nossa proposta, que apresente logo a sua, com urgência”, bradou Guimarães.

As posições, assim, estão aparentemente bem delimitadas. De um lado, o MDB, com sua emenda, cumpre seu programa e atende a seus compromissos eleitorais. De outro, o governo que vai fazer a anistia, segundo modelo prefixado, não beneficiará os condenados por “crimes de sangue” — atos de terrorismo que resultaram em vítimas — nem os que forem declaradamente reconhecidos como membros do proscrito Partido Comunista. Falta marcar a data para o evento.



Guimarães entrega o projeto: para esquecer tudo

Sem baixas

Os ministros escaparam ilesos aos boatos

Como um crítico literário orgulhoso de sua independência — exercida animadamente até poucos meses antes da posse no governo —, o novo ministro da Educação, Eduardo Portella, 46 anos, cruzou a primeira semana de seu mandato com um desagradável problema a resolver. Depositado nas gavetas ainda vazias do gabinete decorado em tons claros que ocupa na praça dos Três Poderes, em Brasília, jazia à espera de seu despacho um conjunto de portarias com a nomeação de assessores do seu Ministério. Mas, em lugar de remeter esses atos para o Diário Oficial, a tarefa de Portella era bem mais desagradável: ele próprio deveria comunicar o veto dos serviços de segurança aos seus indicados.

O problema ficou congelado durante três dias, mas acabou vazando pelos desvãos da abertura, até cair no plenário da Câmara, distante, pouco menos de 1 quilômetro, aumentado até proporções pouco verossímeis para um governo que acaba de ocupar suas cadeiras. De fato, o solerte deputado Antônio Carlos Oliveira, "autêntico" estreante do MDB de Mato Grosso do Sul, aproveitou sua inscrição no horário aberto do "pinga fogo", na manhã da sexta-feira, para descrever uma cena patética: o ministro Eduardo Portella "está prestes a renunciar", assegurou o deputado, "porque o SNI teria vetado 31 nomes escolhidos para a assessoria do Ministério". No gabinete de Portella, horas depois, VEJA apurou que houve um número não identificado — "mas pequeno", segundo veterano funcionário de carreira — de fichas de informação devolvidas pelo Serviço Nacional de Informações com o carimbo "Não recomendado".

"NÃO SAIO" — Essa rotina, adotada desde o começo da década para filtrar a nomeação de assessores graduados em todos os órgãos federais — conhecida como "ficha azul" —, não condena definitivamente o candidato que emerge

com anotações menos entusiásticas. No governo passado, por exemplo, houve ministros, como Mário Henrique Simonsen, que preferiram enfrentar o desafio de uma biografia marcada por atividades políticas de esquerda na juventude a perder um assessor de confiança. No caso de Portella, contudo, a situação ganhou contornos mais coloridos, desde logo porque a capital fora povoada no começo da semana passada com boatos de divergências entre ministros.

Em todo caso, Portella disse a VEJA, no final do expediente da sexta-feira, que nem sequer pensou em deixar seu posto. "Renunciar não é o meu forte", disse ele com o característico e discreto sorriso nos lábios. E desmentiu que tivesse juntado 31 cortes na sua lis-



Portella: nomeações na gaveta

ta de assessores. Fontes do Ministério sugerem que esse número poderia ser dividido por três — o que daria, ainda assim, uma densidade de vetos bem superior à que habitualmente circula em Brasília cada vez que há troca geral das assessorias mais qualificadas.

O resultado dessa pequena onda de contratemplos parece limitado, a esta altura, no atraso das nomeações de novos diretores para algumas áreas do Ministério, como a Embrafilme — a companhia estatal que distribui e ajuda a produzir filmes nacionais. Neste caso, porém, o problema não se localiza nas fichas azuis, mas no confronto de sugestões que ainda não foram administradas por Portella — que promete encerrar o ciclo de suas nomeações num prazo de duas ou três semanas.

Duas pistas

O seqüestro do assessor de Chagas Freitas

Pontual por profissão, o embaixador aposentado José Jobim, 69 anos, conselheiro particular do novo governador do Rio de Janeiro, saiu de casa logo depois do almoço para um encontro em palácio. Seu automóvel Corcel foi visto rodando placidamente pelas arborizadas alamedas do Cosme Velho, na parte nobre do Rio — mas o diplomata não chegou a tempo para alcançar sua audiência, marcada com o chefe de gabinete do governador Antônio Chagas Freitas. E não foi mais encontrado pela família, que começou a procurá-lo no começo daquela noite.

Sob densa neblina de informações cruzadas, foi possível saber, na tarde da sexta-feira, que o embaixador Jobim, irmão do falecido senador Danton Jobim, fora seqüestrado por um grupo de cinco — talvez seis — homens armados, que interceptaram o seu carro numa rua pouco movimentada. O sinal de que a operação caminhava por intrincadas negociações surgiu na tarde do mesmo dia, quase 24 horas depois do provável horário do rapto, quando o próprio diplomata surgiu numa farmácia da distante Barra da Tijuca, pedindo um remédio. Antes de sair, desacompanhado, ele entregou um bilhete escrito a máquina com fita vermelha e muitos erros de português, contendo instruções dos seqüestradores à sua família. Além de pedir para que o dono da farmácia remetesse a mensagem com urgência para o endereço manuscrito ao lado de sua assinatura, Jobim recomendou que não o seguissem e anunciou que corria perigo de vida.

A família recusou-se a informar as condições do resgate. O genro do diplomata, editor Ênio Silveira, disse a VEJA, na madrugada do sábado, que não tinha "conhecimento de qualquer comunicado dos seqüestradores". Mas outra pessoa da família reconheceu que eles telefonaram por três vezes durante a sexta-feira — e numa delas permitiram ao embaixador que falasse, com voz segura, que "estava bem". Pouco depois, o seu Corcel foi localizado, graças ao bilhete datilografado, numa ladeira do bairro de Santa Teresa, não muito longe de sua casa, amassado no fundo de uma ribanceira com mais de 20 metros de profundidade.

O GRUPO DÜRR ASSOCIA-SE AO GRUPO UNIWELD, NO BRASIL.



A SOLTRONIC ASSUME O COMANDO DO SETOR DE SOLDA.

Como resultado da união dos dois grupos, a linha de equipamentos de solda, até aqui produzidos pela Solstotz e pelo grupo Uniweld, será integrada à Soltronic que, a partir de 1º de abril próximo, assume o controle de todas as atividades operacionais de ambas as empresas.

Assim, a partir de agora, toda a linha de máquinas e equipamentos de solda, produzidos pela Solstotz e pela Uniweld, serão fabricados, comercializados e contarão com toda a assistência técnica da Soltronic, que passará a operar em seu novo parque industrial, no município de Cotia.



Soltronic Equipamentos de Solda Ltda.

Av. João Paulo Ablas - km 24,5
Via Raposo Tavares -
Tels.: 492-2678 - 492-2756 -
492-3294 - 492-3305
Telex: (011) 4411 STOT BR
Cotia - São Paulo - SP

Patrulha na PUC?

Uma professora de Filosofia demite-se e denuncia um cerco ideológico de esquerda

Primero, houve a demissão da professora Ana Maria Moog Rodrigues, 43 anos, do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. No último dia 11, indignada com a retirada de um texto do jurista Miguel Reale de uma apostila do curso de História do Pensamento, a professora preferiu abandonar seu emprego depois de denunciar o fato publicamente. Uma semana depois, seu marido, Aroldo Rodrigues, 45 anos, 23 dos quais como professor do Departamento de Psicologia da mesma univer-

PUC, Antônio Paim e José Artur Rios, que atribuíam seu afastamento da universidade ao terrorismo cultural e à insuportável "intolerância marxista" que diziam reinar no Departamento de Filosofia, no caso de Paim, e no Departamento de Sociologia, no caso de Rios. Paim desligou-se formalmente da PUC em setembro do ano passado e Rios está de licença desde o início de 1977. A verdade, porém, é que a exclusão do texto de Miguel Reale — "A Filosofia como Autoconsciência de um Povo", quarto capítulo do livro "Pluralismo e



Manifestação na PUC: "desagravo"



FOTOS AMICUCI GALLO

Rodrigues: "Na PUC, quem não se envolve em política é podado"

sidade, publicou um artigo no *Jornal do Brasil* denunciando a existência de uma "ditadura marxista" em alguns departamentos da escola. Ao longo da semana passada, esses dois fatos provocariam uma tempestade de denúncias e notas de repúdio de alunos e professores da PUC carioca. Estaria realmente em jogo a importante e oportuna questão da liberdade acadêmica?

As primeiras discussões ainda não dão consistência a um debate substantivo e útil sobre o tema. Juntaram-se às acusações feitas pelo casal Rodrigues denúncias de dois ex-professores da

Liberdade", editado em 1963 — do programa acadêmico detonou uma crise que já vinha se delineando desde o ano passado, animando um pesado confronto entre denunciadores e denunciados na semana passada.

CARTA — No dia 4 de dezembro último, o professor Aroldo Rodrigues enviara uma carta ao reitor da PUC, padre João Mac Dowell, expondo, segundo explicou a Lúcia Rito, de VEJA, na semana passada, mais do que fatos, "experiências vividas". "Há dez anos, ao participar de reuniões científicas e

ouvir relatos de colegas, sinto que pessoas que não se envolvem em política, preferentemente em política ideológica de esquerda, não têm acústica no ambiente universitário. É algo semelhante ao que ocorre na literatura e na música", queixava-se ele ao reitor. Ainda nessa carta, com cópia para o cardeal Eugênio Salles, grão-chanceler da PUC, Rodrigues dizia ter conhecimento do "boicote deliberado a professores por seus diretores e por alunos". Dias depois, o reitor Mac Dowell chamou Rodrigues para uma conversa em sua sala e disse-lhe que apuraria os fatos relatados "dentro do espírito de pluralismo da universidade, avesso a qualquer tipo de boicote ou censura".

No dia seguinte, instalava-se numa casa da arquidiocese, no Sumaré, caminho do Corcovado, um simpósio de desenvolvimento interno, já programado, reunindo a direção de todos os departamentos de ensino da PUC. Na ocasião, em tom de advertência, o cardeal Eugênio Salles disse ter conhecimento pleno da presença de professores marxistas na PUC e deixou claro que sua prioridade era dar à universidade uma orientação inequivocamente católica.

As denúncias recentes de Aroldo Rodrigues, Antônio Paim, José Artur Rios e mais tarde da professora de Filosofia Geral, Creusa Capalbo, foram respondidas por notas da Associação dos Docentes da PUC e pelos diretórios acadêmicos. Numa manifestação num dos pátios da universidade, na última quarta-feira, 1 500 alunos e professores re-

jeitaram as críticas numa nota intitulada "Repúdio e Desagravo". Se a intenção do Departamento de Filosofia não era a de deliberadamente censurar o texto de Reale por razões ideológicas, as primeiras explicações do professor Raul Ferreira Landim, chefe do departamento, não foram convincentes. Na carta que enviou à professora Ana Maria Moog Rodrigues em resposta a seu pedido de demissão, Landim justificou a exclusão do texto "face ao caráter controvertido das atividades políticas do professor Reale". Assim, o "ato de censura arbitrário", denunciado pela professora em sua carta, não ficou explicado.

"CENSURA" — A versão da professora Moog Rodrigues é diferente. Ela vê na decisão de Landim, além da censura, a intenção de restringir a área de pensamento brasileiro. "Parece que, para a direção do departamento, brasileiro não pensa", diz. Autor do texto cuja proscrição desencadeou a crise na PUC carioca, o professor Miguel Reale expressou a VEJA, na última sexta-feira, sua opinião sobre o episódio. "Ao tentar justificar a eliminação de meu escrito pelo que classifica como caráter polêmico e controvertido de minhas atividades políticas, o professor Landim oferece a prova de que foi o motivo ideológico e político que privou um docente do exercício da liberdade acadêmica", diz o professor Reale, antigo reitor da Universidade de São Paulo. Talvez por isso mesmo, na PUC carioca, o tiroteio possa durar mais algumas semanas. ●



Reale: "O motivo foi ideológico"



Cardoso: problemas na garganta?



Cecílio Cunha: ordens do chefe

SEQÜESTRO

Faltaram dois nomes

*Quem o DOPS gaúcho omitiu
do rol de possíveis implicados no
seqüestro dos uruguaios*

Cerca de 200 policiais, lotados ou a serviço do DOPS gaúcho, deveriam ter desfilado no início deste mês diante dos repórteres de VEJA para o auto de reconhecimento de possíveis implicados no seqüestro dos uruguaios Lilian Celiberti, seus dois filhos e Universindo Diaz. VEJA, porém, descobriu que pelo menos dois policiais do DOPS não seriam apresentados para o reconhecimento, afinal não concretizado pela negativa das autoridades de identificarem devidamente os funcionários do departamento às duas testemunhas: os inspetores José Cecílio da Cunha, número de matrícula 198 164, e Arvandil Ferreira da Silva Cardoso, número 198 094, ambos contratados pela Secretaria de Segurança Pública, lotados no DOPS e à disposição da Escola de Polícia. Seus números não constavam da lista oficial de servidores do DOPS, fornecida às testemunhas na véspera da frustrada tentativa de reconhecimento.

A informação sobre a identidade e o endereço dos dois policiais só pôde ser completada no fim da tarde de quinta-feira, dia 15, e confirmada pessoalmente pelos repórteres de VEJA no dia se-

guinte. Arvandil Cardoso vive numa casa antiga da rua Paissandu, a pouco mais de meia quadra do Partenon Tênis Clube, onde chegou a ocupar o cargo de diretor de relações públicas.

Na casa, sempre silenciosa, ele vive na companhia de três velhas senhoras. Foi uma delas que atendeu a Luiz Cláudio Cunha, chefe da sucursal de VEJA em Porto Alegre e testemunha do seqüestro. Segundos depois, surgiu um rapaz de mais ou menos 25 anos, cabelo castanho claro e barba farta. "É, eu trabalho lá no DOPS, sou inspetor", reconheceu Arvandil, fumando um cigarro com os gestos rápidos de quem está nervoso. "Mas não sei de nada, cara. Estou parado, por motivo de doença." E, esquecido do cigarro que fumava e lembrando-se subitamente de fungar: "Estou com sinusite, problema de garganta. Estou fora, não sei de nada". Mas, parado há uma, duas semanas? "É, estou parado há tempos, cara. Mas como é que vocês chegaram em mim?" Insistiu-se mais uma vez nas investigações de quatro meses, que inclui entrevistas com vários companheiros de trabalho de Arvandil, e ele desistiu: "Tá

legal, fica na tua que eu fico na minha. Mas eu não posso falar nada, são ordens superiores". E antes de fechar a porta, ainda permitiu-se uma recordação: acabou reconhecendo o fotógrafo Ricardo Chaves, ao lado de Cunha. "Tu não estudou no Colégio Parobé? Eu toquei contigo na Banda do Adão, cara", disse ele ao surpreso Chaves.

CONSTRANGIMENTO — O segundo inspetor do DOPS que desapareceu das listas de funcionários da repartição, José Cecílio da Cunha, foi localizado em sua casa por VEJA na sexta-feira, 16. Ele é um negro alto, forte, de cabelos curtos e ondulados, vasto bigode caindo sobre a boca, idade em torno de 35 anos. "Sou eu mesmo", respondeu secamente, quando VEJA lhe perguntou se alguém ali conhecia José Cecílio da Cunha. Como Arvandil, Cecílio mostrava-se perplexo. "Eu estou lotado no DOPS, é verdade." Ele seria comissário? "Não, sou inspetor." Há quanto tempo? "Ah, não vou falar. Se vocês têm alguém para dar o meu nome e endereço, então essa pessoa pode contar o resto. Eu não falo, tenho ordens do chefe para não falar." E se o chefe desse ordem, ele falaria? "Bom, isso é com o chefe." E quem seria o chefe? O secretário? "Ah, não vai me dizer que não sabe. Te vira, meu."

Posto diante da questão mais direta — por que não estava trabalhando? —, Cecílio deu a mesma resposta: "Estou de licença médica". Talvez desconfiado de que a versão não fosse muito consistente, procurou reforçar seus argumentos: "E a minha mãe também está doente". Uma ou outra tentativa, no entanto, não justifica que Cecílio esteja ausente das listas oficiais cedidas pela polícia aos dois jornalistas testemunhas do seqüestro, sem nem mesmo a ressalva da licença médica. A presença de Arvandil e Cecílio no corpo de funcionários do DOPS foi ainda confirmada a VEJA na quinta-feira passada por outro policial do departamento, o inspetor Luiz Nunes Silveira, o "Chucha", número de matrícula 185 944 e incluído na lista, companheiro de trabalho de Janito e Arvandil na movimentação carnavalesca do Bloco Alegíssimo, do Partenon Tênis Clube, que todos os três frequentam.

Além de Arvandil e Cecílio, surgiu na semana passada um terceiro nome que até então não havia sido mencionado no caso do seqüestro: Faustina Elenira Severino, escritora de primeira classe, número de matrícula 123 964, cujo nome está na lista do DOPS fornecida às testemunhas e consta também da fo-

lha 150 da sindicância administrativa realizada pelo DOPS e finalmente liberada aos advogados na semana passada.

NERVOSISMO — Entre os dias 17 de novembro, quando o seqüestro foi inadvertidamente descoberto por dois repórteres de VEJA, e 25 de novembro, quando saiu afinal o comunicado das forças conjuntas do Uruguai reconhecendo a prisão dos uruguaios no país, houve um período de silêncio e incerteza sobre a sorte do casal e das duas crianças. Neste período crítico, o advogado Omar Ferri recebeu quatro telefonemas de uma mesma mulher, que se preocupou em tranquilizá-lo: "As crianças estão bem". "Elas já estão no Uruguai." "Elas já foram devolvidas

Castro, 517, a menos de uma quadra da Secretaria de Segurança, Lenira recebeu os repórteres tensa. Quando foi informada de que os repórteres estavam ali porque havia a suspeita de que ela custodiara Camilo e sua irmã Francesca durante algum tempo, no DOPS, não conseguiu disfarçar o nervosismo: "Meu Deus, quem foi que disse isso? Com essa, agora, eu estou até tremendo".

APREENSÕES — Explicou, de início, que ficou sabendo do seqüestro pelos jornais. Perguntada se, colocada frente a frente com Camilo, ele não a reconheceria, Lenira desabafou: "Ah, seria a maneira de se esclarecer definitivamente este assunto". E se VEJA a fotografasse para que Camilo fizesse ou não o



RICARDO CHAVES

Faustina Severino: admitindo a fórmula de esclarecimento final

aos avós." Num destes contatos, a informante anônima tratou de esclarecer que fazia isso "porque devo alguma coisa ao senhor". Ferri fora no passado o defensor do irmão de Lenira.

Além disso, ouvido pelo repórter Pedro Maciel, de VEJA, em Montevideu, no dia 3 de janeiro passado, uma quarta-feira, o menino Camilo Casariego, filho de Lilian, incluía um dado importante na descrição de sua atribulada saída de Porto Alegre. Camilo contou que ficara sob a guarda de duas pessoas: "Una mujer alta y rubia y otra oscura, de pelo redondo". Lenira, de fato, é uma mulher negra, com os cabelos formando uma moldura arredondada. Localizada por VEJA na quarta-feira passada, no endereço extraído de seu depoimento da sindicância, o apartamento 113 da rua Professor Freitas de

reconhecimento? "Ah, não, não posso ser fotografada, teria que pedir antes autorização para o meu diretor."

As investigações de VEJA, em torno destes novos nomes de policiais no seqüestro, parecem ter produzido um clima de apreensão na polícia. A partir desta semana, contudo, o caso do seqüestro deve finalmente mover-se na área da Justiça.

Na quinta-feira passada, o Tribunal de Alçada decidiu que a competência do processo contra os policiais Orandir Portassi Lucas, o "Didi Pedalada", e Pedro Seelig, denunciados por abuso de autoridade, é mesmo da Justiça estadual, que deverá convocá-los para o primeiro depoimento como réus já nesta semana. E, finalmente, na sexta-feira, instalava-se na Assembléia Legislativa a CPI do seqüestro. ●

582
Este é o código



Este é o Banco

EVOLUÇÃO E RENTABILIDADE DA COTA				
DATA	VALOR DA COTA CRS	RENTABILIDADE ANUAL %	RENTABILIDADE ACUMULADA	
			PERÍODO	%
31.12.73	4,426	0,89	6 ANOS	206,90
31.12.74	4,578	3,43	5 ANOS	204,20
31.12.75	6,029	31,70	4 ANOS	194,08
31.12.76	7,306	27,92	3 ANOS	123,30
31.12.77	10,886	41,27	2 ANOS	34,71
31.12.78	13,463	23,67	1 ANO	23,67

Taxa Administração/Pat. Líquido Médio 2º Sem. 78: 1,7%
Outros encargos/Pat. Líquido Médio 2º Sem. 78: 0,1%

Entregue sua Declaração de Renda no Banco Nacional. É mais fácil. O Nacional tem mais de 460 agências a seu lado. Uma sempre perto de você. É mais seguro. O Nacional não

apenas recebe: confere todos os documentos e checka se está tudo em ordem.

É mais negócio. Pelos últimos dados publicados no Manual de Orientação do Imposto de Renda, o Fundo 157 do Nacional se colocou entre os maiores fundos do país.

Na hora de entregar sua Declaração de Renda, pense nisso. E escolha qualquer agência do Banco Nacional.



BANCO NACIONAL

- o banco que está a seu lado

582

ESCREVA 582 EM SUA DECLARAÇÃO DE RENDA
E ENTREGUE NO NACIONAL.
SEU BOLSO AGRADECE.



CARLOS NAMBA

Mondale vai ao presidente: não se fala mais em acordo nuclear

BRASIL-EUA

Carter convida

E Figueiredo aceita ir aos Estados Unidos

Há pouco mais de dois anos, o presidente Jimmy Carter, então recém-instalado na Casa Branca, enviou a Bonn seu vice Walter Mondale para que ele persuadisse o governo da Alemanha a expurgar do acordo nuclear assinado com o Brasil, em meados de 1975, uma cláusula-chave: a transferência da tecnologia de reprocessamento de urânio. A viagem de Mondale, como se sabe, deu em nada — mas, de toda forma, inaugurou um tenso período de escaramuças diplomáticas entre Washington e Brasília, que culminariam com a decisão do presidente Ernesto Geisel de romper o acordo militar Brasil-Estados Unidos, em março de 1977.

Mais recentemente, porém, as tormentas começaram a se dissipar — e, na última quinta-feira, o mesmo Walter Mondale pôde entregar ao novo presidente João Baptista Figueiredo, no Palácio do Planalto, um convite de Carter para que visite os Estados Unidos ainda este ano. Figueiredo, naturalmente, aceitou — estreando assim, logo com uma grande viagem, seu programa de visitas ao exterior. Há sete anos, desde que Emílio Medici foi recebido em Washington por Richard Nixon, que um presidente brasileiro não vai aos Estados Unidos. E o convite a Figueiredo, no final, foi o que houve de realmente importante nas 34 horas em que Mondale permaneceu em Brasília, de quarta-feira à noite até sexta de manhã.

Então ele seguiu para Caracas, com o mesmo objetivo que o trouxera ao Brasil — transmitir os bons votos da

Casa Branca ao novo presidente venezuelano Luís Herrera Campíns. Mondale deveria ter representado o governo americano na posse de Figueiredo e na de Campíns, uma semana antes, mas a viagem de Jimmy Carter ao Oriente Médio impediu que o vice-presidente se ausentasse de Washington. Daí o sentido largamente protocolar e a escassa agenda política da visita. E o passado? Tudo indica que está esquecido.

DEZENOVE ASSESSORES — De fato, a ida de Mondale a Bonn e as pressões americanas contra o acordo nuclear Brasil-Alemanha parecem já história antiga, a julgar pelos sossegados comentários ouvidos no Itamaraty e pelo que o próprio vice-presidente afirmou aos jornalistas. Na quinta-feira à tarde, depois de conferenciar durante uma hora com o presidente Figueiredo, na presença do chanceler Ramiro Saraiva Guerreiro e do embaixador americano Robert Sayre, Mondale concedeu uma apressada entrevista de 15 minutos numa saleta do Hotel Nacional. Disse então que as declarações a ele atribuídas por ocasião de sua viagem à Alemanha foram “muito exageradas” pela imprensa. Ressalvou que a posição dos Estados Unidos em face do problema da proliferação nuclear “não mudou” — mas, acrescentou, “aceitamos completamente o direito de toda nação, incluindo o Brasil, resolver seus problemas de energia compreendendo a posse e o desenvolvimento de energia nuclear como parte de sua estratégia”.

Mais, até, do que fez ou disse em Brasília o vice-presidente americano, chamou a atenção — e gerou alguns desentendimentos — a desmontagem do aparato de segurança que ele trouxe de Washington, cujos integrantes circularam pela capital em nove automóveis americanos e um ônibus.

Na entrevista à imprensa, por exemplo, Mondale tinha perto de si, além de nada menos que dezenove assessores, um número não inferior de agentes do Serviço Secreto. Horas antes, quando o visitante foi ao Itamaraty para um encontro de 30 minutos com o chanceler Guerreiro, seguido de almoço, os agentes americanos tentaram confinar os repórteres a um setor do saguão do Palácio dos Arcos e, depois, quiseram racionar o ingresso de fotógrafos no gabinete do ministro, providência desconhecida na chancelaria brasileira.

BELO RAPAZ — Antes dessa escala, o vice-presidente esteve no Congresso, onde fez visitas protocolares ao seu colega Aureliano Chaves, que despacha três dias por semana num gabinete da Câmara dos Deputados, e aos presidentes do Senado e da Câmara, Luís Viana Filho e Flávio Márcilio. Não previsto no programa oficial foi o encontro de Mondale, por ele mesmo solicitado, com os líderes parlamentares do MDB, senador Paulo Brossard e deputado Freitas Nobre. A reunião realizou-se no gabinete do presidente da oposição, Ulysses Guimarães. Logo ao entrar na sala, Mondale apontou para um retrato na parede e perguntou, bem-humorado: “Quem é o belo rapaz da foto?” A pergunta deixou Guimarães constrangido. Afinal, a foto é dele mesmo, tirada durante um discurso. Após as amenidades de praxe, os políticos emedebistas falaram a Mondale do programa partidário, do projeto de anistia e do crescimento eleitoral do MDB. Em troca, ouviram do ex-senador americano uma profissão-de-fé sobre as virtudes do sistema democrático.

Mondale voltaria a encontrar-se com Guimarães e Brossard, à noite, no jantar para sessenta pessoas oferecido pelo visitante a Aureliano Chaves e Saraiva Guerreiro, na residência do embaixador Sayre. Já no dia seguinte, quando o vice-presidente seguiu viagem, o Itamaraty começou a estudar a data mais adequada para a visita de Figueiredo aos Estados Unidos. Mondale sugerira “o próximo verão”, o que significa, no Hemisfério Norte, qualquer época entre junho e agosto. Dos preparativos da primeira viagem ao exterior do presidente Figueiredo participará também o ex-chanceler Antônio Francisco Azeredo da Silveira: na sexta-feira passada chegava a Brasília a notícia de que o governo americano havia concordado oficialmente com a indicação de Silveira como o novo embaixador do Brasil em Washington. ●

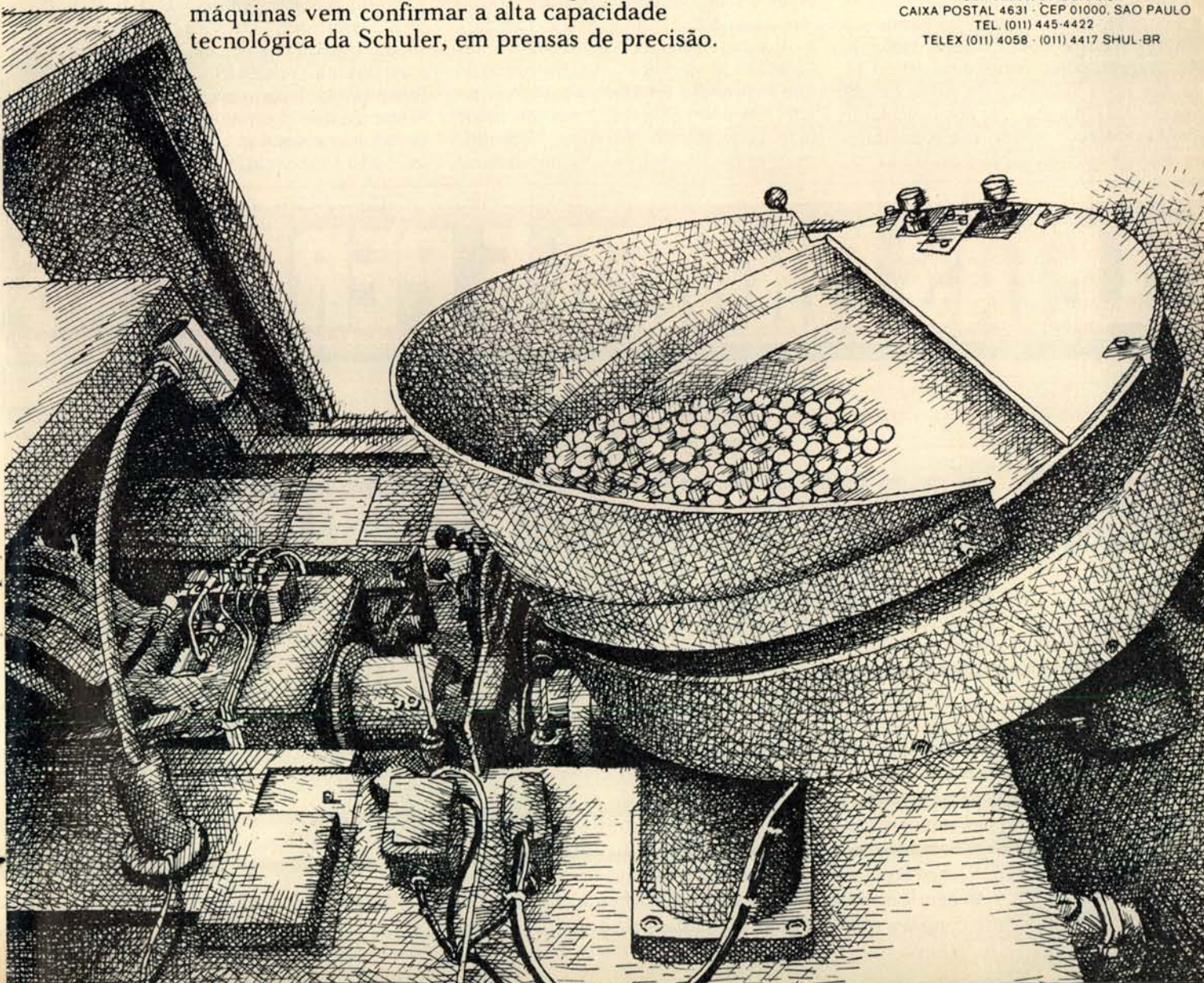
a SCHULER está fazendo mais dinheiro para o Brasil

Com a encomenda de um lote de 27 prensas, a SCHULER participa de mais uma etapa das novas instalações da Casa da Moeda do Brasil. Destinadas à cunhagem de uma nova família de moedas brasileiras, essas prensas modelo M.151, de avançada tecnologia, operam com capacidade de até 500 moedas por minuto. Tratam-se das primeiras máquinas deste tipo fabricadas no país (substituindo importação que também é uma forma de fazer dinheiro para o Brasil). A entrada em funcionamento das primeiras máquinas vem confirmar a alta capacidade tecnológica da Schuler, em prensas de precisão.

**PRENSAS
SCHULER**

qualidade internacional

PRENSAS SCHULER S.A.
AVENIDA FAGUNDES DE OLIVEIRA, 1515
CEP 09900, DIADEMA, SP
CAIXA POSTAL 4631 - CEP 01000, SÃO PAULO
TEL. (011) 445-4422
TELEX (011) 4058 - (011) 4417 SHUL-BR



A denúncia

Procurador enquadra VEJA com base na LSN

Três semanas depois de anunciada a intenção do governo de processar "os responsáveis pela publicação" — como escreveu o ex-ministro do Exército, general Fernando Bethlem, em sua representação inicial — da reportagem "Descendo aos porões" (VEJA n.º 546), o procurador da 3.ª Auditoria Militar de São Paulo, Darcy de Araújo Rebello, apresentou a sua denúncia formal. No final da tarde de quarta-feira passada, cercado de repórteres que inutilmente lhe pediam cópias do documento, o procurador entregou a acusação no cartório da 3.ª Auditoria — que a encaminhou ao juiz-auditor Arylton da Cunha Henriquez no dia seguinte. No seu texto, Rebello pede a condenação do jornalista Antônio Carlos Fon, 33 anos, autor da reportagem, como incurso no artigo 14 da Lei n.º 6 620/78 — a nova Lei de Segurança Nacional —, por considerar que as matérias tinham "o escopo único de atirar a opinião pública contra as au-

toridades constituídas". A respeito do conteúdo da denúncia — contida em cinco páginas datilografadas em espaço dois —, VEJA apurou que o procurador apresentou como única prova um exemplar da edição n.º 546 da revista.

No texto, ele reproduz diversos trechos da reportagem, por acreditar que eles contêm um "conteúdo subversivo ao extremo"; além disso, discorda de algumas das informações publicadas. É o caso, por exemplo, da exoneração do comandante do II Exército, general Ednardo D'Ávila Melo, em janeiro de 1976, pelo presidente Ernesto Geisel, tão logo este soube da morte do operário Manoel Fiel Filho nas dependências do DOI-CODI paulista. Segundo a denúncia, ao fazer o relacionamento entre os dois fatos o repórter teria faltado com a verdade — segundo a denúncia, a remoção de D'Ávila Melo foi "ato de rotina".

PROCESSO — Para o procurador Rebello, o relato de episódios ocorridos no Rio e em São Paulo expõe o Exército, as Forças Armadas e a Justiça Militar "à execração pública". A informação de que o presídio da Ilha das Flores, no Rio, era operado pelo Centro de Informações da Marinha (Cenimar) é qualificada como "tentativa de comprometer

a imagem da Marinha". Ele afirma, também, que a reportagem atribui ao juiz-auditor da 2.ª Auditoria de São Paulo, Nelson da Silva Machado Guimarães, a responsabilidade pelas torturas sofridas pelo preso político Paulo de Tarso Vanucchi — e, ao citar o juiz, o acusado teria atingido toda a Justiça Militar. Na verdade, a reportagem afirma explicitamente que o juiz-auditor não teve participação alguma no caso.

Após essa denúncia do procurador, o próximo passo será a manifestação do juiz-auditor Arylton da Cunha Henriquez — que poderá recusar ou aceitar a argumentação. O juiz deverá se pronunciar nas próximas duas semanas. Caso recuse a denúncia, ela subirá obrigatoriamente para apreciação do Superior Tribunal Militar. Se for aceita, o processo será iniciado com o depoimento das testemunhas — e ainda que a denúncia não tenha arrolado nenhum nome para sustentar a acusação. O advogado do repórter Antônio Carlos Fon será o professor Darcy de Arruda Miranda, especialista em Lei de Imprensa e um dos mais respeitados causídicos do foro paulista. É certo que ele apresentará a tese de que o estatuto penal próprio para julgar a questão é a Lei de Imprensa, e não a de Segurança Nacional. ●

VALETAS FIRMES E PERFEITAS

420

CD-45: NOVO COMPACTADOR VIBRATÓRIO VIBRO DYNAPAC

Esta é a largura dos rolos do novo compactador vibratório: 42 cm.

A partir desta medida, você pode fazer agora a mais perfeita compactação de valetas e pequenas áreas - a compactação vibratória.

Com duplo cilindro em tandem, este rolo vibratório autopropelido é o único no Brasil projetado especificamente para lugares estreitos, onde compactadores maiores não podem trabalhar.

Com características exclusivas, o novo rolo vibratório apresenta, ainda, todas as qualidades que fizeram dos compactadores Vibro Dynapac as melhores máquinas de compactação vibratória.

Procure conhecer este novo equipamento. Seus trabalhos ganharão agora um alto grau de qualidade, qualquer que seja o lugar.

Como tudo que é Vibro Dynapac, o CD-45 é dinheiro em caixa.

GOIÁS

Embaixo da mesa

Equipamentos de escuta na sala do governador

As paredes do Palácio das Esmeraldas, sede do governo de Goiás, têm ouvidos — ou, pelo menos, tinham até a última terça-feira, quando o novo chefe do serviço de segurança, major da PM Wilson Mendes, descobriu um robusto microfone e um dispositivo fote-létrico instalado num fundo falso da mesa do governador. O microfone estava ligado a um enorme gravador Akai encontrado dentro de um armário, na sala contígua, de reuniões, e ainda a dois fios que saíam do palácio com destino ignorado. Assim, apenas cinco dias depois de sua posse, o governador Ary Valadão pôde dar notícia de sua administração com uma aparatosa denúncia. Na quarta-feira, ele convocou os jornalistas e mostrou-lhes o que classificou como “um sistema de espionagem eletrônica encontrado em meu gabinete”. Mas quem estaria interessado em espionar Valadão?

O governador evitou apontar culpa-



PALÁCIO DAS ESMERALDAS

Valadão: evitando apontar culpados.

Assessores seus, no entanto, insinuaram que o sistema de gravação teria sido montado pelo último ocupante do Palácio das Esmeraldas, o ex-governador Irapuan Costa Júnior, hoje adversário político de Valadão, com a finalidade de espionar seu sucessor. Esta não é a primeira vez que microfones e gra-

vadores agitam a política goiana. No início de seu governo, o próprio Costa Júnior chegou a exonerar seu secretário de Governo, o capitão da reserva Marcus Fleury, ex-chefe da agência do SNI em Goiânia, alegadamente por divergências políticas. Mas poucas semanas depois, em novembro de 1976, o governador baixou um decreto dissolvendo um certo Serviço Estadual de Informações, que funcionava sob o comando do capitão Fleury. E houve quem falasse de uma outra razão para o atrito: a instalação de instrumentos de escuta contra Costa Júnior.

“ESQUECI” — Ouvido por VEJA na semana passada, o ex-governador negou as insinuações feitas pelos assessores de Valadão. “Sou moralmente contrário à espionagem”, explicou ele. E, ainda que não fosse, é pouco provável que Costa Júnior procurasse vigiar as conversas de seu sucessor utilizando um nada discreto gra-

DA LARGURA DESTA ANÚNCIO

mm



FILIAIS • SP (Capital): Filial São Paulo
• DF: Filial Brasília
REPRESENTANTES • RS: Linck (Porto Alegre/Santo Angelo) • SC: Linck (Chapaco/São José) • PR: Linck (Curitiba/Londrina/Foz do Iguaçu) • SP (Interior): todo o Estado • RJ: Comac (Rio de Janeiro e Copeúler (Rio de Janeiro) • ES: Rodale (Vitória) • MG: Orguel (Belo Horizonte)
• MT: Tecnoeste (Cuiabá) • MS: Tecnoeste (Campo Grande) • GO: Goiasmadeira (Goiás) • BA: Vibrotec (Salvador) • SE: Tecvibro (Aracaju) • PE: Cidarmac (Recife)
• RN: Cemac (Natal) • MA: Moraes (São Luís)
• CE: Fornecedora (Fortaleza)
• PA: Portuense de Ferragens (Belém) • Imatec (Santarém) • AP: Irmãos Zai (Macapá) • AM: T. Loureiro (Manaus)



PALÁCIO DAS ESMERALDAS

Micrôfone e gravador: as provas

vador Akai. De resto, Costa Júnior não desconhecia a existência do sistema de gravação no palácio. "Quando meu antecessor, Leonino Caiado passou-me o governo, em 1975, ele mostrou esse equipamento", contou ele. "Havia um gravador na sala de reuniões e outro na ante-sala do gabinete. O sistema era acionado por um botão colocado sob minha mesa de trabalho e servia para gravar os despachos e reuniões administrativas. Mas em 1976 deixei de usá-lo. Apenas esqueci de avisar o Valadão sobre isso." Costa Júnior afirma, no entanto, que nada sabia sobre os fios que ligavam um dos gravadores a algum ponto fora do palácio. Por isso, ele apoiou a decisão tomada pela Assembleia Legislativa, na semana passada, de constituir uma Comissão Parlamentar de Inquérito. "Exijo que se faça uma perícia", disse o ex-governador. De qualquer forma, seu sucessor encontrou um objeto estranho sob a mesa de despachos. E achou razoável reclamar.

Menos que um caso de espionagem, porém, o episódio da semana passada parece nada mais que um novo capítulo da briga entre os grupos rivais da Arena goiana, acirrada pelo desfecho da última sucessão estadual. Contrariado com a escolha de Valadão como seu sucessor, Costa Júnior decidiu complicar-lhe a vida. A primeira oportunidade surgiu semanas atrás, quando Valadão anunciou que nomearia o capitão Marcus Fleury, o secretário de Governo que Costa Júnior demitira, para a presidência da Metago, empresa pública estadual que administra a maior parte das jazidas mineiras de Goiás. Sem demora, Costa Júnior, que conta com a fidelidade de oito dos 21 deputados da bancada majoritária da Arena na Assembleia Legislativa, preparou sua resposta. E, no último dia 12, seus oito deputados juntaram-se aos dezessete da

oposição para aprovar uma emenda à Constituição estadual que tornou obrigatória a aprovação — pela Assembleia — dos nomes escolhidos pelo governador do Estado para a presidência de autarquias e companhias estaduais. Costa Júnior mostrou, assim, a seu inimigo Valadão que deve ser ouvido, pois ainda dispõe de trufos para influir na política goiana.

OUTRO PRATO — A menos que algum acordo venha a aplacar momentaneamente os ânimos, o ex-governador certamente não deixará de minar o caminho da presidência da Metago ao capitão Marcus Fleury. Para tanto, bastaria talvez a Costa Júnior lembrar a história das investigações particulares que deram os motivos para a demissão de Fleury do secretariado, em 1976. Mas a esta altura o problema ultrapassou, também, os limites de um conflito a respeito de remoções para o segundo escalão. VEJA apurou que há um grupo nada desprezível de antigos assessores palacianos que tinha conhecimento da existência do gordo gravador no armário da sala de reuniões. Uma fonte lembra tê-lo conhecido em fins da década passada, quando servia de memória ao ex-governador Otávio Lage. Assim, é possível que o próprio governador Valadão pudesse conhecer o equipamento. Sua denúncia, portanto, estimula a convocação de testemunhas à CPI na Assembleia Legislativa — o que transformaria a questão das nomeações num prato secundário. Resta saber, agora, quem vai pagar para conhecer o melhor do cardápio do campo oposto. ●



THOMAS R. HOAG

Costa Jr.: contra a espionagem

Intolerância I

Num momento de irritação, fruto talvez do cansaço e da tensão provocados pela prolongada greve dos metalúrgicos do ABC paulista, o líder sindical Luís Inácio da Silva, o "Lula", chamou a imprensa de "parcial e safada", ao criticar um editorial que discordava, até educadamente, da ação dos trabalhadores grevistas. É, outra vez, aquela velha história de sempre. Se alguém recebeu tratamento privilegiado da imprensa nos últimos dois anos, com atenção e espaço maiores que qualquer outra personalidade da oposição — incluindo aí todos os chefes do MDB —, esse alguém foi o próprio Lula. Enquanto foi elogiado, nada a declarar. Mas bastou uma crítica corriqueira, um editorial com idéias que o aborreceram, para mudar tudo. Conclusão: a imprensa não presta, a menos que esteja sempre batendo palmas.

Intolerância II

Uma professora de Filosofia demitiu-se da PUC do Rio de Janeiro no começo deste mês por divergências acadêmicas. Um caso corriqueiro se Ana Maria Moog Rodrigues, já afastada do cargo, não tivesse revelado seus motivos numa entrevista publicada no começo da semana passada: ela saiu porque se sentiu atingida pela decisão de seus superiores de cortar um texto do jurista conservador Miguel Reale do programa do curso. O assunto mereceria uma investigação porque habitualmente são os textos de esquerda que saem dos manuais escolares brasileiros. Mas o que projetou essa divergência, sem dúvida, foi uma longa nota da associação dos professores da PUC. Por ter feito suas queixas pela imprensa, a antiga colega é chamada de "delatora" pelos mestres. Não se reserva sorte melhor ao Jornal do Brasil, que publicou as declarações da professora caída em desgraça: em sua nota, a associação suspeita que o matutino só fez isso porque seria sócio de um "plano concebido para desmoralizar a atual comunidade acadêmica brasileira e particularmente a PUC-RJ". Assim, o que em tantos outros casos é descrito como "denúncia" se transforma, aqui, em delação. Quanto aos "planos" preconcebidos, todos já andamos cansados deles. Afinal, a cada vez que um órgão de imprensa incomoda hoje em dia alguma instituição, seja ela o Ministério do Exército ou a PUC carioca, não há escapatória: só pode tratar-se de um plano escuso.

FIO MARAVILHA

Nos seus 25 anos, a CTBC presta uma homenagem a este meio de comunicação: por tocar, por chamar, ligar e aproximar cada vez mais as pessoas.

Desde que o mundo é mundo, sempre houve alguém querendo falar com alguém. Dizer uma palavra de carinho, emitir uma ordem, ouvir uma verdade, começar uma briga. Sempre foi preciso falar. O primeiro meio de comunicação foi sempre o mais forte: a palavra. Nela vem toda a carga do que realmente queremos dizer, com tudo o que realmente sentimos.

Da palavra à voz. O que caracteriza uma pessoa no momento em que ela diz alguma coisa. A voz fala com o coração, com a cabeça, com a alma.

O mundo correu e foi preciso que corrêsemos com ele para poder dizer uns aos outros o que queríamos dizer. E cada vez as distâncias foram maiores, cada vez mais as palavras mais urgentes. E cada vez mais foi preciso uma aproximação.

Parece incrível! Brincadeira de criança, mas já faz mais de cem anos

que o mundo começou a se ligar por um fio. Um fio realmente maravilhoso que permitia a uma mãe aflita ouvir a voz de seu filho distante; a uma jovem receber a notícia da chegada do noivo, e ao mundo ter uma nova visão de futuro.

E esse foi se tornando cada vez mais maravilhoso, mais participante na vida das pessoas nos seus mais diferentes mundos: do mundo dos negócios ao mundo da política, das fofocas e dos socorros. Um fio sem o qual ninguém mais conseguiria viver. Que acabou gerando na vida atual milhares de empregos e especializações através de empresas que se conscientizaram cada vez mais de sua importância.

Foi assim que há 25 anos, em 1954, fundou-se a CTBC. Com um espírito pioneiro, disposto a vencer barreiras e desenvolver um trabalho contínuo e paralelo a todos os acontecimentos da vida moderna.

Do sistema DDD aos Planos de Expansão, do serviço de atendimento personalizado aos mais modernos equipamentos, dos Telefones Públicos que permitem ligar direto para 40 municípios da Grande São Paulo e outras cidades ao DDI que integrou várias cidades na região de operação da CTBC com o mundo todo. Dos inúmeros serviços que a CTBC oferece e diversos outros que ela estuda e pesquisa, a uma preocupação maior que já faz parte de sua própria filosofia: prestar cada vez mais um serviço preciso, rápido e eficiente para que todo mundo ao precisar de um telefonema diga sempre estas duas palavras: Fio Maravilha!



**COMPANHIA
TELEFÔNICA
DA BORDA
DO CAMPO**
Empresa do Sistema TELEBRAS



O grande show da paz

*Após 30 anos de hostilidades e 4 guerras,
Israel e Egito decidem, enfim, assinar um acordo,
com a pompa e a garantia da Casa Branca*

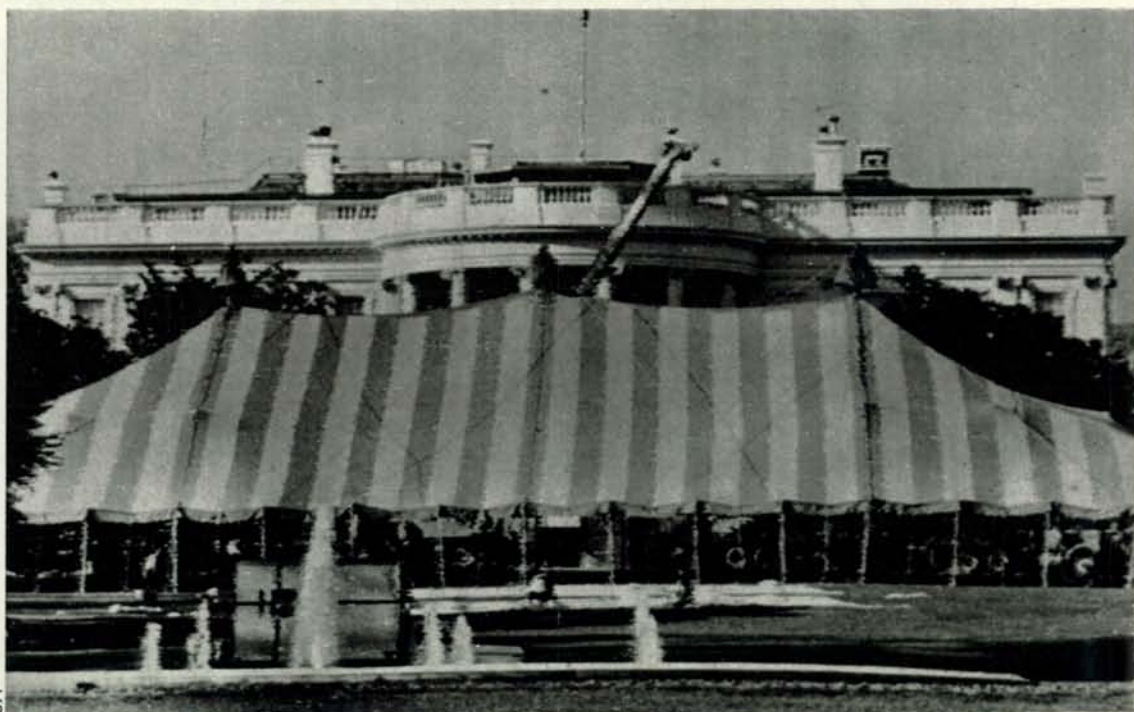
Sob o pórtico da entrada principal da Casa Branca, exatamente às 2 horas da tarde desta segunda-feira, dia 26, o presidente Jimmy Carter, o primeiro-ministro israelense Menahem Begin e o presidente egípcio Anwar Sadat irão sentar-se a uma mesa de carvalho, de 2,5 metros de comprimento e antigas tradições na história americana — a partir do mandato do presidente Ulysses Grant (1862-1872), ela foi usada para a assinatura de numerosos tratados, entre eles o protocolo pondo fim à guerra hispano-americana (1898). Diante dos três estadistas, estarão 1 600 convidados especiais. E, no Parque Lafayette, situado bem à frente da Casa Branca, do outro lado da Pennsylvania Avenue, milhares de pessoas poderão acomodar-se em arquibancadas montadas para a ocasião. Será a grande festa da paz. O dia em que finalmente, depois de trinta anos de hostilidades e rodadas várias de mediação pessoal do próprio Carter, Begin e Sadat apoarão suas assinaturas a um documento destinado a pôr fim ao estado de guerra entre seus países. Não é tudo.

No setor norte da Casa Branca, uma enorme tenda colorida, com faixas laranja e amarelo, abrigará à noite 1 300 convidados, para o maior jantar oficial já oferecido pela Casa Branca. "Vai ser uma autêntica *extravaganza*", comentou um membro da equipe de Carter. "Isso se não chover", acrescentou. Se chover, a cerimônia será transferida para o interior da Casa Branca.

E, qualquer que seja o tempo, será transmitida ao vivo pela televisão para o Oriente Médio — com todas as pompas e glórias. Na verdade, não são pou-

cos os marcos históricos a comemorar. Pelo tratado, Israel terá pela primeira vez sua existência reconhecida oficialmente por um país árabe, justamente o de maior poderio militar. Dentro de dez meses, os dois países terão relações diplomáticas normais, a nível de embaixadores. E, entre outras coisas secundá-

a seu favor, o acordo ainda permite grandes indagações. Será que vai mesmo vingar? E, mesmo que vingue entre Egito e Israel, contribuirá para a estabilidade da região como um todo — ou, ao contrário, precipitará novas turbulências? Persistem graves dúvidas. A crucial questão da soberania sobre Je-



Tenda montada na Casa Branca: para um jantar de Estado sem precedentes

rias, barcos de bandeira israelense poderão trafegar tranquilamente pelo outrora vedado canal de Suez, cenário no passado de combates ferozes e onde foram sepultados muitos navios de guerra egípcios, naufragados pela artilharia israelense. Por fim, no espaço de três anos, as tropas israelenses terão deixado o Sinai, península ocupada por Israel durante a guerra de 1973 (veja mapa na página 38).

"AUTONOMIA DE PESSOAS" — No entanto, mesmo com tantos itens a contar

rusalém, problema suscetível de despertar reações apaixonadas tanto entre israelenses como entre os árabes — inclusive a Arábia Saudita, principal exportador de petróleo para o ocidente —, foi deixada para negociações futuras.

E o mesmo ocorreu com o não menos vital problema da autonomia palestina nos territórios ocupados de Gaza e da Cisjordânia. Na semana passada, mesmo depois da conclusão dos principais pontos do acordo, ao término da extenuante peregrinação de Carter ao

Egito e Israel, os primeiros-ministros israelenses, Menahem Begin, e egípcio, Mustafah Khalil, se envolviam em áspera controvérsia sobre esses temas.

Temendo reações adversas dos países árabes, sobretudo da Arábia Saudi-

ta, Khalil reafirmara a tese egípcia de que Jerusalém é parte integrante da margem ocidental do Jordão e deverá ser devolvida, reafirmando também a futura autonomia dos territórios palestinos ocupados. A resposta de Begin



Na Knesset: membros do gabinete israelense dão o sim ao acordo



Sadat orando: riscos pela frente

não tardou. E veio de forma cáustica, durante a sessão da Knesset que terminaria aprovando o tratado, após 28 horas de debates — a mais longa sessão já realizada pelo Parlamento israelense. “Saiba o caro colega egípcio”, disse Begin, “que Jerusalém permanecerá unida como a eterna capital de Israel e jamais surgirá um Estado palestino.”

Pelo tratado, Israel e Egito se comprometem a iniciar, um mês depois da assinatura do documento, suas negociações sobre a questão da autonomia dos territórios ocupados da faixa de Gaza e da Cisjordânia. Terá lugar então, ao que tudo indica, um verdadeiro pesadelo diplomático, que poderá fazer as penosas negociações realizadas até agora parecerem um brinquedo de criança. A máxima concessão realizada neste sentido até agora pelos israelenses foi através de uma sutilíssima filigrana jurídica — admitindo, nas regiões onde estão concentrados os palestinos, a “autonomia de pessoas”, como disse o matreiro Begin, mas não dos territórios.

“QUEIMAR TUDO” — As dificuldades para as negociações do futuro dos palestinos começam com a definição dos interlocutores. Com quem negociar? A Organização de Libertação da Palestina, liderada por Yasser Arafat, e declarada pelo mundo árabe como a legítima representante dos palestinos, é peremptoriamente vetada por Israel. Durante os debates da Knesset, relata Alessandro Porro, correspondente de VEJA em Israel, o deputado de esquerda Uri Avnery profetizou, ao tomar a palavra na tribuna, não haver outra alternativa senão reconhecer os direitos do povo palestino — e receber Yasser Arafat em Jerusalém e no Parlamento, da mesma forma como foi recebido um ano atrás o presidente Anwar Sadat. Melhor seria se tivesse ficado quieto. Sua residência em Telavive, após este pronunciamento, passou a ser protegida por policiais, para evitar que a hostilidade popular acabasse provocando alguma tragédia.

Do lado palestino, as paixões não são menos exaltadas. Falando durante uma manifestação de protesto imediatamente depois da conclusão das negociações de Carter no Egito e em Israel, o líder da OLP, Yasser Arafat, prometeu “queimar tudo” para impedir “um tratado em separado” entre Israel e Egito — e, sombriamente, advertiu Sadat de que será derrubado do poder, por sua “deserção”. A posição de Sadat, na verdade, é delicada. E, entre os fantasmas que assaltaram a Casa Branca, na semana passada, não faltou o temor de que o presidente egípcio fosse alvo de algum atentado. Concretamente, espera-se que, esta semana, após a assinatura do tratado, desabe sobre o mundo árabe uma tempestade de protestos contra o Egito.

PAÍS-CHAVE — Como efeito colateral, pode tomar corpo na região uma vaga de sentimentos antiamericanos. Mas, sobretudo, há a incógnita das decisões a serem tomadas, a partir de terça-feira, pela conferência de chanceleres árabes que, convocada pela Síria e o Iraque, vai considerar a adoção de possíveis sanções contra o Egito. Em princípio, essas sanções podem variar desde a expulsão, ou suspensão, do Egito da Liga Árabe, até o boicote econômico.

Nesta conferência, como nas manifestações futuras do mundo árabe, há um país-chave, de cuja posição dependerá, em grande parte, o êxito da iniciativa de paz americana: a Arábia Saudita, poderosa em petróleo e em dinheiro. O maior temor de Washington — o de que a Arábia Saudita viesse a participar

de um boicote econômico contra Sadat, suspendendo sua ajuda de 2 bilhões de dólares anuais ao Egito — foi afastado em entrevista dada pelo príncipe Fahd dias atrás (veja a página 39). Mesmo assim, há dúvidas. Muito mais que o problema dos palestinos ou da autonomia dos territórios ocupados, a maior preocupação da Arábia Saudita, por motivos religiosos, morais e históricos, é com Jerusalém — onde o ex-rei Façal, antes de ser assassinado, em Riad, jurou que iria rezar um dia. Esta preocupação explicaria a declaração categórica feita na semana passada pelos egípcios — após contatos tempestuosos entre enviados de Sadat e membros da Família Real saudita — de que o setor árabe de Jerusalém seria devolvido.

PREÇO DA PAZ — De todo modo, a perspectiva da existência, a partir desta semana, de um acordo formal de paz entre Israel e Egito, algo impensável há pouco mais de um ano, não deixa de representar uma notável conquista, em cuja defesa os EUA estarão, a partir desta semana, profundamente envolvidos — com compromissos de ajuda financeira, fornecimento de armas e, ocorrendo o pior, o sacrifício de seus próprios homens. Financieiramente, o preço a ser pago pelos americanos é alto: 5 bilhões de dólares, no mínimo, ou talvez até 12 bilhões, nos próximos três anos. Os EUA já dão a Israel uma ajuda anual de 1,8 bilhão de dólares. Agora, se dispõem a pagar 1 bilhão para cobrir os custos de retirada de duas bases aéreas israelenses no Sinai e fornecer mais 1,5 bilhão, nos próximos três anos, para a compra de armas.

O Egito, por sua vez, já recebe cerca de 750 milhões de dólares anuais de ajuda americana. Com o tratado, deverá receber um adicional de 2,5 bilhões em ajuda militar e econômica nos próximos três anos. E a cobrança dessas promessas não se fez esperar. Já na se-

mana passada, o ministro da defesa israelense, Ezer Weizman, chegou a Washington com uma lista de compras de bilhões de dólares em armas — incluindo os custosos caças F-16 e os modernos tanques M-60. O ministro da Defesa do Egito, Kamal Assan Ali, não ficou atrás, chegando também à capital

tão palestina não mereceram senão vagas e ambíguas referências, Sadat assumiu o risco de ver-se isolado por seus antigos aliados árabes e, além disso, de enfrentar um potencial de oposição em seu próprio país. Apesar da rígida censura e da repressão existentes no Egito, um pouco dessa oposição já se fazia sentir no Cairo, na semana passada.

As paredes da Universidade islâmica de Al-Azhar, por exemplo, a mais antiga do mundo árabe, fundada exatamente 1 000 anos atrás, apareceram na semana passada cobertas com o slogan: "Allah sim, Israel não". E desde a segunda-feira passada, quase todas as estudantes de medicina que completam seus cursos no hospital Kasr el Eini, o mais importante do Cairo, começaram a usar um véu cobrindo o rosto — numa silenciosa alusão à revolução islâmica que depôs a ditadura do xá Reza Pahlevi no Irã. Mais concretamente, já na terça-feira, as janelas do austero edifício da Liga Árabe, no Cairo, permaneceram iluminadas à noite: diplomatas do mundo árabe estavam discutindo a possibilidade de mudança da sede para a Líbia ou a Síria.

Nada disso, todavia, parecia capaz de demover Sadat de seu propósito de prosseguir no caminho das negociações e, inclusive, de um alinhamento inequívoco com o mundo ocidental — segundo sua perspectiva, a única alternativa para o Egito superar sua secular penúria econômica. Sadat voltou a afirmar, na semana passada, que os países árabes terminarão se integrando no processo de negociações — e garantiu que arranjará uma delegação palestina para discutir o status dos territórios ocupados. Mais ainda, em entrevista a jornalistas estrangeiros, não deixou de afirmar: "Sabe, amigos, o importante mesmo é Washington".

NOS "BUNKERS" — Já em Israel as reações ao tratado são de cautela e te-



americana munido de sua própria lista. Entre outras coisas, o Egito nutre a esperança de obter 300 caças F-16, algo que talvez não venha a conseguir. De qualquer forma, já tem virtualmente assegurada a remessa dos mais convencionais Phantom F-4.

MULHERES DE VÉU — Para o Egito, há altos interesses em jogo. Ao aceitar a assinatura de um acordo em que as negociações globais e sobretudo a ques-

mor — e a principal cerimônia marcada para esta segunda-feira, enquanto em Washington Begin e Sadat estarão assinando a paz, será a colocação de uma flor sobre as sepulturas dos 12 000 israelenses mortos em todas as guerras travadas até agora por Israel. Não há, no país, os mesmos sinais de entusiasmo e triunfalismo constatados dezesseis meses atrás, durante a visita de Sadat a Jerusalém. E os mesmos economistas que, na época, tinham sonhado com uma "corrida ao ouro", a ser proporcionada com a abertura dos mercados árabes, hoje já se mostram mais reservados. Na melhor das hipóteses, segundo alguns, o intercâmbio entre Egito e Israel poderá chegar a 100 milhões de dólares por ano. Assim mesmo, será difícil: o Egito é muito pobre.

No Parlamento, após o exaustivo debate do tratado, 95 deputados votaram

a favor, dezoito contra e sete se absteram — mas não houve nem um único sim que não fosse acompanhado por dúvidas, incertezas, ou prognósticos funestos. A barreira psicológica que Sadat pretendeu quebrar com sua visita a Jerusalém parece ter sido de novo formada pelas suspeitas, ameaças e brigas nas negociações que se seguiram entre os dois países. Há um outro fator ponderável: o tratado, em lugar de impedir, poderá estimular atentados palestinos.



Fahd: continuará a ajuda ao Egito

Os sauditas condenam, mas nem tanto

Um detalhe fundamental para a viabilidade do acordo egípcio-israelense é a posição da Arábia Saudita, o gigante petrolífero e financeiro da região — que bombeia 2 bilhões de dólares por ano para a combatida economia egípcia. Os sauditas cortariam sua ajuda e se alinhariam aos radicais árabes, no boicote ao acordo egípcio-israelense? Não é esse bem o caso, como se conclui pela entrevista abaixo, concedida pelo príncipe Fahd — na prática, o principal dirigente saudita — ao jornalista Arnaud de Borchgrave, da revista *Newsweek*:

P — Ao contrário de outros países árabes, que se manifestaram contra o acordo de paz entre Egito e Israel, o governo saudita não fez comentários. Por quê?

R — Não vemos vantagem em recorrer à retórica. Mas é claro que deploramos este tipo de iniciativa em separado, o que coloca em perigo a estabilidade da região, pois deixa as pessoas envolvidas no conflito ainda mais desesperadas do que já estavam.

P — Mas a segunda etapa do acordo não abre as portas para a solução do problema palestino?

R — Agradecemos os esforços feitos pelo presidente Jimmy Carter para obter a retirada de Israel dos territórios egípcios. Mas um empenho ainda maior será necessário para que os israelenses abandonem todos os territórios ocupados, inclusive a parte árabe de Jerusalém. Desde a guerra de 1967, a política de Israel tem sido a anexação gradual da Cisjordânia.

P — A Organização para Libertação da Palestina não deveria engajar-se na segunda fase das negociações para testar a disposição de Telavive de encontrar uma saída para a questão?

R — A decisão cabe à OLP, mas acreditamos que ainda é possível um arranjo que satisfaça ao povo palestino.

P — O senhor acha que os países

Em Metulla, na fronteira com o Líbano, a segurança israelense já foi reforçada para que, na segunda-feira, não haja infiltração de palestinos. Mas nada se poderá fazer contra a chegada de foguetes.

Por isso, toda a população estará passando o dia nos refúgios. Inclusive as aulas serão realizadas nos *bunkers* da cidade — o que provocou o seguinte comentário de um menino de 10 anos, transcrito, na sexta-feira, pelo jornal *Jerusalém Post*: "Segunda, vamos estudar nos abrigos, porque eles (Sadat e Begin) estão assinando a paz". É o pesadelo que fica — agora que o fantasma de uma nova guerra entre os dois países mais poderosos da região parece próximo de ser exorcizado por egípcios e israelenses. ●

islâmicos como um bloco poderiam usar sua influência?

R — Da Indonésia ao Irã, da Arábia Saudita ao Marrocos, centenas de milhões de muçulmanos têm um interesse especial na libertação de nossa cidade sagrada, Jerusalém. E como isto pressupõe o reconhecimento dos direitos dos palestinos, o mundo islâmico pode, de fato, intervir a favor de uma solução.

P — Há rumores de que a Arábia Saudita apoiaria um boicote árabe ao Egito. É possível?

R — Nosso governo não forneceu estas informações. Nossas relações com o Egito não estão condicionadas à questão do acordo de paz. Preocupamo-nos com o bem-estar de todos os países árabes e não pretendemos mudar neste ponto.

P — Após a queda do xá do Irã, surgiram rumores de que a Arábia Saudita estaria interessada em manter uma posição de equidistância em relação às duas superpotências. Os senhores pretendem restabelecer relações com a União Soviética?

R — Nossas diferenças ideológicas com os soviéticos não nos impedem de reconhecer a importância do papel desempenhado pela URSS nos negócios mundiais. Sua pergunta, de qualquer forma, é prematura.

Em expansão

Na Nicarágua e redondezas cresce a violência

No último dia 17, um sábado, os presidentes da Guatemala, Honduras e El Salvador, generais Romeu Lucas García, Policarpo Paz e Carlos Humberto Romero, reuniram-se secretamente "em algum lugar da Guatemala". Objetivo: encontrar uma fórmula para, segundo afirmaram depois, "aliviar as tensões incontroláveis que põem em perigo cada vez maior os governos constituídos da América Central". Em outras palavras, encontraram-se para discutir a proliferação de movimentos esquerdistas armados em seus países, tornada particularmente intensa desde que, no ano passado, na vizinha Nicarágua, os guerrilheiros sandinistas locais entraram praticamente em estado de guerra contra o ditador Anastasio Somoza.

No entanto, a julgar pelas explosões de violência ocorridas na semana passada em vários países da área, muito pouco mudou na América Central. Na tarde da última quarta-feira, em Manágua, na Nicarágua, três homens e uma mulher, armados, pertencentes a um desconhecido movimento denominado Organizações Militares do Povo, invadiram os escritórios de uma empresa financeira de propriedade da família Somoza e, depois de um tiroteio com soldados da Guarda Nacional, detiveram um grupo de funcionários da agência como reféns. Até a madrugada de sábado ainda mantinham nove dos quinze reféns e negociavam com as autoridades sua libertação em troca de concessão de asilo na embaixada da Venezuela.

Em El Salvador, ao mesmo tempo, porta-vozes da ativíssima organização esquerdista Forças Armadas de Resistência Nacional anunciavam o "justiçamento" de três personalidades, seqüestradas há meses: dois cidadãos britânicos, os banqueiros Ian Massie e Michael Chatterton, e um nicaraguense, o industrial Ernesto Liebes, cônsul honorário de Israel em Manágua. Enfim, o ciclo de violência da semana passada encerrou-se com um sangrento atentado, desta vez de diferente coloração política, na Guatemala. Na tarde de quinta-feira, um grupo de pistoleiros matou a rajadas de metralhadora o advogado e professor universitário Manuel Colón Argueta, de 44 anos, dirigente máximo da esquerda moderada guatemalteca.



Guerrilheiros curdos: nova erupção de uma antiga luta autonomista

IRÃ

Outra revolta

Os curdos se levantam contra o ayatollah

Foi um dia singular. Na quinta-feira passada, pela primeira vez em 2 500 anos, os iranianos iniciaram os cinco dias de comemoração do *Nowrouz* — o Ano Novo persa — sem um monarca absoluto. Em Teerã, deixando as incertezas políticas e os problemas econômicos de lado, a maioria da população reuniu-se em suas casas para a confraternização do Ano Novo — afinal, uma trégua nos transtornos sem fim de uma revolução que, em seu curso, depôs a monarquia do xá Reza Pahlevi e, agora, pretende instaurar no país, através de um plebiscito marcado para esta sexta-feira, dia 30, uma ainda obscura "república islâmica".

Mas a trégua do *Nowrouz* não vingou na cidade de Sanandaj, no Curdistão iraniano, cerca de 450 quilômetros a oeste de Teerã — onde seus 120 000 habitantes se encontravam em franca rebelião contra o poder central. Ali, a partir de domingo, dia 18, e com apoio maciço da população, guerrilheiros curdos ocuparam o posto de polícia local e a sede do Estado-Maior da região e até o fim da semana passada enfrentavam as tropas governamentais. Os choques já haviam feito, até sábado, pelo menos 170 mortos. E ameaçavam espalhar-se por todo o Curdistão iraniano, onde vivem cerca de 2 milhões de pessoas que, desde o início do século, reivindicam sua autonomia.

DESASTRE — O levante, precipitado pela recusa do novo dirigente religioso local, *ayatollah* Hojjatolislam Safdari,

de continuar fornecendo munições aos guerrilheiros curdos, pode representar um desastre para o atribulado primeiro-ministro Mehdi Bazargan. Ele trouxe de volta o velho fantasma da fragmentação do Irã, país constituído por um mosaico de comunidades, todas, em maior ou menor grau, com velhas aspirações de autonomia. E as tensões entre as minorias étnicas não são pequenas. Ainda duas semanas atrás, por exemplo, uma divergência em torno do nome a ser dado a uma cidade portuária, no norte do país, provocou violentos choques entre forças governamentais e tribos turcas que habitam a região ao longo da fronteira soviética.

Problemas semelhantes já ocorreram entre as tribos baluchis concentradas ao longo da fronteira com o Paquistão e o Afeganistão e entre a comunidade turca do Azerbaijão, que teve efêmera existência como república, entre 1945 e 1946, e cuja lealdade ao governo é considerada essencial para a unidade do Irã.

De qualquer forma, são os curdos — como tem acontecido ao longo da história — que mais desafiam o poder central. Da mesma maneira que no Iraque e na Turquia, onde constituem minorias ciosas de sua própria língua e cultura, os curdos sempre foram um problema para o governo central — e tanto o xá Reza Pahlevi como seu pai, Reza Khan, não hesitaram em esmagar, com rapidez e severidade, manifestações autonomistas. Agora, os curdos iranianos, que participaram da luta para a deposição do xá, acusam o *ayatollah* Khomeini de agir como seus antecessores. Não sem razão. Khomeini já declarou o levante "contra-revolucionário" e, tal como no passado, autorizou que helicópteros da Força Aérea, enviados a Sanandaj, metrassem os insurgentes.

A vantagem Banco Lar.



“Confio sempre meus investimentos a quem sabe administrar.
É lógico que vou continuar no Fundo Lar-157.”

“O Fundo 157 deve ser um investimento lucrativo. Tem que valorizar o dinheiro que aplico.
É por isso que confio no Fundo Lar-157, agora código 493. Os números mostram que apliquei certo.”

Fundo Lar-157	Código 493	Rentabilidade Acumulada 1973/1978 01/01/73 a 31/12/78	Rentabilidades Anuais					Rentabilidade em 1978
			1973	1974	1975	1976	1977	
		237,05%	(4,79)	(13,81)	35,13	43,77	48,10	42,98

- Rendimentos distribuídos aos quotistas: em 1973: 6,48% em novas quotas; em 1978: 0,841% em quotas - dividendos.
- Taxa média de administração no 2º semestre de 1978 (calculada sobre o patrimônio líquido médio do Fundo, no mesmo período): 1,98%.
- Montante dos encargos e das despesas debitado ao Fundo no 2º semestre de 1978 (exclusive despesas de administração), calculado sobre o patrimônio líquido médio no mesmo período: 0,99%.
- As variações negativas estão apresentadas entre parênteses.

“O Fundo Lar-157 me mantém informado sobre a posição da carteira, a valorização das cotas e as datas de resgate. Eu sei que estou ganhando dinheiro.”

“A qualidade do meu investimento no Fundo Lar-157 é garantida por profissionais de elevado padrão técnico, apoiados em sofisticado sistema de processamento de dados, único no Brasil, para a seleção de títulos.”

“A verdade é que, em 1978, o Fundo Lar-157 foi um dos únicos que valorizaram suas cotas acima da inflação.”

Banco Lar



Invista também no Fundo Lar-157. Basta colocar o código 493 diante do item 47 da sua Declaração de Renda. Sua opção é garantida por lei, ainda que sua declaração seja entregue em outro banco. Lembre-se: o código de qualidade é

493

Banco Lar Brasileiro S.A.

Associado ao The Chase Manhattan Bank, N.A. Com a participação do Deutsch-Südamerikanische Bank AG.

Todos contra

Ninguém quer que o novo gabinete dê certo

Os democrata-cristãos o chamam de "governo eleitoral". Os comunistas, de *tripartido sporco* ou "tripartido sujo". E os socialistas de *governetto*, ou seja, "governinho". Não foi com muito respeito que se recebeu, na última quarta-feira, o novo gabinete italiano, o quinto já presidido pelo habilíssimo primeiro-ministro Giulio Andreotti, depois de ter sido apresentado ao presidente da República, Sandro Pertini. Teoricamente, encerraram-se dois meses de crises políticas — iniciadas, justamente, com a queda do quarto governo Andreotti. Na verdade, porém, o novo governo, formado por democrata-cristãos, social-democratas e republicanos, não tem possibilidade de sobreviver com a oposição parlamentar já declarada de comunistas e socialistas. O mais curioso



Andreotti e Berlinguer: a DC e o PCI querem eleições gerais

so da atual situação é que todos os partidos italianos, inclusive a majoritária Democracia Cristã, esperam e desejam que o governo seja rejeitado pelo Parlamento — o que provocará eleições gerais antecipadas na Itália. Como se chegou a isso? É preciso recapitular. Em janeiro passado, o Partido Comunista (PCI) provocou a queda de Andreotti, acusando a Democracia Cristã de não cumprir os acordos pelos quais comunistas, socialistas, republicanos e social-democratas apoiaram, sem dele participar, num governo democrata-cristão. Como condição para continuar integrando a maioria parlamentar, o PCI exigia a inclusão de ministros comunistas no gabinete, o que era inaceitável para a DC.

AUTOBOICOTE — Andreotti, então, renunciou. E começou uma ciranda de manobras pouco usual mesmo para a

Itália. Primeiro, o presidente deu ao próprio Andreotti o encargo de formar um novo gabinete. Este esbarrou de novo na exigência comunista e renunciou. Usando de sua prerrogativa de não confiar necessariamente o cargo de primeiro-ministro ao partido com maioria relativa no Parlamento, o presidente, num lance inédito, propôs então a tarefa ao líder do minúsculo Partido Republicano, Ugo La Malfa. Ainda uma vez, não deu certo. Enfim, quando todos esperavam a dissolução do Parlamento, Pertini tentou uma última cartada, chamando ao Palácio do

Quirinale uma vez mais Andreotti, acompanhado de La Malfa e do ex-presidente Giuseppe Saragat, presidente do Partido Social-Democrata — e conseguiu o *governetto*.

Aí começou o mais interessante. A DC, curiosamente, passou a boicotar o governo liderado por ela própria. Para começar, Andreotti, forçado a dar lugar no gabinete aos novos aliados, dispensou justamente os dois ministros considerados mais competentes do governo anterior — os da Indústria, Romano Prodi, e do Comércio Exterior, Rinaldo Ossola —, e com isso causou grande irritação dentro do partido. Melhor para todos.

Assim, o novo governo morre logo — desejo secreto dos principais líderes partidários. A verdade é que, mesmo que o *governetto* venha a ser aprovado no Parlamento — hipótese possível, se os deputados neofascistas votarem a

seu favor —, ele não terá vida longa. Andreotti já confidenciou que, em tal hipótese, renunciará novamente, revelando o que toda a Itália já sabe: a DC quer, mesmo, eleições.

SITUAÇÃO DELICADA — Ocorre que são poucos os que não querem as eleições. Em público, todos os políticos declaram o contrário. Mas o fato é que, com difíceis congressos marcados para breve, tanto a DC como o PCI talvez prefiram esvaziá-los, lançando-se em campanhas eleitorais. A DC está convencida de que avançará em relação ao

PCI. E os comunistas, mesmo prevenidos a perda de alguma coisa em relação aos 34,4% dos votos obtidos em 1976, preferem eleições agora do que dentro de seis meses ou um ano, quando suas dificuldades seriam ainda maiores. Os socialistas, enfim, torcem para que as eleições nacionais coincidam com as eleições para o Parlamento Europeu, as primeiras a serem realizadas de forma direta, dia 10 de junho, calculando que possam vir a beneficiar-se da prevista expansão socialista no âmbito europeu.

A situação mais delicada, de todo modo, é a dos comunistas. Seu XV Congresso começa nesta sexta-feira, devendo discutir 91 teses que reafirmam com entusiasmo as opções ocidentais e européias do partido e seu distanciamento de Moscou. Mas não se sabe até que ponto o PCI passará incólume pelo congresso. Inúmeros sinais de inquietação apareceram nas bases, durante a discussão das teses nas 12 769 seções do partido em todo o país — e, sem dúvida, acomodá-los será um desafio para o experiente secretário geral Enrico Berlinguer. Há uma clara preocupação pela perda de militantes — hoje há quase 25 000 membros menos do que o recorde de 1 814 000 atingido em 1976. E nota-se uma forte tendência entre os militantes para a retomada do caminho de uma oposição aberta, que o partido virtualmente abandonou há três anos. ●

Novidade! Com a churrasqueira Girispeto automático quem se vira é o espeto. Não você.



Todo mundo gosta de churrasco. O difícil é arrumar o churrasqueiro. Porque ficar girando o espeto o tempo todo não é fácil.

Com Girispeto Automático esse problema não existe mais. Porque Girispeto é uma ótima churrasqueira e com uma vantagem sensacional: o espeto fica girando sozinho, até as carnes ficarem como você gosta.

Micromotor de alta rotação, movido a pilha comum, a churrasqueira Girispeto pesa apenas 5 kg, tem braseiro para carvão e grelha em aço esmaltado e tripé em tubos de aço galvanizado. O espeto é cromado, tem cabo protetor antitêrmico e cabeçote frontal em alumínio. Com uma pilha comum, o Girispeto fica virando até cerca de 6 horas.

Preencha o cupom, convide os amigos e comece a se preparar para o seu melhor e mais tranquilo churrasco.

Oferta de Lançamento: **1.550,00.**

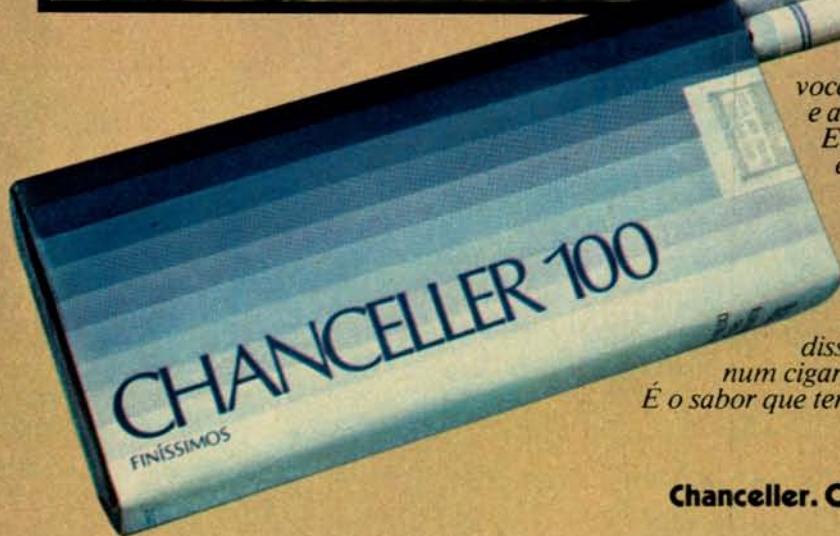
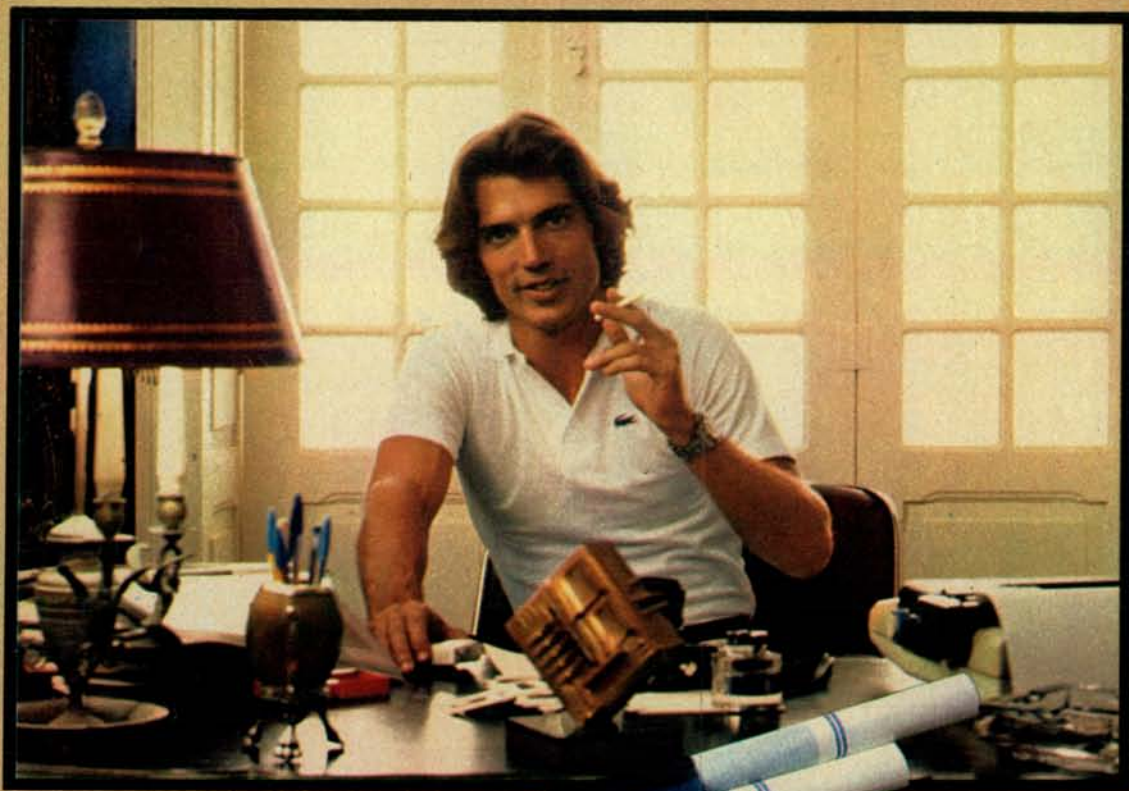


Aproveite esta oferta.
Faça seu pedido e pague com seu Cartão de Crédito: Credicard, Dinners e Passaporte ou envie cheque nominal para a Tarefa Marketing e Comércio Ltda. no valor de sua compra. Caixa Postal nº 99 - São Paulo, Capital.

Tarefa
MARKETING E COMÉRCIO LTDA.
Al. Gabriel Monteiro da Silva, 355
Fones: 280-4610 - 280-9043
852-9779 e 853-6924
CEP 01441 - São Paulo - SP

☐ Girispeto Automático. ^{v-1} ☐ Cheque nominal N°
☐ Cartão de Crédito N°
☐ Credicard ☐ Dinners ☐ Passaporte
Nome
Endereço Telefone
Bairro
Cidade CEP
Estado
Ass

O importante é o conteúdo.



*Chancellor
você fuma todos os dias
e a qualquer hora.
Ele sempre tem um sabor
extremamente gostoso.
E sendo tão moderno
e elegante, vai bem com
carros estrangeiros,
planadores, cavalos de
raça. etc. Mas você
talvez já esteja cansado
disso tudo. Afinal, o importante
num cigarro não é o que tem por fora.
É o sabor que tem por dentro.*

Chancellor. O único fino que satisfaz.



Kruschev em sua "dacha": indignação contra os sucessores no Kremlin

HISTÓRIA

Kruschev revisitado

*Os últimos anos do falecido
líder soviético, segundo uma reconstituição
do historiador Roy Medvedev*

Em fins de 1964, o orientador de uma escola em Moscou perguntou a um de seus alunos como estava passando seu avô. "Vovô chora o tempo todo", respondeu o aluno. "Vovô" era Nikita Sergeyevich Krushchev — o homem que, no dia 14 de outubro daquele mesmo ano, tinha sido levado por uma escolta armada de seu retiro no mar Negro a Moscou, para tornar-se o primeiro chefe de governo e do Partido Comunista soviético a ser despojado de seus poderes e forçado a viver o resto de seus anos como um simples funcionário

aposentado. O choque foi traumático. Durante semanas, o antigo líder não fez senão permanecer numa cadeira de balanço, em completo desalento — e, frequentemente, com lágrimas nos olhos.

Episódios como esse constam de um ensaio escrito recentemente pelo historiador soviético dissidente Roy Medvedev. O ensaio, de catorze páginas datilografadas, e fundamentado em longas conversas com parentes e amigos de Krushchev, vem sendo distribuído clandestinamente em Moscou em cópias de carbono. E se trata do primeiro levanta-

mento conhecido feito na União Soviética a respeito dos problemas psicológicos e humanos que Krushchev enfrentou até sua morte, em 1971. Intitulado "O Ditador Aposentado", o trabalho de Medvedev também deixa entrever, por sua amarga descrição dos últimos anos de Krushchev, as razões por que o já combalido Leonid Brejnev, de 72 anos, até agora não demonstrou o menor interesse na perspectiva de uma aposentadoria.

ERRO FATAL — O relato de Medvedev começa com o golpe de 1964. Ele lembra que, na véspera da queda de Krushchev, os soviéticos misteriosamente suspenderam uma missão espacial. "Os comandantes do voo não entenderam nada", escreve Medvedev. "Eles telefonaram então para o retiro de Krushchev no mar Negro, onde o líder costumava passar grande parte do seu tempo, mas ninguém atendeu. Também não conseguiram ligação com o Kremlin. Todos os telefones dos órgãos governamentais estavam bloqueados. Só horas depois os cosmonautas foram chamados ao telefone (e congratulados) por Leonid Brejnev — então ocupando o posto, na época decorativo, de presidente da URSS. Quando perguntaram por Krushchev, Brejnev inicialmente não respondeu nada. Mas, depois, disse: 'Ele está fora'. Krushchev, na verdade, estava em Moscou — para participar de uma rodada de reuniões de emergência do Politburo e do plenum do Comitê Central, convocadas sem seu conhecimento."

Foram estas as reuniões que engendraram a "renúncia" de Krushchev. Ele foi arrancado de seu retiro no mar Negro e levado a Moscou para delas participar. Ao final dos trabalhos, o Kremlin alegou a "idade avançada" e o "agravamento do estado de saúde" de Krushchev para justificar sua saída. Brejnev tornou-se então o líder do Partido Comunista, e Alexei Kossigin o primeiro-ministro. Um relatório de 19 pontos, lido pelo ideólogo do partido, Mikhail Suslov, não deixou, porém, de acusar Krushchev de negligência, culto à personalidade e diversos outros pecados. Nos angustiantes dias seguintes, de acordo com Medvedev, Krushchev concluiu que um grande erro tático provocara sua queda. Em seu retiro, ressalta Medvedev, ele lamentou profundamente ter transferido em 1958, para o Casaquistão, o antigo chefe da KGB, a polícia secreta soviética, general do Exército Ivan Serov.

PENSÃO REDUZIDA — Por que teria

Kruschev chegou à conclusão de que o afastamento de Serov fora um erro? Responde Medvedev: "Serov era pessoalmente leal a Krushev e estava sempre pronto para executar qualquer ordem sua". Foi Serov, por exemplo, quem ajudou a salvar Krushev de uma tentativa de golpe, em 1957. Mas Serov estava implicado nos crimes stalinistas que, na época, Krushev se empenhava em denunciar. Ele teve, portanto, de demiti-lo. E o pior é que, para seu lugar, na chefia da KGB, Krushev acabou nomeando o ambicioso líder da Juventude Comunista, Alexander Shelepin. Com isso, o então líder incontestado da URSS acabou cavando seu próprio túmulo. Pois, na crise de 1964, Shelepin alinhou-se contra Krushev e sua posição foi decisiva para que a luta interna no Kremlin tivesse o fim que teve. Foi tão importante o papel de Shelepin que, pouco depois, ele já recebia sua recompensa, ao ser nomeado para o Politburo de Brejnev/Kossigin.

Uma vez superado o choque inicial de seu afastamento do poder, Krushev viveu momentos de revolta. Uma pensão de 1 200 rublos por mês (equivalente a 25 000 cruzeiros, hoje) foi providenciada para ele. "Brejnev telefonou a Krushev, pedindo-lhe que comparecesse ao Comitê Central, para discutir questões de logística", diz Medvedev. "Mas Krushev estava indignado e não quis conversar com nenhum dos novos líderes. Ele se recusou terminantemente a ir a Moscou. Como consequência, as decisões sobre suas acomodações foram canceladas e sua pensão drasticamente reduzida. Krushev terminaria recebendo apenas 400 rublos por mês, o equivalente ao salário de diretor de uma fábrica de tamanho médio.

MIRACULOSOS TOMATES — O antigo líder soviético, sua esposa Nina Petrovna e seus guarda-costas foram alojados em Petrovo-Dalneye, pouco mais de 20 quilômetros a oeste de Moscou, numa *dacha* modesta, edificada ao centro de um terreno de razoável tamanho. O ainda enérgico Krushev passou então a testar teorias agrícolas em seu jardim. Por algum tempo, ele se apaixonou por certas técnicas de cultivo de plantas fora do solo, em soluções minerais — e chegou a encomendar barris especiais

para suas experiências. Logo conseguiu, sempre se levantando diligentemente às 4 da manhã, cultivar 200 miraculosos tomates, que pesavam cerca de 1 quilo, cada. "Por infelicidade geológicas prematuras acabaram atingindo os tomates e o velho dirigente ficou profundamente sentido com esta catástrofe", observa Medvedev.

Os Krushev também receberam um apartamento no centro de Moscou, em Starokonyushenny Pereulok, próximo à embaixada do Canadá. Nina frequentemente usava o apartamento quando ia à capital para fazer compras, mas o marido preferia continuar no campo. Só raramente Krushev ia a Moscou. Nessas ocasiões, tinha breves encontros com correspondentes estrangeiros. Não demonstrava, então, senão uma sombra da esfuziante personalidade de outrora.



Medvedev: ênfase na luta anti-stalinista

OUVINDO A BBC — Em sua *dacha*, Krushev sofreu algumas humilhações. Durante um de seus passeios, ele censurou os trabalhadores de uma fazenda coletiva próxima por seus "métodos errados". Medvedev relata o incidente: "Os camponeses inicialmente ficaram intimidados com a severidade das críticas. Mas, em seguida, reagiram rudemente a Krushev, dizendo que ele já não era o chefe do governo e, portanto, não tinha nada que se meter na vida dos outros. 'Sabemos muito bem o que fazer', disseram. Krushev por muito tempo se mostrou abalado com este episódio".

Para ajudar a preencher seus dias, ele passou a dedicar-se também à fotografia e, de acordo com Medvedev, "produziu excelentes fotos de campos nevados, árvores e pássaros". Outro de seus

hábitos era ouvir os noticiários da Voz da América e da BBC, para informar-se do que ocorria no exterior — algo que não deixa de soar irônico, no homem que certa vez ameaçou "sepultar o ocidente". De qualquer forma, esta não foi a única reviravolta da fase final da vida de Krushev. Nesses anos, ele se aproximaria de pessoas — especialmente do setor artístico — que antes encarava com desconfiança.

Krushev permitira o degelo literário pós-stalinista, e autorizara a publicação do livro "Um Dia na Vida de Ivan Denisovich", de Alexandre Soljenitsin. Mesmo assim, em discussões com artistas de tendências liberais, costumava adverti-los contra vôos mais altos. Em 1962, por exemplo, ele denunciou as "nauseantes misturas de estilo" de Ernst Neizvestny, um escultor moderno. Na mesma época, também reclamou do poeta Yevgeny Yevtushenko uma obediência maior à linha oficial. Quando Krushev estava fora do poder, porém, essas discussões foram esquecidas. Tanto Neizvestny como Yevtushenko visitaram Krushev e tiveram com ele longas conversas em sua *dacha*, revela Medvedev. E Neizvestny terminaria produzindo o busto que hoje adorna a sepultura de Krushev em Moscou.

NEWSWEEK

DE GAULLE E A RAINHA — "Os primeiros dois anos de retiro foram os mais difíceis para Krushev", diz Medvedev. Mais tarde, ele ocasionalmente apareceria em Moscou, em teatros ou galerias de arte. Por essa mesma época, também começou a ler intensamente. Mas nunca demonstrou interesse, por exemplo, por Boris Pasternak, o autor de "Doutor Jivago" — escritor que em 1958 foi escolhido para o Prêmio Nobel mas não pôde recebê-lo porque Krushev não o deixou sair da URSS. Krushev leu, isso sim, um dos poucos exemplares disponíveis na URSS de "O Primeiro Círculo", de Soljenitsin. Mas não gostou. Ele comentou, segundo Medvedev, que nunca teria autorizado a publicação daquele romance.

"Krushev jamais pensou em voltar ao poder", observa Medvedev. "E sua queda foi aceita com surpreendente naturalidade no país — pode-se mesmo dizer, até com certo alívio." Mas ele jamais conseguiu perdoar a atitude de



Jóias H. Stern.
Sucesso no Rio, em Paris,
New York,
São Paulo, Frankfurt...



Matriz - Rio de Janeiro:
Av. Rio Branco, 177
Av. Atlântica, 1782
Rua Santo Afonso, 445
Rua Visconde de Pirajá, 207
Galeria do Hotel Nacional
Aeroporto Internacional
Aeroporto Santos Dumont

Brasília:
Conjunto Nacional Brasília
Hotel Nacional

São Paulo:
Praça da República, 242
Rua Augusta, 2540
Shopping Center Ibirapuera
Shopping Center Iguatemi

Santos:
Parque Balneário Center

Londrina:
Praça 7 de Setembro, 146

Manaus:
Aeroporto Internacional
Shopping Center Tropical Hotel

Salvador:
Aeroporto Internacional
Hotel Meridien
Bahia Othon Palace Hotel

Foz do Iguaçu:
Aeroporto Internacional
Hotel das Cataratas

150 lojas em todo o mundo.

New York St. Thomas (V.I.) • Paris Lisboa Algarve Madeira Frankfurt Düsseldorf Tel Aviv
Jerusalem • Asunción Bogotá Buenos Aires Caracas Cartagena Lima Montevideo Quito Santiago



O túmulo de Krushev: um dos mais visitados

CAMERA PRESS

seus ex-subordinados. Nenhum importante funcionário do governo jamais visitou Krushev em sua *dacha* de aposentado, informa Medvedev. Quando completou 75 anos, em 1969, ele recebeu cumprimentos do general Charles De Gaulle e da rainha Elizabeth II — mas nenhuma mensagem lhe foi enviada pelo Kremlin.

Pouco a pouco, Krushev começou a falar de política no círculo mais íntimo de amigos e parentes. Ele manifestou, por exemplo, seu desacordo com o julgamento, em 1966, dos escritores dissidentes Andrei Sinyavsky e Yuli Daniel, condenados à prisão por “difamações anti-soviéticas”. E também “acompanhou com simpatia”, segundo Medvedev, as primeiras manifestações do movimento dissidente, surgidas à época desse julgamento. Por outro lado, ele considerava a filha de Stálin, Svetlana Alliluyeva, hoje vivendo nos Estados Unidos, tanto uma comunista leal como uma amiga pessoal, apesar dos crimes de seu pai. E recusou-se a acreditar nas informações sobre sua fuga para o ocidente, em 1967, até ter ouvido a notícia na Voz da América.

CHECOS E HÚNGAROS — “Krushev desaprovou firmemente a invasão da Checoslováquia pela União Soviética em 1968”, ressalta também Medvedev. “Tudo poderia ter sido feito de outra maneira”, disse ele a amigos. “Foi um grande erro.” Mas como um erro, se ele próprio comandara uma operação muito semelhante, em 1956, mandando os tanques russos esmagarem a revolta na Hungria? Quando, certa vez, um amigo levantou esse ponto, Krushev ficou muito irritado. E respondeu que, na Hungria, “queriam tomar o poder dos comunistas”, enquanto na Checoslováquia “os comunistas estavam firmemente no poder”.

Medvedev não nutre ilusões sobre os pontos menos recomendáveis da biogra-

ria de Krushev, especialmente seu papel na condução da sangrenta repressão na Ucrânia, nos tempos do stalinismo. Mas, em seu retrato geralmente afetuoso, o historiador prefere ressaltar a importância histórica da campanha de desestalinização conduzida por Krushev após 1953. Já os sucessores de Krushev não foram tão condescendentes com ele. Depois da publicação do primeiro volume de suas memórias no ocidente, em 1970, Krushev sentiu-se ultrajado com a atitude de Andrei Kirilenko, um protegido de longa data, hoje visto como um dos prováveis sucessores de Brejnev. Kirilenko chamou Krushev ao Kremlin para discutir a publicação de suas memórias. E, a certa altura, disse a seu antigo chefe: “Você ainda desfruta de uma situação financeira muito boa”. Era uma ameaça. Se Krushev vivia às expensas do Estado, ele que não tratasse de desafiá-lo. Mas Krushev reagiu à altura. “Bem, você pode tomar minha *dacha* e minha pensão”, respondeu ele, irritado. “Eu estenderia a mão a meus camponeses, em busca de ajuda, e eles certamente me darão alguma coisa. Mas não darão nada a você, se tiver que esmolar algum dia.”

Apesar das pressões posteriores do Kremlin, exercidas através de Arvid Pelshe, membro do Politburo, Krushev recusou-se a negar a autoria de suas memórias. Ele concordou apenas em declarar que nunca aprovara seu envio para publicação no ocidente. Krushev deixaria o encontro com Pelshe com a mão apertando fortemente o peito. Pouco depois, no dia 11 de setembro de 1971, ele morreria de um ataque do coração. Krushev não foi esquecido, de qualquer forma. “Há em Moscou três sepulturas muito visitadas pelos soviéticos, que todos os dias nelas depositam buquês de flores”, conclui Medvedev. “Uma é o mausoléu de Lênin, na praça Vermelha. A segunda é o túmulo de Stálin, perto da muralha do Kremlin. E a terceira, no cemitério de Novodevichy, é o túmulo de Krushev, encimado pelo monumento de Neizvestny.”

O “jeitinho” chinês

A lista de hábitos reabilitados na China na esteira do programa liberalizante do vice-primeiro-ministro Teng Hsiao-ping revela-se inesgotável. Depois da volta dos exames escolares, dos reajustes salariais, do namoro, dos bailes e até do uso do batom, é a velha prática do suborno que faz sua reaparição na burocracia chinesa. Empresários estrangeiros que visitaram Pequim recentemente relatam pedidos pouco convencionais de seus interlocutores nativos. Ao representante de uma empresa aérea americana, por exemplo, foi sugerido que trouxesse uma garrafa de brandy em sua próxima viagem — “marca Remy Martin, por favor”. O diretor de uma indústria europeia, por sua vez, foi visto aterrissando em Pequim com seu jato particular abarrotado de aparelhos de televisão. E há ainda o caso de um advogado de Hong-Kong que, durante as negociações para a instalação de uma fábrica, foi abordado por um sussurrante tecnocrata. “Ouvi dizer”, afirmou o chinês, “que em Hong-Kong se vendem cópias do filme Deep Throat (um clássico do cinema pornográfico americano). Será que você me arranjará uma?”

Traços sobre o xá

As autoridades do Irã já escolheram um modelo para as novas notas do rial, a moeda iraniana. No lugar do deposto xá Reza Pahlevi, as cédulas trarão uma gravura representando o povo persa. Há um problema, porém: as notas ainda demorarão algum tempo para entrar em circulação. A solução encontrada foi continuar com as antigas, mas com uma novidade: nelas, a efígie do xá será coberta por traços diagonais.



As notas novas e as reformadas



Os fios e cabos Pirelli transportam a luz e a palavra melhorando a vida das pessoas.

A luz, a palavra e a vida.

PIRELLI
50 ANOS
Divisão Cabos: a luz e a palavra

Faça uma declaração de amor. Ao seu dinheiro.

Fundo Bamerindus 157

Neste ano, ao preencher a declaração de rendimentos, você escolhe o Fundo 157 no qual deseja aplicar o seu dinheiro. No item 48 do formulário verde, ou no item 50 do formulário azul, escreva o número 175. Só assim você terá um atendimento caprichado e aplicará no FUNDO BAME-
RINDUS 157. Isso significa: toda a orientação na

hora de preencher a sua declaração de renda e contar com equipe de profissionais altamente capacitados que conhecem a melhor forma de aplicar o seu dinheiro. E você vai participar dos lucros das maiores empresas do País. Declare-se, com todo amor, ao seu dinheiro. Ele merece. Entre para o FUNDO BAME-
RINDUS 157.

Evolução do Fundo Bamerindus 157 nos últimos anos.

Mês/Ano	Rent. Exercício	Inversão Efetuada há	Rent. Acumulada	Cota	Patrimônio Líquido	Nº Cotas	Nº Cotistas
DEZ/73	(8,14)	6 anos	174,05	2,21	27.348.286	12.374.345	80.153
DEZ/74	1,36	5 anos	196,38	2,24	48.166.722	21.490.182	104.267
DEZ/75	31,70	4 anos	192,41	2,95	112.051.721	37.935.037	163.095
DEZ/76	23,78	3 anos	122,03	3,65	191.864.216	52.568.472	194.618
DEZ/77	42,19	2 anos	79,45	5,19	366.378.328	70.587.472	215.188
DEZ/78	26,20	1 ano	26,59	6,57	527.232.565	80.491.756	237.109

O número é 175

BAMERINDUS





Os perigos que ameaçam o prédio da Santa Casa

Cidades

OURO PRETO

Novas cicatrizes

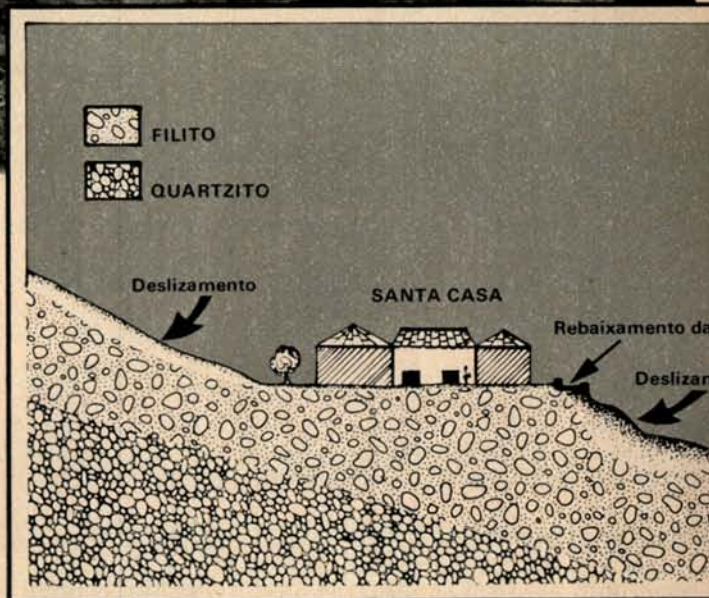
Nunca os deslizamentos assustaram tanto

Embora ao preço de algumas marcas e cicatrizes, Ouro Preto, a mais famosa das cidades históricas mineiras, tem conseguido resistir às agressões causadas por fatores ambientais, pelo descaso da maioria de seus habitantes e de alguns dos turistas que a procuram. Nunca, porém, a "Cidade Monumento Nacional" — assim oficialmente declarada em 1933, pelo então presidente Getúlio Vargas — enfrentou um inimigo tão poderoso como os deslizamentos de terra que começaram no dia 2 de fevereiro deste ano, após um período de 35 dias de chuvas torrenciais. Nessa data, desprenderam-se dos morros da Queimada e da Piedade, na entrada da cidade, a menos de 1 quilômetro do centro, as primeiras grandes massas de terra que acabariam provocando o trincamento de ruas e o desabamento de casas. O cemitério da Igreja de São José foi parcialmente destruído. Os muros de pedra que servem de

arrimo aos pátios das igrejas de São Francisco de Assis e das Mercês de Cima arriaram mais de 3 metros. Ainda mais grave, no entanto, é a situação do imponente prédio que hoje abriga a Santa Casa de Misericórdia — o único hospital da cidade.

Construído sobre uma encosta na entrada de Ouro Preto, a princípio para servir de sede para a Escola de Aprendizes Militares, o edifício corre o risco de deslizar morro abaixo, caso se repitam os movimentos de terra ocorridos no início de fevereiro na área ao redor. Nesse caso, além da forçosa interrupção do atendimento hospitalar na cidade, certamente se deveria contabilizar na já vasta coluna de prejuízos do acervo histórico brasileiro a derrubada do chafariz e da Casa dos Contos (hoje Museu da Moeda), ambos situados no mesmo morro, pouco abaixo da Santa Casa, e que forçosamente seriam atropelados no desabamento.

GENEROSIDADE — Passadas as chu-



vas — e o susto inicial —, Ouro Preto começaria a receber os primeiros sinais de solidariedade, por sinal proporcionais à gravidade da situação. Com efeito, nunca a cidade foi tão generosamente socorrida. Em menos de um mês, jorraram recursos de fontes tão variadas como o Ministério da Educação e Cultura, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que destinou 5 milhões de cruzeiros para o início dos trabalhos de contenção de encostas, a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur), que acudiu com 22 milhões de cruzeiros, e a Secretaria de Planejamento da Presidência da República, com 12 milhões. Até a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sensibilizou-se com a situação, submetendo à escolha do IPHAN

uma lista com os nomes de quatro renomados especialistas mundiais, dos quais um será enviado ao Brasil para supervisionar as obras.

Mas, se a intensidade dos deslocamentos surpreendeu, as causas dos deslizamentos já são sobejamente conhecidas dos especialistas. Na realidade, pequenos deslizamentos de terra sempre foram uma constante em Ouro Preto, motivados em sua maioria pela formação geológica do solo — onde predominam rochas desagregáveis, como os chamados filitos, itabiritos e quartzitos friáveis. Sob a ação das águas — exemplifica o professor A. J. da Costa Nunes, presidente da Tecnosolo, firma especializada em estabilização de encostas —, essas rochas perdem radicalmente a sua resistência. A topografia da região — com desníveis consideráveis — também colaboraria sobremaneira para a ocorrência dos deslizamentos. E outro fator da instabilidade do terreno seria a grande quantidade de cavernas perfuradas para a extração do ouro, que serpenteiam debaixo de toda Ouro Preto. Com efeito, apenas na área do morro da Queimada, palco de intensa mineração no passado, já foram catalogadas 380 dessas entradas de minas.

PRECAUÇÃO — Criada no Brasil por uma equipe chefiada pelo próprio professor Costa Nunes, a tecnologia a ser aplicada para reparar e prevenir futuros danos consiste em associar a drenagem e a impermeabilização das encostas a forças de contenção, proporcionadas por tirantes de aço que sustentam o terreno, tornando-o resistente aos esforços que originam os escorregamentos. No caso de Ouro Preto, os tirantes, segundo os cálculos, deverão suportar um máximo de 17,5 toneladas, mas, por medida de precaução, estão sendo testados para suportar uma carga de até 30 toneladas. Associados a essas forças de contenção, atuam drenos de 12 a 14 metros.

A circunstância de as construções de Ouro Preto serem extremamente valiosas do ponto de vista histórico exige preocupações especiais para assegurar sua estabilidade, sem agredir-lhes o estilo. Assim, as obras da recuperação serão, na medida do possível, subterrâneas. Mesmo assim, o diretor regional do IPHAN, Roberto Lacerda, não acredita que a cidade fique inteiramente livre de novas cicatrizes. Lacerda, porém, consola-se com o fato de que "todas as cidades têm suas marcas, e Ouro Preto, infelizmente, não poderá fugir à regra".



Viaduto da Sé: poluição visual, descaso pelo casario colonial

SALVADOR

Fotoanálise

O fotógrafo é o prefeito que está assumindo

É regra geralmente seguida por quem se prepara para assumir um cargo público confinar-se em gabinetes, cercado de assessores e em meio a montanhas de documentos, para estudar os problemas a enfrentar e formular projetos que pretende desenvolver. O novo prefeito de Salvador, Mário Kertesz, 34 anos, formado em administração de empresas, não escapou a essa fórmula. Só que, de maneira mais inovadora, foi além disso: salpicando a roupa de lama



Praia de Ondina: montes de lixo



Jardim Cruzeiro, na Cidade Baixa: com qualquer chuva, enchente

O que há de melhor em vinhos do Chile

Todos esses produtos são da Samarte, única importadora especializada em vinhos chilenos. Com escritório no Chile, a Samarte acompanha os produtores desde a colheita das uvas. Dentre os caldos para exportação, seleciona os melhores para o Brasil, acompanha o engarrafamento e chega à sofisticação de indicar a localização que os containers devem ocupar no navio para que os vinhos sofram menos variações térmicas. Seu depósito em São Paulo é ideal para que a guarda mantenha as qualidades originais do vinho.



Importante.

Tabela de Fretes.

(Custo fixo por pedido, para qualquer quantidade de caixas. Assim, quanto mais caixas você pedir menor será o frete por caixa.)

São Paulo e Grande São Paulo - Cr\$

Interior de São Paulo -

Rio de Janeiro -

R. G. Sul - S. Catarina -

Paraná - M. Gerais -

E. Santo - Goiás - Brasília. Cr\$ 200,00

Demais Estados - Cr\$ 270,00

Obs. Todas as caixas contêm 12 garrafas.



Curimon
Um produto da vinha Maximiano, considerada a mais artesanal do Chile pelo microcuidado que é tomado com a qualidade. Um ótimo vinho. Tinto e Branco.
Caixa Cr\$ 1.460,00 (+ frete).

Maximiano.
O melhor vinho da América do Sul, na opinião de vários enólogos. Um vinho tão nobre como os melhores europeus. Tinto e Branco.
Caixa Cr\$ 1.870,00 (+ frete).

Don Armando.
O vinho Don Armando é o resultado do envelhecimento perfeito de bem cuidadas uvas que formam as melhores castas do Chile. O Clarete é um vinho muito versátil, que pode ser tomado gelado, acompanhando qualquer tipo de prato. Tinto. Branco. Clarete.
Caixa Cr\$ 1.220,00 (+ frete).

De Eyzaguirre.
Leve, delgado, espessura ideal para nosso clima. O cuidado rigoroso vai da produção à maravilhosa embalagem, que o protege dos raios solares. Agora estamos lançando o De Eyzaguirre Branco. Tinto e Branco.
Caixa Cr\$ 1.635,00 (+ frete).

Don Lorenzo'69.
Reserva pessoal de um grande vinicultor. Um vinho chileno envelhecido por 10 anos, com uma apresentação requintada. Tinto.
Caixa Cr\$ 1.900,00 (+ frete).

Pisco Control.
Destilado de vinho proveniente de uma região delimitada que inclui o Norte do Chile e o Sul do Peru. Com características muito semelhantes às da vodka, o Pisco tem uma vantagem: além de não deixar resíduos, como as melhores vodkas, tem um bouquet que só pode ser conseguido com uva.
Caixa Cr\$ 1.720,00 (+ frete).

Aproveite esta oferta. Faça seu pedido e pague com seu Cartão de Crédito: Credicard, Diners e Passaporte ou envie cheque nominal para Tarefa Marketing e Comércio Ltda. no valor de sua compra.
Caixa Postal nº 99, São Paulo, Capital

☐ Curimon	☐ Tinto	☐ Branco	Cx.(s) x 1.460,00 = Cr\$	
☐ Maximiano	☐ Tinto	☐ Branco	Cx.(s) x 1.870,00 = Cr\$	
☐ Don Armando	☐ Tinto	☐ Branco	☐ Clarete	Cx.(s) x 1.220,00 = Cr\$
☐ De Eyzaguirre	☐ Tinto	☐ Branco	Cx.(s) x Cr\$ 1.635,00 = Cr\$	
☐ Don Lorenzo' 69	☐ Tinto		Cx.(s) x Cr\$ 1.900,00 = Cr\$	
☐ Pisco Control			Cx.(s) x Cr\$ 1.720,00 = Cr\$	
Nome				
Endereço				
Tel.				
Cidade CEP Est.				
Cheque Nominal N.º ou c. de crédito ☐ Credicard ☐ Diners ☐ Passaporte.				
N.º Total de minha aquisição + frete: Cr\$				
Assinatura				





ARTUR DUARTE

para obter melhores ângulos, suportando o mau cheiro dos monturos, arriscando-se em cruzamentos perigosos, disparou, muitas vezes, sua máquina fotográfica e documentou as condições em que se encontra a cidade que começou a governar na segunda-feira passada.

Suas expedições fotográficas confirmaram o que Kertesz já sa-

Mário Kertesz

bia através de estudos: "Vou gerir o caos". Kertesz hesitou em aceitar o cargo: não queria deixar a coordenação da presidência da Eletrobrás, no Rio, para onde fora levado pelo atual governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães. Refratário a reuniões sociais e a solenidades, Kertesz tem na fotografia um antigo passatempo. Pretende continuar a exercê-lo, inclusive, em tarefas ligadas diretamente às suas novas atribuições, documentando os serviços que venham sendo tocados.

E há muito para ser feito em Salvador. Com 1,5 milhão de habitantes, metade deles com renda familiar abaixo de três salários mínimos, 90% sem acesso à rede de esgotos sanitários e 40% consumindo água não potável, a cidade teve, nos últimos quatro anos, três prefeitos titulares e dois interinos — o que gerou uma total descontinuidade administrativa. Buracos se multiplicam pelas ruas, o lixo se amontoa pelas esquinas — porque a frota que deveria recolhê-lo é a mesma desde 1936 — e o sistema de transporte urbano funciona precariamente. A Prefeitura, atualmente, deve 700 milhões de cruzeiros e gasta 90% dos 110 milhões que arrecada mensalmente em despesas de custeio.

Um dia depois de empossado, o prefeito anunciou algumas medidas "para começar a pôr a casa em ordem". Demitiu 1 600 funcionários considerados dispensáveis, limitou a cota de gasolina para a frota de veículos da Prefeitura e ameaçou encampar as linhas de ônibus que estejam servindo mal à população. Afirmando enfrentar uma situação "de calamidade pública", Kertesz manifestou a VEJA uma esperança: "A de que, ao cabo de minha gestão, eu possa re fotografar uma cidade mais limpa". ●

Trânsito

Pena exemplar

Um julgamento inédito em crime de trânsito

Durante toda tarde de domingo, dia 18 de julho de 1976, o marceneiro Reinaldo João Bueno e dois amigos ziguezaguearam pelas ruas da cidade de Atibaia, a 60 quilômetros de São Paulo, num velho jipe DKW, perturbando o trânsito e assustando os transeuntes. Pouco antes das 21 horas, o jipe desgo-

do sido fixada sua pena em sete anos de reclusão.

A sentença, na opinião do juiz Geraldo Faria Lemos Pinheiro, do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo — que julga crimes de trânsito —, "pode significar o começo de uma mudança radical no tratamento dado a esse tipo de crime no Brasil". A atitude do promotor, do juiz e da população, representada pelo júri, demonstraria, segundo o juiz Pinheiro, que "todos estão interessados em aplicar punições mais rigorosas para os crimes de trânsito, que têm sido tratados pelos juristas até com certa benevolência". Apesar de já se haver discutido muito a teoria de qualificação do homicídio doloso nos julgamentos de acidentes de trânsito, o procedimento ainda é o de que a denúncia seja apreciada por júri singular, ou seja, o próprio juiz, depois de ouvir testemunhas e interrogar o réu, dita a sentença.

A tradição de se considerar o crime de trânsito como culposos baseia-se no consenso de que não há intenção do réu em cometê-lo. No caso de Atibaia, o promotor sustentou a existência do dolo eventual argumentando que o réu, ao dirigir embriagado e perigosamente, assumiu o risco de cometer o crime. O juiz Antônio Juiz de Carvalho Viana, que presidiu os trabalhos do júri, acredita que todas as peças do processo estão contra Bueno, e que seu crime, "gravíssimo", deve inaugurar no Brasil "penas mais rigorosas contra motoristas que impunemente atentam



AGÊNCIA FOLHAS

A pena para Bueno: sete anos de reclusão

vernou-se e, em alta velocidade, subiu numa calçada, atropelando e matando uma menina de 9 anos. O comprovado estado de embriaguez de Bueno e a imprudência com que dirigia foram suficientes para que o promotor Osni de Souza caracterizasse o acidente como homicídio doloso eventual, fugindo da tradição brasileira de se qualificar os crimes de trânsito como culposos — isto é, ocasionados sem a intenção do agente. Em decisão inédita, o juiz Fábio Poças Leitão acolheu a denúncia, levando o réu a julgamento por júri popular. Na segunda-feira passada, ao fim de uma sessão de oito horas, Bueno foi condenado por cinco votos a dois, ten-

contra a vida humana, ao dirigir veículos sem qualquer responsabilidade".

Embora condenado, Bueno foi beneficiado pela chamada "Lei Fleury", que desde novembro de 1973 assegura ao réu primário o direito de recorrer da sentença em liberdade. Seu advogado, José Teixeira Camargo, pretende apelar em grau de recurso ao Tribunal de Justiça de São Paulo. Se o recurso for aceito, deverá ocorrer novo julgamento, quando Teixeira insistirá na tese de desclassificação de crime doloso para culposos. "De qualquer modo", admite o advogado de defesa, "não há chances de absolvição. Apenas pretendo baixar a pena para dois anos." ●

OS PROFISSIONAIS E OS ESTUDANTES TÊM AGORA UM PONTO MUITO IMPORTANTE EM COMUM: A NOVA LINHA HP SÉRIE E.

Para resolver os mais complexos problemas de cálculos uma calculadora não precisa apresentar dificuldades de uso. A nova linha HP Série E está provando isso. Com características de alta qualidade e precisão, ela atende tanto às exigências dos mais competentes profissionais como às necessidades dos estudantes, nas mais diversas áreas.

VISOR DE FÁCIL LEITURA.

Os dígitos e o visor das novas calculadoras HP Série E são maiores e têm um novo desenho, o que permite ler os números em qualquer ângulo de trabalho.

Além disso, elas contam com inserção automática de pontos entre milhares para você nunca confundir 100000 com 1000000.

TESTA VOCÊ. TESTA A SI PRÓPRIA.

As novas HP Série E têm um sistema interno de diagnose que informa: 1) quando você realiza uma operação imprópria; 2) porque a operação é imprópria e 3) se a calculadora não está funcionando normalmente.

PRECISÃO.

Algoritmos melhorados lhe dão confiança de que suas respostas são mais precisas e completas.

RESPONDE ÀS SUAS NECESSIDADES ATRAVÉS DE SUAS QUALIFICAÇÕES.

Para Ciências e Engenharia.

HP - 31E - Científica

HP - 32E - Científica Avançada com Funções Estatísticas

HP - 33E - Científica Programável

Para Administração Comercial e Financeira.

HP - 37E - Financeira para Gerenciamento Comercial

HP - 38E - Financeira Avançada Programável

A HEWLETT-PACKARD É SEM IGUAL.

Nos sistemas lógicos. A Série E usa exclusivamente a lógica RPN, que lhe permite resolver os problemas de forma natural, como você aprendeu.

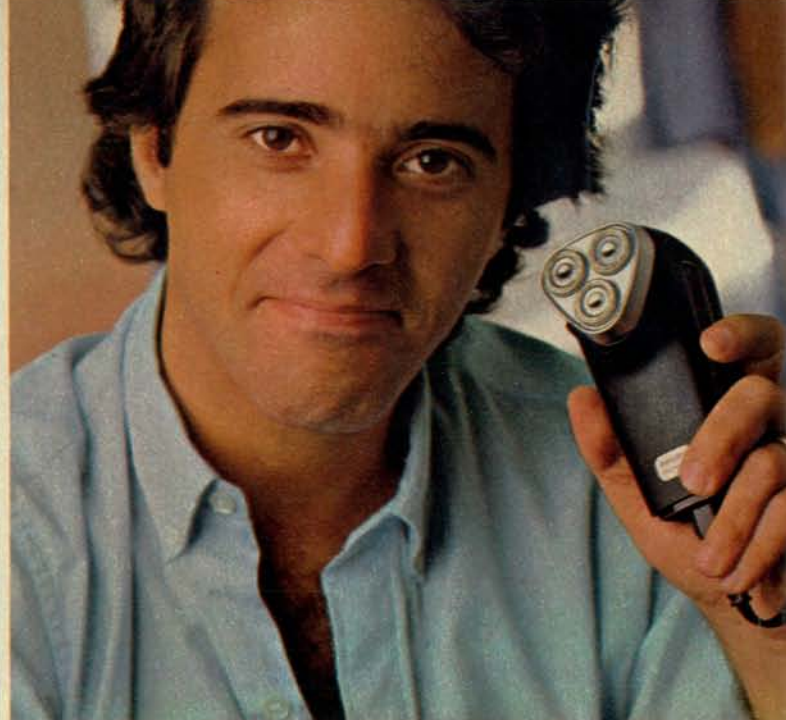
Isto é, pelo caminho mais curto. De uma forma lógica. Sem preocupações com hierarquias complicadas ou parênteses. O sistema RPN significa economia de tempo, já que é o caminho mais simples e rápido entre a questão e a resposta.

NA HP OS OPCIONAIS JÁ VÊM COM A CALCULADORA.

As calculadoras HP Série E têm baterias recarregáveis, luz que indica quando a bateria está com pouca carga, caixa à prova de impactos e teclas com sensibilidade de acionamento. E você ainda pode contar com a assistência técnica Hewlett-Packard em qualquer parte do Brasil. Peça uma demonstração no revendedor HP mais próximo da sua casa sobre a calculadora que vai terminar o curso com você. É que vai ser sua melhor ferramenta de trabalho depois de formado.

HEWLETT  PACKARD

Vendas e serviços em 172 centros em 65 países.



Porque o Tony Ramos e o Nuno Leal Maia usam Philishave.

Tony Ramos usa Philishave porque tem a barba cerrada, difícil de fazer.

Nuno Leal Maia porque tem pele sensível.

Philishave serve tanto para um, como para outro.

Resolve qualquer tipo de problema.

Inclusive aqueles que não têm nada a ver com barba propriamente dita: pressa e comodidade.

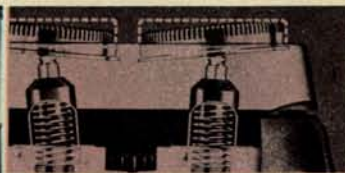
Dê uma chance ao seu rosto.

Use Philishave também.

Philishave corta mais rente porque é o único barbeador elétrico com sistema rotativo. Um seletor com 9 posições adapta o aparelho a todo tipo de pele e de barba.



O Philishave tem 3 cortadores, cada cortador 12 lâminas. Quer dizer: 36 lâminas giram e deixam a pele lisa e macia



Philishave atinge todas as áreas do rosto: cabeças flutuantes se amoldam e massageiam.

Aparador de bigode e costeleta. Exclusividade do Philishave.



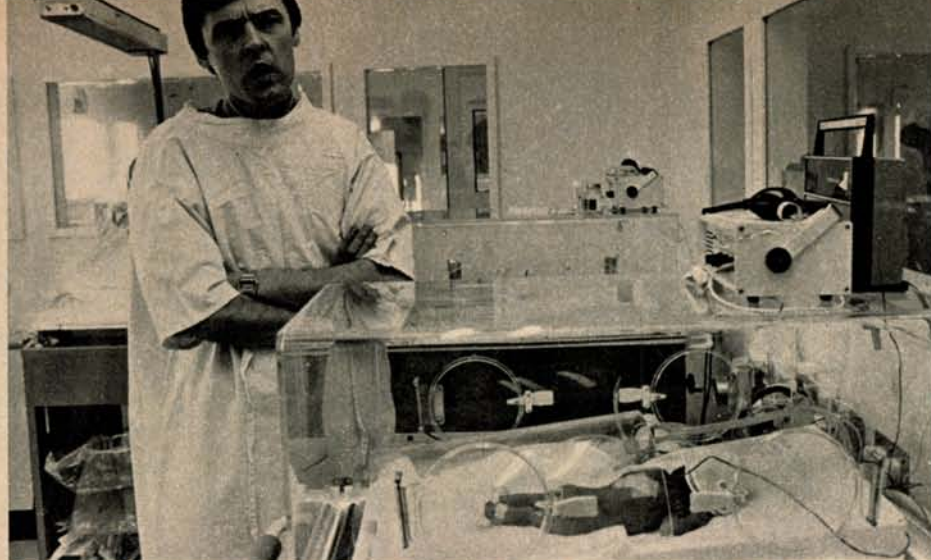
Mais de 2 milhões vendidos no Brasil.

PHILISHAVE 

Barbeador Elétrico Sistema Rotativo

PHILIPS

Philishave. Depois de você, quem mais conhece a sua barba.



VAGNER BERBER

ROBERTO CARVALHO

O dr. McEnery em Londres: apenas um fogareiro e um congelador

Medicina

Leite materno

Agora o leite humano pode ser bem conservado

Como o leite humano é muito superior ao de qualquer animal — “leite de vaca é bom para bezerro, leite humano é bom para a criança”, diz o pediatra Dráuzio Viegas, chefe do berçário do Hospital Albert Einstein em São Paulo e professor-titular na Faculdade de Medicina do ABC — a maioria das mães bem informadas procura resistir à propaganda do leite em pó para bebês e amamenta seus filhos até a idade de 6 meses pelo menos. Com efeito, além de ser mais nutritivo por conter gorduras e açúcares mais assimiláveis pelo bebê do que os do leite de vaca, o leite humano ainda possui anticorpos que previnem diarreia, desidratação, problemas respiratórios, eczemas, sarampo, rubéola, catapora e outras doenças. Enquanto isso, o leite de vaca, líquido ou em pó, só contém os anticorpos para as doenças mais comuns dos bezerros, que não são as mesmas dos bebês humanos.

No entanto, enquanto mães desinformadas procuram até secar o leite com injeções, na errônea crença — desmentida pelos médicos — de que a sucção pelo bebê gera emurchecimento dos bicos e dos próprios seios, outras mães querem amamentar seus filhos mas não o conseguem, seja por insuficiência do leite, doença da mãe ou do bebê ou incapacidade — comum em prematuros — de o bebê sugar o leite.

CONSERVAÇÃO DIFÍCIL — Para esses casos, existem os bancos de leite humano (no Rio de Janeiro, no Instituto Fernandes Figueira, em Botafogo, e na Universidade Federal, na Ilha do Fundão; em São Paulo, no Hospital do Servidor Público, no Ibirapuera, e no Hospital Albert Einstein, no Morumbi). Tais bancos funcionam com leite de doadoras voluntárias ou profissionais: são mães que têm leite em excesso e, além de alimentar seus próprios filhos, podem ceder parte para outros.

No entanto, até agora não havia meios de conservar o leite humano por tempo indefinido. Se não for submetido a nenhum tratamento, o leite humano estraga logo, pois rapidamente proliferam os micróbios. Se no entanto for pasteurizado, ou seja, fervido a 100 graus de temperatura, como se faz com o leite de vaca, a par de serem eliminados os micróbios também se perdem no mínimo 50% de suas propriedades — e ele deixa de ser superior aos outros. Outros métodos de conservação também afetam as riquezas do leite humano.

DESCOBERTA INGLESA — Esse problema acaba finalmente de ser resolvido na Inglaterra. Naquele país, a maioria dos bancos de leite humano ainda usa apesar de tudo a pasteurização. Mas o pediatra Gerald McEnery e o microbiólogo Bill Chattopadhyay, do Whipp Cross Hospital de Londres, recentemente anunciaram terem descoberto um método simples e barato, que não exige instalações especiais, de conservar indefinidamente o leite humano isento de micróbios sem alterar-lhe as



Doadora no Einstein: de graça

qualidades. Logo após o leite ser colhido do seio das doadoras, é posto no congelador até seis semanas. Ao ser retirado do congelador para ser servido ao bebê, o leite é imediatamente aquecido em banho-maria entre 63 e 65 graus. Disse McEnery ao correspondente de VEJA em Londres, Jader de Oliveira: “Até hoje não tivemos nenhum caso de infecção ou qualquer outro problema sério causado pelo sistema que adotamos. A experiência tem dado certo, mas nem eu nem meu colega achamos que se trata de uma descoberta científica. Nós não nos consideramos cientistas. Somos apenas especialistas”.

No hospital londrino, onde as doadoras são voluntárias e os bebês necessitados recebem o leite gratuitamente, os jovens “fregueses” quase sempre pertencem a uma de três categorias: prematuros que não têm força para mamar, os que não toleram o leite de vaca e os particularmente sujeitos a infecções. Agora, o banco de leite funciona com um fogareiro elétrico de duas trempe e um congelador.

SESSENTA LITROS MENSAIS — Mas a novidade ainda não chegou ao Brasil. No Hospital do Servidor Público em São Paulo, onde o banco de leite funciona há dez anos, principalmente para crianças prematuras, de baixo peso ou doentes, colhe-se o leite de mães voluntárias internadas no próprio estabelecimento. O Servidor aceita porém leite de qualquer mãe, bastando telefonar que

seus funcionários vão colher o leite em casa com a máquina de sucção. Cada mãe doa por vez cerca de 100 gramas e o movimento mensal total tem média de 60 litros. Segundo a diretora de Neonatologia do hospital, médica Conceição Aparecida Mattos Segre, usa-se ali a tinalização, que consiste em aquecer o leite três vezes a 60 graus durante 90 minutos cada vez, alternando com resfriamento a 4 graus durante 24 horas por vez; em seguida, congela-se o leite a 20 graus abaixo de zero e ele mantém-se dois anos. A tinalização tem a desvantagem de o leite perder propriedades. Ainda no Servidor, liofiliza-se o leite humano, transformando-o em pó, mas esse processo é raramente usado por insuficiência de oferta e também por destruir riquezas do leite.

Já no Hospital Albert Einstein, também em São Paulo, o leite humano nunca é guardado mais de dois dias, período em que a contaminação por bactérias é mínima e em que não se perdem propriedades, bastando mantê-lo a 4 graus em geladeira. As doadoras são voluntárias internadas no próprio hospital e só os bebês do berçário do próprio estabelecimento é que podem recebê-lo.

PROFISSIONAIS — No Rio de Janeiro, enquanto o banco de leite humano da Ilha do Fundão funciona com dificuldade, já o do Instituto Fernandes Figueira, além de doadoras voluntárias, conta também com treze profissionais, a 120 cruzeiros o litro, mais 20 cruzeiros diários para condução, 15 cruzeiros por assiduidade e prêmios por simpatia e produção. Uma dessas profissionais, Vera Lúcia Martins Ferreira, 26 anos, solteira, três filhos, já chegou a ganhar 1 324 cruzeiros numa semana, sem prejudicar seu filho — cuja eventual perda de peso levaria à suspensão da doação, de acordo com o contrato que ela foi obrigada a assinar com o hospital. O leite é distribuído gratuitamente aos bebês necessitados internados no próprio Instituto; o excedente é vendido a clientes particulares a 250 cruzeiros o litro, segundo a diretora do banco de leite, médica Maria Rita Galotti.

Quem gostou da novidade inglesa foi a cantora Elis Regina. Ela há nove anos não pôde amamentar seu primogênito, que além de tudo era alérgico a leite de vaca. Na época, Elis pedia pela televisão leite de doadoras e agora diz: "Os proprietários das maternidades deveriam se preocupar um pouco mais com a solidariedade e um pouco menos com suas contas bancárias".



PEDRO MARTINELLI



CLAUDIO EDINGER

Bolsa a tiracolo: a dor cervical; dr. Lutz: os perigos dos cartões

O mal da bolsa

Cartão de crédito dá dor e usar bolsa também

Duas novas doenças acabam de ser diagnosticadas por médicos americanos, mas devem afetar milhões de pessoas no mundo inteiro. Uma é o "mal da bolsa", que em especial atinge mulheres mas também todas as pessoas que usam bolsas pesadas a tiracolo. A outra é a "síndrome do cartão de crédito", comum em homens que carregam carteiras recheadas de dinheiro ou documentos no bolso traseiro da calça.

Quem descobriu o mal da bolsa foi o médico W. King Engel, neurologista do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos. Trata-se de um problema neuromuscular no ombro de mulheres que carregam bolsas a tiracolo (isto é, com a alça no ombro do mesmo lado da bolsa). Como nessa posição a bolsa tende a escorregar, as mulheres e homens que a usam desse modo aprendem inconscientemente a erguer um pouco o ombro, para manter a bolsa segura. Essa contração dos músculos gera uma tensão tal — mesmo porque a bolsa com tudo que uma mulher julga precisar chega a pesar 5 quilos — que leva a espasmos e dores musculares, à postura anormal do pescoço e mesmo dores na raiz do nervo cervical.

"Eu tinha mulheres pacientes que se queixavam dessa dor, mas não atinei logo com a resposta porque não as observava continuamente. Mas notei que minha mulher inconscientemente contraía os músculos e assim os mantinha para carregar a bolsa a tiracolo".

O mal da bolsa causa dor até na ponta dos dedos e é preciso prestar atenção para diagnosticá-lo corretamente. Como tratamento, usa-se aplicação de calor e massagem, se há espasmos, e tração no pescoço, se as raízes dos nervos estiverem inflamadas. Na maioria dos casos, a inflamação regride no mesmo dia em que a mulher deixa de usar a bolsa a tiracolo. Basta carregá-la à bandoleira (ou seja, com a alça no ombro de um lado, cruzada no peito, e a bolsa do outro lado do corpo). Assim a bolsa fica naturalmente presa, sem necessidade de contração muscular.

Já a síndrome do cartão de crédito foi descoberta pelo neuropsiquiatra Elmar G. Lutz. Ele a observou primeiramente em si mesmo, ao notar que a carteira recheada de cartões de crédito no bolso traseiro da calça, quando ele passava muito tempo sentado — por exemplo dirigindo —, afetava com seu volume o nervo ciático, causando dor. Posteriormente, diagnosticou essa dor ciática em muitos pacientes, inclusive num piloto que voava de 10 a 12 horas por dia e num homem que caiu sentado sobre a carteira. Até lenços causam dor ciática. Mas basta desistir do bolso traseiro que a dor passa em no máximo quatro semanas.

A DOR DO CARTÃO — Diz Engel:

Use seu Cartão de Crédito e tenha ainda mais vantagens!
Compre sua Calculadora Texas e nós a entregamos na sua casa.



MBA
Financeira Profissional.
Preço normal: Cr\$ 2.499,00
Oferta Volta às Aulas:
Cr\$ 2.299,00



PC 100-C Oferta Especial: Cr\$12.100,00



TI-51-III
Científica Profissional.
Preço normal: Cr\$ 2.499,00
Oferta Volta às Aulas:
Cr\$ 2.299,00



TI Programável 58
Preço normal: Cr\$ 5.499,00
Oferta Volta às Aulas:
Cr\$ 5.199,00



TI Programável 57
Preço normal: Cr\$ 3.299,00
Oferta Volta às Aulas:
Cr\$ 3.049,00



TI Programável 59
Preço normal: Cr\$ 9.990,00
Oferta Volta às Aulas:
Cr\$ 9.640,00

Compre esta oferta pelo correio. Compre da Tarefa.

Tarefa COMERCIO LTDA
MARKETING E
Al. Gabriel Monteiro da Silva, 355
Fones: 280-4610 - 280-9043
852-9779 e 853-6924
CEP 01441 - São Paulo - SP

Oferta Especial da Tarefa.

Garantia de 12 meses.
Brinde: Em qualquer compra, você ganha grátis um livro com soluções adequadas à sua calculadora para a maioria dos problemas encontrados em seu curso ou atividade profissional.

MBA

Calculadora financeira e estatística. Programável. Cálculos financeiros envolvendo: anuidades / juros acumulados / saldo restante / taxa interna de retorno / fluxo de caixa descontados pagamentos com parcelas intermediárias etc. Funções estatísticas: desvio padrão, média, variância, correlações e análises de tendências. Dias entre datas. 12 memórias operacionais. Sistema AOS- 15 níveis de parênteses e 4 operações pendentes. 32 passos de programação. Resolve praticamente todos os problemas de matemática financeira e cálculos de correção monetária. Acompanhada de manual do operador, adaptador-carregador, estojo de vinil e o livro "Análise Financeira".

TI Programável 57

80 funções matemáticas (trigonométricas e logarítmicas). 8 memórias operacionais. Até 150 instruções condensadas em 50 passos de programa. Completo sistema de edição de programas. Opera com 10 localizadores

(labels), transferências condicionais e incondicionais "loops". 2 níveis de sub-rotina. Visor com 8 dígitos, mais 2 para exponenciais. Acompanhada do livro "Abrindo Caminhos em Programação", adaptador-carregador e estojo.

TI Programável 58

480 passos de programa e 60 memórias; 5.000 passos de programa adicionais em 25 programas já gravados, acessíveis a um toque de tecla. 72 labels e 10 flags; 170 funções e operações científicas, matemáticas e estatísticas; imprime (alfa-numérica) e plota gráficos, com o PC-100 C. Acompanhada de adaptador-carregador e do livro "Programação, Instrumento de Eficiência Pessoal". Bibliotecas opcionais de "Solid State Software" encontram-se disponíveis para as áreas de Estatística Aplicada, Imóveis/Investimentos, Navegação Aérea, Navegação Marítima, Topografia, Jogos Decisões em Negócios, Análises de Aplicações e muito mais.

TI Programável 59

A mais avançada tecnologia ao seu alcance. Um novo e revolucionário avanço em calculadoras programáveis. Além de todas as

vantagens da TI-58, você tem ao seu dispor até 960 passos de programa e 100 memórias. E, quando integrada a uma das bibliotecas "Solid State Software", ela lhe oferece até 5.000 passos adicionais de programação. O módulo traz 25 diferentes programas de áreas importantes, tais como matemática, estatística, finanças. Paralelamente os cartões magnéticos permitem que você escreva e grave seus próprios programas, que podem ser executados individualmente ou integrados aos programas dos módulos de Bibliotecas. Acompanhada do livro "Programação, Instrumento de Eficiência Pessoal" e carregador-adaptador. Bibliotecas opcionais de "Solid State Software" idênticas às da TI-58 e outras mais em desenvolvimento.

TI 51 - III

Seja qual for o seu campo de atividade, a TI 51 - III pode ajudá-lo a melhorar ainda mais a sua performance profissional. A capacidade da TI 51 - III inclui programabilidade simples, além de ampla gama de literatura de apoio. A nova TI 51 - III vem repleta de funções e características que você necessita para resolver praticamente qualquer

operação matemática. Capacidade estatística de grande poder: média, variância, desvio padrão, regressão linear. Programação simples, com 32 passos, permite que você efetue os cálculos repetitivos com um simples toque de tecla. 10 memórias facilmente acessíveis estão à sua disposição. Acompanha sua TI 51 - III o livro "A Calculadora na Tomada de Decisões".

PC 100 - C

A unidade opcional PC 100-C transforma sua TI Programável 58 ou 59 em impressora silenciosa e de alta velocidade.

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS:
- Capacidade de impressão de 20 caracteres/linha.
- Imprime resultados de programas.
- Plota curvas e histogramas.
- Imprime mensagens numéricas.

Assistência técnica fácil e perfeita.

Aproveite esta oferta. Faça seu pedido e pague com seu Cartão de Crédito, Credicard, Diners e Passaporte ou envie cheque nominal para Tarefa Marketing Comércio Ltda. no valor da sua compra (Caixa Postal 99 - São Paulo - SP)

Ofertas válidas até 30/04/79.

☐ MBA ☐ TI51-III ☐ TI Programável 57

☐ TI Programável 58 ☐ TI Programável 59 ☐ PC 100

Nome

Endereço

Bairro

Cidade.....CEP.....

Estado.....Tel.....

☐ Cheque Nominal N°

☐ Cartão de Crédito N°

☐ Credicard ☐ Diners ☐ Passaporte.

Assinatura.....

Eles já foram pais, avós, bisavós, tataravós. Já foram profissionais dos mais variados ofícios: comerciantes, escritores, poetas, ourives, padeiros, alfaiates, artistas de circo, de teatro.

E hoje são crianças que carregam para a Casa São Luiz para a Velhice suas experiências e buscam ali uma nova perspectiva de vida. Cheia de segurança, amor e proteção.

Tudo começou em setembro de 1890, quando o Visconde Luiz Augusto Ferreira de Almeida acolheu em sua casa 7 velhinhos abandonados pela sorte.

Era o começo de um trabalho grandioso, seguido depois por Carlos Ferreira de Almeida e atualmente por Ruth Ferreira de Almeida.

O trabalho de uma família que, acima de tudo, respeita a vida das pessoas. Sem limites de idade, classe social ou cultural.

Para a Casa São Luiz para a Velhice o importante é estar vivo, é conviver feliz, em paz, seguro. Por isso, o sorriso de cada um daqueles homens e mulheres é a paga de 88 anos de dedicação.

Na Casa São Luiz para a Velhice a vida social é completa: com teatro, cinema, artes, festas.

Ali as pessoas constroem um mundo

com muita bagagem de vida.

E ali, também, elas encontram todo apoio, garantia e segurança de que necessitam em suas aspirações.

Exemplos como o da Casa São Luiz para a Velhice é que nos incentivam em nosso trabalho de preservar e garantir a segurança das pessoas e das coisas que elas contruíram.

Pois só com segurança acreditamos na vida em sociedade.

A mesma segurança que tiveram os 8474 homens e mulheres que passaram por lá.

UMA CAMPANHA DAS EMPRESAS
DE SEGUROS.  FENASEG

**SER ÚTIL
À SOCIEDADE.
O PENSAMENTO
QUE UNE
AS EMPRESAS
DE SEGUROS.**

**NA CASA SÃO LUIZ
PARA A VELHICE A VIDA COMEÇA
AOS 60, AOS 70, AOS 80, AOS 90...**





Ciência

Crendice russa

Na URSS há muita ênfase na ciência, mas o povo, na verdade, gosta é de discos voadores

Trabalham na União Soviética 1 milhão de cientistas, 25% do total existente no mundo. As descobertas científicas e tecnológicas são freqüentemente exaltadas pela televisão, cinema e todos os meios de comunicação do imenso país. Existem heróis cientistas, tão reconhecidos como os heróis esportivos ou atores de cinema. Revistas e jornais científicos são editados aos milhões de exemplares, lidos avidamente, sejam artigos propriamente científicos, sejam de divulgação. Jornais e revistas destinados aos milhões de membros dos sindicatos soviéticos ou aos jovens comunistas também dedicam páginas e páginas à ciência. Existe até mesmo uma cidade, Akademgorod, que, fora serviços, comerciantes e empregados em transportes, é inteiramente habitada por milhares de cientistas e há planos para instalar outras cidades semelhantes.

No entanto, o grande público soviético não parece tão interessado na ciência — e, sim, naquilo que os cientistas “sérios” chamam de “falsa ciência”. Conferências de cidadãos comuns que os cientistas profissionais consideram

charlatões atraem mais gente que qualquer iniciativa considerada realmente científica.

COMETA OU NAVE? — Portanto, como qualquer leitor ocidental de Erich von Däniken, o grande público soviético quer saber mesmo é de histórias sobre discos voadores, sobre os pretensos deuses astronautas da ilha de Páscoa, sobre os supostos acidentes misteriosos do Triângulo das Bermudas. Esse problema deixa os ideólogos soviéticos perplexos: eles sempre apontaram o interesse ocidental por temas de “falsa ciência” como resultado da ganância de certa imprensa e certos editores, capazes de divulgar qualquer escrito sensacionalista para vender o máximo de exemplares e conseguir bons lucros. Na União Soviética, os “falsos cientistas”, sejam ou não insinceros, no máximo conseguem não dinheiro mas fama, na maioria dos casos fugaz pois logo são desmentidos pelos verdadeiros cientistas e as provas concretas de seus enganos mais cedo ou mais tarde acabam aparecendo.

Mesmo assim existe, por exemplo, o pomposo Instituto Público de Inversão Energética, órgão totalmente independente do Estado, que procura, para desespero dos cientistas sérios, divulgar que todas as leis até agora consideradas científicas da termodinâmica são inteiramente falsas e sem sentido. Esse Instituto prossegue há anos em sua indemonstrável empreitada, apesar dos protestos das instituições científicas oficiais.

Um dos temas favoritos dos falsos cientistas soviéticos é o famoso meteorito de Tunguska, assim chamado por ter caído nessa região da Sibéria oriental. Sua queda aconteceu em 1908 e a explosão foi tão violenta que chegou a clarear a noite em Paris e Londres. Ora, em 1946, o escritor soviético de ficção científica A. Kazantzev estabeleceu a hipótese de que o meteorito não passava de uma nave espacial extraterrestre, vinda de não se sabe qual planeta, que explodiu ao tocar a Terra. O cientista Liapunov imediatamente anunciou ter chegado a conclusões semelhantes. Renovado o interesse pelo meteorito, várias expedições científicas se dirigiram então a Tunguska. A esmagadora maioria dos cientistas chegou à conclusão de que um pequeno cometa se havia desintegrado ao tocar a taiga, o campo siberiano.

A VOLTA DA NAVE — Essa constatação pareceu esclarecer definitivamente a questão e desde a década de 50 não



**O Fundo Itaú 1
é ágil como u**



O Fundo Itaú 157 foi criado há 12 anos e é administrado pelo Banco Itaú de Investimento S.A., o maior banco de investimento do país. Seu patrimônio líquido já ultrapassou os Cr\$ 3 bilhões e já mereceu a confiança de 1 milhão de investidores. E o que é mais importante: tem a segurança de uma grande instituição financeira: o Itaú.

Além disso, o Fundo Itaú 157 oferece a você um atendimento que só um grande fundo pode oferecer: extratos de 6 em 6 meses informando a posição do seu investimento; relatórios detalhados; todas as informações que você precisar; e uma das menores taxas de administração.

Fique com quem é forte e ágil como um tigre. Aplique no Fundo Itaú 157. Para aplicar, você só precisa escrever o número 485 na sua declaração de renda. E, depois, entregá-la em qualquer agência do Banco Itaú.

Exercício	Valor da Cota	Rentabilidade		
		No Exercício %	Acumulada	
			Inversão Feita há	%
1968 *	1,88	81,22	11 anos	1.704,06
1969 **	3,78	120,21	10 anos	880,17
1970 **	4,21	21,96	9 anos	345,11
1971 **	5,78	69,12	8 anos	264,96
1972 ***	3,583	(38,01)	7 anos	115,80
1973 ***	3,348	(6,56)	6 anos	248,12
1974 ***	3,427	2,36	5 anos	272,55
1975 ***	4,399	28,36	4 anos	263,96
1976 ***	6,333	44,06	3 anos	183,54
1977 ***	9,898	56,19	2 anos	96,83
1978 **	11,854	26,02	1 ano	26,02

Observações:

- 1 - Despesas do 2º semestre - 78 / patrimônio líquido médio: 0,28%.
- 2 - Taxa de administração / patrimônio líquido médio de 78: 2,43%.
- 3 - Distribuição de rendimentos: (*) em dinheiro, (**) em novas cotas (***) por capitalização.
- 4 - A variação negativa é apresentada entre parênteses.

Aplicando no Fundo Itaú 157 você participa do lucro das maiores empresas brasileiras.

**57 é forte
em tigre.**

**157 é
485.**

se falava mais na tal nave espacial. No entanto, em outubro do ano passado, a agência TASS divulgou entrevista de Felix Zigel, qualificado de "conhecido sábio e popularizador da astronomia", professor no Instituto de Aeronáutica de Moscou, que voltou a defender a hipótese de que o meteorito era na verdade "uma sonda interplanetária de origem artificial".

Segundo Zigel, a explosão de Tunguska, equivalente à potência de 2 200 bombas atômicas do tipo da que foi lançada sobre a cidade japonesa de Hiroxima, não pode ser atribuída à desintegração do núcleo de um cometa. Isso porque, de acordo com testemunhas da época, "parece que esse corpo celeste mudou duas vezes de trajetória ao penetrar nas densas camadas da atmosfera. Vindo do sul, ele se inclinou primeiro para leste para reencaminhar-se em seguida em direção do oeste. Ora, um cometa não muda de trajetória tão bruscamente. Além disso, o núcleo de um cometa, formado de gelo, metano e amônia, ter-se-ia desintegrado aos primeiros quilômetros de sua penetração na atmosfera". Finalmente, sempre de acordo com Zigel, o explorador Alexis Zolotov, funcionário da filial Volga-Ural do Instituto de Geofísica da Academia de Ciências — o que indica que oficialmente ele nada tem a fazer na Sibéria oriental —, foi a Tunguska e descobriu que lá a radiatividade é superior à das zonas vizinhas, que ocorreram mutações genéticas em insetos e plantas da região desde 1908 e, finalmente, que ali se encontram teores incomumente elevados de zinco, bromo, sódio e ferro. Conclui Zigel: "Ou seja, elementos que não são absolutamente típicos de núcleos de cometas, mas perfeitamente representativos de construções artificiais".

SATÉLITES "OCOS" — Parece que a TASS logo se deu conta de ter cometido uma gafe, pois dois dias depois da entrevista de Zigel ela divulgou entrevistas de importantes sábios soviéticos que outra vez desmentiam categoricamente a hipótese de que o meteorito ti-

vesse sido uma nave. O secretário científico da Sociedade Astronômica e Geofísica da União Soviética, Vitaly Bronstein, e o professor Nicolas Vassiliev, da cidade de Tomsk, foram particularmente agressivos em relação a Zigel. Vassiliev declarou: "As noites anormalmente brancas que se produziram em seguida à explosão e que tocaram a imaginação da gente da época, inclusive londrinos e parisienses — que podiam ler em plena noite —, militam inteiramente em favor da hipótese do cometa. É sua cauda, ao expandir-se em direção do oeste sobre a Terra, até a Europa ocidental, sob a pressão dos raios solares, que está na origem desse

regularidades, com toda certeza perfeitamente naturais.

COMO A UMBANDA — Quanto ao Triângulo das Bermudas — como a ilha de Páscoa —, ele é tão popular na União Soviética que a revista *Aviatzia e Kosmonavtika* ("Aviação e Cosmonáutica"), órgão oficial das forças aéreas soviéticas, publicou um artigo do tenente-coronel V. Spitzin, licenciado em Ciências Geográficas, para desmentir as lendas de que os acidentes naquela região marítima são de origem misteriosa. Atualmente, os cientistas soviéticos estão empenhados em dissipar o medo causado no grande público pela famosa



IPS



MUSEE DE L'HOMME



APN

Acima, à esquerda, o satélite de Marte, Fobos, "artificial"; abaixo, à esquerda, na ilha de Páscoa, um "astronauta"; acima, à direita, as árvores que se queimaram em Tunguska: os mistérios favoritos na URSS

fenômeno luminoso único". Outro assunto de interesse dos "falsos cientistas" soviéticos são os satélites de Marte — Fobos e Deimos. Em 1963, por exemplo, o astrônomo Iussuf Chklovsky declarou-se convencido de que os dois satélites eram ocos e de origem artificial. Causou assim grande estardalhaço, até que as sondas americanas Mariner fotografaram Fobos e Deimos, revelando que são corpos cheios de ir-

"conjunção" dos planetas esperada para 1982, quando se prevê que todos os planetas ficarão na mesma linha e no mesmo lado do Sol, o que para o público será causa de grandes catástrofes. Certamente, a popularidade da "falsa ciência" na URSS tem a mesma origem da crescente popularidade das religiões africanas tipo umbanda em Cuba — o velho apego do homem ao irracional, qualquer que seja o regime em que vive. ●



JATOCRET

a certeza de vitória em grandes desafios

A JATOCRET é a empresa responsável pela recuperação estrutural do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em 10 anos de atividades, ela sempre venceu grandes desafios como este, com um trabalho perfeito de sua equipe especializada: da avaliação das condições do prédio até sua recuperação total. Utilizando procedimentos técnicos adequados, a JATOCRET recuperou importantes obras do patrimônio nacional, como o Estádio do Maracanã, o Teatro Municipal, o Maracanãzinho, os edifícios Andraus e Joelma, o Teatro do Hotel Nacional, os estúdios da Rede Globo e grande número de pontes e viadutos.

Recuperar grandes realizações do progresso é o desafio que a Jatocret se especializou em vencer. A recuperação do MAM foi mais uma prova de sua sofisticada tecnologia.

Ligue para a JATOCRET. Tenha sempre a certeza de grandes vitórias.



São Paulo: Rua Loefgren, 1286 - Tel.: PABX 359-7233/549-7445 - SP

Rio de Janeiro: Rua Barão de Itapagipe, 55 - Tel.: PABX - 284-5822 - RJ

Salvador: Rua Ministro Bulcão Viana, 11 - Tel. 226-3551 - BA



Belina 79

Antes de comprar seu station wagon, faça a prova dos nove.

1 Economia.

A Belina já começa ganhando. Em condições normais de uso em estrada, ela faz até 16 quilômetros por litro.

2 Autonomia de rodagem.

Dois a zero para a Belina: com apenas um tanque, você vai e volta de São Paulo ao Rio. Ou de Salvador a Aracaju. Ou de Porto Alegre a Ijuí. E ainda sobra gasolina.

3 Desempenho.

Aí também a Belina não fica para trás. Com seu motor 1.6 e câmbio de 5 marchas*, ela ganhou potência e torque, melhorando seu desempenho.

4 Conforto.

Se você gosta de conforto, entre na Belina. Estique as pernas, sinta como a suspensão é macia e aguce os ouvidos: o silêncio lá dentro é perfeito.

5 Manutenção.

A Belina só troca de óleo a cada 8.000 km. Melhor do que isso: ela tem uma ignição transistorizada* que elimina platinados, condensadores, diminuindo ainda mais o custo de manutenção.

6 Resistência.

Antes de ser lançada, a Belina foi testada em estradas que você nunca teria coragem de entrar. E aprovada com méritos.

7 Praticidade.

A Belina é fácil de manobrar, fácil de estacionar, gostosa de dirigir. Precisa falar mais?

8 Tratamento antiferrugem.

O acabamento da Belina conta também, agora, com o mais moderno sistema de tratamento de chapa existente no mundo: o E-Coat-Catódico, que comprovou ser o mais eficiente contra a ferrugem.

9 Espaço para bagagem.

No porta-malas da Belina cabe tudo. E com o encosto do banco traseiro rebaixado o espaço cresce mais ainda.

* opcional



Motor 1.4 litros



Motor 1.6 litros

FORD CORCEL II BELINA



Um passo à frente



Basta telefonar e você reserva um apartamento em qualquer hotel da Rede Horsa Nacional.

Basta telefonar e você reserva um apartamento em qualquer hotel da Rede Horsa Nacional. Do escritório, ou da sua casa, você reserva apartamento em qualquer hotel da Rede Horsa Nacional. Basta discar um destes números:

Rio	257-1950
São Paulo	287-5543
Brasília	225-1050
Belo Horizonte	222-2211
Belém	222-3045
Curitiba	23-4323

FREESALE
e confirmo do locatário

Rede Horsa Nacional

Rio:

Horsa Nacional Rio - Horsa Nacional Copacabana

São Paulo:

Horsa Nacional Jaraguá - Horsa Nacional Excelsior

Brasília:

Horsa Nacional Brasília

Belo Horizonte:

Horsa Nacional Del Rey - Horsa Nacional Excelsior

Belém:

Horsa Nacional Grão Pará

Curitiba:

Caravelle Palace Hotel

Reserve você mesmo ou solicite a seu agente de viagem.

Hotéis Horsa

Rede Horsa Nacional de Hotéis
Av. Paulista, 2.073 - Terr. 2 - Tel. 287-5543
Telex - 011 - 23494 - S.P. - Brasil

Viaje e leve seu filho. Nos hotéis da Horsa, criança no mesmo apartamento não paga.

Nave iônica

*Novo engenho vai voar a
300 000 km por hora*

Uma nave interplanetária impulsiona da pela energia do Sol, que pode alcançar velocidade de até 300 000 quilômetros por hora, está sendo projetada nos Estados Unidos e deverá ficar pronta a tempo de ser enviada ao cometa de Halley quando ele chegar perto da Terra no fim de 1985. O plano da Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço, a NASA americana, é lançar várias naves desse tipo no final da próxima década para jornadas espaciais que podem durar cada uma vários anos.

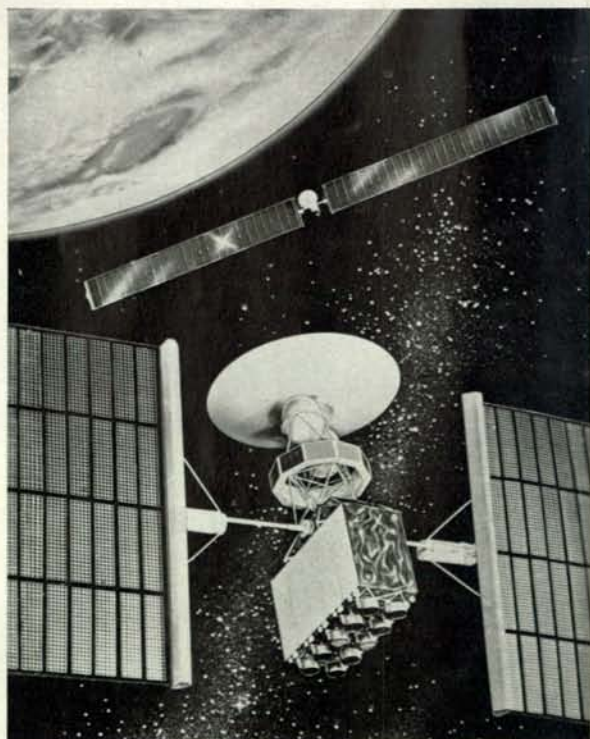
Chamado "impulso iônico", o novo sistema de motor é considerado bem mais eficiente que os atuais foguetes espaciais, movidos por combustíveis químicos, em geral sólidos. No novo engenho, um tanque de mercúrio líquido do tamanho de um televisor portátil é suficiente para uma viagem espacial de vários anos de duração. A nave espacial, com duas asas de 3 por 40 metros com função de captar a luz solar, está sendo desenvolvida pela empresa aeronáutica Lockheed enquanto os motores estão sendo fabricados pela Hughes, outra companhia do ramo, sempre sob encomenda da NASA. Como poderão levar mais carga por mais tempo e mais rapidamente que os foguetes químicos, espera-se usar os foguetes iônicos na exploração de Saturno, Marte e do cinturão de asteróides que fica entre esses dois planetas.

EFEITO FÍSICO — Com o novo motor será possível atingir velocidade e carga de dez a trinta vezes superiores aos motores químicos até hoje empregados. O funcionamento da nave iônica não é tão complicado quanto poderia parecer. As asas recolhem a luz do Sol, transformando-a em eletricidade, que é transmitida ao motor — na verdade, um conjunto de diversos pequenos motores, cada um do tamanho de uma lata de leite condensado. O mercúrio líquido chega a esses motores já em forma de vapor. Os elétrons pro-

vindos da eletricidade colidem com os átomos de mercúrio produzindo partículas carregadas eletricamente conhecidas como íons. Esses íons são enfocados por campos elétricos e magnéticos, e levados a um par de eletrodos aceleradores. Finalmente, os íons são expelidos da nave, produzindo-se um escapamento estável, sem chamas e de cor violeta, que dá o impulso iônico e faz a nave voar.

Explica Kenneth L. Atkins, gerente do projeto de impulso iônico do Laboratório de Propulsão a Jato em Pasadena, Califórnia: "Nos foguetes químicos, queimamos combustível para obter energia. A quantidade de energia que podemos obter desse modo é limitada pela energia contida nas moléculas do próprio combustível. No impulso iônico, tomamos um combustível que não tem energia inerente por si mesmo — não queimamos o mercúrio líquido e, sim, tomamos a energia solar e a inserimos no combustível. Nossa capacidade é limitada apenas pela rapidez com que podemos transferir a energia para impulsionar as partículas". Assim, não se pode falar propriamente de combustível iônico, pois o mercúrio não se gasta.

As primeiras missões iônicas que deverão trazer novidades científicas serão os envios de foguetes, respectivamente, em 1985 e 1988, aos cometas de Halley — que se aproxima da Terra a cada 76 anos — e de Temple. O primeiro é muito ativo e o segundo, estável, o que possibilitará valiosas comparações.



A nova nave: Sol eletriza mercúrio

FUNDO 157
INFORMATIVO
Nº 4

Último aviso para você não perder a chance de ganhar dinheiro às custas do Governo.

Este é o nosso último informativo a respeito de Fundo 157. E ele vai lembrar a coisa mais importante deste trabalho todo: 6 de abril! Porque 6 de abril é o prazo limite para você escolher quem vai administrar o seu Fundo 157, e colocar o número desse Fundo na sua declaração de Imposto de Renda, no quadrinho apropriado para isso.

Neste mês que passou nós falamos que você deve aplicar o seu Fundo 157 para não perder dinheiro. Para poder participar do mercado de ações. E para investir nas maiores e melhores companhias brasileiras. Tudo isso que foi dito vale até dia 6 de abril. Consulte a relação de Fundos que podem administrar o seu 157. Esta relação está junto à sua declaração de Imposto de Ren-

da. Veja o que lhe parece mais capaz de tomar conta do seu dinheiro, e coloque o número dele na declaração, até o dia 6 de abril. Você tem total liberdade de escolha de Fundo. Para investir em ações e ter uma bela surpresa, sem pressão nenhuma, sem obrigação, você só tem duas coisas a fazer: escolher bem o Fundo 157 e aplicar até o dia 6 de abril. Boa sorte.



A Fita Mágica "Scotch" não mostra porque é melhor que as tradicionais.

Demonstra.

Essa é a primeira vez na vida que você vê uma demonstração sem ver nada.

Mas, com a Fita Mágica "Scotch" é assim mesmo.

Você cola sobre qualquer papel e não vê absolutamente nada. A Fita Mágica "Scotch" fica invisível imediatamente.

Tal como você sempre quis que acontecesse toda vez que usava um durex.

Isso porque a Fita Mágica "Scotch" é fabricada com um dorso de acetato com adesivo acrílico. Que além de fazer o mesmo tipo de trabalho que os tradicionais durex fazem, tornam a Fita Mágica "Scotch" totalmente invisível.

Tão invisível que você pode até escrever em cima dela.

As outras vantagens que você vê na Fita Mágica "Scotch" são justamente o contrário das desvantagens que você sente nas outras fitas.

Ela não descola nunca, não amarela e não deforma no rolo.

E, tanto na sua casa como no seu escritório, a Fita Mágica "Scotch" resolve qualquer problema: desde documentos rasgados e embrulhos leves até trabalhos emendados de última hora.

Experimente a Fita Mágica "Scotch".

Só usando é que você vai ver que não vê nada.



3M

Sob medida

O DELTA DE VÊNUS — ERÓTICA, de Anaïs Nin; Artenova; 182 páginas; 130 cruzeiros.

Um colecionador de livros, certa vez, ofereceu a Henry Miller 100 dólares por mês para que ele, o autor de "Sexus", escrevesse histórias eróticas. E, por algum tempo, Miller inventou as tramas mais desvairadas, cujo leitor exclusivo, segundo o colecionador, era um cliente especial, "homem rico e idoso". Quando, por fim, percebeu que a produção mensal de erotismo estava influenciando negativamente em seu próprio trabalho, o escritor ofereceu o "emprego" a sua amiga Anaïs Nin. "O Delta de Vênus" começava a nascer.

Considerada hoje uma escritora importante, Anaïs Nin, nessa época, era mais conhecida como amiga de uma série de personalidades contrastantes do mundo intelectual dos anos 30 — do psicanalista Otto Rank a escritores como Miller e Antonin Artaud, passando por pintores e músicos, como de Chirico e Paderewski. Além disso, a seu respeito corriam boatos de que estaria redigindo um fascinante diário de sua vivência nos círculos artísticos franceses (nascida na França, ela dividiu sua vida entre a Europa e os Estados Unidos, e escreveu quase toda sua obra em inglês). Henry Miller chegou a afirmar que esse diário iria "tomar seu lugar ao lado das confissões de Santo Agostinho, Petronio, Abelardo, Rousseau e Proust".

"SEJA ESPECÍFICA" — Os boatos, finalmente, se confirmaram: o texto não só existia como era de fato um monumento literário impressionante. O primeiro volume foi publicado em 1966 e o oitavo, e último, em 1978 (a autora morreu em 1977, aos 74 anos de idade).

É nesse diário que Anaïs Nin conta as origens pouco recomendáveis de "O Delta de Vênus" — ou, segundo ela própria, de como se tornou "a madame" de uma "literária e esnobe casa de prostituição". Depois de ler sua primeira história, o colecionador telefonou-lhe. "É bom", disse ele. "Mas deixe de fora a poesia e descrições de qualquer coisa que não seja sexo. Concentre-se em sexo." Anaïs Nin enfiou-se então numa biblioteca, estudou o "Kama Sutra" e obras do gênero, pediu aos ami-



Anaïs Nin: o sexo bem-comportado

gos que lhe relatassem aventuras de alcova — e escreveu outra história erótica. "Menos poesia", insistiu o exigente patrão. "Seja específica." A receita valia também para os demais empregados dessa "casa de prostituição", que produziam textos acabados ou simples idéias. "Os homossexuais", conta Anaïs Nin, "escreviam como se fossem mulheres. Os tímidos escreviam sobre orgias. Os frívolos, sobre êxtases frenéticos. Os mais poéticos abandonavam-se à total bestialidade e os mais puros, a incríveis perversões."

SUBMISSÃO SEXUAL — De todo esse sexo de encomenda, ficaram apenas os textos de Anaïs, certamente pelas razões que ela mesma apontou no posfácio à edição americana de "O Delta de Vênus", escrito pouco antes de sua morte: "Eu usara intuitivamente uma linguagem de mulher, vendo a experiência sexual de um ponto de vista feminino". Nessa perspectiva, ela procurou dar muito mais importância aos prazeres da submissão sexual que ao erotismo propriamente dito. Hoje, algumas dessas narrativas cheias de masoquismo, sadismo, lesbianismo, sexo grupal, incesto, ninfomania e necrofilia parecem quase bem-comportadas enquanto outras só valem pela curiosidade. Entre estas últimas há a que mostra as estranhas inclinações de um padre jesuíta num rigoroso internato do interior do Brasil e os perigos de uma excursão botânica numa floresta.

Mas há também histórias de boa

qualidade literária, especialmente aquelas em que Anaïs Nin retrata as relações entre os homens e as mulheres do mundo artístico e boêmio da Paris dos anos 30. O erotismo, aqui, chega a adquirir contornos de uma busca de conhecimento por meio do corpo e seus prazeres. Uma busca que se funda numa certeza da autora, segundo a qual o sexo é um prazer criador onde nada é "anormal". Afinal, como ela escreveu num ensaio posterior, "a única anormalidade é a incapacidade de amar".

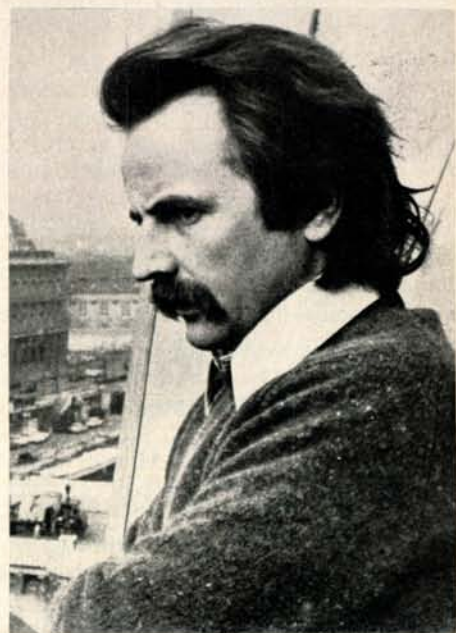
GERALDO GALVÃO FERRAZ

Folhas caídas

A NEVE QUEIMA, de Régis Debray; Vega; 179 páginas; 120 cruzeiros.

A Revolução é uma grande árvore calcinada, mas de raízes vivazes — conclui Régis Debray em seu romance "A Neve Queima"; e certamente não é apenas uma imagem literária, mas a conclusão de uma etapa de sua própria vida e de sua compreensão da História. Nos anos 60, ele era o intelectual francês que adotara a teoria guerrilheira do foquismo; seu livro "Revolução na Revolução" rodava por toda a América Latina.

Mas a guerrilha, iniciada a partir de um foco e finalmente abrangendo todo o país, só chegou ao poder em Cuba, como já se sabia antes de Debray. Preso em 1967 por manter contato com a guerrilha que Che Guevara montava na



Debray: com amargura e remorso

Bolívia, Debray só foi libertado depois de uma campanha internacional. Ao sair, Che estava morto, todos os principais focos guerrilheiros tinham sido abafados e a teoria do foquismo se apagava. O intelectual francês viria a escrever, então, "A Crítica das Armas" e romances.

"Desde que o mundo é mundo, são necessários nove meses para fazer um bebê, dois anos para uma rede de resistência, dez para um partido político e trinta para uma revolução. Desde que o mundo é mundo, um segundo é necessário e suficiente para matar um ser humano, um minuto para destruir uma rede, um dia para esmagar uma revolução." É o desiludido Debray destilando, por meio de "Boris", um autobiográfico intelectual guerrilheiro, a amargura e o remorso de contemplar, de Paris, a árvore da Revolução com tantas folhas caídas: "os asfixiados pela água, os hemiplégicos, os castrados, os de típanos arrebatados, as violadas; os encauzados durante meses, os histéricos, os inertes; os desaparecidos, os sem atestado de óbito, os sem-corpo; os lamentamos-muito-mas-esse-nome-não-consta-de-nosso-fichário, os ele-tentou-evadir-se-quando-estava-sendo-transferido". Como se vingar?

A VINGANÇA — A guerrilheira "Imilia", alemã filha de um ex-nazista e dedicada a uma mitológica Revolução, divide com Boris a ação do romance. Debray divide também o foco narrativo: ora é Boris que narra, apresentando-se e apresentando os fatos ao leitor, ora os fatos se apresentam sem um narrador aparente, mas com toda a vida interior das personagens sendo revelada pela "omnisciência" do escritor. É um sistema de narração difícil de convencer, próprio de um aprendiz. Mas, pelo contrário, Debray é um romancista maduro, que convence e, de quebra, projeta duas grandes personagens, o sardônico Boris e Imilia, heroína e indefesa, revolucionária e mãe, suicida e amante. É a vingança do ex-guerrilheiro, em tributo aos companheiros mortos: criar gente feita de palavras mas que viverá muito.

Final, demora-se meses, até anos para escrever um romance — mas não é coisa que se destrói num minuto quando o romancista é bom. Debray consegue a proeza de colocar, por exemplo, um Salvador Allende como personagem, rápido, mas enorme, um homem a jogar xadrez no centro de um terremoto, sem qualquer pose de herói. Para os heróis e assassinos, Debray usa um tratamento frio que revela — verda-

de literária mas nem por isso menos importante — que os povos, se não precisam de assassinos, também não devem precisar de heróis.

DOMINGOS PELLEGRINI JR.

Estante

VEJA leu três lançamentos recentes de conto brasileiro:

O CORDEIRO ZOMBA DO LOBO, de Nagib Jorge Neto; *Ática*; 152 páginas; 90 cruzeiros — Em seus dois livros anteriores, esse maranhense de 42 anos buscava inspiração na literatura de cordel e na corrente do realismo fantástico, como hábil discípulo de Hermilo Borba Filho — do qual herdou a disposição para tratar do burlesco e do erótico em relação ao político e ao social. Neste livro, ele incorpora temas do folclore nordestino e até do fabulário clássico e medieval numa bem-sucedida fusão. O estilo, porém, não é suficientemente depurado e falta ao autor libertar-se de certos raciocínios maniqueístas. A crítica social e política baixa de tom quando abusa da fabulação mágica, tornando-se mais eficiente quando decide trocar os excessos de imaginação pelo realismo e pela irreverência.

HOMBRE, de Sérgio Faraco; *Civili-*



Julieta



Nagib

zação Brasileira; 105 páginas; 80 cruzeiros — O quarto livro do gaúcho Faraco, 38 anos, reúne dezesseis contos divididos em duas partes. Na primeira, histórias convencionais, recordações da infância, a imagem de um pai idolatrado ou o incesto com a tia solteirona que se suicida ao som da radionovela "O Direito de Nascer". Na segunda, retratos naturalistas de personagens da fronteira. O autor faz a apologia de um certo machismo gauchesco, presente até num bem-realizado conto sobre homossexuais. Há personagens relativamente complexas, porém meio espremidas pela limitação de tamanho do conto. Faraco abusa de expressões espanholadas ou regionalistas. De acordo com o escritor João Antônio, que apresenta o livro, esse defeito é uma virtude, ao captar a "aculturação das fronteiras". Seria, se o leitor de outras paragens soubesse o sentido de palavras como "chibeira", "chalana" e "coisiar".

DIA DE MATAR O PATRÃO, de Julieta de Godoy Ladeira; *Summus*; 133 páginas; 70 cruzeiros — Dificilmente um leitor menos paciente lerá até o fim esse livro filantropicamente dedicado ao estudo das contradições sociais e dos reflexos da "mentalidade burguesa" (expressão da autora) na sociedade moderna. A intenção é nobre mas o resultado, sofrível: são doze textos em linguagem espartana, típica dos anúncios de produtos sofisticados — o que não surpreende, pois a autora é publicitária. Chega a ser irritante a exagerada incidência de expressões e palavras como "plano de mídia", "house-organ", "jingle", "marketing" e "posicionamento". Julieta de Godoy Ladeira já escreveu coisas melhores. Aqui, no entanto, acaba negando os esforços anteriores e matando não só o patrão, à sua moda, mas sua própria literatura.

LUIZ FERNANDO EMEDIATO

Os mais vendidos

Ficção

- 1-Os Tolos Morrem Antes, Mario Puzo (1-7)
- 2-Morte na Rua Hickory, Agatha Christie (3-6)
- 3-Amanhã É Outro Dia, J. M. Simmel (2-15)
- 4-Os Sonhos Morrem Primeiro, Harold Robbins (4-24)
- 5-O Fator Humano, Graham Greene (5-10)
- 6-Opera do Malandro, Chico Buarque de Holanda (8-26)
- 7-Damien — A Profecia II, Joseph Howard (6-1)
- 8-A Herdeira, Sidney Sheldon (9-5)
- 9-O Fim da Infância, Arthur C. Clarke
- 10-Alguém que Já Não Fui, Artur da Távola (7-6)

Não-ficção

- 1-Memórias, general Olympio Mourão Filho (1-6)
- 2-Beira-Mar, Pedro Nava (2-12)
- 3-A História Me Absolverá, Fidel Castro (9-1)
- 4-1954 — Um Tiro no Coração, Hélio Silva (5-9)
- 5-Cuba de Fidel, Ignacio de Loyola Brandão (4-29)
- 6-Mutações, Liv Ullmann (6-5)
- 7-Mil Razões para Viver, d. Hélder Câmara (7-23)
- 8-113 Dias de Angústia, Carlos Chagas
- 9-Querida Família, Flávia Schilling (8-1)
- 10-Cuba Hoje — 20 Anos de Revolução, Jorge Escosteguy (3-12)

Fonte: livrarias Brasiliense, Cultura, Siciliano Augusta, Siciliano D. José e Teixeira (SP); Entrelivros Leblon, Entrelivros Copacabana, Padrão e Freitas Bastos (RJ); Ataleia (MG); Ghignone (PR); Casa do Livro (DF); Estante/Barra (BA); Editora do Nordeste (PE); Renascença (CE). Os números entre parênteses indicam: a) a colocação na semana anterior; b) há quantas semanas consecutivas o livro aparece na lista. Obs.: Esta lista não inclui os livros vendidos em banca.

272.

Este é o número do Fundo Brascan 157. Veja porque você não pode se esquecer dele na próxima declaração.

O investimento nos Fundos DL 157 foi simplificado. Sua aplicação estará automaticamente feita pela colocação do número código do Fundo 157, em espaço reservado no formulário do Imposto de Renda.

Para facilitar a escolha, o Manual

de Orientação do Imposto de Renda apresenta uma tabela com a rentabilidade dos Fundos 157. Examine estes dados e faça a sua decisão de investimento.

Habitue-se, também, a consultar a imprensa especializada. Além de estudos de valorização dos Fundos

157, ela informa periodicamente a rentabilidade do seu investimento.

E se você tem aplicado no Fundo Brascan 157 (NUMERO CODIGO 272) vai poder confirmar o excelente desempenho que ele vem obtendo nos últimos anos.

Ano	Rentabilidade no exercício %	Rentabilidade acumulada	
		Inversão feita há	%
1973	16,9	6 anos	487,7
1974	3,5	5 anos	402,7
1975	47,3	4 anos	385,7
1976	49,5	3 anos	229,8
1977	65,1	2 anos	120,6
1978	33,6	1 ano	33,6

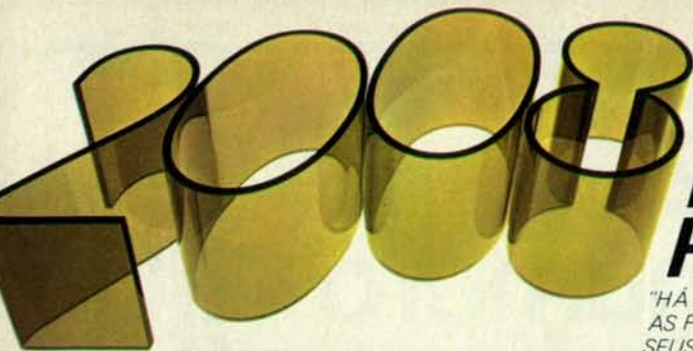
**FUNDO
BRASCAN
157**
Código 272

Para conhecer
o desempenho dos Fundos 157,
consulte quem estuda o assunto.

Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 60 - 10.º andar - Tel.: 233-1122 • São Paulo: Praça Dom José Gaspar, 134 - 12.º andar - Tel.: 258-0522 • Brasília: SCS. Ed. Central, QL - Bloco 1 - sala 801 - Tel.: 226-1814 • Recife: Av. dos Guararapes, 111 - 4.º andar - Tels.: 224-0871/224-0721/224-0200 • Porto Alegre: Rua dos Andradas, 1.234 - Conjunto 1.509/1.510 - Tel.: 24-5300 • Belo Horizonte: Rua Tupinambás, 360 s/608 - Conjunto 610 - Ed. Maranhão - Tel.: 222-6468 • Salvador - "Em processo de Instalação" - Rua Conselheiro Dantas, 5 Salas 901/04 - tel.: 242-5769 - 242-3247



**BANCO BRASCAN
DE INVESTIMENTO S.A.**



DEPOIS DA FESTA DOS 200 ANOS, A VOLTA PARA A AMAZÔNIA.

"HÁ 29 ANOS, EM 1979, O BANCO DO BRASIL MELHORAVA
AS POSSIBILIDADES DE ACESSO E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DE
SEUS 82 MIL FUNCIONÁRIOS.





BANCO DO BRASIL

Um grande país precisa de um banco assim.

Um ano antes, em 1978, um jovem de 20 anos passou num concurso duríssimo e foi assumir o seu pri-

meiro emprego: um barracão de madeira no meio do mato, ao lado de uma agrovila pioneira. A agência do Banco do Brasil de Vila Pacal. Repetia-se uma antiga história. O Banco do Brasil chegava antes mesmo da cidade porque sabia que ela ia crescer em torno de si. Sempre foi assim, e esta homenagem o país não pode deixar de prestar ao seu Banco: nunca houve no Brasil, em qualquer tempo, um movimento de penetração e fixação no interior tão eficaz, organizado e permanente. Nem mesmo as Bandeiras que ampliaram nossos limites territoriais. Nem mesmo as corajosas missões jesuítas. Em 1978, por exemplo, o Banco do Brasil abriu 100 novas agências, muitas delas em cidades que então sequer constavam do mapa. Ao mesmo tempo, iniciava um ambicioso programa de reestruturação do seu quadro de pessoal, melhorando os salários, as possibilidades de acesso e as condições de trabalho de seus funcionários. Mexendo em todo o sistema de recrutamento, seleção, promoção e comissionamento, num projeto que só estaria completamente implantado em 1986. Assim, o Banco do Brasil formou um equipamento humano sofisticado para tarefas no exterior, assessorias técnicas, operações especiais, organização e métodos, análise de projetos, processamento de dados, etc. Mas não esqueceu tam-

bém de atrair homens com a força capaz de criar cidades. De fazer um banco funcionar em lugares onde muita coisa podia funcionar, menos um banco. Foi o que aconteceu com o jovem que chegou em 1978 a Vila Pacal. Ele viu gauchos, paulistas, paranaenses e nordestinos chegarem à selva com suas mulheres, ferramentas e esperanças. Viu as casas surgirem, as lavouras brotarem, as crianças nascerem. Ajudou a fazer uma cidade com suas próprias mãos e este é um trabalho que marca o caráter de um homem por toda a vida. Por isso, aquele senhor de cabelos grisalhos está emocionado em Brasília, neste ano de 2008, participando da festa dos 200 anos do seu Banco. Ele é diretor e ocupa um gabinete na capital do país. Mas não consegue deixar de encarar seu trabalho com o mesmo espírito pioneiro dos velhos tempos. Também não esquece os amigos da Vila Pacal, hoje uma cidade moderna no meio da selva amazônica, para onde ele pretende voltar muito breve. Tão logo saia a sua aposentadoria.

EM AGOSTO AS ADMINISTRADORAS DE IMÓVEIS VÃO PARTICIPAR DE UM NOVO PROCESSO DE ABERTURA.



1ª CONAI

**CONVENÇÃO
NACIONAL DAS
ADMINISTRADORAS
DE IMÓVEIS**

Patrocínio



Grupo Atlântica-Boavista

Algumas portas que ainda estão fechadas no ramo de administração de imóveis serão abertas nos dias 22 a 25 de agosto de 1979, no Hotel Nacional - Rio de Janeiro.

Este processo de abertura se dará durante a I CONAI - I Convenção Nacional das Administradoras de Imóveis - quando se reunirão pessoas de todo o país ligadas à Assessoria de Administração de Imóveis e atividades correlatas, para discutir e estudar assuntos da maior importância, assim como os problemas do inquilinato gerando a crise habitacional, a indústria da Construção Civil, os condomínios imobiliários e outras áreas específicas no setor.

A I CONAI é a chave que vai permitir a abertura e o aprimoramento, tanto técnico como administrativo e legal, relativos a todo o processo e posicionamento da área de Administração de Imóveis.

Se você estiver interessado neste novo processo de abertura, procure maiores informações sobre a I CONAI na R. da Candelária, 9 - S/512, Tel.: 244-5255 / R-238, Rio de Janeiro - RJ.

ESTA É A CHAVE.

Toque de mestre

Um modesto registro da obra do grande Garoto

O LP GAROTO (Museu da Imagem e do Som), tendo como matéria-prima os velhos acetatos que serviam para registrar os ensaios da outrora gloriosa Rádio Nacional, conseguiu romper o inexplicável véu de silêncio que se abateu sobre a obra de Annibal Augusto Sardinha, o "Garoto" — um dos mais completos músicos brasileiros de todos os tempos. Desde sua morte, em 1955, aos 40 anos de idade, o violonista Garoto não mereceu mais que uma única faixa em um obscuro LP lançado na década de 50, com outros solistas. E, no entanto, ele foi indiscutivelmente o mais talentoso da primeira geração de músicos brasileiros que, logo no pós-guerra, se lançou à conquista do reconhecimento internacional — e entre os quais se notabilizariam os violonistas Laurindo de Almeida, Bola Sete e Luís Bonfá. Ele próprio acompanhou Cármen Miranda aos Estados Unidos tocando banjo no conjunto Bando da Lua.

Sua versatilidade talvez não encontre paralelo na música brasileira. Precocidade, aos 13 anos já acompanhava ao banjo a Américo Jacomino, o "Canhoto" — o maior nome do violão brasileiro da época. Como solista de instrumentos de quatro cordas — cavaquinho, banjo e, principalmente, o violão-tenor —, Garoto atingiu uma dimensão que somente seria alcançada, anos mais tarde, por Jacó do Bandolim. Como violonista ajudou, por um lado, a fixar um estilo que bem poderia ser caracterizado como uma escola brasileira de violão popular — onde uma das características principais seria a utilização do bordão (as cordas grossas do instrumento) e dos acordes como elementos de ritmo. Dentro do violão clássico, só não chegou a desenvolver uma carreira de concertista devido a seu próprio ecletismo

e indisciplina musical. Mesmo assim, nas poucas vezes em que se preparou adequadamente para uma execução — como na "Suíte Popular Brasileira", para violão e piano, de Radamés Gnattali (que não consta do disco) —, alcançou níveis de interpretação de alta qualidade.

SEM BIOGRAFIA — Tem mais: como compositor de peças para violão promoveu uma simbiose perfeita entre os recursos do choro e de obras clássicas,



Garoto: anárquico, displicente e exuberante

com harmonia moderna. Seus choros "modernos" o colocam, ao lado de Johnny Alf, como um dos precursores da bossa nova. E por "precursor" não se entenda o mero pioneiro que forneceu as indicações dos caminhos que seriam, posteriormente, trilhados por terceiros. Excetuando Tom Jobim, nenhum dos demais integrantes do movimento conseguiu apresentar uma obra que, no seu conjunto, fosse tão caracteristicamente pessoal, "moderna" e de qualidade das "bossas novas" de Garoto.

Com todo esse acervo, Garoto é conhecido do grande público apenas por músicas como "Duas Contas" e "Gente Humilde" — esta redescoberta por Vinicius de Moraes e Chico Buarque, que lhe deram letra. Ou então pelo insofocável "Hino do Quarto Centenário" — o "São Paulo Quatrocentão". Mesmo o recém-lançado LP "Garoto" não dá mais que uma pálida idéia da dimensão do talento do autor. Em parte porque a matéria-prima de que dispôs Paulo Tapajós — o produtor do disco — não era das mais ricas. A maioria dos acetatos da Nacional do Rio de Janeiro, para onde Garoto se mudou no início da década de 40, estava irremediavelmente estragada. Depois, porque Tapajós — à época diretor artístico da Nacional — trata o músico Garoto com a maior desconsideração. Ele lamenta, por exemplo, a perda da gravação de "Acordes Ondulados", obscura composição onde Garoto tocava — pasme-se — guitarra havaiana. O que deveria ser algo tão irrelevante quanto "Cavaquinho Boogie" (que consta do disco), típica música de encomenda.

A contracapa — escrita por Tapajós — não faz uma única referência ao músico, sequer apresenta seu nome real, quem foi, o que fez, quando as músicas foram gravadas. Há somente uma menção a seu "talento artístico inegável" — algo tão formal e previsível em uma contracapa quanto um "cordiais saudações" em uma correspondência comercial.

COM OS DEDOS — O desrespeito permanece na apresentação das músicas. As faixas "Alma Brasileira" e "Sons dos Carrilhões", por exemplo, são identificadas como solos de violão sem acompanhamento. O que poderá induzir o leitor a acreditar que Garoto era capaz do milagre de só com um mero violão solar em um timbre e simultaneamente se acompanhar em outro. Na realidade, o solo é de violão-tenor, acompanhado por um violão comum, tocado obviamente por outro violonista.



Em 1941: a carreira no Rio

No disco, Garoto aparece solando violão em apenas duas faixas: a valsa "Saudades de Iguape" e "Duas Contas". Nesta, há uma significativa mostra de seu estilo ao violão. Por ter unhas quebradiças, ele, ao contrário da maioria dos violonistas, tocava com os dedos — em vez de com as unhas —, o que lhe permitia tirar um som bastante suave do instrumento. Em "Duas Contas", além disso, está bem caracterizado seu modo de utilizar os bordões, com pequenos fraseados recheando as pausas da melodia principal — que se constituiria, de resto, em uma de suas marcas registradas.

ANARQUIA E IMPROVISO — Nas demais faixas — solos de violão-tenor e cavaquinho —, é possível vislumbrar as principais semelhanças e diferenças entre ele e Jacó do Bandolim.

Jacó era um espírito disciplinado que elaborava pacientemente cada execução, em seus mínimos detalhes, além de explorar mais conscientemente os sons que extraía do instrumento.

Garoto, ao contrário, era anárquico, exuberante, ingressando sem vacilar na aventura do improviso, com uma so-

fredidão que parecia denotar o receio de que o instrumento não conseguisse acompanhar a musicalidade que lhe vinha à cabeça. Nesse sentido, "Chinatown, My Chinatown" — faixa do disco — é um exemplo inesquecível de virtuosismo. Nele e em "Amor Não Se Compra" — solo de cavaquinho —, Garoto se vale de alguns recursos de contratempo, ou de "sincopado", que somente muitos anos mais tarde passaria a ser utilizado e se tornaria, inclusive, uma das principais características de Jacó.

Contudo, é nas obras de violão que Garoto atingiu seus momentos mais altos. Nos seus últimos tempos de vida, aliás, ele conseguia reprimir sua exuberante irresponsabilidade e passara a canalizar toda a sua musicalidade para seus choros "modernos". Vêm daí composições clássicas como "Tristeza de um Violão", "Gracioso", "Choro Triste", que, somadas a algumas peças compostas por ele pouco antes de morrer — e conservadas por alguns abnegados —, impedem de se saber até onde poderia ter chegado Garoto não fosse o colapso cardíaco que o matou.

LUÍS NASSIF

Aplique no 256.

FUNDO BOZANO, SIMONSEN DE INCENTIVOS FISCAIS
EVOLUÇÃO DA COTA

Este é o número do Fundo Bozano, Simonsen de Incentivos Fiscais.

Agora que os fundos de incentivo fiscal têm número, aplique o seu incentivo no 256.

O 256 oferece toda a segurança de um fundo muito bem administrado:

Fundo Bozano, Simonsen. Que trata o seu incentivo fiscal como todo bom investimento deve ser tratado. Com o mesmo profissionalismo que vem garantindo ao Fundo Bozano, Simonsen o desempenho que

Período Findo em 31/12	Valor da Cota Cr\$	Rentabilidade		
		No Exercício %	Acumulada	
			Inversão feita há	%
1973	0,909	(4,7)	6 anos	343,0
1974	0,849	(6,6)	5 anos	364,8
1975	1,165	37,2	4 anos	397,7
1976	1,628	39,7	3 anos	262,7
1977	2,835	74,1	2 anos	159,5
1978	4,225	49,0	1 ano	49,0

Obs.:

- Em 31/12/78 foi feita uma distribuição de Cotas-Dividendo, cujo percentual correspondeu a 1,3% do valor da Cota no início do período.
- Despesas debitadas ao Fundo no 2.º semestre de 1978: 0,88% do Patrimônio Líquido Médio.
- Taxa de Administração de 1978: 4% do Patrimônio Líquido Médio.

você pode comprovar analisando o quadro demonstrativo.

Este ano, você pode entregar a sua declaração de renda em qualquer agência bancária. Mas não se esqueça: aplicando no 256 você ganha todo

o talento e a experiência do Banco Bozano, Simonsen de Investimento.



BOZANO, SIMONSEN

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 138 - Tel.: 224-1422 - SÃO PAULO: Rua Boa Vista, 88-Tels.: 35-1920, 35-7471 e 37-4506 - BELO HORIZONTE: Rua Espírito Santo, 945-Tels.: 226-7266 (PABX), 226-7745, 226-1834 e 226-7071 - CURITIBA: Rua Monsenhor Celso, 219 - Tels.: 32-1211 (PABX), 33-4141 e 33-4113-FORTALEZA: Rua Guilherme Rocha, 381 (Esquina Rua Senador Pompeu) Edifício Dummar-1º andar - Tels.: 31-6055 e 31-6056 - PORTO ALEGRE: Rua Otávio Rocha, 115 - Conj. 1201 - Tels.: 21-6645 e 21-6665 - SALVADOR: Rua Frederico Castro Rabelo, 1 - 6º andar - Edifício Carlos Klappe.

A cerveja gelada mais rápida e moderna de gel

Servgela é a maneira mais rápida e moderna de gel
cervejas e refrigerantes. Basta colocar as garrafas
pôr gelo na caçamba e abrir a torneira. A beb
sai gelada na hora e até o último copo.

Servgela é simples, prática e decorativa.

Ótima para usar em casa e excelente pa
férias, viagens e acampamentos.

E Servgela é a única cervejeira qu
tem 6 meses de garantia.

Oferta Especial Tarefa.

Compre com seu Cartão de Cr

Credicard, Dinners e Passap

ou com cheque nominal p

Tarefa Marketing e C

Ltda. Caixa Postal n

São Paulo, Capital

Em poucos dias

receberá seu p

em casa. Se

qualquer

outra c

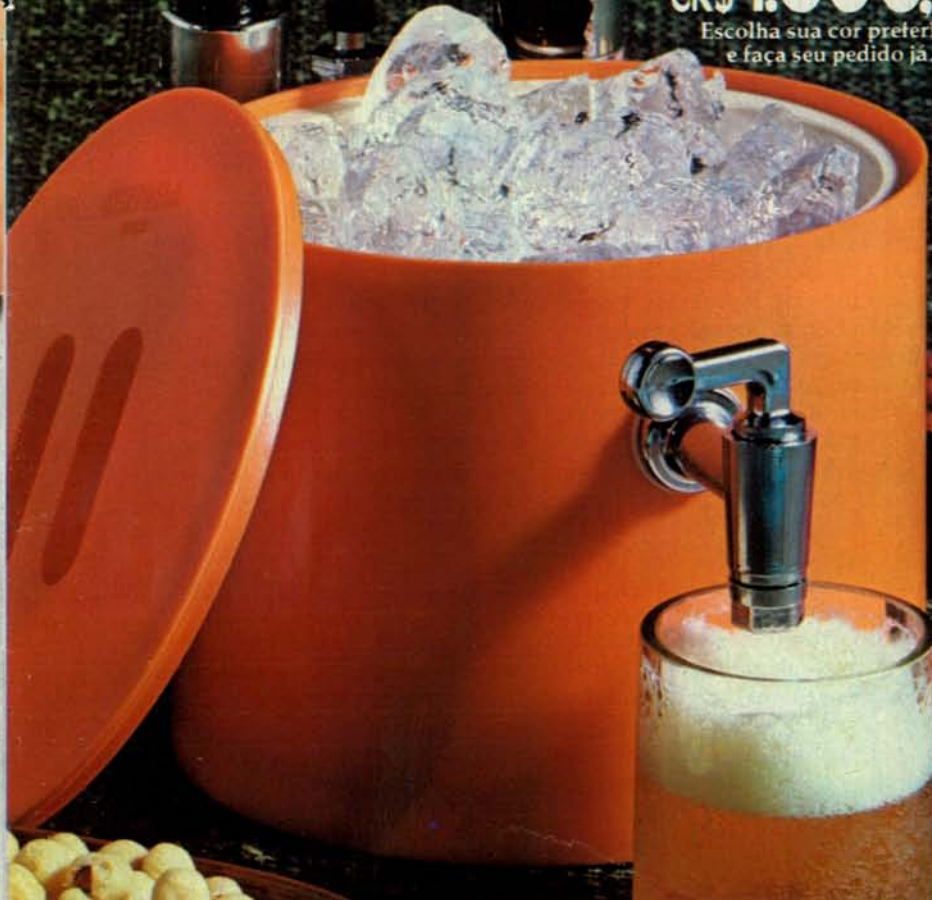
A caçula da família Servgela.
Menor, mais leve, tão prática
é eficaz como todas as Servgelas.
De Poliestireno Alto Impacto
em duas maravilhosas cores:
Laranja e Marfim.

Servgela Júnior.

CR\$ 1.600,00.

Escolha sua cor preferida
e faça seu pedido já.

LANÇAMENTO



CR\$ 2.700,00.



Servgela Família

2 serpentinas, 2 torneiras. Funciona com
quatro garrafas (duas cervejas e dois
refrigerantes. Ou só cervejas ou
só refrigerantes).



Brinde grátis:

Adaptador para barril de chope.
(para a compra de qualquer dos modelos).

Preencha o cupom ou envie
carta para a Tarefa com seu pedido.
Caixa Postal n° 99, São Paulo, Capital.

Tarefa

MARKETING E COMERCIO LTDA.

Al. Gabriel Monteiro da Silva, 355

Fones: 280-4610 - 280-9043

852-9779 e 853-6924

CEP 01441 - São Paulo - SP

Compre
esta oferta
pelo correio.
Compre da
Tarefa.

☐ Servgela Júnior ☐ Laranja ☐ Marfim

☐ Servgela Família

Nome.

Endereço.

Cidade.

Bairro. CEP.

Estado. Telefone.

☐ Cheque Nominal N°

☐ Cartão de Crédito ☐ Credicard ☐ Dinners ☐ Passap

N°.

Assinatura.



WALTER FIRMIO

Xangô da Mangueira: um repertório regional, simples e fluente

Harmonia campeã

Nota 10 para o quarto LP de Xangô da Mangueira

O apelido "Xangô" — na macumba, São Jerônimo, o homem do trovão, do relâmpago — ele ganhou quando ainda era operário no subúrbio carioca de Del Castilho, ao batizar, "com água e tudo", um novato atrevido. Nascido no Estácio mas criado na roça do Estado do Rio de Janeiro, Olivério Ferreira passou por várias escolas antes de receber o sobrenome mangueirense. E é lá, na Estação Primeira de Mangueira, que há quase trinta anos ele dirige a harmonia do samba na avenida. Corpulento, em nada aparentando os 56 anos de idade, abalados por dois enfartes, ele chega a seu quarto LP (XANGÔ DA MANGUEIRA VOL. 3, Tapeçar) numa carreira que só agora parece se consolidar. Estreou dez anos atrás num obscuro e pioneiro LP de partido alto (lançado por outra gravadora), mas hoje tem empresário, faz cerca de quinze shows por mês e consegue lotar auditórios, como está acontecendo no Rio, onde está se apresentando ao lado de Clementina de Jesus.

Sua vendagem deverá situar-se numa contabilidade imprecisa, "algo entre 18 000 e 30 000 cópias", calcula Xangô, que se considera prejudicado pela má divulgação e mesmo pela inexistência do LP em muitas cidades por onde excursiona. "Se eu tivesse uma máquina por trás já estaria longe", imagina sorrindo Xangô, deixando à mostra o frontal dente de ouro. Ex-operário, estivador e segurança do INPS, ele começou a tocar surdo e tamborim na minúscula escola Unidos de Rocha Mi-

randa, mas foi na Portela, apadrinhado pelo lendário Paulo Benjamin de Oliveira, o Paulo da Portela, que Xangô aprendeu os segredos da harmonia.

PARTIDO ALTO — Hoje mestre de seu ofício, continuando a tradição de Paulo da Portela, Lício da Rocha Miranda e Benedito Perna Seca, Xangô harmoniza o repertório de seu disco com o mesmo equilíbrio com que supervisiona o desfile. Homenageia a descendência mineira por parte de mãe ("Mineiro ê", um calango, "Cobre Sussurana", um caxambu) cantando no mesmo estilo dos roceiros. Não esquece a linha de caboclo, do samba de roda baiano ("Não Xinga o Boi") nem o africano jongo ("Chico Jongueiro"), pai do estilo que escolheu o partido alto. Como diretor de harmonia, poderia ter se dedicado à trilha fácil do samba-enredo e, com a autoridade do cargo, vencer todos os concursos da Mangueira. No entanto, preferiu "evitar polêmica" e defender o partido alto, que considera o legítimo representante do Rio de Janeiro no mapa do folclore nacional.

Consciente de seus privilégios de astro do samba, com passagens pela Itália, Alemanha, França, Espanha, Peru e Japão, Xangô investe ainda em esquecidos sambas de terreiro de compositores menos afortunados. É o caso de "Perdi Minha Alegria", da dupla Vadiño e Murilo, da Unidos de Tuiuti, composto em 1942 e registrado em disco pela primeira vez.

De impacto irresistível, "Perdi Minha Alegria", de certa forma, resume o disco e o repertório sucultento, todo constituído de músicas fortes, regionais e típicas — e estaria aí na simplicidade e fluência a explicação para a permanência de Xangô e seu estilo partideiro. ●

■ **SIVUCA** (Copacabana) — Batizado Sivuca desde a estréia, em 1945 na Rádio Clube de Pernambuco (quando tinha 15 anos), o paraibano Severino Dias de Oliveira penou como qualquer músico retirante. Fez dezoito anos de carreira no exterior — tocou com Miriam Makeba, Oscar Brown Jr., Harry Belafonte — e de volta, exibe-se nos sete fôlegos que acumulou em tão árdua carreira: composição, arranjo, sanfona, piano elétrico, violão, pandeiro e sintetizador. Autor capaz de comover com valsinhas ("João e Maria") ou ukapan-ga — ritmo sul-africano — ("Mãe África"), Sivuca poderia ter poupado a oitava tarefa — a de cantor de nove das onze faixas do disco. Comete com isso seu único, embora perdoável, deslize.

■ **MICO DE CIRCO**, Luís Melodia (Som Livre) — Entre os 106 homenageados deste disco — dedicado à marginalidade — confrontam-se, por exemplo, Roberto Carlos e o bandido Cara de Cavalo, o notório Madame Satã, o inédito Paulinho da Outra e o pacato cineasta Nelson Pereira dos Santos. Quanto ao repertório, mais conflitos: conga ("Mulato Latino"), samba ("A Voz do Morro"), choro ("Fadas") e o blues. Em compensação, seus versos de fragmentada colagem poética encaixam-se em melodias flexíveis sob medida para a voz de Luís Carlos dos Santos.

■ **PAI HERÓI**, Trilha Sonora, Diversos (Som Livre) — Descontada a lacrimosa monotonia da faixa-título, entregue ao obscuro Fábio Júnior, enfim uma trilha de novela que escapa às desgraças de suas efêmeras personagens. Desde "Gabriela" e "Pecado Capital" não se ouvia tal elenco reprisado ao longo de infundáveis capítulos: Paulinho da Viola, Beth Carvalho, Maria Bethânia, Moraes Moreira, Renato Teixeira, etc.

■ **CARTOLA 70 ANOS** (RCA) — Mal lançado — no vácuo entre o Natal e o carnaval — com pálidos arranjos do trombonista Nelsinho (inepto substituto para o violonista Dino dos dois discos anteriores), em lugar de uma celebração poderia ouvir-se aqui um réquiem. Mas nem o natural pessimismo do repertório ("Fim de Estrada", "Silêncio de um Cipreste") apaga a chama do imbatível Cartola, despudorado cantor desta proclamação à praça: *No inverno do tempo da vida/Ó Deus, eu me sinto feliz.*

TÁRIK DE SOUZA



**“Eu achava
muito complicado
preparar
uma viagem.
Até conhecer a
British Caledonian.”**

“Quem prepara uma viagem pela primeira vez, naturalmente, se atrapalha.

Pra onde ir, como ir, onde ficar? São algumas das perguntas que a gente sempre gosta que sejam respondidas.

Mas, se você escolhe a British Caledonian, não precisa se preocupar.

A British Caledonian, além de providenciar o seu bilhete para o mesmo dia, faz reserva de hotel, providencia aluguel de carros e faz conexões de Londres para qualquer lugar do mundo.

A única coisa que você precisa fazer é marcar a data mais conveniente e embarcar num dos moderníssimos DC-10 da British Caledonian.

O voo “Non Stop” é super confortável. Comissárias, falando português fluentemente, dão tanta atenção e carinho aos passageiros que cada um se sente como se fosse o único a bordo.

Viajar pela British Caledonian é realmente outra coisa.”

Consulte seu Agente de Viagens.

**Pensamos na sua tranquilidade
muito antes de conhecer você.**

PARTIDAS PARA LONDRES

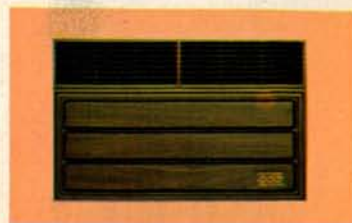
	DOMINGO	QUARTA	SEXTA
S. Paulo (Viracopos) (Congonhas)	— 21:00	19:40 19:15	21:20 21:00
Rio (Galeão)	23:15	21:30	23:15
Recife (Guararapes)	—	1:15	—



**British
Caledonian**

Sabemos que a escolha é sua.

São Paulo: Av. Ipiranga, 331 - Tel.: 259-6144
Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 251-B - Tel.: 242-4046
Recife: Av. Conde da Boa Vista, 1295 - Tel.: 222-4499



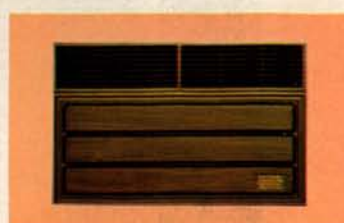
Suite Super Quiet 71R12F



Suite Super Quiet 71R12CR



Suite Super Quiet 71R23F



Suite Super Quiet 71R23CR



Royal 10R12F



Royal 10R12CR



Royal 10R23F



Royal 10R23CR



Royal 14R23F



Royal 14R23CR



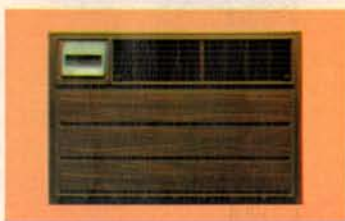
Royal 18R23F



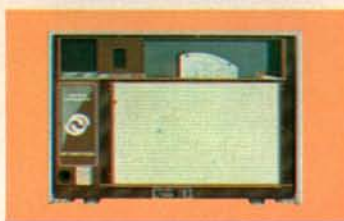
Royal 18R23CR



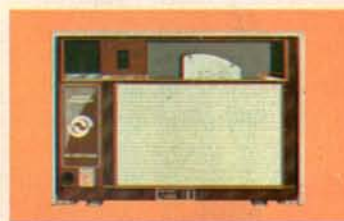
Imperial 300I23F



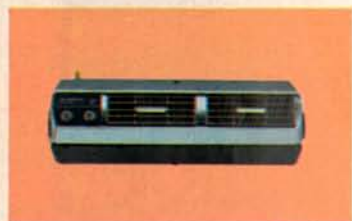
Imperial 300I23CR



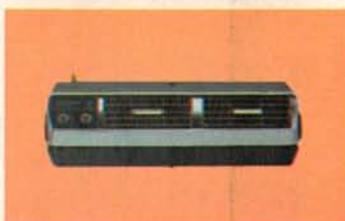
Central Compacto 36CC231F



Central Compacto 36CC231CR



Compacto 114 A



Compacto 114 ACR



Embutido 228 E



Embutido 228 ECR

A Springer tem 40 modelos de 36.000 btu, para resolver qualquer aquecimento em escritórios, resi

 **Springer®**

Fábricas em Canoas (RS), Paulista (PE) e Manaus (AM).



Suite Super Quiet 85R12F



Suite Super Quiet 85R12CR



Suite Super Quiet 85R23F



Suite Super Quiet 85R23CR



Royal 12R12F



Royal 12R12CR



Royal 12R23F



Royal 12R23CR



Imperial 210I23F



Imperial 210I23CR



Imperial 265I23F



Imperial 265I23CR



Central Compacto 36CC233F



Central Compacto 36CC233CR



Compacto 114 AF



Compacto 114 AF CR



Embutido 228 A



Embutido 228 ACR



Superfleet



Superfleet CR

condicionadores de ar, de 7.100 a er problema de refrigeração ou dências ou veículos.

mais ar condicionado pelo seu dinheiro.

A maior rede de assistência técnica direta da fábrica.

O Samba do Telex-tex.



Recebe mensagens. Envia mensagens. Registra mensagens. Perfura fita. Elimina dúvidas. Desfaz mal-entendidos. Consulta. Confirma. Avisa. Recebe avisos. Vai. Volta. Economiza, economiza, economiza, economiza, economiza.

É nesse ritmo que o telex internacional ajuda você a fazer a maior economia na sua empresa. E a lucrar muito mais. Porque ele evita as despesas e os atrasos desnecessários causados pelos problemas de comunicação.

O telex internacional é a maneira mais rápida e segura que existe para você enviar mensagens por escrito para qualquer parte do mundo. É tão simples que até parece letra de samba. Todos os códigos dos países estão no Guia Brasil Telex. E se você quiser mais informações é só chamar o número 915 – Informações Internacionais. Depois, você faz a sua ligação imediatamente. Sem perder o compasso.

Quando você usa o telex internacional a sua empresa trabalha assim: na cadência de uma boa batucada. E você resolve negócios com rapidez, segurança e economia.

No ritmo do telex-tex.



EMBRATEL
Empresa do Sistema TELEBRÁS



Denner e seu objeto de desejo: prisioneiro do imaginário

Cinema

A vida escrita

Uma história que rende homenagem aos livros

O HOMEM QUE AMAVA AS MULHERES (*L'Homme qui Aimait les Femmes*, Rio de Janeiro) é um engenheiro de província francesa, "Bertrand Morane" (Charles Denner), solteirão e conquistador inveterado. Seu fetiche: belas pernas femininas. Sua psicose: o desejo, aliás claramente edipiano, de desvendar em cada objeto feminino um pouco do enigma que não soube decifrar na imagem materna. Que faz essa personagem, mescla de Casanova e menino selvagem, na obra de François Truffaut, o cômico cineasta da educação sentimental e dos amores proibidos?

Aparentemente, nada. Ao menos até que Bertrand, cansado de sua maratona sexual, decide escrever suas memórias, com o apoio de uma editora, "Geneviève" (Brigitte Fossey). Descobre-se, então, que esta melancólica farsa de boulevard nada tem a ver com Freud ou a guerra dos sexos. Trata-se, assim, de uma amável crônica sobre o acaso e a liberdade, centrada no nobre papel da palavra escrita. Pois o filme está para a importância de escrever assim como "A Noite Americana", outra criação de Truffaut, era uma exegese da magia de fazer cinema.

CRIAÇÃO LITERÁRIA — Os livros cercam o protagonista, num silencioso apelo para que ele viva a realidade. Nem um esquizóide, nem um tolo chauvinista, Bertrand é apenas um prisioneiro do imaginário. Suas amantes são cópias platônicas de um sonho impossível — e o projeto a que ele obstinadamente se entrega é reduzir a distância que separa seu olhar das mulheres que vê. A estas falta, pura e simplesmente, uma identidade. E nenhuma comunicação real se estabelece entre o amante e suas amadas. Mas, quando Bertrand se entrega à feitura de seu "manuscrito intuitivo e sincero", o sonhador materializa o irreal, mergulha no ser concreto o que antes pertencia à alçada da evanescente subjetividade.

Como diz Geneviève, seu livro contém as contradições de uma vida. Se o destino cuidou de arrematar arbitrariamente a existência dessa criança que não aprendeu a crescer — o filme começa e conclui com os funerais de Bertrand, vítima de uma morte acidental e idiota —, suas memórias, espécie de "A História de Adèle H." às avessas, restam como testemunho a falar de uma liberdade humana que se aventurou pelo mundo e foi a única responsável pelo que fez de si mesma.

Para defender e ilustrar sua tese — a criação literária como tentativa de fundamentar o que somos —, Truffaut recorre a uma sequência de incidentes excêntricos e paradoxais, nem sempre suficientemente cristalinos. Frio e dis-

tanciado com relação às personagens, tal qual Bertrand frente às mulheres que amou, o filme ora parece evasivo, ora incapaz de produzir inquietações, quando não se omite em informações indispensáveis — como ao abordar a personagem de "Vera" (Leslie Caron), com quem o próprio Bertrand confessa ter tido "a mais crucial relação" de sua vida. Tais deslizos, porém, não dissolvem o sereno fascínio do espetáculo que, superficialmente, pode ser apreciado como uma intencional homenagem de Truffaut às antigas farsas de Sacha Guitry (1885-1957), o realizador de "Se Versalhes Falasse". PAULO PERDIGÃO

Em silêncio

Woody Allen fica sério e a platéia perde

"A esquizofrenia de todos os comediantes judeus que conheço é sentir-se um fracasso, mesmo depois de fazer rir o mundo inteiro, só porque nunca puderam interpretar Hamlet" — disse certa vez Groucho Marx. Aos 44 anos, Woody Allen, judeu e comediante como Groucho, também achou que já era hora de ser levado a sério. E confeccionou seu tratado existencial metafísico, *INTERIORES* (*Interiors*, Rio). Como indica o título, trata-se de um austero psicodrama de câmara, fotografado em sóbrias tonalidades cinza e bege, sem música de fundo, onde personagens saturadas de ansiedade, neurose e diletantismo discutem ou refletem sobre o significado da arte, a onipresença da morte, a incomunicação das mentes — enfim, os tormentos da pobre condição humana.

Escrito e dirigido por Allen, o filme narra a história da desagregação de uma abastada família não-judia de Long Island. Quando o pai, próspero advogado (E. G. Marshall), abandona a mulher (Geraldine Page), uma decoradora obcecada por ambientes vazios e sufocantes, as três filhas (Diane Keaton, Marybeth Hurt, Kristin Griffith) reagem à antiga possessividade materna e relegam a segundo plano seus dramas pessoais para cobrar dos pais o afeto de que careceram na infância. Submissa até então ao perfeccionismo espiritual cultivado pela dona da casa, a família implode num abafado turbilhão de agressões mútuas — e reage com incandescentes emoções assim que o pai reaparece anunciando seu próximo casamento com uma viúva.

CONHEÇA O SUCESSOR DO FUSCA.



QUATRO RODAS de março
mostra, em primeiríssima mão,
fotos inéditas e exclusivas
da maior novidade da
indústria automobilística.

E MUITO MAIS !



JÁ NAS BANCAS

(Anúncio de caráter informativo, não devendo ser interpretado como venda de ações.)

Unibanco - Banco de Investimento do Brasil S.A.
Banco Nacional de Investimentos S.A.
Banco Financeiro e Industrial de Investimento S.A.
Banco Itaú de Investimento S.A.

comunicam que foram totalmente subscritas e integralizadas 168.246.400 ações, sendo 96.419.413 ações ordinárias e 71.826.987 ações preferenciais, ao preço de Cr\$ 1,00 por ação, resultantes do aumento do capital social de Cr\$ 1.121.642.667,00 para Cr\$ 1.289.889.067,00, autorizado pela AGE de 29/09/1978, da

VARIG

"VARIG", S.A. (VIAÇÃO AÉREA RIO-GRANDENSE)

Cia. Aberta - CGC 92.772.821/0001-04 - Porto Alegre - RS

Cr\$ 168.246.400,00

O montante acima foi objeto de garantia firme de subscrição prestada pelas instituições financeiras mencionadas anteriormente, conforme contrato celebrado em 05/10/1978.

O total de 80.159.367 ações ordinárias foi subscrito e integralizado pela acionista Fundação Ruben Berta, perfazendo Cr\$ 80.159.367,00, sendo que para 70% deste valor foi utilizado repasse de financiamento oriundo do PROCAP-II, através do UNIBANCO - Banco de Investimento do Brasil S.A. e Banco Nacional de Investimentos S.A.

A presente emissão foi registrada na Comissão de Valores Mobiliários sob o nº SEP/GER/REM - 78/052 em 22/12/1978.

São Paulo, fevereiro de 1979.



UNIBANCO

Banco de Investimento do Brasil S.A.

alegre (Maureen Stapleton), verdadeiro facho de cores berrantes e coração à flor da pele a violar esse mundo doméstico destituído de sentimentos e vitalidade.

ORELHAS DE LIVROS — Rigoroso em sua disciplina formal, "Interiores" chega a dar a ilusão de que, por mero capricho, Ingmar Bergman instalou-se com seu fotógrafo Sven Nykvist ("Gritos e Sussurros") nas costas nova-iorquinas para filmar alguma tragédia burguesa de Chekhov, do tipo "As Três Irmãs". Essa contenção dramática foi suficiente para candidatar o filme a cinco Oscar: direção, roteiro original, cenografia, atriz (Geraldine Page) e coadjuvante feminina (Maureen Stapleton). Mas é tudo superficial. Por baixo, o que se vê é a profunda inautenticidade criativa, a simbologia pueril e a postiça afetação que moveram Woody Allen a abrigar sob sisudo revestimento situações que ele próprio, em suas comédias, havia parodiado. Fica a impressão de que o cerebral humorista de "Noivo Neurótico, Noiva Nervosa" andou digerindo mal as orelhas dos ensaios filosóficos de Kierkegaard e julgou-se apto a promover, enfim, a catarse de sua paranóia iídiche. Mas o produto final parece tão inadequado como uma absurda pornochanchada dirigida num momento de descuido por Ingmar Bergman. E postigo como um homossexual interpretado por John Wayne. Hermético e óbvio, este cansativo filme de Woody Allen sem Woody Allen pode ter sido necessário à auto-afirmação do ego de seu autor. A platéia, porém, que nada tem a ver com isso, sente-se tão frustrada como se permanecesse durante 91 minutos a encarar uma tela em branco. **P.P.**



Diane, Kristin, Marybeth: desunindo a família



Os músicos da "Orchestra" de Fellini: ninguém entra em acordo

Pelo mundo

*Um Fellini social, "Hair",
o massacre da Guiana*

Federico Fellini imaginou o filme, realizado por encomenda da RAI, a emissora de televisão estatal italiana, apenas como "um divertimento de passagem", enquanto se preparava para seu próximo e ambicioso longa-metragem, que deverá ser "A Cidade das Mulheres". No entanto, "Prova d'Orchestra", seu mais recente filme, estreado no começo de março nos cinemas de Roma, vem provocando uma inesperada e intensa controvérsia. Em Nova York, uma década depois de sua explosão teatral, na Broadway, estreou a aguardada versão cinematográfica do musical "Hair", dirigida por Milos Forman — outro filme que está dividindo os críticos. E, nos estúdios Churubusco, na Cidade do México, antecipando-se aos produtores italianos que também anunciavam filmes sobre o

mesmo tema, o diretor René Cardona Jr. conclui as tomadas de "Guyana, El Crimen del Siglo", inspirado no massacre do Templo do Povo dos seguidores do "reverendo" Jim Jones. VEJA comenta essas produções:

Guerra musical

No final de uma sessão privada de "Prova d'Orchestra" no Palácio do Quirinal, sede do governo italiano, o líder comunista Pietro Ingrao, presidente da Câmara dos Deputados, deixou a sala indignado. Senhores bem vestidos aplaudiram freneticamente o filme, enquanto em outras partes da platéia ouvia-se gritos de "reacionário", "repressor". Tanta discordância é perfeitamente compreensível, pois "Prova d'Orchestra" mostra Fellini deixando de lado, mesmo que momentaneamente, suas preocupações com o passado e comentando com melancolia o mundo atual à sua volta.

São 70 minutos de um ensaio de orquestra que funcionam como pretexto para Fellini desenvolver uma desconcertante metáfora em torno da violência e das tensões sociais do mundo contemporâneo. A todo instante o ensaio é interrompido pelos mais variados incidentes: rebelando-se contra o comando do maestro, os músicos o expulsam da sala, colocando em seu lugar um metrônomo — que a certa altura também é destituído da autoridade.

No conturbado ensaio de Fellini, instrumentos tão diversos como violinos, flautas, piano e tímpanos tentam criar

RAIS

FICOU MIL VEZES MAIS FÁCIL ENTREGAR NO BRADESCO.

O Bradesco coloca mais de 1000 agências, em todos os estados brasileiros, à sua disposição, para que você entregue e obtenha todo tipo de informação sobre a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) de 1979, fornecendo inclusive os formulários gratuitamente.

Para maior rapidez e

comodidade às empresas que prestam informações ao PIS por intermédio de fita magnética, o Bradesco possui um manual para consulta.

Confie sua RAIS ao Bradesco. Mas não esqueça o prazo de entrega:

- 31/3 para as empresas com mais de 50 empregados.

É só falar com a moça.



BRADESCO

garantia de bons serviços

SEMP TOSHIBA. SÉRIE GRANDES LANÇAMENTOS.

Fevereiro



Rádio-Relógio Digital Eletrônico Semp. Funciona com ou sem luz.

- Para você dormir com música, ou acordar com música ou alarme.
- Rádio FM/AM.
- No caso de falta de luz, uma bateria é acionada automaticamente.
- O Digital Eletrônico da Semp Toshiba não dorme em serviço...

Março



Semp Max Color 10. O portátil dos portáteis!

- Maravilha a cores em 10 polegadas (25 cm).
- Tela Blackstripe de aquecimento rápido, circuito Solid State.
- Maior definição de imagem, cores mais vivas, mais brilho e contraste.
- Economia: consome menos energia que uma lâmpada caseira de 60 watts.
- Apenas 8 kg. 50% menos que qualquer portátil do mercado.

Fevereiro



Semp Stereo Music System-SM 3000.

- Stereo Receiver FM/AM, conjugado com toca-disco e gravador cassete.
- 80 watts de alta qualidade musical.
- Sistema stereo com duas caixas acústicas e opção para mais duas (Matrix 4).

Abril



A discoteca portátil. Rádio Gravador RT 6100 Toshiba.

- 4 faixas de onda: FM/AM/OC1 e OC2.
- Gravador cassete com pausa e sleep timer. Uma só tecla para gravação.
- Gravação direta do rádio e microfone embutido ou externo.
- Exclusivo: "2 ways speaker system" - sistema de 2 alto-falantes com difusor de frequência para graves e agudos (woofer e tweeter).
- Funciona em 110/220 volts ou a pilha.

Estamos começando...

SEMP TOSHIBA S.A.

Produzido na Zona Franca de Manaus por Semp Toshiba Amazonas S.A.



Whitman, como "Jones/Johnson": sexo e religião

uma ordem anárquica em que cada um abandona as exigências de conjunto para obedecer apenas à particular beleza de seu timbre. A rebelião, entretanto, termina de modo tão inesperado como havia começado: uma equipe de demolição arrasa uma parede da sala e essa situação de emergência tem o efeito de novamente reunir os músicos sob a batuta do maestro.

Sem poupar nenhuma instituição, "Prova d'Orchestra" é um filme provocante, que mexe com tudo e faz questão de não propor nenhuma solução alternativa. Fellini traça um retrato pessimista da Itália atual, país que detém o desagradável recorde europeu em assassinios políticos, comprimido entre anseios de justiça social e o terrorismo das Brigadas Vermelhas. Significativamente, depois que todos os músicos se retiraram, surge na tela a expressão *da capo* ("do começo"), sugerindo que tudo aquilo pode acontecer de novo — se não vier algo ainda pior.

Horror mexicano

Nos imensos estúdios Churubusco, na Cidade do México, só entra quem puder provar que tem algo a ver com a produção de "Guyana, el Crimen del Siglo", a inevitável transposição cinematográfica do suicídio coletivo dos seguidores do "reverendo" Jim Jones. Dois produtores italianos estavam interessados em filmar o massacre, mas René Cardona Jr., 38 anos, com a audácia oportunista que já demonstrava ao fazer "Os Sobreviventes dos Andes", foi mais rápido. Tão rápido que o filme, que está em sua última semana de produção, tem estréia mundial marcada para fins de abril, com sua profusão de cenas de violência sexual. Em uma sequência, um casal acusado de ter se amado sem o consentimento do "reve-

rendo" recebe sua punição: ela tem de se entregar a outro homem e ele é forçado a uma relação homossexual diante de toda a comunidade.

Considerado o filme mais caro da história do cinema mexicano (2,4 milhões de dólares), "Guyana" combina atores mexicanos com astros americanos em decadência, entre eles

Yvonne de Carlo, Joseph Cotten, Gene Barry, e Stuart Whitman no papel central, como o "reverendo Johnson" (como medida de precaução legal, mudaram-se os nomes de todas as personagens). Mesmo assim, o produtor executivo Alfonso López Negrete queixa-se de que vem recebendo ameaças telefônicas desde o início das tomadas. Mas Cardona, que em "Os Sobreviventes dos Andes" copiou o macabro episódio de antropofagia entre os passageiros de um avião uruguaio que caiu no Chile, dá outra vez sua garantia de fidelidade: "Não foi preciso inventar nada. Tudo que mostramos aconteceu mesmo".

Bom transplante

O diretor checo Milos Forman queria filmar "Hair" desde o dia em que o assistiu num teatro de Nova York, em

1967, logo na semana de estréia. Mas a oportunidade só surgiu em 1976, pouco antes de ganhar o Oscar por "Um Estranho no Ninho", quando o produtor Lester Persky decidiu que Forman, auto-exilado nos Estados Unidos, seria o cineasta ideal para captar o jovial espírito de rebeldia do original.

A filmagem de "Hair" (custo de 12 milhões de dólares) tinha tudo para não dar certo, devido à rala estrutura dramática do texto de Rado e Ragni, pouco mais que uma reunião de belas canções. Nem Forman nem o roteirista Michael Weller haviam feito musicais antes, e, além disso, uma remontagem da peça na Broadway em 1977 fracassara, sugerindo que "Hair" estava numa situação incômoda: não era mais novidade para o público jovem e ainda não envelhecera o bastante para ganhar valor nostálgico. Mas o filme, com elenco de desconhecidos, estreado há duas semanas em Nova York, supera todos esses obstáculos. A sequência de abertura, com a "tribo" dançando no Central Park, ao som de "Aquarius", é arrebatadora, o mais feliz retrato até hoje feito do inconformismo algo ingênuo e inconsequente da geração "flor e amor". A partir daí, escorado na inovadora coreografia de Twyla Tharpe, o diretor Milos Forman consegue quase um milagre — um filme capaz de funcionar como drama, comédia e observação social. Mesmo os críticos que fazem restrições ao original reconhecem este valor — com uma exceção: David Denby, da revista *New York*, que classifica o filme "Hair" como "um transplante de cabelo".



A "tribo" de "Hair" no Central Park: feliz retrato da ingênua revolta

1929

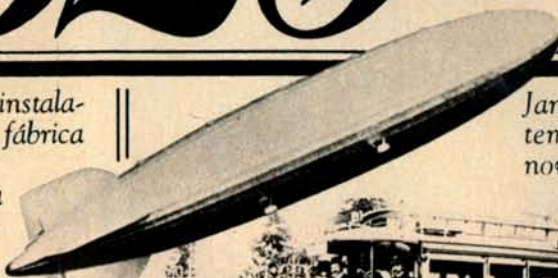


Alegres e coloridos bondes circulavam pelas ruas das principais cidades do País. O Zepelin dava sua primeira volta ao mundo e o rádio de galena era sucesso no Brasil.

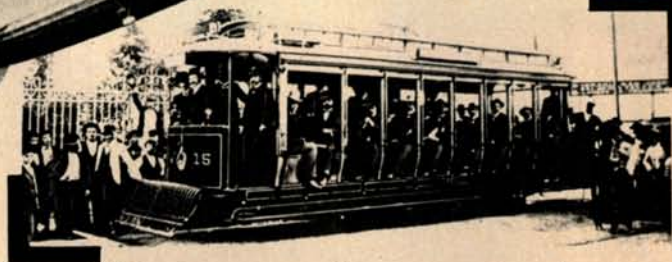
ton Luís, via a instalação da primeira fábrica da Refinações de Milho, Brasil, na Fazenda Anastácio, imediações de São Paulo.

Já em 1929 começava a construção desta unidade, dimensionada para industrializar 30 toneladas diárias de milho. Uma enormidade!

Era o primeiro desafio da Refinações.



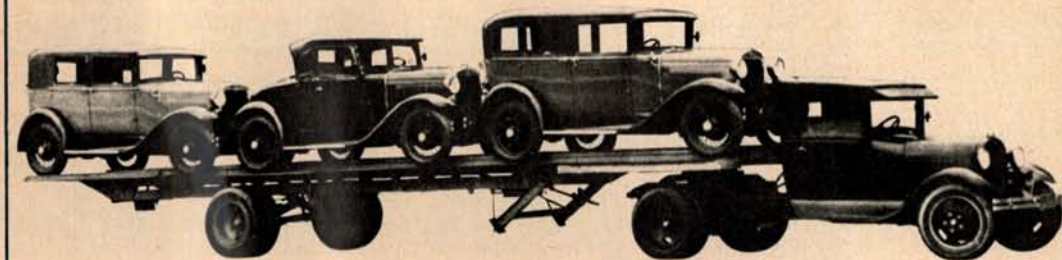
Janeiro e Recife. Com o tempo foram surgindo novos produtos pionei-



mentos fabricados na nossa unidade - Maizena®, glucoses, amidos alimen-

tos, para atender às necessidades do mercado, e sempre com a garantia da alta qualidade da Refinações.

Foi assim que o óleo Mazola, a maionese Hellmann's, os caldos e sopas Knorr, o Karo, além da Maizena®, se incorporaram no dia-a-dia da população.



Uma boa época para se viver, apesar dos problemas. Quase tudo que os brasileiros consumiam era importado. Inclusive a nossa Maizena®. Por isso, foi com muito bons olhos que o então Presidente da República, Dr. Washing-

Onde conseguir tanto milho, se quase toda a produção de São Paulo era consumida pelo próprio produtor?

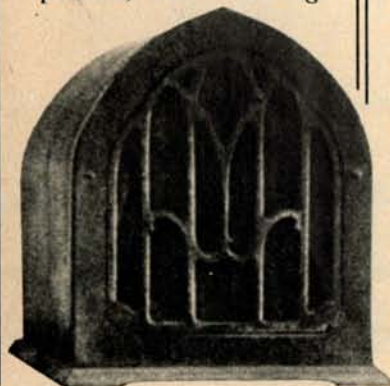
Para vencer o desafio, a Refinações passou a assessorar o agricultor no plantio do milho, introduzindo modernas técnicas para o aumento da produtividade.

Com isso, além de beneficiar os agricultores de todo o interior de São Paulo, a Refinações começava uma ascensão que nunca mais parou. Paralelamente ao lançamento dos pro-

dutos e industriais e farelos - filiais eram abertas em Porto Alegre, Rio de



O que o tempo mud



1979

O metrô já é uma realidade no Brasil. Os primeiros aviões aeroespaciais começam a ser testados e as novas téc-



nicas de comunicações, via satélite, ligam, em instantes, todos os locais do mundo.

A vida hoje é bem diferen-

te de há 50 anos atrás. Mas ainda são muitos os desafios.

O Brasil é protagonista de nova era de desenvolvimento, gerada pelo seu grande potencial econômico. E a Refinações, em sintonia com os objetivos governamentais e sempre contando com o seu indispensável apoio, tem um papel relevante nesta fase.

Agora são quatro as fábricas em pleno funcionamento: São Paulo, Moji Guaçu, Pouso Alegre (MG) e Cabo (PE). Está em fase final de estudos a implantação de uma nova unidade no Paraná.

A Refinações de hoje opera com 1.500 toneladas/dia e aqui apresenta uma coincidência notável: neste ano de seu cinquentenário, industrializa

50 vezes mais que na época de sua fábrica pioneira.

Só neste ano de 1979 deverá consumir 500 mil toneladas de milho. Para



gerar este volume de matéria-prima, serão necessários 265.000 hectares cultivados



exclusivamente para atender às suas necessidades. O apoio aos agricultores continua como meta prioritária, através de sua Divisão

Agrícola, contribuindo para o aperfeiçoamento técnico de um dos setores mais importantes para o País.

Por outro lado, o esforço de seus funcionários, a utilização da mais avançada tecnologia, uma política financeira sadia e realista e um rigoroso controle de qualidade, somados, compõem o quadro de sucessos da Refinações.

Todos os seus produtos têm presença e performance destacadas, tanto na área de consumidores como na industrial, onde contribui com uma enorme variedade de produtos básicos, cobrindo quase todos os segmentos do mercado.

Mas o sucesso gera responsabilidade. Por isso, novos planos de expansão estão sendo estudados e implantados. Esta é uma responsabilidade que a Refinações tem para com o desenvolvimento do Brasil. Uma responsabilidade que ela assume inteiramente.

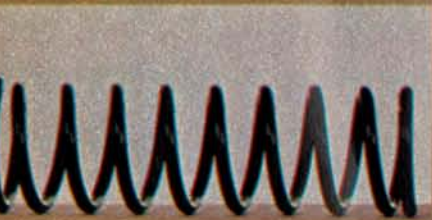
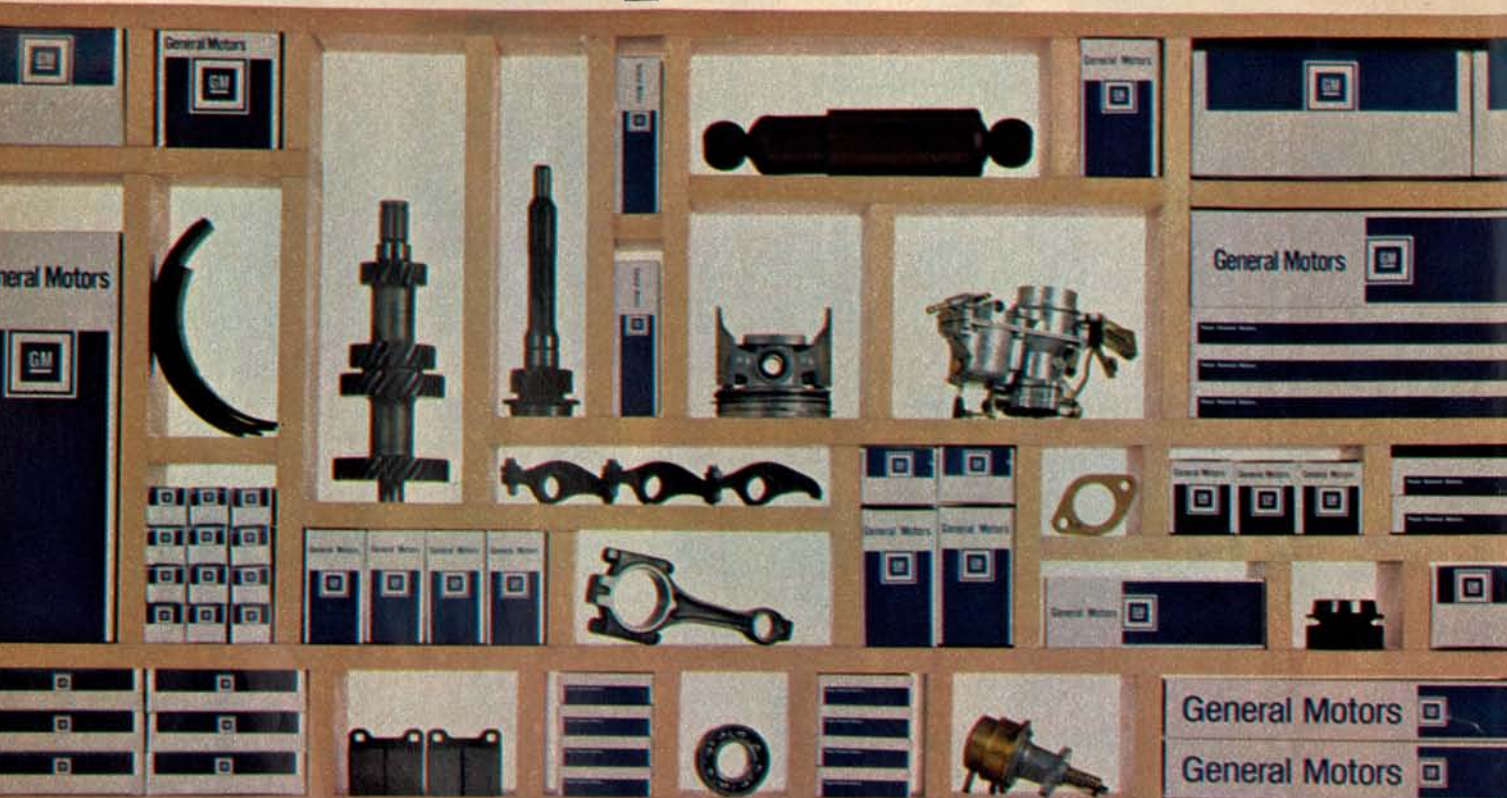
ou na vida da gente.



**1929-1979
REFINAÇÕES
DE MILHO,
BRASIL LTDA.**

Uma por todas, todas por uma.

MCANN-EROSON



Existem Peças Genuínas GM e peças muito parecidas com as genuínas GM. A diferença, muitas vezes você não vê.

Mas o laboratório de inspeção da GM vê. E vê através de equipamentos sofisticadíssimos.

O resultado dessa inspeção é rigoroso. Peça que não serve: fora! Ela jamais vai entrar num veículo da linha Chevrolet.

Por isso, na hora de repor qualquer peça do seu Chevrolet, não admita que passem para você aquilo que não passou pela GM.

Exija Peças Genuínas GM. Aquelas que foram



aprovadas nos testes da GM para funcionarem como um conjunto perfeito, dentro do seu Chevrolet. E que são vendidas em embalagens com a marca GM.

Fora delas, você estará usando peça que o seu Chevrolet, mais cedo ou mais tarde, vai rejeitar. Exatamente como a GM faz.

Peças Genuínas



**PEÇAS
COM ESCRITO
DE EQUIPE**

Depois da moda

A míni-saia se foi, mas o cooper ficou de vez

O lançamento, há dez anos, teve todos os ingredientes de mais um modismo. Badalado nos Estados Unidos, o livro "Aptidão Física em Qualquer Idade", do médico da Força Aérea Kenneth Cooper, traduzido no Brasil por um desconhecido capitão do Exército, Cláudio Coutinho, logo se transformou em um best-seller. Mais que isso, os ensinamentos contidos no livro, basicamente a arte de correr para manter a forma, desencadearam uma nova mania — que, ao contrário de suas contemporâneas iê-iê-iê e míni-saia, ficou. Hoje, cooper virou substantivo comum nas ruas e parques de São Paulo, nas praias do Rio, nas superquadras de Brasília e no receituário dos cardiologistas. Que o digam as irmãs Danuza e Nara Leão, corredoras diárias das calçadas do Leme e de Ipanema, uma de tardezinha, outra logo ao amanhecer, ambas igualmente entusiastas: "Para mim", diz Danuza, "corrida cura tudo, até dor de cotovelo. Quando volto para casa depois de correr 4 quilômetros sinto que fiz uma coisa boa por mim mesma. É mais eficiente que uma psicanálise." Ela era da categoria dos madrugadores, mas teve de trocar para o horário da tarde depois que assumiu a direção da boate Regine's. Mas o amanhecer carioca acabou ganhando a cantora Nara, influenciada pela irmã: "Já estou ficando viciada no cooper, e isso é ótimo. Eu estava acostumada a eliminar qualquer coisa que fosse esforço físico e, agora, depois de correr meia hora por dia não sinto mais preguiça".



Nara: entre os madrugadores



No Parque Ibirapuera, São Paulo: uma cena cada dia mais comum

CAÇADÃO DEMOCRÁTICO — Locomotivas da sociedade e jovens senhoras da classe média são vistas em número cada vez maior nas práticas cooperinas. Mas os quarentões e os senhores de idade mais avançada formam, sem dúvida, o maior contingente. Em pleno calça-

dão da avenida Atlântica, no Rio, pode-se ver passar, em marchas mais ou menos aceleradas, um ex-presidente da República (Emílio Medici), um ex-futuro candidato a presidente (Magalhães Pinto) ou um irmão de presidente (Guilherme Figueiredo). Um calçadão, aliás, democraticamente compartilhado por intelectuais de esquerda e políticos da oposição mas, sobretudo, por uma legião de anônimos, robustos e bronzeados cidadãos cuja preocupação central não é a política, mas as coronárias. Ou corredores como Osvaldo de Oliveira, 66 anos, funcionário público aposentado, que considera que "o importante é fazer amigos", pois o melhor da corrida "é o bate-papo que vem depois". Oliveira corre sem orientação médica, convencido de que "isso só pode fazer bem".

Será? O cardiologista Nahaniel Rodrigues, do Hos-



Wathely: até debaixo de chuva

pital Adventista Silvestre, do Rio, é contra os exercícios feitos indiscriminadamente, sem orientação: "Os mais velhos, principalmente, só devem praticar esporte depois de um exame cardiológico completo". Rodrigues adverte que o corredor pode possuir uma obstrução coronária discreta e o esforço despendido na corrida fazer com que ela aumente, trazendo uma complicação cardíaca séria. "Há pouco tempo", diz ele, "cuiddei de um paciente que teve um enfarte quando fazia cooper. Só não morreu porque entre os corredores havia um médico, que o atendeu na hora." Ele também recomenda cooper para seus clientes, mas principalmente "para jovens com tendência à obesidade, ou para melhorar a capacidade respiratória". Quanto ao sistema cardiovascular, Rodrigues acredita que a corrida, bem dosada, só é eficiente quando acompanhada de cuidados com a alimentação, supressão do hábito de fumar e diminuição do stress.

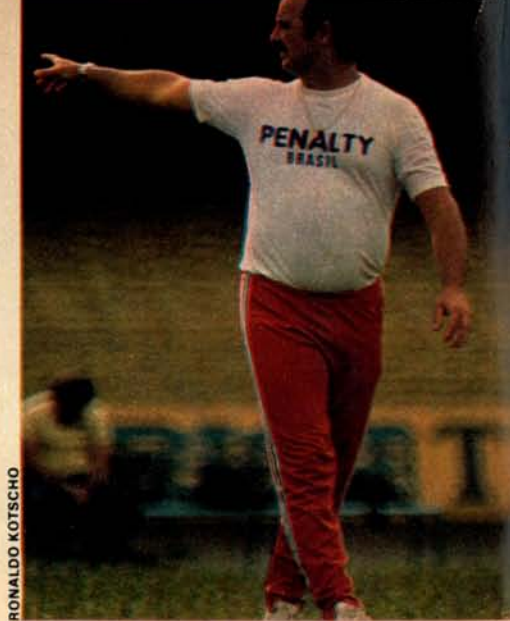
Uma opinião bem próxima da de José Alberto Aguilar Cortez, ex-estagiário da Clínica Cooper em Dallas, Texas, e professor de Educação Física da Universidade de São Paulo: "Se eu fizer uma programação para um brasileiro correr três vezes por semana, metodicamente, em menos de três meses ele desiste". Esse é o problema. Sendo o cooper um método, não pode ser praticado desordenadamente. No Brasil, segundo Cortez, se cultuam os extremos: "De um lado, as pessoas de vida sedentária que não se convencem da necessidade de fazer exercícios; de outro, senhores de 50 a 60 anos que pensam que são os campeões que foram no passado e partem para a corrida em busca de marcas sensacionais". Respeitada a peculiaridade de cada caso, a frequência ideal é de três a cinco dias por semana, variando de 15 a 60 minutos de atividade contínua.

Sem dúvida, o cooper aplicado em doses corretas, prescritas por médicos após exames cardiológicos, tem sido um poderoso instrumento para manter a forma física. O ex-campeão de tênis Roberto Wathely, 65 anos, corredor diário no Clube Paulistano, em São Paulo, não vê outra saída "numa cidade como esta". E, enquanto vence mais uma volta na pista oval de 305 metros, acompanhado por mais de cinquenta senhores igualmente idosos, chega a saudar a chuva que começa a cair: "Agora ficou mais agradável... acelerar marcha".



JOSÉ PINTO

Brandão: 45 anos sem resposta



RONALDO KOTSCHO

Minelli: coleção de respostas

Esporte

Ossos do ofício

Ninguém é gênio quando o time perde

Pode ser uma espécie de vingança para o técnico Cláudio Coutinho. Menos de um ano atrás, por apresentar mais argumentos que serviço na direção do selecionado da CBD, ele foi combatido por alguns técnicos veteranos, como Oswaldo Brandão (que propunha um profissional mais experiente para o cargo) e teve seu trabalho criticado por Rubens Minelli, em programas de TV durante a Copa do Mundo da Argentina. Na época, Brandão, 61 anos de idade, 31 de profissão, trazia ainda o carisma de ter conquistado para o Corinthians o primeiro título paulista em 23 anos. E Minelli, 50 anos, técnico há vinte, era o único treinador capaz de exibir o título de tricampeão nacional e carregava a fama de reformador do futebol brasileiro graças principalmente a seu trabalho de dois anos no Internacional de Porto Alegre. Quanto ao boquirroto Coutinho, então com 39 anos, três como técnico dos profissionais, restava tentar salvar a pele recorrendo ao seu palavreado fácil: ele chegou, impávido, a proclamar campeão moral da Copa o time brasileiro, que não tinha ido além do terceiro lugar.

"BURRO! BURRO!" — O céu, agora, ameaça desabar sobre Minelli e Brandão e há bonança para Coutinho: seu time, o Flamengo, ganhou a Taça Gua-

nabara de 1978 com apenas uma derrota, passou o segundo turno sem derrotas, venceu o campeonato carioca, e este ano já ganhou o primeiro turno do campeonato e está invicto há 35 jogos.

Enquanto isso, o São Paulo de Rubens Minelli perdeu sete de suas doze partidas pelo campeonato deste ano e há precisamente dezoito meses não ganha um clássico no campeonato paulista. Em consequência, Minelli foi reduzido ao nível do comum dos mortais, tem sofrido críticas e — para seu espanto — começou a ser submetido ao coro de "Burro! Burro!" pela torcida de seu próprio clube.

Brandão ainda não chegou a esse ponto — mas está perto disso. Logo que ele iniciou seu trabalho na Portuguesa de Desportos, no começo do ano, a equipe subiu de produção, ganhou 7 pontos seguidos e o então desprestigiado centroavante Enéias, que em quinze partidas anteriores fizera só três gols, ressuscitou e marcou sete em quatro jogos. Mas, agora o time está há nove jogos sem vencer e os primeiros murmúrios contestando a competência do treinador já começam a ser ouvidos na torcida.

UM FANTASMA — "Tudo isso não quer dizer nada", afirma Coutinho. "A glória, como o poder, é coisa transitória. Em 1977, quando comecei no Flamengo, disputávamos um jogo contra a Portuguesa, a torcida se voltou contra mim e eu quase briguei. Eram torcedores do Flamengo. Pois domingo passado essa torcida aplaudia o meu nome."

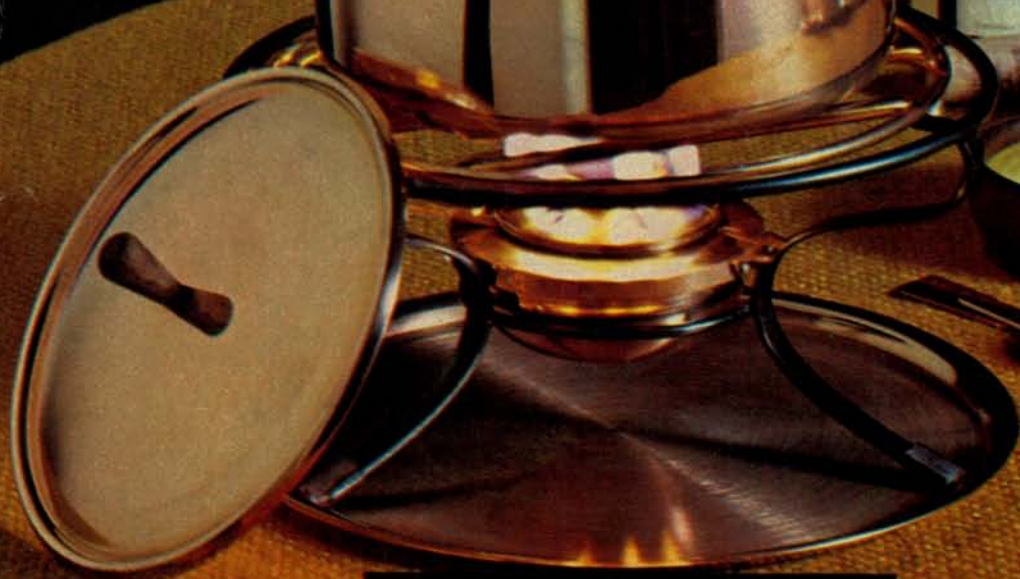
Aparelho Completo de Fondue.

Cobre Puro.

Maravilhoso. Útil. Decorativo.
Totalmente de cobre.
Revestido com banho de liga
especial, é um dos pouquíssimos
aparelhos de fondue efetivamente
aprovados pelo Serviço Nacional
de Higiene Pública para
utilização sem restrições.

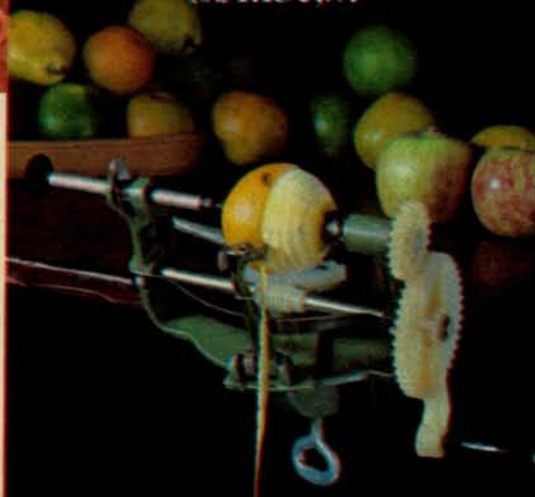
CR\$ 2.470,00.

Brinde maravilhoso:
Dois garfinhos que completam
elegantemente
seu aparelho de fondue.



Máquina de Descascar Frutas.

CR\$ 1.150,00.



A única máquina brasileira no gênero.
Prática e eficiente. Especial para
descascar laranjas mas funciona igualmente
para frutas duras e redondas.

Aproveite esta oferta.
Compre com seu Cartão de Crédito:
Credicard, Diners e Passaporte.
Ou envie cheque nominal para
Tarefa Marketing e Comércio Ltda.
no valor de sua compra.

Caixa Postal nº 99
São Paulo, Capital.

Em poucos dias você receberá seu pedido
em casa sem qualquer outra despesa.
Preencha o cupom ou envie carta
para a Tarefa com seu pedido.

Caixa Postal nº 99
São Paulo, Capital.



Tarefa
MARKETING E COMÉRCIO LTDA.
Al. Gabriel Monteiro da Silva,
Fones: 280-4610 - 280-9043
852-9779 e 853-6924
CEP 01441 - São Paulo - SP

☐ Fondue. ☐ Máquina de descascar frutas.

Nome

Endereço

Bairro

Cidade..... CEP.....

Estado..... Tel.....

☐ Cheque Nominal N°

☐ Cartão de Crédito N°

☐ Credicard ☐ Diners ☐ Passaporte

Assinatura.....

A verdade é que Coutinho parece agora mais capaz de mostrar resultados em vez de frases de efeito. Ele respeita as características de cada jogador, já não tenta transformar quartos-zagueiros em laterais, como fez desastrosamente com Edinho na Copa, e aprendeu a aproveitar a experiência alheia em benefício próprio. O Flamengo, hoje, garante os observadores do futebol carioca, é uma versão habilidosa do Internacional de Porto Alegre montado por Minelli: marca sob pressão, desloca-se em bloco, ataca com os laterais e, principalmente, assenta sua estrutura na competência do meio-campo Paulo César Carpeggiani, ex-jogador do Internacional. "Meu time com Carpeggiani é uma coisa; sem ele é outra", confessa Coutinho. E os méritos de Carpeggiani foram realçados por uma mexida geral no time do Flamengo: Coutinho recuou-o para a frente de sua defesa, deixando o trabalho de armação para os ágeis Adílio e Zico — este recuperado dos fracassos da Copa da Argentina e, pelo menos no campeonato carioca, apresenta-se como um vaporoso polivalente. Por fim, Coutinho deslocou o baixinho Tita para a ponta-direita — antes ele jogava na meia — e o resultado foi tão surpreendente que já se fala na sua eventual convocação para o selecionado.

Já Brandão e Minelli, que chefiaram aglomerados de confusos e abatidos jogadores, atribuem seus insucessos "à fase", desculpa apresentada pelos técnicos de todo o país para uma sucessão de derrotas. "Em 45 anos de futebol, eu não achei uma explicação para esses momentos. Meus jogadores, por exemplo, cumprem as instruções durante uns 20 minutos. Depois o time parece que esquece tudo", afirma Brandão. "Mas acontece com todos os times. Aqui em São Paulo, neste mesmo campeonato, já passaram por isso o Palmeiras, o Santos, o São Paulo, a Portuguesa e agora está começando com o Guarani." No seu caso, na Portuguesa, Brandão reclama também da falta de reservas.

NA TRAVE — No São Paulo, o problema é semelhante, embora por outras razões. O time andou perseguido por uma sequência tão intensa de contusões que Minelli passou meses sem conseguir repetir a escalação dois jogos seguidos. Além disso, dos doze jogadores contratados em sua gestão, ao custo de 20 milhões de cruzeiros, nenhum conseguiu empolgar a torcida. Pelo contrário, em alguns casos os jogadores simplesmente regrediram: o zagueiro Hermínio abandonou o futebol pouco depois de sua contratação, o lateral Getúlio, apontado há poucos meses como solução para o selecionado, caiu na mediocridade geral do time e o volante Dario Pereyra, ídolo da seleção uruguaia, depois de fi-

explicações falham, apela-se ao sobrenatural. Minelli, um técnico pouco chegado a soluções místicas, embarcou com a equipe, recentemente, para uma seção de bênçãos em Aparecida do Norte, a 380 quilômetros do Morumbi. E, dois dias depois, abriu as portas do vestiário do time a um octogenário fundador do clube, monsenhor Bastos, que largou sua paróquia na central igreja da Consolação para exorcizar os demônios da equipe. "Para quem acredita nessas coisas isso às vezes funciona, levanta o moral dos jogadores", afirma Minelli. "É melhor do que eles irem a um terreiro de macumba ou vir aqui um sujeito cheio de charutos na boca enfumaçando todo o vestiário." Questão de opinião. Pois há duas semanas, entre os esforços da Portuguesa para recuperar o bom futebol do time, incorporou-se a presença do Caboclo Guarantã, o mais requisitado pai-de-santo do futebol paulista.

Pelo menos por enquanto, contudo, tais esforços fracassaram. O São Paulo, depois das bênçãos, jogou sete vezes e ganhou apenas três — do Paulista e do Noroeste, últimos colocados do campeonato, e do Guarani, em franca queda técnica. E a Portuguesa, depois da ação do pai-de-santo, só jogou uma vez — e perdeu por 2 a 0 para o Corinthians. "O problema é que nessas horas, em vez de analisar tudo direitinho, os dirigentes só conhecem uma solução: despedir o técnico", reclama João Avelino, auxiliar de Brandão na Portuguesa. Brandão não é mandado embora de um emprego desde 1968, quando a Cosena, a comissão técnica da seleção brasileira, foi desfeita. E Minelli só foi demitido uma vez, em 1971, na mesma Portuguesa que hoje desafia a competência de Brandão. Quanto a Coutinho, ser posto na rua é uma experiência ainda desconhecida — mas ele garante estar ciente da instabilidade da profissão: "É o caso do Fantoni, por exemplo. Não perdeu uma com o Grêmio de Porto Alegre e o pessoal de lá assim mesmo quer que ele mude a forma do time jogar. Tem explicação?" ●



Coutinho: agora, campeão de fato com menos palavras e mais ação

car um ano sem jogar continua tentando se adaptar à equipe.

Conhecido por sua capacidade de analisar o futebol com argumentos claros e objetivos, Minelli se mostra momentaneamente perdido em explicações vagas, dignas de treinadores mais rústicos e não de um economista como ele. "Os jogadores se esforçam, o time joga certo, mas o gol não sai. O que eu posso fazer?" Ele agora atribui seus problemas a causas tão inconsistentes como a falta de recuperação do time dos excessos das férias (terminadas em janeiro), más arbitragens, afobação dos jogadores e até bolas na trave ("em nove partidas chutamos dezoito bolas na trave") — embora acertos na trave não sejam exatamente o melhor termômetro para medir a eficiência de um ataque.

E em futebol, geralmente, quando as

RODOLPHO MACHADO



A economia pede passagem.

Esta é a nova Honda CG 125. Muito mais jovem e bonita. O tanque e laterais têm novo desenho. Seu motor

4 tempos tem excelente desempenho, baixo índice de poluição e é supereconômico: faz até 57 km com um litro de gasolina comum.

Sua suspensão dianteira foi redesenhada, recebendo amortecedores tipo "ceriani".

As cores você escolhe: vermelha, azul ou amarela.

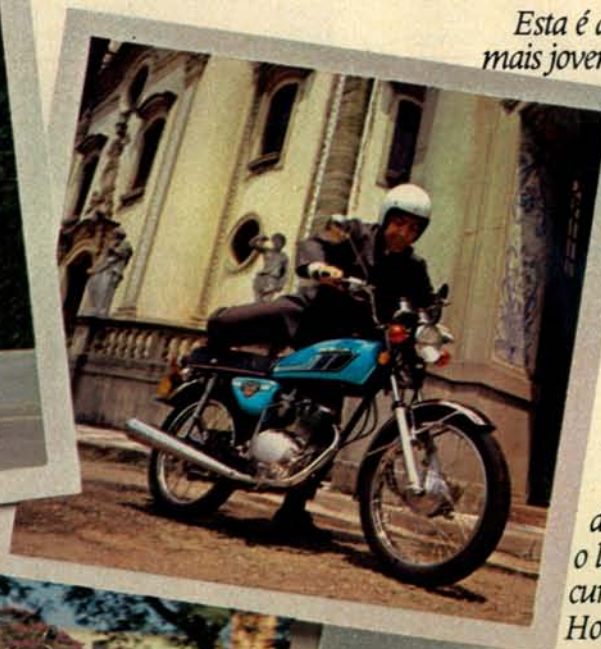
Aproveite esta oportunidade e passe você também para o lado da economia. É só procurar, hoje mesmo, o revendedor Honda mais perto de você.

Nova CG 125

HONDA

Feita para os dias de hoje

PRODUZIDA NA ZONA FRANCA DE MANAUS





BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.

Sociedade de Capital Aberto - C. G. C. M. F. N.º 07.237.373

SEDE: FORTALEZA-CEARÁ: Rua Major Facundo, 500,
98 Agências no Nordeste.
AGÊNCIA SÃO PAULO: Av. Paulista, 460.
AGÊNCIA RIO DE JANEIRO: Rua do Rosário, 103.
REPRESENTAÇÃO EM BRASÍLIA: Palácio do Comércio,
6º andar - s-601/11 - Setor Comércio Sul.

25 ANOS DE PUBLICAÇÕES

A par de sua ação financiadora em favor da Região, o BNB mantém um programa direto de pesquisas sócio-econômicas sobre a economia nordestina, desenvolvendo, desde sua criação, através do ETENE, intenso esforço para identificar e divulgar as potencialidades do Nordeste.

Ao longo dos últimos vinte e cinco anos, o Banco publicou mais de 600 trabalhos diversos — de simples análises setoriais a verdadeiros diagnósticos globais da economia regional. Para as-

sinalar o evento, assim como os dez anos de existência da Revista Econômica, editada pelo seu Departamento de Estudos Econômicos (ETENE), o Banco promoveu, em Fortaleza, uma exposição especial mostrando suas realizações na área de publicações.

Os estudos, pesquisas e publicações permanentes do Banco são editadas com o objetivo de não apenas oferecer subsídios à Administração do próprio BNB como, também, orientar técnicos, empresários e estudos que necessitam conhecer os mais diversos aspectos da Região.

Balancete Patrimonial em 28 de Fevereiro de 1979

(Em Cr\$ 1.000,00)

ATIVO		PASSIVO	
ATIVO CIRCULANTE E REALIZÁVEL A LONGO PRAZO		PASSIVO CIRCULANTE E EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	
Disponibilidades	37.167.302	Depósitos	31.926.256
Operações de Crédito	540.600	Depósitos à Vista	9.389.808
Empréstimos e Títulos Descontados	30.875.114	Depósitos a Prazo	—
Financiamentos Rurais	24.645.692	(Despesas a Apropriar)	—
Créditos em Liquidação	6.371.806	Relações Interbancárias e Interdepartamentais	1.401.430
(Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa)	139.248	Pagamentos e Recebimentos a Liquidar	735.419
(Rendas a Apropriar)	(275.000)	Cobrança Efetuada, em Trânsito	268.444
Relações Interbancárias e Interdepartamentais	(6.632)	Correspondentes no Exterior em Moedas Estrangeiras	46.531
Pagamentos e Recebimentos a Liquidar	1.265.143	Correspondentes em Moeda Nacional	39.602
Correspondentes no Exterior em Moedas Estrangeiras	629.229	Ordens de Pagamento	40.874
Correspondentes em Moeda Nacional	128.807	Contas Interdepartamentais - País	270.560
Contas Interdepartamentais - País	85.812	Obrigações por Empréstimos	19.263.465
Créditos Diversos	421.295	Redescontos e Empréstimos no Banco Central	633.635
Banco Central - Recolhimentos e Depósitos	3.768.949	Obrigações por Empréstimos no País	13.387.095
Adiantamentos sobre Contratos de Câmbio	1.160.923	Obrigações por Empréstimos Externos	4.583.046
Cambiais e Documentos a Prazo, em Moedas Estrangeiras	599.103	Obrigações em Moedas Estrangeiras	692.947
Financiamentos em Moedas Estrangeiras	11.400	(Despesas a Apropriar)	(33.258)
Outros Créditos em Moeda Nacional	—	Obrigações por Recebimentos - Tributos e Encargos Sociais	270.881
Outros Créditos em Moedas Estrangeiras	802.346	Outras Obrigações	1.600.672
(Rendas a Apropriar)	1.195.180	Provisão para Pagamentos	738.800
Valores e Bens	(3)	Obrigações Diversas em Moeda Nacional	174.246
Títulos de Renda Fixa	717.496	Obrigações Diversas em Moedas Estrangeiras	687.628
Títulos Vinculados a Revendas ou Vendas	496.088	(Despesas a Apropriar)	(2)
Valores em Moedas Estrangeiras	—	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	5.256.719
Outros Valores e Bens	221.372	Capital Social	2.550.000
(Provisão para Desvalorização)	(2)	(Acionistas - Capital a Realizar)	—
ATIVO PERMANENTE	561.709	Reservas de Capital	445.934
Investimentos	1.113	Reservas de Reavaliação	—
Outros Investimentos	1.113	Reservas e Retenção de Lucros	1.760.500
(Provisão para Desvalorização)	—	Lucros ou Prejuízos Acumulados	500.285
Imobilizado	560.596	CONTAS DE RESULTADO	546.036
Imóveis em Uso	343.753	Contas Credoras	1.209.693
Imobilizações em Curso	141.331	(Contas Devedoras)	(663.657)
Outros Bens de Uso	158.967		
(Provisão para Depreciação)	(83.455)		
	37.729.011		37.729.011

NOTA EXPLICATIVA

Às rubricas OBRIGAÇÕES EM MOEDAS ESTRANGEIRAS e OBRIGAÇÕES POR EMPRÉSTIMOS EXTERNOS foram incorporados, respectivamente, os saldos dos seguintes subtítulos da conta PROVISÃO PARA PAGAMENTOS A EFETUAR - CÂMBIO:

- Despesas de Obrigações Junto a Banqueiros no Exterior Cr\$ 18.710 mil
- Despesas de Obrigações por Empréstimos Externos Cr\$ 50.266 mil

ANTÔNIO NILSON CRAVEIRO HOLANDA - Presidente

EDISON DE SOUZA LEÃO SANTOS - Diretor
MURILLO BORGES MOREIRA - Diretor

JOAQUIM BATISTA FERNANDES - Diretor
RAUL ÉDSON DE ALMEIDA BARRETO - Diretor

Fortaleza-CE, 13 de março de 1979.
MARCOS VENÍCIUS LOPES
Chefe da Divisão de Contabilidade
TC-CRC-CE nº 1778

Filiado à ABDE - Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento

EM INCENTIVOS FISCAIS, FINOR É A MELHOR OPÇÃO

Nova filosofia

Os filósofos brasileiros pedem a palavra

No ano passado, o professor Renato Janine Ribeiro, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), resolveu deixar os alfarrábios de lado e usar artigos de imprensa como material de estudo em seu curso de Teoria das Ciências Humanas. Discutindo com os alunos a respeito dos fundamentos filosóficos do conceito de sociedade civil — um tema largamente explorado em editoriais e artigos de fundo —, Ribeiro se deu por satisfeito com a experiência. “Os alunos geralmente mostram-se apáticos diante dos temas mais acadêmicos”, afirma ele, “mas não quando chamados a pesquisar e debater temas de seu próprio interesse.” Na mesma faculdade, o professor Leon Kossovitch participou de experiência semelhante. Só que a iniciativa coube a um grupo de estudantes. Eles convidaram o professor, especialista em Estética, para discussões a

respeito de artes plásticas. As reuniões se tornaram tão vivas que acabaram incorporadas ao currículo da Faculdade como um curso regular.

Haverá sólidas razões para tais inovações. Dos mais importantes centros de estudos filosóficos do país, a USP apenas começa a pôr em prática uma idéia revolucionária, pelo menos no Brasil. Seus defensores, cada vez em maior número, acham que os cursos atuais ainda estão envolvidos em demasia com a desmontagem de sistemas complexos de pensamento, ao mesmo tempo que ficam

CELSON OLIVEIRA/CENTRAL



Janine: curso com jornais

até uma evidente elevação na qualidade de seus trabalhos. “Mas essa produção não teve o efeito social que poderia e deveria ter”, pensa o professor Bento Prado Jr., que dá aulas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) e na Universidade Federal de São Carlos, no interior do Estado. “Enquanto os economistas, os advogados, os sociólogos e outros estiveram vivamente empenhados no debate político dos últimos anos, os filósofos mantiveram-se afastados”, diz Prado. “De um lado, sem dúvida, porque o regime foi hostil à manifestação do pensamento crítico”, pondera o professor, ele mesmo um dos aposentados pelo AI-5 na Universidade de São Paulo, em 1969. “Mas também

FOTOS SÉRGIO BEREZOWSKY



Giannotti: reflexão e contestação

um pouco por culpa dos próprios filósofos, que se enclausuraram em seus departamentos universitários.” Na verdade, o ensino da Filosofia sofreu alguns reveses. Em 1971, por exemplo, a disciplina foi praticamente abolida do curso secundário, com a entrada em vigor da última reforma do ensino brasileiro. Passando ao rol das matérias optativas, junto com mais de uma centena de outras, ela subsistiu em raros colégios. No Estado de São Paulo, por exemplo, ainda sobrevivia em dezessete dos 250 colégios estaduais até 1977. Este ano, porém, não há mais um

CLAUSURA — Não que os setores brasileiros da Filosofia tenham deixado de produzir. Ao contrário, apregoa-se



Prado Jr.: a crítica do cotidiano

único colégio estadual paulista ensinando filosofia. "Não acredito que isso aconteça por acaso", diz o professor Janine Ribeiro. Ele também vê algo de deliberado no fato de que os chamados cursos profissionalizantes, instalados nos colégios, "não estejam profissionalizando ninguém". O ensino secundário, segundo ele, "está produzindo uma gente apassivada, útil ao tipo de sociedade em que se vive".

DESAFIOS DO MUNDO — A volta da Filosofia ao secundário tornou-se, aliás, outro dos objetivos por que vai lutar a Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas de São Paulo, já com cerca de 300 membros. Como, também, ela espera influir na readmissão dos professores universitários aposentados pelo AI-5 (a USP, por exemplo, perdeu um terço de seu corpo docente de Filosofia). Bombardeado tanto no secundário como nas faculdades, o ensino de Filosofia dá, contudo, sinais de recuperação. "Hoje, temos dez cursos de pós-graduação no Brasil, enquanto que em 1975 eles eram apenas quatro", exemplifica o professor Tarcísio Padilha, diretor do curso de pós-graduação da Universidade Gama Filho, do Rio, diretor da Federação Internacional de Filosofia e conferencista da Escola Superior de Guerra. Padilha acha que o interesse pela Filosofia tem crescido muito entre os jovens. "Eles querem respostas para os desafios do mundo moderno." Por isso, é favorável à reintrodução da disciplina no curso secundário.

Mas o que tem a Filosofia a dizer a respeito das perplexidades modernas? Se o trabalho filosófico se desprendesse um pouco da universidade, afirma o professor Bento Prado Jr., os filósofos brasileiros poderiam muito bem exercer um papel mais relevante, infiltrando-se em domínios como o da política ou do movimento literário. Ele cita, a propósito, os casos dos franceses Jean-Paul Sartre e Michel Foucault como exemplos de pensadores com enorme influência na vida cultural de seu país. Uma originalidade francesa, reconhece Prado Jr. "Mas tanto lá quanto aqui, debatem-se atualmente questões clássicas da Filosofia, como o Estado, o poder, a democracia — é a Filosofia, portanto, que reúne maiores condições para dar respostas a essas questões."

BUROCRACIA — É também essa a opinião de José Arthur Giannotti, professor da PUC paulista e pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Pla-

nejamento (Cebap). De acordo com ele, atualmente se assiste à falência de idéias que marcaram as décadas de 50 e 60 no Brasil: a do desenvolvimento como instrumento de liberação nacional e a da crença na Sociologia como instrumento de conhecimento da realidade nacional. "Isso abre um vazio imenso para uma reflexão crítica dos nossos destinos", afirma Giannotti, "e aí a Filosofia tem um enorme papel a desempenhar."

Tal concepção exige, obrigatoriamente, uma mudança no ensino da Filosofia, ainda baseado na análise es-



Padilha: a Filosofia é necessária

miuçante dos grandes sistemas filosóficos. Prioritariamente, os pensadores do passado acudiriam os estudantes de agora para enriquecer o exame de temas atuais. Giannotti relaciona alguns: o que significa a representação política ou a sociedade de consumo, o que se deve pensar a respeito dos investimentos públicos, quais os vínculos entre a ciência e o Estado, como fazer uma ciência de ponta num país pobre. "Não estou em hipótese alguma propondo uma Filosofia que não seja rigorosa", alerta o professor. Ele discorda, em todo caso, do ensino "profissionalizante e burocratizado" que está sendo dado ao estudante na maioria das escolas. E

sugere que se passe à pós-graduação a tarefa de preparar os técnicos da Filosofia.

PELA CULATRA — A preparação em fornadas de técnicos na arte da reflexão é, por sinal, uma característica da escola moderna. Até começos do século XIX, o filósofo era um escritor que flutuava na sociedade, errático e virulento. Então, subitamente, transformam-no em professor de universidade, em um funcionário público. "Com essa mudança, a Filosofia foi, de certa forma, apropriada pelo Estado e pelas classes dominantes", afirma o professor Bento Prado Jr., "passando a ter daí em diante uma função ideológica conservadora."

Na década de 60 porém, escola e sociedade entraram em atrito — e o ponto culminante e histórico do rompimento está no movimento estudantil de maio de 1968 na França. "O ensino da Filosofia", diz Prado, "readquiriu a virulência perdida. Foi por isso que, tanto no Brasil quanto na França, para citar dois exemplos apenas, vieram logo depois as tentativas de acabar com o ensino da disciplina no secundário." No Brasil, diga-se, com inteiro sucesso. Na França, com êxito parcial, pois diminuiu sensivelmente o tempo dedicado ao estudo de Filosofia nos colégios.

E, agora, o que esperar dos estudiosos de Filosofia do país, que retomam pé e começam a pedir vez no panorama cultural e político? "Nenhum país terá filósofos se não quiser ter homens extremamente críticos", responde Giannotti.

De acordo com ele, não há Filosofia em que se chegue à raiz das questões. Por isso, em sua opinião, a Filosofia é obrigatoriamente contestadora. E estancar repressivamente essa fonte de contestação pode se tornar com facilidade um tiro que sai pela culatra. "A repressão que os departamentos de Filosofia conheceram a partir de 1964 e notadamente após 1968", lembra Giannotti, "serviu apenas para levar esses departamentos a uma radicalização prejudicial, com o afloramento de um certo imperialismo do marxismo vulgar." E, para Giannotti, tal situação só pode ser sanada com um amplo debate ideológico.

TALES ALVARENGA

Conjuntos Empress. Qualidade. Beleza. Praticidade.

Elas são maravilhosas, esmaltadas, decoradas, coloridas, personificadas, bem ao seu gosto.

As modernas cores e as lindas decorações são definitivas - não saem nunca porque são fundidas no próprio alumínio, sob alta temperatura, pelo processo Empresscolor, exclusivo da Empress.

Por isso, não lascam, não racham e não riscam. Mas não é só isso. As panelas Empress são revestidas internamente com REVESTLIM, que impede a retenção de gorduras ou partículas de alimentos.

Para limpar, por dentro e por fora, basta usar esponja, água e sabão, e pronto.

As Panelas Empress também vão à mesa. Você merece possuir um conjunto de panelas EMPRESS. Aproveite esta oportunidade.



Conjunto Export.

Banho Maria: Duas caçarolas

Capacidade: 2,0 litros Diâmetro da boca: 18 cm

Caçarola de Arroz: (com furo para saída do vapor).

Capacidade: 2,8 litros Diâmetro da boca: 20 cm

Caçarola: Capacidade: 3,5 litros
Diâmetro da boca: 22 cm

Ferv-Leit: Capacidade: 2,5 litros
Diâmetro da boca: 16 cm

Frigideira com tampa:
Capacidade: 2,5 litros Diâmetro da boca: 24 cm

Oferta: Cr\$ 2.850,00



Conjunto Empresscolor.

Caçarola: Capacidade: 1,4 litros
Diâmetro da boca: 16 cm

Caçarola: Capacidade: 2,0 litros
Diâmetro da boca: 18 cm

Caçarola de arroz: (com furo para saída do vapor)
Capacidade: 2,8 litros Diâmetro da boca: 20 cm

Ferv-Leit: Capacidade: 2,5 litros
Diâmetro da boca: 16 cm

Frigideira com tampa:
Capacidade: 2,5 litros Diâmetro: 24 cm

Oferta: Cr\$ 2.150,00

Brinde Sensacional:
Panela de pressão igual ao
conjunto escolhido.



Em poucos dias você receberá seu pedido em casa sem qualquer outra despesa. Preencha o cupom ou envie carta para a Tarela com seu pedido. Caixa Postal nº 99 São Paulo, Capital.

☐ Conjunto Export ☐ Conjunto Empresscolor

Nome

Endereço

Bairro

Cidade

Telefone

☐ Cheque Nominal N°

☐ Cartão de Crédito ☐ Credicard ☐ Diners ☐ Passaporte.

Nº

Assinatura

Compre esta oferta pelo correio. Compre da Tarela.

Tarela

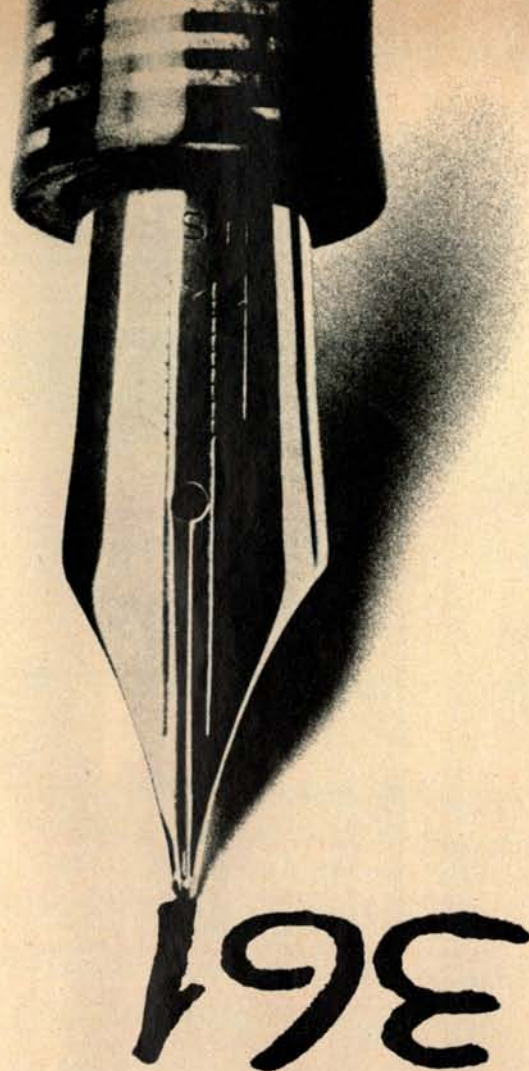
MARKETING E COMÉRCIO LTDA.

Al. Gabriel Monteiro da Silva, 355

Fones: 280-4610 - 280-9043

852-9779 e 853-6924

CEP 01441 - São Paulo - SP



Escreva este número na sua declaração de renda e feliz 1984.

De acordo com a lei, o dinheiro que você aplicar este ano pelo Decreto-Lei 157 só poderá ser retirado em 1984. Até lá, você vai precisar de um bom administrador para cuidar dele.

O Fundo Crescincio 157 é administrado pelo Unibanco, cuja equipe tem a maior experiência no mercado de capitais, gozando de alto conceito nacional e internacional.

A eficiência desta administração é atestada pela valorização do Fundo - 1.242% - desde sua constituição, em 1967, até 1978, e pelo número crescente de cotistas: quase 600 mil.

Optando pelo Fundo Crescincio 157, você conta ainda com a solidez do conglomerado financeiro Unibanco e os serviços de suas 495 agências em todo o país.

O Fundo Crescincio 157 tem todas as condições para apresentar os melhores resultados. E dar a você um 1984 muito feliz.

Informações da Resolução 470, de 25.04.78, do Banco Central do Brasil				
Exercício findo em 31 de dezembro	Valor da cota Cr\$	RENTABILIDADE		
		no exercício %	acumulada	%
			inversão feita há	
1973	2.570	4,5	6 anos	241,0
1974	2.471	(3,9)	5 anos	227,0
1975	3.210	30,0	4 anos	240,1
1976	4.461	38,9	3 anos	161,8
1977	6.554	46,9	2 anos	88,4
1978	8.163	28,2	1 ano	28,2

- Taxa de administração no exercício de 1978: 2,82% sobre o Patrimônio Líquido Médio do Fundo.
 - Despesas (excluída taxa de administração) do 2º semestre de 1978: 0,32% sobre o Patrimônio Líquido Médio do Fundo.
 - Todos os rendimentos de 1973 até 1977 foram capitalizados. Em 1978 foi efetuada uma distribuição, em novas cotas, de 3,66%, calculada sobre a cota no início do período.

Na sua declaração de renda, opte pelo

361

-Fundo Crescincio 157.
Administrado pelo



UNIBANCO

FUNDO CRESCINCO 157

De volta à China

Depois da Coca-Cola e de Cardin, os jesuítas

A China, que recentemente surpreendeu o mundo ao incorporar símbolos populares ou requintados da sociedade de consumo — as garrafas de Coca-Cola e as roupas de Pierre Cardin —, mostra-se agora inclinada a uma efetiva tolerância para com as religiões em geral e, em particular, para com a Igreja Católica. Na segunda-feira da semana passada, dia 19, num inesperado encontro com os jornalistas acreditados junto ao Vaticano, mas claramente autorizado pelo papa João Paulo II, o superior geral da Companhia de Jesus, padre Pedro Arrupe, anunciou a possibilidade de alguns dos 30 000 jesuítas sob sua orientação voltarem ao território chinês, quase trinta anos depois de expulsos pelo governo comunista. “Nós nos sentiremos felizes” — disse o poderoso padre Arrupe, de 72 anos, conhecido como “o papa negro” — “quando começarmos a servir de novo a China, como o fizemos durante 400 anos.”

De fato, os jesuítas, que lá aportaram no século XVI e cujo contingente somava mais de 1 000 padres em 1950, ano de sua expulsão, têm uma extensa folha de serviços a apresentar. Evangelizar a China foi, desde a aprovação papal da Companhia de Jesus, em 1540, a renitente miragem de seus missionários. São Francisco Xavier, hoje padroeiro universal das missões católicas, morreu de febre na ilha de Chang-Chuen-Chan, perto de Cantão, em 1552, sem ver aprovado o pedido de permissão para desembarcar em território chinês. Embora não tenham conseguido converter nenhum imperador, objetivo que perseguiram com determinação, os jesuítas prestaram grandes serviços ao governo, entre os quais a reforma do calendário e a modernização da artilharia, no final da dinastia Ming (1368-1644). “Hoje, a situação não é muito diferente”, emendou o padre Arrupe. “A China está tentando atrair os ocidentais para concretizar seus planos de modernização.”

GUETO — Mas o caminho da volta à China da Companhia de Jesus — uma espécie de multinacional da cultura católica — passa exatamente pelo mundo

acadêmico. No começo do ano, o governo chinês manifestou à embaixada francesa em Pequim o desejo de reabrir a Universidade “L’Aurore”, de Xangai, conhecida sobretudo por uma velha Faculdade de Medicina, acrescentando que “seus antigos fundadores e professores jesuítas seriam bem-vindos”. Depois desse passo, espera-se a discussão do restabelecimento das dez missões mantidas pelos jesuítas até 1950, bem como da situação dos cerca de 120 pa-



Padre Arrupe: mais uma vez tentando realizar o sonho do missionário São Xavier

dres da Companhia de Jesus, todos de nacionalidade chinesa, presos no país juntamente com inúmeros fiéis católicos.

“Tudo isso vem provar que a Igreja não morreu na China, como muitos proclamavam”, declarou a VEJA, na semana passada, um jesuíta que leciona na Universidade Gregoriana, de Roma. “E, sim, que ficou congelada numa espécie de gueto, ao qual ainda não chegou sequer o Concílio Vaticano II.” Realmente, no ano passado, o rei Juan Carlos, da Espanha, pôde assistir em caráter privado, na catedral de Pequim, a uma missa rezada em latim, segundo o proscrito ritual de São Pio V. Por outro lado, mesmo não se conhecendo o número exato de igrejas abertas ao culto — as informações oscilam entre duas e quatro —, existiriam na China 2 milhões de católicos, além de 800 000 protestantes e 10 milhões de muçulmanos, fora um número incerto, mas seguramente superior, de budistas e taoístas. Só em Pequim teriam ocorrido nos últimos anos

6 000 batizados, e haveria vinte padres, vinte seminaristas e trinta religiosas, segundo vaga estimativa feita há três anos por um padre foragido chinês. No entanto, para sobreviverem, os católicos foram compelidos a romper todos os vínculos com o Vaticano e aceitar a supervisão do Estado comunista. De sua parte, o Vaticano continua a ignorar a eleição de um arcebispo, feita em Pequim à sua revelia, enquanto o Anuário Pontifício registra apenas os nomes



MILAGRE DE S. FRANCISCO XAVIER/PINTURA DE RUBENS

de dois prelados nomeados antes da tomada do poder pelos comunistas, o arcebispo Inácio Kung Pin-mei, de Xangai, e seu vigário-geral, Silvester Tsu, “ambos no cárcere pela fé”.

PERSPECTIVAS — Tudo indica, assim, que acabaram os tempos das campanhas anti-religiosas, embora ainda permaneça letra morta o artigo 28 da Constituição chinesa, que prescreve: “Os cidadãos gozam de liberdade (...) para praticar ou não uma religião e para propagar o ateísmo”. Enquanto isso, as crianças aprendem nas escolas que o cristianismo é “inimigo natural do materialismo histórico, da luta de classes, da promoção dos desfavorecidos e

Está certo que você acredite no futuro.



Mas se você não poupa como pode ser tão otimista?)

O otimismo deve ser a nossa principal filosofia de vida. Só que a gente precisa dar uma força, para ele nos ajudar realmente. Por exemplo, depositando mensalmente na Caderneta de Poupança, e deixando o dinheiro lá.

Na Caderneta de Poupança seu dinheiro é sempre atualizado pela correção monetária. E ainda rende juros ou dividendos. Com liquidez e segurança, para você poder usar quando achar que tem o suficiente para comprar o seu barco, sua casa própria, para se largar pelo mundo, ou simplesmente para não fazer nada. Então, sim, valerá a pena ser otimista.

Porque depositando em Caderneta de Poupança, você sabe desde o começo que jamais ficará decepcionado.

E se fizer Poupança Programada você chega lá ainda mais rápido.

CADERNETA DE POUPANÇA
Quem poupa conquista o que
a vida tem de melhor.

até da inteligência científica". Há uma explicação para essa atitude: as religiões ocidentais que procuraram penetrar na China muitas vezes se confundiram com os colonizadores estrangeiros.

Esse óbice, contudo, não impede que a possível volta dos jesuítas abra perspectivas animadoras para o Vaticano, que acompanha há algum tempo os concretos sinais do novo diálogo da China com as religiões em geral. No começo do ano, por exemplo, os chineses promoveram na cidade de Kuen-Ming um "simpósio nacional sobre religiões", durante o qual discutiram desde as origens do islamismo até o lugar de Jesus Cristo na História. Dias atrás, o jornal oficial *Diário do Povo*, de Pequim, disse em editorial ser "necessário respeitar as crenças religiosas das massas". Os primeiros passos para a reaproximação do Vaticano e da China, portanto, pisam em terra firme. O Vaticano, que já demonstrou flexibilidade diplomática e doutrinária ao negociar com outros países comunistas, certamente acabará seguindo o exemplo de muitos Estados e reconhecendo o governo de Pequim. E a China, ainda que não inscreva a abertura religiosa no "Programa das Quatro Modernizações" (agricultura, defesa, indústria e ciência-cultura), do vice-primeiro-ministro Teng Hsiao-ping, talvez haja concluído que um cidadão que frequenta uma igreja pode ser tão exemplar quanto um que bebe uma Coca-Cola ou veste uma roupa com apliques prateados, desenhada por Cardin.

em Roma, o papa João Paulo II reafirmaria a política pós-conciliar de reaproximação.

"Toda forma de anti-semitismo e discriminação é oposta ao verdadeiro espírito do cristianismo", disse o papa aos representantes das organizações hebraicas mundiais, lideradas pelo americano Philip Klutznick, presidente do World Jewish Congress, de Chicago. Na verdade, João Paulo II parecia não só acentuar o empenho do Vaticano em restabelecer a harmonia com os israelitas, mas também condenar uma inquietude

bispo de Roma continuará a seguir a linha praticada como bispo de Cracóvia, de "assistir todos os que são de alguma forma oprimidos". Na verdade, há versões de que quando seminarista em Cracóvia, durante a II Guerra, o jovem Karol Wojtyla ajudava judeus perseguidos pelo nazismo — muito embora não exista qualquer documento nesse sentido no meticuloso memorial "Yad Vashem", de Jerusalém, onde estão arquivados os nomes e as ações dos que de algum modo ajudaram os judeus.

O certo, entretanto, é que também

João Paulo II demonstra firmeza na política de reaproximação com o judaísmo. A exemplo de seus antecessores João XXIII e Paulo VI, não paira sobre ele a dúvida que envolveu os últimos anos do pontificado de Pio XII, acusado de não haver usado seu prestígio para combater a perseguição nazista sofrida pelos judeus durante a II Guerra Mundial. Além disso, documentos da diplomacia vaticana, divulgados em 1976, comprovaram a suspeita de que Pio XII se opôs à criação do Estado de Israel, em 1948.

Com isso, tornou-

se de escassa valia até mesmo a ressalva de que o papa não poderia ter condenado o nazismo e os nazistas, ao tempo da guerra, pois essa atitude resultaria na perseguição de católicos alemães que então ajudavam os judeus perseguidos.

Quanto a João Paulo II, mesmo que não se comprovem ações a favor dos judeus em seu passado de seminarista, as perspectivas de êxito na reaproximação parecem seguras. Sua opinião sobre Jerusalém, por exemplo, já é bem distante da radical condenação do Vaticano à ocupação da cidade pelos israelenses. "Jerusalém", anunciou o papa Wojtyla, "deve ser efetivamente garantida como centro de harmonia entre as três grandes religiões monoteístas — o judaísmo, o islamismo e o cristianismo." Outro indício seguro: entre os primeiros elogios à recente encíclica papal *Redemptor Hominis* estava o do rabino de Roma. ●



Ao contrário de Pio XII, acusado de omissão ante as ações nazistas, João Paulo II parece querer aproximar-se dos judeus

tante reaparição do anti-semitismo em certas regiões da Europa. Tal preocupação surgiu em dezembro passado, durante um simpósio realizado em Roma pelo Centro Cultural de Informação Religiosa. Uma das conclusões do simpósio era a de que as periódicas ondas de anti-semitismo estão sempre ligadas a projetos antidemocráticos na Europa. E que mesmo os atuais vestígios de discriminação aos judeus buscam uma base religiosa, apesar de o Concílio ter cortado pela raiz a legitimação teológica do fenômeno anti-semita.

JERUSALÉM — João Paulo II, contudo, preferiu deixar de lado aspectos políticos e acentuar a "frutuosa colaboração" que pode surgir do "diálogo fraterno" entre católicos e judeus para eliminar "preconceitos e discriminações". O papa assegurou que também como

Rumo a Israel

Católicos e judeus cada vez mais próximos

Católicos e judeus, separados desde que Cristo começou suas pregações, 2 000 anos atrás, avançam cada vez mais para uma reaproximação. O primeiro passo nesse sentido foi dado ainda pelo papa João XXIII, nos primeiros anos 60, durante o Concílio Vaticano II, ao retirar a condenação que pesava sobre os judeus, como assassinos de Cristo. Em 1970 criou-se um comitê internacional de ligação entre representantes da Igreja Católica e do Comitê Judeu Internacional. Mais cinco anos e o papa Paulo VI estendia outra mão aos israelitas através de um documento sobre o judaísmo. Por fim, na última reunião do Comitê Católico-Judeu, encerrada na segunda semana de março

Muitos tentaram copiar a TDK



Mas ninguém conseguiu duplicar sua qualidade: técnica. A tecnologia da TDK vem desde 1935 especializada em camada de pó magnético. É a única indústria capaz de inovar esta matéria prima em seus próprios laboratórios, desenvolvendo e fabricando totalmente dentro da própria organização. Com o novo produto **SUPER AVILYN** a TDK é a única no mundo a conseguir cassette para **VIDEO**, que permite 4 horas de gravação contínua. Também no campo das fitas sonoras o super **AVILYN** é montado em cassette profissional de precisão de micron que proporciona maior rendimento aos equipamentos de alta classe. Atualmente, é a fita padrão indicada por mais de 30 fabricantes (**DECK**) mundialmente conhecidos.



TDK
O UNIVERSO FANTÁSTICO DO SOM

Datas

MORRERAM: O Médico-psiquiatra, pintor, músico, funcionário público aposentado e principalmente ator de cinema, teatro e televisão Ambrósio **FREGOLENTE**, 66 anos, paulista que passou a maior



JOEL MAIA

Fregolente

parte de sua vida no Rio de Janeiro; lá foi estudar medicina, mas logo se envolveu em teatro e trancou a matrícula durante trinta anos, só vindo a formar-se aos 53 anos; participou de mais de 100 longas-metragens, entre eles "O Assalto ao Trem Pagador" e "Beijo no Asfalto" e ultimamente filmou "Gargalhada do Destino" e "Amante Latino"; atuou em mais de 200 peças de teatro, entre as quais "A Casa de Chá do Luar de Agosto", para a qual foi especialmente convidado em 1956 pelo diretor belga Maurice Vaneau, que o preferiu a todos os grandes nomes do teatro brasileiro da época; entre outras novelas de TV recentes, participou de "Dona Xepa", "Sinhazinha Flor" e "Dancin' Days"; na TV Tupi, na década de 50, obrigado a fazer ao vivo um anúncio do Partido Trabalhista Brasileiro, aparentemente nu dentro de um barril, pronunciou o seguinte discurso: "Meu nome é Fregolente e sou um ator; já representei Shakespeare, Ésquilo, Sófocles, Molière. Estudei a história do teatro e me equipei para a minha profissão. Fui obrigado a fazer este anúncio e vou fazê-lo: 'Eu sou o trabalhador brasileiro antes do PTB' — e estas são as consequências de um contrato mal assinado. Boa noite"; dia 19, em Mendes, Estado do Rio de Janeiro, de enfarte do miocárdio; no fim de semana tinha prestado depoimento sobre sua vida ao cineasta Pedro Rovai;

■ o embaixador da Grã-Bretanha na Holanda, sir **RICHARD SYKES**, 58 anos, assassinado a tiros por dois pistoleiros, dentro de seu Rolls-Royce, ao sair de manhã de sua residência oficial rumo à Embaixada; emboscados no pátio fronteiro a uma igreja próxima à casa do diplomata, os assassinos abriram fogo à passagem do carro, ferindo Sykes na cabeça e atingindo também seu criado de quarto Karel Straus, que igualmente morreu, só não ferindo ainda sua secretária porque ela instintivamente levou ao rosto a bolsa, que absorveu o impacto dos estilhaços; o motorista saiu ile-

so; Sykes, ex-militar especialista em segurança, havia desobedecido suas próprias instruções sobre o comportamento de um diplomata, constantes de relatório de que foi encarregado logo após o assassinio em Dublin do embaixador britânico no Eire, Christopher Swart-Biggs; nesse relatório, Sykes recomendava aos diplomatas freqüentes mudanças de horários e itinerários, para evitar atentados, mas como embaixador rotinizou todas as suas atividades; como a de Swart-Biggs, sua morte é atribuída pelas autoridades a membros do clã-destino Exército Republicano Irlandês, que exige a incorporação do Ulster ao Eire; dia 22, num hospital de Haia, para onde foi conduzido após o atentado; ■ o economista **SEBASTIÃO ADVINCULA DA CUNHA**, aos 50 anos; considerado um dos expoentes das mais modernas gerações de economistas, dirigiu de 1959 a 1963 o Grupo de Planejamento do Estado de São Paulo, que elaborou o Plano de Ação do governo Carvalho Pinto, experiência pioneira no campo do planejamento governamental no Brasil; formado em Ciências Econômicas pela Universidade do Brasil e com pós-graduação na London School of Economics, desenvolveu ampla atividade como professor universitário, diretor de empresas e jornalista, formando gerações de repórteres e analistas especializados em economia; dia 19; em São Paulo.

CONDENADOS: A seis meses de prisão, o jogador de futebol **PAULO CÉSAR ARAÚJO**, o "Caju"; por agressão ao menor Marcos Antônio Teodósio, ocorrida no dia 16 de setembro de 1976, em Campina Grande, Paraíba; Paulo César, hoje no Grêmio, de Porto Alegre, na ocasião jogava pelo Fluminense, do Rio, aborreceu-se ao ser vaiado por um grupo de torcedores do Treze, de Campina Grande, contra quem jogaria pelo Campeonato Brasileiro; Paulo César reagiu e empurrou o menor, que caiu e sofreu algumas escoriações; por ser réu primário, Paulo César foi beneficiado por sursis, e não precisará cumprir a pena; pelo Tribunal de Justiça da Paraíba; dia 21; em João Pessoa;

■ a 12 anos e a 11 anos e seis meses de prisão, respectivamente, **ANTÔNIO IASABURO NISHIYAMA** e **JOÃO ALBERTO AYRES BANDEIRA**, pelo estupro seguido de morte da menina Neila Ribeiro, 11 anos, raptada no dia 15 de outubro de 1970; dia 20; em Londrina. ●

Senhor investidor pode anotar:



11 de abril.

Nesse dia será realizado o 7.º Leilão Especial do Fiset - Fundo de Investimentos Setoriais.

Uma grande oportunidade de trocar seus Certificados de Investimentos (CI) por títulos emitidos pelas empresas de pesca, turismo e reflorestamento.

Portanto, marque já em sua agenda data, hora e local: 11 de abril, quarta-feira, a partir das 15 horas na Bolsa de Valores de São Paulo.

Compareça e aproveite os melhores lances desse leilão que vai oferecer cerca de 140 milhões de cruzeiros em quotas de participação e ações.

Para maiores informações, consulte uma Bolsa ou Corretora de Valores.



BANCO DO BRASIL

Operador do Fiset.

Fiset - a melhor opção

UFA!!! FIN A REVOLUÇÃO MUDAR O



O novo Sistema Single-8 é tão inovador que não vai perder tempo com ataques e perseguições ao antigo e tradicional sistema 8mm e super-8.

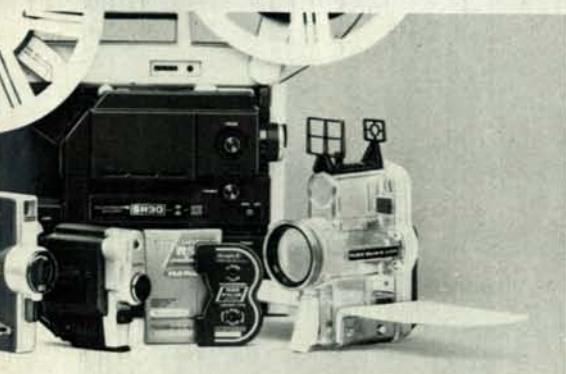
Está procurando apenas mostrar aos seguidores e simpatizantes do cinema amador que, finalmente, existe uma tecnologia mais evoluída na sétima arte. E, portanto, mais prática.

A inteligência desse novo sistema criado e desenvolvido pela Fuji Film está na sua simplicidade: num cartucho mais racional que possui dois eixos, operando sincronizadamente - tanto num sentido, como no outro. Possibilitando, a eliminação de toda e qualquer trava e vibração na imagem e no som. O que resulta numa quali-



Single-8 O NOVO

ALMENTE, ÃO QUE VAI SISTEMA.



SISTEMA.

dade final muito superior.

Novos recursos de tru-
cagens também foram im-
plantados, além do inédito
rebobinamento total
ou parcial do filme, em
qualquer fase da filma-
gem. Tornando corriquei-
ras as operações de
escurecimento gradual
(Fade-In) ou gradativa
iluminação da imagem
(Fade-Out), ou a justapo-
sição de imagens ou múl-

tiplas divisões do quadro.

Uma garantia incon-
testável de realizações
de filmes de elevado nível
técnico, sem complica-
ções: um cinema profis-
sional, com linguagem
amadora. Com recursos,
até hoje, praticamente
proibidos nessa bitola.
Presentes em todos os
equipamentos mudos e
sonoros do Sistema Sin-
gle-8: filmadoras, proje-

tores, editor e coladeiras.

Procure conhecer tudo,
solicitando o folheto
técnico explicativo que
a Fuji Film criou, escre-
vendo para a Caixa Postal
9959 - SP. E, veja como é
fácil participar dessa re-
volução que vai mudar
o tradicional sistema de
filmar.

FUJI FILM

**FUJI PHOTO FILM
DO BRASIL LTDA.**

**Entregue
a sua
declaração
no
Econômico.**

**Imposto
de Renda
é com
a gente.**

**Nossa equipe de especialistas já
está a postos.**

Nas agências do Econômico
você encontra uma experiente equipe
de especialistas em Imposto de
Renda, disposta a prestar todos os
esclarecimentos. Qualquer dúvida,
venha conversar com a gente.

**Entregue a sua declaração sem
perder tempo.**

Nós montamos uma sofisticada
estrutura de atendimento ao público
para receber a sua declaração com a
máxima rapidez. Não perca seu tempo:
entregue à gente a sua declaração.

**Receba sua restituição num
piscar de olhos.**

Você será avisado **imediatamente**,
quando a sua restituição chegar.

Imposto de Renda é com a gente.


ECONOMICO
O Banco da gente.

COTAÇÕES

Ações mais negociadas no Rio e São Paulo

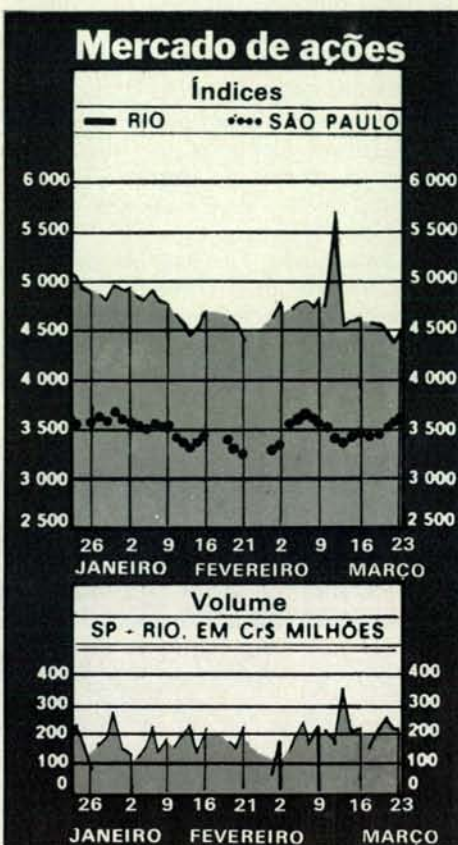
Sexta-feira 16/3/79
Sexta-feira 23/3/79

	Preço	P/L	Preço	P/L	Variação na semana %	Indicador
Acesita - op	0.88	5.5	0.87	5.4	- 1,1	SP
Acos Villares - pp	1.20	-	1.39	-	+15.8	SP
Alpargatas - op	2.90	-	3.00	-	+ 3.4	SP
Alpargatas - pp	2.70	-	2.83	-	+ 4.8	SP
Anderson Clayton - op	1.20	6.0	1.22	6.1	+ 1.7	SP
Arno - pp	2.05	5.3	2.05	5.3	-	SP
Banespa - on	0.80	2.8	0.81	2.8	+ 1.2	SP
Banespa - pp	0.82	2.6	0.81	2.8	- 1.2	SP
Bco. do Brasil - on	1.31	3.8	1.26	3.7	- 3.8	SP
Bco. do Brasil - pp	1.44	4.2	1.38	4.0	- 4.2	RJ
Bco. Nordeste - on	1.08	2.1	1.05	2.0	- 2.8	RJ
Bco. Nordeste - pp	1.42	2.2	1.48	2.3	+ 4.2	RJ
Belgo - op	1.04	-	-	-	-	SP
Bic. Monark - op	0.65	5.4	0.69	5.7	+ 6.1	SP
Bradesco Inv. - pn	1.60	2.1	1.60	2.1	-	SP
Bradesco - pn	1.74	3.4	1.70	3.3	- 2.3	SP
Bradesco - on	1.77	3.5	1.80	3.5	+ 1.7	SP
Brasmotor - op	4.20	16.8	4.37	17.5	+ 4.0	SP
Brahma - op	1.55	5.5	1.57	5.6	+ 1.3	RJ
Brahma - pp	1.62	5.8	1.62	5.8	-	RJ
Cacique - pp	4.20	-	4.32	-	+ 2.8	SP
Casa Anglo - op	2.76	-	2.90	-	+ 5.1	SP
Casa Anglo - pp	2.85	-	-	-	-	SP
CESP - pp	0.59	3.3	0.60	3.3	+ 1.7	SP
Cimento Cauê - pp	0.60	-	0.74	-	+23.3	SP
Cimento Itaú - pp	2.00	-	-	-	-	SP
Cobrasma - pp	1.37	7.6	1.45	8.0	+ 5.8	SP
Consul - ppB	-	-	-	-	-	SP
Copas - pp	0.65	1.9	0.81	2.4	+24.6	SP
Docas - op	1.50	-	1.62	-	+ 8.0	SP
Duralex - pp	1.36	4.0	1.45	4.3	+ 6.6	SP
Eluma - pp	0.91	-	1.10	-	+20.9	SP
Engesa - ppB	-	-	-	-	-	SP
Ericsson - op	1.40	4.7	1.46	4.9	+ 4.3	SP
Estrela - pp	2.42	6.4	2.48	6.5	+ 2.5	SP
Eternit - op	-	-	2.95	-	-	SP
FNV - ppA	1.81	3.7	2.00	4.1	+10.5	SP
Ferro Ligas - pp	-	-	1.35	-	-	SP
Fundição Tupy - op	0.89	4.2	1.00	4.8	+12.3	SP
Fundição Tupy - pp	1.06	5.0	1.10	5.2	+ 3.8	SP
Guararapes - op	2.55	6.2	2.66	6.5	+ 4.3	SP
IAP - op	0.90	3.6	-	-	-	SP
Ibesa - ppB	2.33	3.3	2.25	3.2	- 3.4	SP
Ind. Villares - pp	1.50	-	1.62	-	+ 8.0	SP
Itaubanco - pn	1.34	-	1.30	-	- 3.0	SP
Light - op	-	-	0.64	-	-	RJ
L. Americanas - op	2.07	6.1	2.08	6.1	+ 0.5	SP
Mesbla - pp	-	-	-	-	-	SP
Manah - op	1.48	4.5	1.75	5.3	+18.2	SP
Mannesmann - op	1.26	-	1.25	-	- 0.8	RJ
Metal Leve - pp	2.25	4.8	2.40	5.1	+ 6.7	SP
Moinho Santista - op	1.31	4.7	1.55	5.5	+18.3	SP
Noroeste-Ext. SP - pp	1.57	5.6	1.68	5.9	+ 5.7	SP
Orniex - pp	1.55	-	-	-	-	SP
Petrobrás - pp	1.54	2.7	1.45	2.6	- 5.8	RJ
Petrobrás - on	1.30	2.3	-	-	-	RJ
Pirelli - op	1.65	5.0	1.71	5.2	+ 3.6	SP
Pirelli - pp	1.61	4.9	1.62	4.9	+ 0.6	SP
Real Café - ppA	4.74	-	5.40	-	+13.9	SP
Samitri - op	0.68	-	0.74	-	+ 8.8	RJ
Servix - op	0.39	-	0.47	-	+20.5	SP
Sharp - pp	1.46	5.2	1.64	5.8	+12.3	SP
Sid. Aconorte - ppA	0.79	-	0.95	-	+20.2	SP
Sid. Gualira - ppA	-	-	-	-	-	SP
Sid. Nacional - ppA	-	-	-	-	-	SP
Sid. Rio-grandense - op	-	-	-	-	-	SP
Sid. Rio-grandense - pp	1.75	-	1.95	-	+11.4	SP
Solorico - pp	-	-	1.11	-	-	SP
Souza Cruz - op	-	-	1.90	-	-	SP
Telerj - on	0.22	-	0.26	-	+13.6	RJ
Telerj - pn	0.53	-	0.57	-	+ 7.5	RJ
Transparaná - pp	0.68	-	0.68	-	-	SP
Vale - pp	1.28	6.1	1.40	6.7	+ 9.4	SP
Varig - pp	1.69	1.9	1.59	1.8	- 5.9	SP
Vidr. Santa Marina - op	1.93	-	2.13	-	+10.4	SP
White Martins - op	2.63	-	2.70	-	+ 2.7	RJ
Zanini - pp	-	-	1.15	-	-	SP

on — ordinária nominativa; op — ordinária ao portador;
pp — preferencial nominativa; pp — preferencial ao portador.
P/L em relação ao lucro por ação sobre o capital médio.
Fonte: de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e São Paulo.

INVESTIMENTOS

A SEMANA / TAXAS DE JUROS



Oscilação das cotações entre 16/3 e 23/3

Maiores altas da semana %

Copas — pp	24,6
Cimento Cauê — pp	23,3
Eluma — pp	20,9
Servix — op	20,5
Moinho Santista — op	18,3

Maiores baixas da semana %

Varig — pp	5,9
Petrobrás — pp	5,8
Bco. Brasil — pp	4,2
Bco. Brasil — on	3,8
Ibesa — ppB	3,4

Dia	Índice Bovespa	Variação %	Volume (milhões Cr\$)
19	3,483	- 0,2	89,5
20	3,493	+ 0,2	98,6
21	3,523	+ 0,8	113,4
22	3,580	+ 1,6	125,5
23	3,605	+ 0,6	149,7
16/23	+ 114	+ 3,3	576,7

Dia	Índice BV Rio	Variação %	Volume (milhões Cr\$)
19	4,560	+ 0,6	71,2
20	4,522	- 0,8	121,1
21	4,486	- 0,8	132,6
22	4,468	- 0,4	97,1
23	4,497	+ 0,6	70,1
16/23	- 90	- 2,0	492,1

Uma lei Levy para os juros?

No ano retrasado, o deputado federal Herbert Levy (Arena-SP) conseguiu transformar em lei o seu projeto que obriga as lojas, nas vendas a prazo, a divulgar o preço à vista ao lado do valor e do número de prestações. A medida visava resguardar os consumidores das armadilhas das verdadeiras taxas de juros embutidas em prestações aparentemente baratas. Na época houve quem solicitasse a extensão dessa chamada lei Levy às operações do sistema financeiro.

Na semana passada, o economista Geraldo Galhano Júnior, mestre em administração pela Fundação Getúlio Vargas e especialista na área financeira, em uma série de palestras patrocinadas pela Associação das Sociedades Corretoras de Valores e Câmbio do Estado de São Paulo, voltou a bater na mesma tecla. "Enquanto não se padronizarem os modelos de juros que são

adotados no sistema financeiro", dizia ele, "os consumidores sempre ficarão à mercê das instituições financeiras."

A reclamação procede. Veja-se o caso de um cliente que faz um "papagaio" de 10 000 cruzeiros, numa operação de crédito pessoal de seis meses, na qual os juros de 4% ao mês são descontados antecipadamente. Seu gerente reterá 2 400 cruzeiros a título de juros. Assim, o cliente sai do banco com 7 600 cruzeiros em dinheiro e uma dívida de 10 000 cruzeiros, a ser saldada no final do prazo, mais a convicção de que pagou de fato uma taxa de 4% ao mês — conforme lhe informou o gerente. Imagine-se, agora, que a operação fosse inversa. Ou seja, que o banco tomasse emprestado do cliente a quantia de 7 600 cruzeiros, para aplicação em letras de câmbio e que, ao final de seis meses, lhe pagasse os mesmos 10 000 cruzeiros. Nessa hipótese o gerente in-

PROGRAMA

- Análise das Interfaces de um empreendimento. Interfaces Projeto/Suprimento/Obra. Interfaces Gerenciamento/Proprietário. Problemas característicos na Interface: Projeto Básico / Executivo. Contratação de Projetistas.
- Gerência de Projetos. Interface Contratante Contratado. Planejamento de Empreendimentos. Programas e Controle.
- Dimensionamento de Recursos Financeiros do Empreendimento: Próprios e de Terceiros. Suprimentos. Serviços. Equipamentos e Materiais.
- Obras. Dimensionamento de Recursos. Canteiro / Infraestrutura / Apoio. Montagens e Instalações.

EXPOSITORES

Aluizio Fontana Margarido, Carlos Augusto Barbosa Hirsch, Fernando Etzel, Flávio Corrêa Próspero (coordenador) João Ernesto Figueiredo, Mário Mariotto, Renato Mattos Zuccolo.

PLANASA — PLANEJAMENTO E ASSESSORIA ADMINISTRATIVA S/A
Av. Brig. Luiz Antonio, 2367, 13º andar,
CEP 01401 - São Paulo - Tels: 288-5592,
288-8175 — 287-4259 — 287-6387
CREDENCIAMENTO NO CFMO: 0291

Lançar todos os dados:
vencer o jogo do status.



Curriculum vitae:
todos os dados que contam
no jogo do status.

As oportunidades profissionais surgem de surpresa: Você precisa ter seu Curriculum pronto e posto em dia, na melhor ordem, com a melhor apresentação. O professor Nelson J. Sperandio, ex-Coordenador Acadêmico da Universidade de Londrina, Pr., criou um moderno sistema de formulários de Curriculum Vitae.

Receba 1 sistema em moderna capa personalizada, através de reembolso postal no valor de Cr\$ 300,00, a Nelson João Sperandio. Cx. Postal Nº 1449 Londrina - Paraná.



INVESTIMENTOS

formaria ao cliente que a remuneração pelo seu dinheiro aplicado fora da ordem de 5,3% ao mês.

A DESINFORMAÇÃO DO CLIENTE — Evidentemente, em ambos os casos, os juros foram idênticos. As diferenças surgem na forma de expressá-los. No primeiro caso — de 4% ao mês —, por exemplo, eles foram expressos no modelo antecipado. Ou seja, ao invés de considerar os juros cobrados em relação à quantia efetivamente liberada, o cálculo parte do valor solicitado — um consagrado artifício matemático, que obviamente “diminui” as taxas nominais apresentadas (2 400 representam

exemplo, as instituições são obrigadas a identificar seus critérios de cálculo e, além disso, a fornecer as taxas equivalentes em outros modelos. No Brasil, sem esses pontos de referência, e sem conhecimentos de matemática financeira, de que modo o consumidor poderá avaliar o que efetivamente lhe convém?

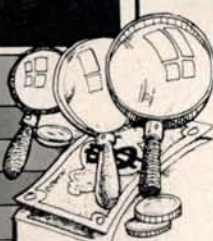
ETAPAS — As questões não acabam aí. As financeiras, por exemplo, costumam liberar empréstimos para amortização mês a mês — ao contrário dos “papagaios”, onde se resgata o empréstimo ao final do prazo. Nesses casos, elas normalmente apresentam aos clientes a taxa em modelo de juros simples — não aplicável ao caso de prestações, que exige uma nova fórmula matemática. No exemplo da-

Os modelos de juros*

(% ao mês)**

Antecipado	Simples	Composto
4	5,3	4,7
5	7,1	6,1
6	9,4	7,7
7	12,0	9,5
8	15,4	11,5

* as formas que o mercado utiliza para calcular os juros de uma mesma operação
** para um prazo de 6 meses



24% de 10 000 — ou 4% ao mês, em seis meses —, enquanto 2 400 são 31,6% de 7 600 ou 5,3% ao mês). Já no segundo caso, as taxas foram expressas da forma correta — calculadas sobre o que foi liberado. Mas, mesmo assim, não chegam a refletir a realidade dos juros. Isso porque, vencido o primeiro mês, o investidor deverá receber juros sobre sua aplicação. Se esses juros não forem retirados, eles deverão ser somados ao principal, de tal modo que, no mês seguinte, os juros incidam sobre a aplicação inicial acrescida dos juros do primeiro mês. E assim sucessivamente. Este último cálculo é de juros compostos, enquanto que o primeiro é chamado de juros simples.

Evidentemente, o fato de as taxas serem expressas de um ou de outro modo não afeta o que foi efetivamente cobrado. Ocorre, porém, que o cliente raramente recebe informações sobre o modelo adotado. Nos Estados Unidos, por

exemplo, as instituições são obrigadas a identificar o tipo de juros que estão utilizando. Na segunda, haveria uma padronização das taxas — que passariam a ser expressas apenas no modelo composto, que é o que mais fielmente retrata a realidade dos juros. Um trabalho de educação que naturalmente exigirá muito esforço. “Afinal”, diz Galhano, “até o governo, quando diz que a remuneração das cadernetas é de 6% ao ano, não esclarece a que modelo está se referindo.”

Até o sistema financeiro perde dinheiro em algumas situações, por desconhecimento de matemática financeira. No *over-night*, por exemplo, as aplicações dos investidores são capitalizadas diariamente. No entanto, as corretoras, na hora de informar os clientes sobre a taxa do dia, utilizam-se do modelo de juros simples — sem levar em conta essas capitalizações. Essa diferença, ao final de um ano, pode representar uma perda de até 500 000 cruzeiros para uma corretora de grande porte.

(Este comunicado tem finalidades exclusivamente informativas)

BRASILINVEST

comunica a constituição da

São Marcelo de Publicações Ltda.

criada especialmente para editar e publicar em São Paulo o

LATIN AMERICA

Daily Post

(lançamento: 26 de abril)

O novo jornal diário, em língua inglesa, circulará no Brasil e também será enviado para os países latino-americanos, os Estados Unidos, a Europa e os outros continentes.

O Brasilinvest participou dos estudos editoriais, das pesquisas mercadológicas e do planejamento econômico do novo jornal. Realizou, em Washington, o lançamento de sua edição-piloto, visando aferir a receptividade dos mercados internacionais. E, finalmente, coordenou um grupo de pessoas físicas brasileiras para se associarem na criação da S. Marcelo Publicações Ltda.

O "Latin America Daily Post" divulgará no país e levará para o exterior informação e opinião do Brasil e da América Latina.

A iniciativa enquadra-se na política do
BRASILINVEST

de estímulo à participação de empresários e empresas nacionais de setores que visam maior presença brasileira nos mercados externos, consoante as diretrizes do Governo Federal.

BRASILINVEST

Av. Brig. Faria Lima, 888 - 12.º and. - São Paulo - Tel.: 813-7011
Telex (011) 25115 BIPN BR



O confronto nas ruas de Santo André: a polícia investe vigorosamente contra as concentrações operárias

Economia e Negócios

Dias de intervenção

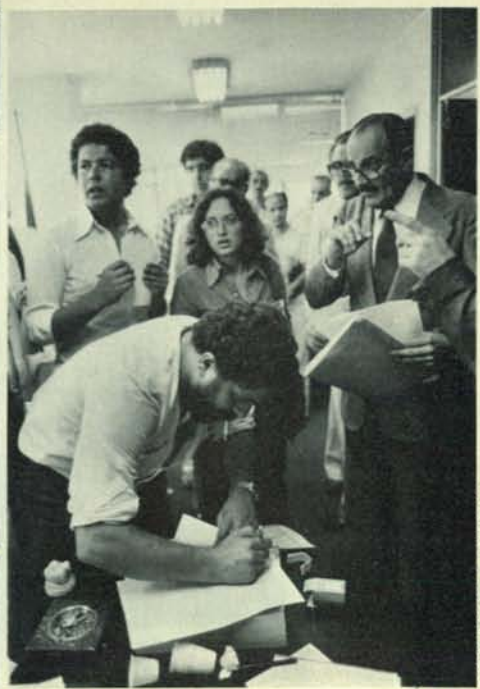
Não houve acordo e a greve dos metalúrgicos do ABC paulista, duas semanas depois de deflagrada, já resultou em confrontos com a polícia e na queda de Lula

As máquinas estão paradas”, proclamava, orgulhoso, um cartaz pregado na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, nos primeiros e entusiasmados dias da greve que, desde 13 de março, vem paralisando 180 000 operários em São Paulo. “Agora quem fala grosso somos nós.” No final da semana passada, as máquinas de mais de 500 indústrias metalúrgicas do ABC paulista, a maior concentração fabril do país, continuavam em grande parte paradas. Mas a voz mais grossa que se fazia ouvir, então, era a do governo. Entre 3 e 4 horas da madrugada da sexta-feira

passada, as sedes dos três sindicatos de trabalhadores metalúrgicos do ABC eram cercadas por tropas de choque da Polícia Militar. Em seguida, ali ingressavam delegados de polícia e funcionários do Ministério do Trabalho. E, quando o dia amanheceu, os sindicatos metalúrgicos de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul estavam sob intervenção federal. Era, nove dias após sua posse, o primeiro grande gesto de autoridade do governo João Baptista Figueiredo. Era, também, o ponto culminante do primeiro grande confronto entre operários de um lado, governo e empresas de outro, desde que

as greves e a militância trabalhista ressuriram no Brasil, um ano atrás.

Horas mais tarde, em Brasília, o ministro do Trabalho, Murillo Macedo, divulgava o ato de intervenção nos três sindicatos, os mais agressivos do país. Seus dirigentes, apontou o ministro, tinham “participado ativamente do incitamento ao desrespeito de sentença judicial, liderança de concentrações públicas e piquetes, de modo a induzir suas categorias à continuidade do movimento paredista”. E, como resultado mais visível da intervenção, às 11 horas da manhã Luís Inácio da Silva, o “Lula” — até então o mais forte dirigente



FOTOS PEDRO MARTINELLI

O COMEÇO: Lula, na madrugada de sexta-feira (à esq., ao alto). Rezando, constrangido, com policiais do DEOPS, que ocuparam o sindicato (ao lado). E assinando o termo de intervenção (acima)



O FIM: Momentos antes de deixar a sala da presidência (ao lado) e já na rua, não mais como dirigente sindical, passando pelas tropas da Polícia Militar (acima)





FOTOS IRMO CELSO



Intervenção em Santo André: Benedito Marcílio vai assinar o ato para chorar logo em seguida

sindical do Brasil e, cada vez mais, uma figura de relevo nacional —, não era mais presidente do sindicato de São Bernardo do Campo. Em seu lugar, guardado por atentos policiais do DEOPS, assumia Guaraci Horta, funcionário da Delegacia Regional do Trabalho. Ao mesmo tempo, entregavam seus cargos aos interventores o deputado federal Benedito Marcílio, presidente do sindicato de Santo André, e João Lins, presidente do sindicato de São Caetano.

Fim de tudo? Só a partir desta segunda-feira, quando os portões das indústrias serão reabertos para os operários que quiserem voltar ao trabalho, se saberá efetivamente se a intervenção deu certo — ou seja, se a greve começará enfim a se desfazer. Pois o ABC, até o último sábado, ainda era uma região conflagrada. Caíram os dirigentes e entraram os interventores mas, pelo menos publicamente, permanecia a decisão de se manter a greve. Milhares de operários perambulavam pelas ruas e se envolviam em choques esporádicos com a polícia. Novas assembleias, talvez com a participação dos líderes depostos, estavam marcadas para o fim da semana. E, embora a expectativa entre os empresários fosse a de um gradual desmoronamento da greve a partir da segunda-feira — afinal, raciocinavam eles, vai ser difícil manter a unidade do movimento sem o apoio dos sindicatos —, emergia no cinturão industrial de São Paulo um tenso, quente clima de rebeldia, o pior já registrado no universo trabalhista do Brasil desde as greves de 1968.

ACORDO DIFÍCIL — Não se pode dizer que tal desfecho fosse o desejado por empresários e trabalhadores para as negociações diretas deste ano. Mas, diante do rumo que tomaram as coisas, ele acabou se tornando inevitável. De fato, as negociações acabaram se transformando numa competição de resistência entre as partes — operários apostando na greve e na redução dos estoques das indústrias como forma de melhorar os percentuais oferecidos pelas empresas; e empregadores jogando na possibilidade de desgaste do movimento grevista pelo tempo ou mesmo na intervenção governamental. O fato é que, com a recusa dos operários em voltarem ao trabalho, após onze dias de paralisação, qualquer desfecho dificilmente deixaria de representar uma séria derrota para uma das partes — e, na sexta-feira, a corda arrebentou do lado dos sindicatos.

O balanço do movimento no final da semana, com efeito, acusa um amargo passivo para os metalúrgicos. Os índices salariais oferecidos a eles eram exatamente os mesmos que tinham sido propostos pelas empresas no momento da eclosão da greve* — e que os sindicatos recusaram por não serem calculados sobre os aumentos que obtiveram nas greves de maio e junho últimos e, sim, sobre os salários de doze meses

atrás. Cada um dos dias parados seria descontado, ao longo dos próximos cinco meses. E, para completar, eles perdiam o controle de seus sindicatos, agora administrados diretamente pelo governo. Seria este cenário reversível? Os operários, é certo, podem continuar impondo duros prejuízos às empresas e tornando caótica a produção no ABC, com a continuação da greve. Mas não se vê, agora, como as indústrias ou o governo possam voltar atrás — o montante de fichas colocado na mesa é alto demais e, sobretudo, as empresas chegaram ao limite onde não podem ceder mais.

Com efeito, durante toda a semana passada, os maiores lances dessa competição foram avançados pelos jogadores. Do lado dos trabalhadores, a disposição de continuar a greve mostrava-se inabalada, e crescia sua autoconfiança à medida que as grandes indústrias automobilísticas admitiam o esvaziamento de seus pátios e o cancelamento de encomendas contratadas com as fábricas de auto-peças. Os empresários, por sua vez, mantinham-se firmes em sua proposta final — e Theobaldo de Nigris, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), pedia ao governador Paulo Maluf que garantisse aos operários o direito de não serem “barrados na porta das fábricas pelos piquetes”. Ainda para manter a unidade empresarial — abalada por uma ostensiva demonstração de descontentamento da parte de pequenas e médias empresas, contrárias à concessão de 63% de aumento —, algumas das grandes empresas se dispu-

* A proposta previa um aumento de 63% para quem ganha de um a três salários mínimos, e de 57% para os que recebem de quatro a dez mínimos, além de duas antecipações salariais — em setembro e fevereiro próximos —, de 10% cada uma.

seram a pagar, antecipadamente, as duplicatas de seus fornecedores de pequeno porte. VEJA apurou ainda que o Banco do Estado de São Paulo (Banespa) abriria linhas de crédito preferencial para essas mesmas empresas com o objetivo de aliviá-las de encargos que não puderam ser cumpridos em virtude da greve.

LUGAR FAMOSO — Entre os lances belicosos das partes, todavia, não faltaram, na semana passada, alguns momentos em que um acordo entre empregados e empregadores parecia viável. Logo na segunda-feira, os jornalistas foram surpreendidos com a informação de que já se discutia novamente. E era verdade: no pouco conhecido Hotel Merak, praticamente camuflado no bairro paulistano de Moema, os dirigentes dos três sindicatos trabalhistas e representantes da FIESP encontravam-se novamente, por sugestão de Vinicius Ferraz Torres, delegado regional do Trabalho. “Não há nada de novo, não tem acordo”, declarava nervoso o vice-presidente da FIESP, Alberto Villares, à saída do hotel, repetindo que o empresariado não oferecia nada além dos 63% já concedidos — e aceitos — por 31 outros sindicatos do interior paulista. “Só viemos aqui atendendo a um apelo da DRT, que nos falou da existência de algumas idéias novas”, justificou-se ele.

De acordo com Lula e o presidente do sindicato de Santo André, Benedito Marcílio, haveria, realmente, algumas idéias novas. Idéias que não revelaram, todavia. VEJA seria informada mais tarde que os sindicalistas propuseram a

aplicação dos mesmos 63% sobre os salários atualmente percebidos pelos operários (incluindo os 11% de aumento recebidos no ano passado, mas sem as antecipações salariais de 13,5% obtidas na mesma época), ou o índice oficial de 44% sobre os salários (sem desconto algum de aumentos e antecipações). Segundo a mesma fonte, os dirigentes admitiriam índices menores ainda, mas sempre sem o desconto dos 11%. “O Merak não é o Holiday Inn”, lamentou Almir Pazzianotto Pinto, advogado do sindicato de São Bernardo do Campo. Nostálgico, ele se referia ao hotel que se tornou famoso, no ano passado, por ter sido sede dos primeiros acordos salariais firmados no Brasil em negociações diretas. “É, parece que o Merak não vai ficar famoso”, previu Pazzianotto.

MEDIAÇÃO — Também não ficaria famoso o apartamento de Benedito Marcílio em Brasília, onde o dirigente de Santo André pretendia agrupar, novamente, as duas partes em conflito, com a mediação do ministro Murillo Macedo. Foi na terça-feira passada, depois que Marcílio procurou Macedo no Ministério do Trabalho para propor sua participação na negociação. O ministro, na ocasião, chegou a dar esperanças ao sindicalista, deixando-o sentado na ante-sala de seu gabinete enquanto faria consultas ao Palácio do Planalto. Nessa altura, segundo Marcílio revelou a Moacyr Oliveira Filho, de VEJA, ele estava tentando conseguir os mesmos percentuais obtidos pelos 11 000 metalúrgicos da Cosipa, uma empresa estatal de Santos — 66% para quem ganha

de um a três salários mínimos e 59% para os que estão na faixa dos quatro aos dez mínimos.

Do ministro, porém, ele ouviria que um acordo como o da Cosipa poderia não sair — na verdade, os percentuais concedidos pela siderúrgica santista haviam provocado boa dose de irritação em Brasília. “Ué, Plínio, você quer que a gente perca a guerra?”, perguntou um ministro na semana passada a Plínio Assmann, presidente da Cosipa. Assmann tinha lá as suas explicações — mas o fato é que o governo, agora, não quer saber de porcentagens como essas. Segundo apurou na semana passada o chefe da sucursal de VEJA em Brasília, Dirceu Brisola, as empresas estatais deverão ser expressamente proibidas, doravante, de dar aumentos superiores aos índices oficiais.

Não apenas o índice da Cosipa era inatingível — Macedo deixaria ainda transparecer, em seu contato com Marcílio, que, se a greve não terminasse, a intervenção nos sindicatos da região do ABC seria inevitável. Em todo caso, o ministro não fechava todas as portas: naquela mesma hora, informou ele a Marcílio, seu secretário de Relações do Trabalho, Alencar Rossi, estava conversando com Lula em São Paulo. E, no dia seguinte, Macedo acabaria abrindo outras portas — desta vez, as de sua própria casa em São Paulo. Para lá ele voou, na quinta-feira, em busca de uma solução pessoal para o impasse.

GANHANDO TEMPO — Macedo abriu as portas de seu apartamento de 600 metros quadrados no 6.º andar do Edifício Lorraine, na rua Oscar Freire,

Confronto na praça: na tarde de sexta-feira, policiais e metalúrgicos ocupam o Paço de São Bernardo



bem no coração dos Jardins — e ali, em meio às reformas por que passa no momento a residência paulista do ministro, iniciou-se uma nova e crucial jornada de negociações entre trabalhadores e empresários (veja o quadro). A vinda de Macedo a São Paulo foi longamente discutida entre ele e os chamados “ministros da casa”*, em Brasília, em reuniões em que não deixaram de aparecer algumas divergências. Em geral com o apoio do general Golbery do Couto e Silva, o ministro do Trabalho, propenso a uma linha mais flexível, teve que enfrentar a posição de Mário Henrique Simonsen — preocupado, desde o começo da crise, com o impacto que aumentos salariais superiores a 60% podem ter na inflação. O general Danilo Venturini, discreto como de hábito, não opinou muito, limitando-se a ligar com frequência para o presidente João Baptista Figueiredo a fim de informá-lo, passo a passo, do andamento das reuniões. E o general Otávio Aguiar de Medeiros mantinha-se na postura mais severa — dando a entender que a intervenção já deveria ter sido feita desde a semana anterior, após a sentença do TRT fixando um aumento de 44% para os metalúrgicos, e que, dependendo dele, Lula já estaria afastado do movimento sindical há mais tempo.

O fato é que, antes do início das ne-

gociações em seu apartamento, Macedo se viu obrigado a advertir as partes de pelo menos duas condições das quais seus pares, em Brasília, não podiam abrir mão: nenhum aumento salarial poderia ultrapassar os 63% já propostos; e os dias de greve, em hipótese alguma, seriam pagos aos operários. Esses limites, aliás, teriam já sido transmitidos a alguns empresários que pretendiam ceder um pouco mais na proposta. “Se você der mais, fica sem aumento de preços durante um ano inteiro”, lançou Simonsen a um desses empresários — “e não vou dizer qual ano.” Não foi essa a única ocasião em que Simonsen acenou com os rigores do Conselho Interministerial de Preços (CIP). Ainda durante a semana passada, um alto diri-

gente da Arena paulista foi procurado por um amigo jornalista que trazia um recado de Lula: se os empresários topassem conceder um aumento de 65%, os sindicatos bateriam o martelo e a greve acabaria. O dirigente arenista não poderia transmitir o recado aos empresários? Poderia. No dia seguinte, em Brasília, ele encontrou o empresário Luiz Eulário Bueno Vidigal, que saía do Ministério da Fazenda em companhia de Simonsen e do ministro Karlos Rischbieter. O dirigente cochichou no ouvido de Vidigal a proposta de Lula. Vidigal sorriu, disse que os empresários não concederiam nem mais um tostão e virou-se para Simonsen:

— Veja só, ministro. Se dermos mais 2% eles voltam ao trabalho.



Prisão de um metalúrgico: a cena que se repetiria várias vezes

* São os que têm seus gabinetes no Palácio do Planalto: chefe do Gabinete Militar, Danilo Venturini; do Gabinete Civil, Golbery do Couto e Silva; da Secretaria de Planejamento, Mário Henrique Simonsen; da Comunicação Social, Saíd Farhat; e do SNL, general Otávio Aguiar de Medeiros.

O que fará Lula agora, como ex-presidente?

No início da tarde de sexta-feira, já recolhido à casa de parentes de sua mulher — um modesto sobrado em São Bernardo do Campo —, Lula tomou banho, vestiu um calção e, de cabelos molhados e pés descalços, olhos vermelhos das noites sem dormir, sentou-se à frente da televisão para assistir ao noticiário que falava da intervenção no sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, que ele presidiu nos últimos quatro anos. Lula estava começando, ali, uma nova etapa de sua vida: pelo menos tecnicamente, voltava a ser um simples metalúrgico

que fez até o quarto ano primário e que, há quase dez anos, é empregado (torneiro-mecânico, com salário de pouco mais de 22 300 cruzeiros), da Aços Villares daquela cidade.

E agora? “Acho que vão me mandar embora da Villares”, meditava ele. Seu filho de 1 ano engatinhava pela sala e sua mulher Marisa, cabelos loiros como os do menino, começou a recolher tudo o que havia em cima da mesinha de centro. “Nunca vivemos do sindicato”, diz ela. “Se for preciso, eu trabalho de faxineira. Nós não temos medo do futuro.” O outro filho do casal, de 5 anos, mostrava a televisão e dizia: “Pai, agora você vai aparecer”. Mas Lula não apareceu: o jornal das 13 horas limitou-se a dizer que a intervenção se confirmara. “Estou com a consciência tranquila, fiz o que tinha de fa-

zer”, comentava Lula terminando o café e acendendo um cigarro. “O movimento deve continuar” era a instrução que ele transmitia pelo telefone ao lado do banquinho onde estava sentado, cada vez que um de seus companheiros de diretoria telefonava.

Antes de se recolher para o quarto, onde pretendia descansar durante a tarde, o operário metalúrgico Luís Inácio da Silva, 33 anos de idade, deu a seguinte entrevista à repórter Lígia Martins de Almeida, de VEJA:

VEJA — A greve do ABC tem condição de continuar sem as lideranças sindicais?

LULA — Não fomos nós, diretores de sindicato, que decidimos pela continuação da greve, na assembléia



Distribuição de alimentos: mais de 10 toneladas para os grevistas

— Se cederem, vocês verão o que acontecerá no CIP — devolveu Simonson, sorrindo.

Teriam os sindicatos, então, embarcados numa duríssima greve de onze dias por causa de um aumento de 2%? Como nem esses 2% suplementares foram conseguidos, a pergunta fica no terreno das hipóteses. Seja como for, mesmo que quisessem agora encerrar a greve, os líderes sindicais reunidos no apartamento paulista de Murillo Macedo tinham pela frente assembleias altamente radicalizadas pelo clima dos dias anteriores — sobretudo Lula, que teria de falar para 80 000 operários reunidos no estádio municipal de São Bernardo.

Como apoiar, ali, um acordo que propunha índices idênticos aos do início da greve? A solução encontrada na reunião da rua Oscar Freire foi elaborar um "protocolo de intenções", pelo qual os sindicalistas se comprometiam a apresentar em suas assembleias uma proposta de conciliação da parte empresarial.

A proposta previa o retorno ao trabalho, com o aumento máximo de 63%. Seria decretada, então, uma trégua de 45 dias, durante a qual uma comissão tripartite (governo + empresas + trabalhadores) estudaria o reajustamento salarial. Os dias parados seriam descontados dos salários em cinco parce-

las, nos próximos cinco meses, e nenhum grevista poderia ser demitido nos 120 dias seguintes. Ainda na mesma proposta, as partes em disputa deveriam enviar ao Ministério do Trabalho, em 240 dias, estudos relativos à reforma da estrutura sindical e do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. E remeteriam, também, sugestões para uma nova lei de greve, em 180 dias.

Seria o apartamento de Murillo Macedo transformado em mais um monumento às negociações diretas? Chegou-se a admitir que sim. Mas um assessor da Volkswagen, cético, confessava a VEJA que não acreditava em sua aprovação nas assembleias operárias. "Eles não acreditam numa melhora da proposta e nem eu", assoprou um outro assessor empresarial, para quem "as razões para não dar o aumento melhor daqui a 45 dias serão certamente as mesmas de hoje. E agravadas pelos transtornos econômicos que a greve provocou."

PÁTIOS VAZIOS — De fato, um balanço provisório das perdas e danos provocados pela greve revela já agigantadas cifras. Embora não se possa falar em prejuízos — eles seriam, literalmente, incalculáveis —, certamente algo em torno de 500 milhões de dólares (cerca de 11 bilhões de cruzeiros, mais ou menos 0,25% do Produto Interno Bruto previsto para 1979) deixou de circular na economia. Só em impostos indiretos — ICM e IPI —, que seriam cobrados dos 40 000 veículos não produzidos, deixou-se de arrecadar 1,5 bilhão de cruzeiros. E outro bilhão de cruzeiros

de quinta-feira. A decisão foi dos trabalhadores, que mostraram estar com um nível muito grande de conscientização. A greve está sendo feita porque os salários são insuficientes. Os operários mostraram que estão preparados para a negociação coletiva. Agora, o mesmo já não se pode dizer dos empresários.

VEJA — *Que análise você faz do comportamento dos empresários?*

LULA — O comportamento dos empresários foi o pior possível, com exceção de três deles a quem devo bastante respeito pelo seu procedimento como homens: Paulo Francini, Cláudio Bardella e Sérgio Mindlin. Todos eles tiveram uma postura honesta. E, acima de tudo, mostraram que são donos de indústria e não paus mandados.

VEJA — *Como você viu o comportamento do ministro do Trabalho?*

LULA — O Murillo Macedo teve um papel razoável como mediador. Mas ele veio a São Paulo apenas consignar a intervenção pois trouxe uma proposta pior que a que tínhamos conseguido.

VEJA — *Agora, depois da intervenção, que balanço você faz do que aconteceu?*

LULA — A greve foi uma demonstração de maturidade. Tenho certeza de que foi algo mais significativo que os movimentos de antes de 1964. Tenho certeza de que todos lembrarão, por muitos anos, as assembleias realizadas durante a greve. Veja a campanha de arrecadação de fundos, em solidariedade ao mo-

vimento: é uma demonstração da justiça do nosso movimento.

VEJA — *A intervenção não poderia ter sido evitada?*

LULA — São Bernardo estava praticando, em 1979, o sindicalismo que se fazia nos anos 70 na Argentina, em condições bem piores. Queríamos fazer um sindicalismo como é feito na Europa e Estados Unidos, porque achamos que o trabalhador brasileiro tem os mesmos direitos que os trabalhadores do resto do mundo. Tínhamos consciência de que mais dia menos dia a intervenção viria. Mas nosso trabalho tinha que ser feito. Estou com a consciência tranquila. Eu sei que hoje posso contar com o respeito dos 80 000 trabalhadores da minha base que estiveram presentes às assembleias.

não pôde ser recebido apenas pelos fornecedores da Volkswagen.

Nos pátios da Volkswagen, por sinal, a visão é quase inédita. Na última quarta-feira, uma semana após o início da greve, o estoque de 6 000 carros estava dramaticamente reduzido a 700 — um dia depois, não passava de 300. As revendedoras, segundo se informava, não tinham, no final da semana, quase nada para oferecer. E logo agora, bem ao mês anterior ao próximo aumento — ou seja, quando as vendas costumam se acelerar. Para as revendedoras, uma semana de produção normal será suficiente para recuperar o ritmo de vendas.

No caso das montadoras, contudo, os percalços serão maiores. A Volkswagen, por exemplo, de acordo com informações colhidas por VEJA, tem um plano de emergência capaz de fazê-la recobrar o nível normal de produção em apenas 48 horas. Mas o que já aconteceu teria até mesmo afetado a matriz, na alemã Wolfsburg. "Além dos 20 000 carros para o mercado interno, não foram produzidos 16 000 caixas de câmbio e 16 000 motores para o mercado externo", revelou o presidente da Volkswagen, Wolfgang Sauer, em Porto Alegre. "Esses dois últimos itens", continuou ele, "difícilmente poderão ser recuperados. E talvez se afetem a renovação de contratos de exportação e mesmo a linha de montagem da matriz,



Reunião no Hotel Merak*: uma das tentativas frustradas de acordo

que importa nossos motores e caixas para os seus carros."

MEDITAÇÃO — O ceticismo dos assessores de empresas acabaria, de resto, por se justificar mais rápido do que se imaginava. Menos de uma hora depois de encerrada a reunião no apartamento de Macedo, Lula leu pausada e calmamente os termos do protocolo para 80 000 trabalhadores presentes na as-

* Lula, Concone, Barelli, Marcílio e Lins, à esquerda; Villares, Monteiro e Marcondes, à direita.

As 13 horas de decisão na casa de Macedo

— Você aceita um uísque? — perguntou a Lula o ministro Murillo Macedo. Mas advertiu: "Não vá dizer que não toma uísque, só cachaça, como você fez com Júlio Mesquita".

— Pois é — comentou Lula, rindo. — Ele me deu uma cachaça tão ruim que quase me fura o estômago.

Houve lances assim, amenos, na reunião de quarta-feira passada, no apartamento de Macedo, em São Paulo. Mas houve também momentos de irritação e impasse, vozes alteadas e gestos dramáticos, já de madrugada.

— É pegar ou largar o acordo — afirmou Macedo, abrindo e fechando a pasta atirada sobre a mesa, dando a entender, evidentemente, que lá dentro se encontrava o despa-

cho decretando a intervenção nos sindicatos.

A reunião começou logo depois das 6 horas da tarde. Presentes, pelo lado dos empresários, Theobaldo de Nigris, da FIESP, Mário Garnero, pelos fabricantes de veículos, Cláudio Bardella, Alberto Villares, Paulo Francini, Nildo Mazzini, Mauro Marcondes e o advogado Benjamim Monteiro. Pelos empregados estavam Lula, Benedito Marcílio, João Lins, os economistas Walter Barelli e César Concone, do DIEESE, o deputado e advogado Almir Pazzianotto e mais um assessor jurídico.

ATÉ NO QUARTO — Oficialmente, os debates se davam na sala de jantar, à volta da mesa. Ali, o tratamento era formal: senhor Theobaldo, senhor ministro, etc. ... Havia, contudo, espaço para confabulações nos cantos do vasto living. Questões mais graves eram discutidas no escritório, a portas fechadas. Chegou mesmo a ocorrer uma conversa fran-



Macedo, após a reunião: engano

ca e séria, no quarto do anfitrião, entre ele e Lula.

Sobre as divergências, as versões levantadas por VEJA diferem em poucos aspectos. Certamente Murillo Macedo repreendeu os empresários que insistiam em descontar, além dos dias parados, o descanso semanal remunerado e alguns dias de férias — como deixa entender a lei. Disse que eles estavam ali para chegar a um acordo e não para fazer um dos lados ganhar tudo. Segundo Pazzianotto, porém, Macedo só fez os empresários desistirem depois que Bardella e Garnero o alertaram

sembléia de quinta-feira passada em São Bernardo. "Esta decisão é muito mais importante do que a que tomamos na decretação da greve", advertiu ele. Advertiu igualmente que "paira sobre a cabeça do sindicato a intervenção". Em seguida, proclamou: "Mas, se vocês querem saber minha posição, acho que foi muita sacanagem dos empresários, que ganham dinheiro como nunca nesta terra, e que tentam de todos os modos acabar com o nosso sindicato". E, arrematando, prometeu "levar a primeira

porretada", se a assembléia decidisse pela continuidade da greve. Nada mais natural, assim, que o estúdio rejeitasse o "protocolo de intenções" — e, com isso, se selava o caminho da intervenção.

A notícia de que os metalúrgicos recusavam o acordo alcançaria pouco depois o ministro Murillo Macedo, então já de volta a Brasília — e naquela mesma noite o governo começou a agir. Logo depois de assinar o despacho de intervenção, Macedo ligou para o gover-

nador Paulo Salim Maluf pedindo o acionamento de efetivos policiais. Centenas de prisões começaram a ser feitas através do ABC. E, às 3 horas da madrugada de sexta-feira, tropas de choque da Polícia Militar e agentes do DEOPS cercavam o mais vistoso reduto da greve, a sede do sindicato de São Bernardo. As pessoas que estavam dentro do prédio de três andares não podiam sair — caso contrário eram presas, como aconteceu com um membro da "comissão de salários" do sindicato. Nesse ambiente tenso, alguém propôs que se rezasse o "Pai-Nosso". Lula ainda ponderou que não era o momento nem local para isso. Mas não conseguiu movê-lo da idéia. E, constrangido, ele acabou dando as mãos para formar a corrente aos agentes do DEOPS que se encontravam a seu lado.

Foi só com a intervenção dos políticos que a polícia admitiria a saída de todos os presentes, depois de identificá-los. Lula, exausto, ficou até o momento em que, já de manhã, o delegado regional do Trabalho, Vinicius Torres, lhe entregou uma cópia do ato de intervenção. Assinou o recebimento da cópia, identificou-se para a polícia, vestiu o casaco de couro e embarcou no carro do deputado estadual Antônio Resk, que o levou até a Igreja Matriz do Carmo. Dali, enfim, seguiu com o prefeito Tito Costa até a casa de um parente. Atrás ficaria o interventor, Guaraci



Carretas transportadoras da Volkswagen: vazias como a fábrica

para as recomendações da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre o assunto.

Também é certo que o desconto das férias não era um dos pontos a respeito dos quais o governo não se dispunha a abrir mão. Esses eram dois: o aumento não poderia exceder os índices concedidos aos trabalhadores do interior e as horas paradas não poderiam ser pagas. Diz Pazzianotto que Macedo foi absolutamente objetivo quanto ao ponto. "O ministro Golbery do Couto e Silva me orientou nesse sentido", teria dito Murillo Macedo, de acordo com a descrição do advogado de São Bernardo a VEJA. Ainda segundo Pazzianotto, Macedo teria revelado que na reunião que manteve com Simonson, Rischbieter, Camillo Penna e Golbery, antes de embarcar para São Paulo, apenas ele defendera a idéia de servir como mediador dire-

res resistências dos líderes sindicais se concentraram na imposição governamental quanto ao índice do aumento e o desconto dos dias parados. Sobretudo Benedito Marcílio parecia irredutível. Um dos presentes chegou a adverti-lo:

— Você quer a intervenção porque ainda lhe resta o mandato parlamentar. Você quer é cortar a cabeça do Lula.

Por volta das 2 da manhã, contudo, Lula e Marcílio se trancaram no escritório. Depois de alguma discussão, voltaram com a decisão de levar a proposta para ser analisada pelas diretorias de seus sindicatos. Na madrugada de quinta-feira, encerrava-se o primeiro *round* da negociação, após oito horas e meia de reunião, durante a qual foram consumidos alguns sanduíches do tipo beirute especial, comprados na lanchonete Frevinho, perto do prédio de Macedo ("Parece coisa de mineiro", pilheriou Garnerio, ao perceber que os sanduíches eram insuficientes pa-

ra a fome de todos — Macedo é mineiro).

Segundo informações colhidas em Brasília, na manhã de quinta-feira, antes das 7 horas, Lula telefonou para Macedo dizendo que os sindicatos de São Bernardo e São Caetano aceitavam o acordo para submetê-lo às assembléias gerais. Macedo comunicou ao Planalto que iria fechar o negócio com os dois sindicatos. Lula e Lins voltaram ao apartamento do ministro, mas acabaram esperando Marcílio — que telefonara avisando estar a caminho. A segunda reunião começou, então, às 11 horas. Nela, foi assinado o "protocolo de intenções": De Nigris, pelas empresas, e Pazzianotto, pelos sindicatos de trabalhadores. Às 2 e meia da tarde, Murillo Macedo, feliz, despediu-se de todos. Levava para Brasília a certeza de que acabara de criar uma nova praxe de mediação do governo, boa o bastante para ser incluída na legislação. Estava, porém, enganado.

A CABEÇA DE QUEM — As maio-

Horta, cujas declarações se resumiram num compromisso de dar continuidade ao trabalho assistencial do sindicato.

Em Santo André, quase que simultaneamente, os fatos se repetiam — mas com numerosos incidentes. Os policiais iniciaram o cerco ao sindicato distribuindo bombas de gás lacrimogêneo pelas ruas que circundam a entidade. Ao meio-dia, Alfredo Garcez, também funcionário da DRT, apresentava-se, junto com delegados do DEOPS, como interventor. Chorando, Benedito Marcílio desabafou: “Sob esse clima de total violência entregamos o sindicato, mas sem reconhecer a legitimidade desse ato”. “Tal decisão”, supôs ele em seguida, “partiu de grupos multinacionais e não do Ministério do Trabalho.” Em São Caetano do Sul, nenhuma diferença. E, como nas duas outras cidades do ABC, viria o desencadeamento de prisões em massa de grevistas.

DESGASTE? — “A intervenção do Ministério do Trabalho nos sindicatos dos metalúrgicos do ABC veio demonstrar que o governo não soube enfrentar democraticamente as pressões sociais partidas dos operários”, declamou Ulysses Guimarães, presidente nacional do MDB. Da mesma forma se pronunciaríamos inúmeros outros parlamentares

oposicionistas, entidades de classe e organismos da Igreja. Os líderes da Arena trataram de contra-argumentar. “Esperamos que a situação se normalize para dar prosseguimento ao processo de aperfeiçoamento democrático”, disse Nelson Marchezan, líder arenista na Câmara. “As medidas adotadas pelo governo de forma alguma prejudicam o projeto de abertura política”, assegurou por sua vez o senador José Sarney, presidente nacional da Arena. “A intervenção foi a maneira de o governo cumprir a lei, sem arbítrio e sem violência, apenas fazendo valer a autoridade do Estado.”

Seja como for, a situação ainda estava longe da normalidade no fim da semana passada, pois largos contingentes de trabalhadores do ABC, em novas assembleias, anunciavam a sua disposição de continuar em greve. E as diretorias de quase quarenta sindicatos de trabalhadores de várias categorias profissionais convocavam os associados — embora sua ação, em geral, ficasse limitada à convocação de “atos públicos”, decretação de assembleias permanentes e expedição de notas de protesto. Havia, também, repercussões fora do país. A principal central sindical americana, a AFL-CIO, através de seu presidente, George Meany, enviou telegrama

de protesto contra a intervenção. “Estamos indignados com o banimento perpétuo decretado contra o líder Lula, proibido de participar das atividades normais de um dirigente sindical”, manifestou-se Douglas Fraser, presidente da Union Auto Workers (UAW), em nome dos 1,7 milhão de associados da entidade. Já o Council for the Hemispheric Affairs, organização privada americana que congrega líderes sindicais, religiosos, intelectuais e políticos, ameaçou com uma “campanha de boicote” contra o governo brasileiro — semelhante à que está sendo feita contra a Nicarágua e, mais uma vez, contra o

Duas histórias ligadas a negociação direta

A discussão é velha conhecida tanto de empresários e economistas como de dirigentes sindicais operários: podem as pequenas e médias empresas se submeter a custos salariais crescentes com a mesma facilidade das indústrias de grande porte? Inevitavelmente, a questão mais uma vez voltou a ser colocada ao longo das negociações entre metalúrgicos do ABC e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). E, como seria de esperar, as pequenas e médias empresas se transformaram justamente num dos principais pólos de oposição à concessão de reajustes de salário superiores aos índices oficiais. “Para nós, qualquer aumento é uma ‘pauleira’”, afirma Renato Cury, vice-presidente da Panex, empresa média especializada em fabricar painéis e

utensílios de alumínio. Com 600 operários, a Panex, localizada em São Bernardo do Campo, tem um custo salarial, somados os encargos sociais, que atingem, segundo Cury, a 29% do custo final dos produtos.

Em seus cálculos, Cury estima que um reajuste salarial em torno de 60% equivaleria a um aumento de 18% no custo do fator mão-de-obra. “Uma porcentagem que além de tudo não podemos repassar”, lembra Cury. Para ele, a única forma viável de absorver esse impacto seria por uma elevação da produtividade. Uma alternativa, porém, que o próprio Cury considera difícil, uma vez que, premidas pelos altos custos financeiros impostos pelo sistema bancário, as pequenas e médias empresas têm poucas chances de realizar investimentos que possam gerar ganhos de produtividade.

Com um faturamento médio de 1 milhão de cruzeiros por dia, o maior problema da Panex agora, segundo Cury, seria o de reunir recursos suficientes para pagar o vale do dia 25,



IRMO CELSO

Cury: a fragilidade de cada um

caso os operários voltem ao trabalho. Mesmo diante desse quadro, Cury, embora entenda que é cedo para a implantação das negociações diretas sem a intermediação do Estado, admite que não existe outra saída. E que, portanto, “todos terão que se adaptar à nova realidade”.

O OUTRO LADO — “Eu faço greve pelas minhas filhas, pelos meus netos para que eles tenham, um dia, uma vida melhor que a minha”, desabafava exaltado, quase rouco, na tarde de sexta-feira passada, o ferra-

Chile, que aliás vem convivendo com este problema desde 1973.

MUDA A CLT — O governo, de seu lado, não desconhece as dificuldades que poderá encontrar para normalizar as atividades na região do ABC. E a Secretaria de Planejamento da Presidência da República já adiantou que antecipará a discussão de uma nova lei de greve, prevendo em seus dispositivos — segundo uma fonte empresarial — a instituição da negociação direta entre empresários e trabalhadores. O projeto, que teria sido elaborado pelo ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso, tomaria como base a legislação americana — a emenda Taft-Hartley — que prevê a legalidade de uma greve por um prazo de sessenta dias corridos, caso as partes não cheguem a acordo. Só então é que o Estado assume a condição de negociador — no lugar dos empresários — e os operários são obrigados a voltar ao trabalho.

Murillo Macedo, em todo caso, prefere deixar a discussão da CLT para depois. “Minha primeira preocupação agora é fazer com que não haja nenhuma interrupção nos serviços assistenciais que os sindicatos prestam a seus associados”, estabeleceu ele aos três interventores do ABC. E quanto ao possí-

menteiro Enoch Batista — 39 anos, quatro filhas e salário mensal de 14 000 cruzeiros. A vida que Batista não quer para suas filhas e netos obedece a um cotidiano rígido. Ele se levanta diariamente às 5 horas da manhã para ir à fábrica, onde cumpre o expediente e realiza horas extras sistemáticas para elevar um pouco seus rendimentos. Ainda assim Batista conseguiu reunir algum dinheiro e se preparou para a greve sabendo que ela poderia ser prolongada: na cooperativa da fábrica em que trabalha comprou alimentos para um mês, “com o que venho ajudando alguns companheiros”.

Disposto até a vender o carro, se preciso, para continuar a greve, Batista conta com o apoio incondicional da família: sua mulher inclusive já reorganizou o orçamento doméstico, deixou de fazer a feira, economizando assim para uma resistência maior. Em tempos normais, porém, os 14 000 cruzeiros do salário são consumidos com as despesas de manutenção da casa: 1 300 cruzeiros



Caminho do trabalho, na VW: 5 000 horistas não aderiram à greve

vel crescimento do movimento sindical? Uma alta fonte militar garantiu a VEJA, na semana passada, que não haveria maiores preocupações. “Pode anotar aí”, disse. “Até o final do ano estas greves diminuirão ou mesmo deixarão de existir. A economia brasileira sofrerá um forte desaquecimento e a perspectiva de desemprego diminuirá os ânimos dos sindicatos.” Nesse mesmo tom viria argumentando outra influente autoridade federal. “O pessoal de São Paulo precisa descobrir o que é conviver com um desemprego de 6%, 7%”, diz ele.

DARÁ CERTO? — A verdade é que a

para o aluguel; 2 000 de feira — “a gente se preocupa em dar verdura às crianças para não gastar em farmácia” —; 400 de luz; 2 400 de carne; 400 de leite; 120 de pão; e 1 400 de gasolina. Além dessas despesas fixas, Batista afirma que faz gastos limitados com roupas para as crianças, em idade de crescimento.

Sindicalizado há doze anos, ele assegura que a greve foi extremamente bem organizada e contou com a participação consciente da massa dos metalúrgicos. Daí porque, em sua opinião, os trabalhadores não recorreram a depredações nem aceitaram qualquer provocação. Amigo de Lula, Batista não tem dúvida em classificá-lo como “um grande líder, alguém que não faz demagogia mas é impetuoso e sabe o que as bases querem”. Por isso, quase sem voz, ele continuava gritando na sexta-feira, junto com milhares de outros metalúrgicos, em frente à Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo: “O Lula continua sendo o meu presidente”.

solução final para o confronto do ABC poderá influir poderosamente no encaminhamento das próximas questões trabalhistas no país — pelo menos é nisso que confia o governo. Sem dúvida, apesar de eventuais divergências, Brasília teve durante todo o tempo uma visão homogênea do movimento grevista. Era opinião comum a todos que a greve representava um desafio à autoridade do governo — e o governo, menos de dez dias após sua posse, tinha de mostrar que estava com o comando efetivo do país e dispunha de autoridade para manter a ordem. Se a greve do ABC saísse vitoriosa, raciocinou-se em Brasília, a consequência direta mais provável seria o incentivo a movimentos semelhantes em outros setores, e com a exigência de percentuais de aumento cada vez mais irrealistas na presente situação econômica das empresas e do país.

Dará certo esta postura? No final da semana, apesar do clima de desagregação no ABC, governo e empresários apostavam num refluxo do movimento grevista nos próximos dias — um número não computado de operários já tinha voltado ao trabalho e agora, com a possível rarefação dos piquetes, se espera que estes contingentes cresçam progressivamente. Além disso, calculam os empresários, índices de aumento de até 63% sobre os salários de um ano atrás não podem ser considerados uma posição radical — mais que isso é inviável, na prática, para a maioria das empresas, sendo que para muitas indústrias pequenas e médias as atuais percentagens já são difíceis de engolir. Resta saber que posições tomarão, daqui para diante, as principais lideranças sindicais. Se movimentos como o do ABC continuarem a se repetir, o país poderá iniciar sua entrada num túnel — sem se saber hoje quando, como e onde estará a saída.



JUGO KOYAMA

Feira-livre em São Paulo: ênfase agrícola vai baixar os preços?

PRIORIDADES

As tarefas difíceis

O combate à inflação e o desenvolvimento da agropecuária escolhidos pelo teste

Prioritário não é o desejável. Prioritários são os objetivos adotados, após o teste de escassez de recursos." Com esse conceito, o presidente João Baptista Figueiredo selecionou o combate à inflação e o desenvolvimento da agropecuária como as principais tarefas de seu governo — inaugurado, na prática, segunda-feira da semana passada, com um discurso dirigido à equipe ministerial. Nos dois capítulos prioritários do seu plano de governo, Figueiredo se defrontará, porém, com dificuldades apenas esboçadas nas diretrizes gerais agora confirmadas. A seguir, uma visão do quadro e de alguns dos obstáculos que o governo deverá contornar para vencer os desafios da inflação e aproveitar a vocação agropecuária do país.

A velocidade da moeda

Na mesma semana em que o presidente João Baptista Figueiredo reafirmava o caráter prioritário do combate à inflação, começavam a circular novas indicações de que os índices de preço continuavam a subir em marcha batida. "A inflação vai explodir este mês", sintetizou a VEJA, na última sexta-feira, uma importante personagem do governo. "Quando os números de março forem liberados, será um Deus nos acuda, já

que nem mesmo se conseguirá definir claramente as causas do seu recrudescimento."

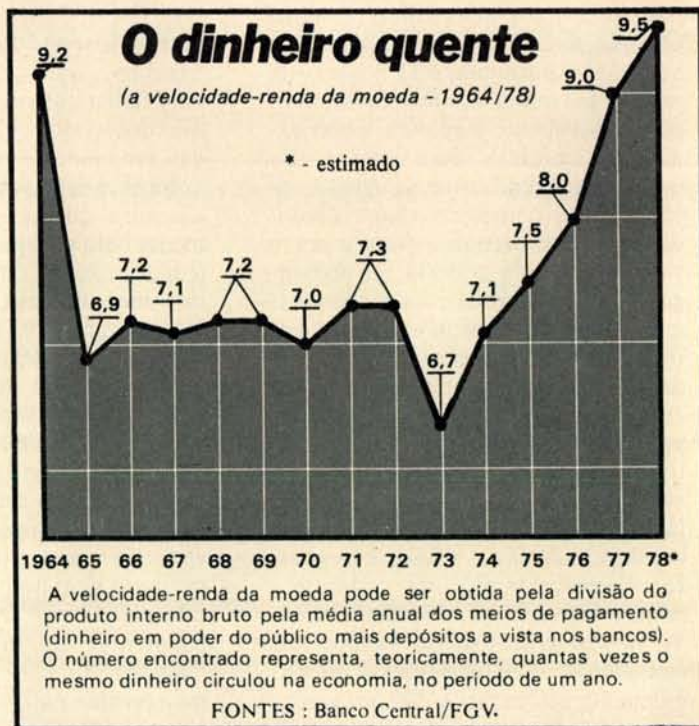
De fato, os resultados deverão ser preocupantes. Medida de março de 1978 a março deste ano, a inflação alcançará 44% — em fevereiro, também em relação aos últimos doze meses, os preços subiram 42,7%. E, segundo acreditam graduados funcionários de Brasília, a situação ainda será pior, nos próximos dois meses. "Sabemos que só pelo meio do segundo semestre os resultados da política de contenção já adotada começarão a aparecer", disse um deles, revelando que os apertos serão ampliados em poucos dias.

DINHEIRO EM CAIXA — Muitos economistas, con-

tudo, consideram que nada se conseguirá apenas com novos cortes nos gastos públicos ou nas linhas de crédito. Alguns deles, como Rubens Almonacid, da Universidade de São Paulo, levantam sérias dúvidas sobre a eficácia da terapia preconizada pelo ministro-chefe da secretaria de Planejamento, Mário Henrique Simonsen. "Acredita-se que a inflação seja o resultado de uma oferta excessiva de moeda quando parece mais provável ser ela resultante da falta de incentivos para que as pessoas fiquem com dinheiro em caixa, apliquem em títulos ou promovam investimentos em geral", analisa Almonacid, também ele filiado à escola monetarista adotada por Simonsen.

Para testar a sua hipótese, o economista de São Paulo calculou a "velocidade-renda da moeda", em vários anos (veja o gráfico). Esse indicador representa, teoricamente, o número de vezes em que o mesmo dinheiro completa o circuito econômico durante um ano. Se o problema fosse de excesso de liquidez — poucos bens para a quantidade disponível de moeda — deveria ocorrer uma baixa velocidade da moeda. Se, ao contrário, estivesse havendo falta de incentivos para que os indivíduos "retivessem" dinheiro — pouca liquidez para a quantidade de bens a ser transacionada —, o número deveria ser alto.

REFLEXO DE UMA POLÍTICA — O fato é que a "velocidade-renda da moeda" está muito alta. Estima-se que, no ano passado, superou o índice de 9,5, o



mais elevado dos últimos catorze anos — e muito superior à média do período, que ficou em torno de 7. Segundo Almonacid, isso se deve em parte à própria inflação. Mas, fundamentalmente, seria reflexo de uma política de “enxugamentos”, combinada com persistentes “descontroles monetários”. “Com os atuais mecanismos, não se conseguirá controlar a oferta monetária”, assegura Almonacid, lembrando que nos últimos quatro anos jamais deixaram de ocorrer grandes “estouros” no orçamento monetário. “Enquanto a entrada de recursos externos não estiver sob controle, os resultados continuarão negativos.”

Curiosamente, na semana passada, o ministro da Fazenda, Karlos Rischbieter, admitiu que o depósito compulsório dos bancos comerciais poderá ser reduzido de 35% para 30% do total dos depósitos à vista — destinando-se a parte liberada para setores considerados prioritários. Isso poderia significar o início de uma considerável revisão nos conceitos vigentes. Pois, em lugar dos “enxugamentos” de hoje, a política monetária estaria enveredando pelo caminho oposto — o da descompressão seletiva da moeda e do crédito, justamente o que parece recomendar o comportamento da “velocidade-renda da moeda”.

O imposto como arma

Quanto ao setor agropecuário, o presidente Figueiredo não deixou dúvidas a respeito do motivo de sua opção. Dentro do quadro econômico atual, marcado pelo esgotamento de um ciclo baseado na ênfase ao setor de bens duráveis, combinado com a concentração da renda, a agricultura resta como a alternativa capaz, talvez, de sustentar uma reciclagem da economia.

De qualquer forma, não serão poucos equívocos e omissões a serem corrigidas para que a agricultura corresponda, de fato, às expectativas oficiais. A verdade é que o campo brasileiro não subsistiu imune às distorções geradas pelo desenvolvimento econômico da última década. Assim, para cumprir seu proclamado objetivo de “encher a panela do povo”, o novo ministro da Agricultura, Antônio Delfim Netto, terá de se preparar para duras tarefas. Em seu discurso, Figueiredo arrolou cinco objetivos que pretende atingir com a prioridade ao setor agropecuário. Entre eles, a diminuição dos custos dos alimentos, a diminuição do êxodo rural e um melhor aproveitamento das terras férteis. Resta saber se o governo dispo-



KEIJI KOBAYASHI

Oliveira: conter as distorções

rá de instrumentos eficazes para amoldar a situação atual às suas pretensões.

O imposto territorial rural (ITR) seria uma das armas de que Delfim parece disposto a lançar mão para, senão corrigir, ao menos atenuar em parte as distorções da estrutura fundiária brasileira. O fato é que, em 1972, segundo o INCRA, existiriam 80 milhões de hectares de terras improdutivas no país. Ou seja, áreas potencialmente cultiváveis, porém mantidas inexploradas por seus proprietários. Quatro anos depois, ainda segundo o mesmo órgão do Ministério da Agricultura, esse volume aumentou para 98 milhões de hectares, sendo que só os latifúndios são responsáveis pela estocagem de 86 milhões de hectares desse total.

A aplicação mais eficiente do ITR corrigirá tão espantoso desperdício de recursos? “Não há precedentes históricos de que medidas meramente fiscais tenham conseguido alterar o perfil de uma estrutura fundiária. Ainda assim, a idéia de conter as distorções do campo através do ITR não é nada desprezível”, explicou a VEJA o economista José Teófilo Oliveira, do Instituto de Pesquisas Econômicas, da USP, especialista em finanças públicas e que escreveu, em 1976, um estudo sobre o ITR: “Imposto Territorial Rural — Uma Avaliação Econômica”. Segundo Oliveira, porém, para que o ITR possa desempenhar essa função, sua alíquota teria que ser substancialmente elevada. “Hoje o imposto cobrado é ridículo, em torno de 1 cruzeiro por hectare. E cerca de 50% do total nem sequer é pago”, lembrou Oliveira.

HERANÇA — A estocagem de terras, que contribuiu perigosamente para agravar o êxodo rural que Figueiredo quer atenuar, é apenas uma das heranças que o novo ministro da Agricultura terá que contornar. Outra, sem dúvida, será a tendência decrescente da produção de alimentos para o mercado interno. Mas, para modificar esse quadro, torna-se necessário inverter praticamente as prioridades da política agrícola dos últimos anos. E o papel do crédito rural aí, sem dúvida, será da maior importância.

Final, em 1966, os pequenos agricultores participavam com 34% do valor dos créditos agrícolas concedidos — um índice que em 1976 se reduzia a 11% do total dos financiamentos. Levando-se em conta que quase 80% do abastecimento interno de alimentos depende dos pequenos e médios agricultores, tudo indica que falta agora o governo estabelecer prioridades dentro da sua prioridade agrícola. Ou seja, definir como pretende acionar os diversos segmentos da agricultura para efetivamente encher as panelas vazias. ●

DIÁLOGO

Imagem direta

Empresários e ministros vão conversar pela televisão

Na tela de televisão, sete ministros. Em auditórios da Embratel, instalados em dez capitais, cerca de 600 empresários. Esse é o meio idealizado pela Abril-Tec, uma divisão do grupo Abril, dedicada a publicações especializadas em economia e negócios, para promover nesta quinta-feira o I Encontro Nacional Empresa/Governo. Nesse dia, durante três horas — das 10 às 13 horas —, os ministros do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, da Fazenda, Karlos Rischbieter, da Agricultura, Antônio Delfim Netto, das Minas e Energia, César Cals, da Indústria e do Comércio, João Camilo Penna, das Comunicações, Haroldo Corrêa de Mattos, da Comunicação Social, Said Farhat, responderão de Brasília às perguntas formuladas em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Belo Horizonte, Fortaleza, Recife, Manaus e Belém.

Os empresários convidados pela Abril-Tec ouvirão antes uma palestra introdutória de Simonsen, de 15 a 20 minutos, expondo o programa econômico do governo Figueiredo. “Se todos

O auto-retrato do Bemge

A Diretoria do Banco do Estado de Minas Gerais S.A. e das demais empresas do Conglomerado Bemge, antes de apresentar os excelentes resultados obtidos no exercício financeiro findo, manifestam seu reconhecimento pela decisiva orientação recebida por parte do Governo do Dr. Leônido Ozanam Coelho, ao mesmo tempo que antecipam a firme convicção de que a administração do futuro governador, Dr. Francelino Pereira dos Santos, dará plena continuidade ao processo de desenvolvimento pelo qual atravessa o Estado de Minas Gerais.

Patrimônio Líquido

Fortalecendo os recursos próprios para através deles ampliar a assistência creditícia às atividades econômicas, o Capital e as Reservas do Bemge, de 1973 a 1978, passaram de 151.561 mil para 1.110.780 mil, o que representa um acréscimo da ordem de

633%

Empréstimos

A dinâmica operacional posta em prática pelo Bemge em 1978 fez com que a concessão de empréstimos em 1978 chegasse a 11.702.760 mil, superando em 886% os empréstimos concedidos no ano de 1973, que eram de 1.187.089 mil.



Crédito Rural

Procurando apoiar a agricultura e a pecuária do Estado a Carteira de Crédito Rural do Bemge em 1978 firmou 13.975 contratos, e suas aplicações chegaram a 1.537.490 mil, o que equivale a uma elevação de 474% em relação ao ano de 1973. Em valores acumulados, a aplicação em 1978 atingiu 3.340.725 mil, o que significa um acréscimo de 384% comparativamente com o ano de 1973.



Depósitos

Os depósitos do Bemge em 1978 atingiram a cifra de 8.860.692 mil, o que representa um acréscimo da ordem de 665% em relação ao exercício de 1973, que eram de 1.157.676 mil. Esse percentual permitiu que o Bemge se posicionasse entre os 12 maiores Bancos Comerciais do País.

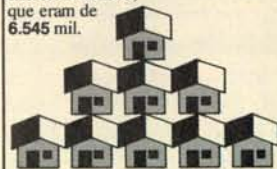
235 Agências

Ampliando seus bons serviços e estendendo-os às mais diversas regiões, o Bemge em 1978 inaugurou 17 Agências, contando com uma rede de 235 Agências no país quando em 1973 esse total era de 207.



Recon

Os repasses de verbas do RECON, subprograma do BNH destinado a financiar aquisição de material para construção e reforma de imóveis residenciais, chegaram a 859.294 mil, representando índice de crescimento da ordem de 13.029% em relação ao exercício de 1973, que eram de 6.545 mil.



Finame

O Bemge situou-se entre os Bancos que mais repassaram verbas do Finame em 1978, que atingiram 1.641.384 mil, havendo um acréscimo de 6.150% em relação a 1973, no valor de 26.261 mil.



Bemge Clube

Em 1978, o Bemge Clube reuniu 23.770 associados, quando em 1976, ano do início de suas atividades, possuía 6.450, o que representa um acréscimo de 269%. No mesmo período, sua arrecadação mensal passou de 920.000 mil para 3.678.566 mil acrescendo em 300%.



Treinamento de Pessoal

Em 1978, o Centro de treinamento e Desenvolvimento de Pessoal do Bemge treinou 3.122 funcionários, ao passo que em 1974 foram treinados 342 funcionários, o que significa um acréscimo da ordem de 813%. O Bemge sempre procurou aprimorar o seu pessoal para atender cada vez melhor a sua clientela. Ao final do exercício de 1978, o Bemge contava com o serviço de 6.717 servidores, distribuídos em suas 235 Agências e departamentos administrativos e 12 Carteiras de Câmbio.



Open Market

Muito significativa foi a evolução da Carteira de Open Market durante o ano de 1978. Contando-se o período 74/78, obteve um índice de crescimento de 664%, elevando o saldo de 740.880 mil para 5.657.812 mil. O giro médio diário, computando-se o mesmo período, evoluiu em 389%, passando de 650.540 mil para 3.179.272 mil.



Prêmios

Os prêmios recebidos pela Seguradora Bemge em 1978 chegaram a 222.345 mil, ao passo que em 1974 eram de 23.715 mil, o que representa um acréscimo da ordem de

838%

Financiamentos

A Financeira Bemge, uma das maiores do país, em 1978 concedeu aproximadamente 2 bilhões em financiamentos, acrescendo em 3.017% o valor financiado no ano de 1974.

2 BILHÕES
em financiamentos

Aceites Cambiais

Os aceites cambiais da Financeira Bemge em 1978 atingiram a cifra de 1.305.925 mil, o que representa um aumento de 2.257% em relação ao exercício de 1974.



Empresas

A atuação das empresas do Conglomerado Bemge: Banco do Estado de Minas Gerais S/A, Financeira Bemge S/A, Bemge - Cia. de Seguros de Minas Gerais, Distribuidora Bemge de Títulos e Valores Mobiliários Ltda. - em 1978 foram fatores de suma importância para o desenvolvimento do Estado de Minas Gerais, e consequentemente do país.



Entre no time que está vencendo.
Entre no Bemge.

Conglomerado
*** Bemge**
O time que está vencendo

eles fossem falar pessoalmente com os ministros, levariam cinco anos", imaginava Ricardo Fischer, diretor-gerente da Abril-Tec. "Nossa intenção é agilizar esse diálogo." E, para evitar que haja superposição de temas e garantir uma distribuição bem dosada de perguntas para todos os ministros, haverá um mediador em cada auditório. As respostas, por sua vez, deverão ser dadas ocupando no máximo uns cinco minutos. "A triagem é apenas para evitar perguntas repetidas e dar equilíbrio ao programa", ressalva Fischer. "Não há qualquer tipo de censura, por isso mesmo é realizado em circuito fechado." A preocupação pelo bom aproveitamento do tempo chegou ao ponto de se preparar, desde já, cerca de vinte questões formuladas previamente por empresários, sobre temas variados, para suprir uma eventual inibição inicial dos auditórios.

Na verdade, esta não é a primeira vez que a Abril-Tec promove o diálogo entre empresários e governo. Nos três anos anteriores, em janeiro, ela trouxe a São Paulo diversos ministros da área econômica para explicarem os planos governamentais para o ano que se iniciava. "Desta vez, com a posse do novo governo, marcamos o encontro para março", informa Fischer. "E o próprio governo achou excelente a possibilidade dessa conversação inicial, ampla e direta."

PETRÓLEO

De prontidão

O espectro do racionamento está de volta

Talvez o motivo principal tenha sido a expectativa em relação à reunião desta segunda-feira da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) em Genebra. Mas a verdade é que novamente um clima de mal-estar tomou conta da opinião pública na semana passada quando, mais uma vez, o fantasma do racionamento foi acenado pelas autoridades energéticas.

De fato, na quarta-feira, em Brasília, o general Oziel Almeida Costa, presidente do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), sugeriu a possibilidade de o governo vir a decretar a medida. E, embora tenha pedido cautela na divulgação de suas palavras, logo após sair de uma longa audiência com o ministro das Minas e Energia, César Cals, a conclusão parecia óbvia: Cals dera o sinal verde para que o CNP oficialmente fa-

lasse em racionamento. "Mas vejamos se não anunciam isso em grandes manchetes", pediu aos jornalistas o general Oziel, logo após confirmar a existência de um grupo de trabalho que já teria concluído seus estudos para a eventual necessidade de se implantar o racionamento.

QUESTÃO DE BALANÇA — A existência desses estudos, contudo, segundo técnicos do CNP, não seria uma simples medida de cautela. Ao contrário, na semana passada, a idéia do racionamento ganhava corpo nos corredores dos órgãos ligados ao setor energético,



Oziel: não vale manchete

em Brasília, onde se falava até numa cota semanal de 40 litros por veículo. Chegava a se afirmar que, inclusive, decisão nesse sentido estaria mais próxima que se imagina, podendo abranger bem mais que os cortes no consumo dos carros particulares. "Seja como for", disse a VEJA, em Brasília, um desses técnicos, "tudo dependerá de uma decisão política do Palácio do Planalto e da evolução da reunião da OPEP." O presidente João Baptista Figueiredo, no entanto, teria recomendado que não se fale, por ora, em racionamento, insistindo na estratégia de racionalização.

A rigor, ninguém sabia, até o final da última semana, em Brasília, como deveriam se comportar os países produtores de petróleo durante a reunião, em Genebra. Incógnita, aliás, que atormentava mesmo os grandes especialistas europeus no assunto. Na França, por exemplo, um importante consultor de diversas firmas estrangeiras, inclusive

da Petrobrás, considerava sensato pensar numa elevação dos preços até atingir a cotação de mais ou menos 16 dólares por barril. Mas ele preferia não arriscar nenhum palpite no caso de a OPEP resolver considerar também a defesa das balanças comerciais árabes contra a queda do dólar. Com efeito, apesar de todos os aumentos de preços do barril, o excedente das balanças comerciais dos árabes não ultrapassou 30 milhões de dólares em 1977, caindo para 10 milhões em 1978.

QUADRO DESFAVORÁVEL — Além disso há, é claro, o problema do descompasso entre a oferta e a procura de petróleo — um indicador que universalmente legitima a alta dos preços — que vem trabalhando a favor dos árabes agora com a queda na produção iraniana. A propósito, lembram os peritos internacionais em OPEP que, na reunião de dezembro do ano passado, a moderação dos sauditas só foi derrotada com a insistência dos demais produtores em relacionar os novos preços à demanda de mercado.

Seguramente, todas essas possibilidades foram examinadas pelo ministro Cals na reunião que manteve com o general Oziel na última quarta-feira. E, se o presidente do CNP saiu do encontro falando em racionamento, é porque o novo titular do ministério das Minas e Energia não considera favoráveis ao Brasil as probabilidades de evolução do quadro energético mundial.

NORDESTE

Pronto-socorro

O plano de ajuda a quem sofreu com enchentes

Depois de sobrevoar na quinta e sexta-feiras passadas as áreas atingidas pela cheia do rio São Francisco, nos Estados da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, de reunir-se com quatro governadores e dezenas de técnicos, e receber prefeitos em audiências, o ministro do Interior, Mário Andreazza, acompanhado do ministro Mário Augusto de Castro, da Saúde, anunciou o elenco de medidas para atender a região. As mesmas, de resto, que seu gabinete, em Brasília, já antecipara para a imprensa na quarta-feira. Haverá, por exemplo, a execução de um programa especial do BNH, com esquema de financiamentos sem juros para os proprietários das casas destruídas pelas enchentes. Está previsto também o reesca-

lonamento dos débitos e a liberação de empréstimos pelo Banco do Brasil para agricultores e fazendeiros da região. Ao mesmo tempo, serão liberados recursos do Fundo de Investimento do Nordeste (Finor) para empresas da área afetada. E será elaborado um projeto de prevenção e contenção das inundações no vale do São Francisco. Andreazza revelou, ainda, que a Sudene empregará os flagelados da cheia em frentes de trabalho e acenou com a possibilidade de financiamentos especiais da Caixa Econômica Federal para aquisição, pelos desabrigados, de móveis e utensílios domésticos.

A expedição dos dois ministros pela região do São Francisco teve início às 9 horas da manhã de quinta-feira em Paulo Afonso, na Bahia. Dali a comitiva, engrossada pelos governadores Antônio Maciel, de Pernambuco, sobrevoou o baixo São Francisco e chegou a Petrolina pouco antes do meio-dia. Somente 24 horas antes as autoridades municipais da pernambucana Petrolina e da baiana Juazeiro — cidades separadas entre si pelo rio São Francisco —, haviam chegado a um acordo sobre qual das duas comunidades hospedaria a comitiva ministerial. Ganhou Petrolina, menos atingida pelas cheias. Em compensação, foi em Juazeiro que os ministros concederam as audiências.

DENÚNCIAS — Em Juazeiro, apesar dos 25 000 desabrigados, e de a cidade permanecer parcialmente inundada, estabeleceu-se um clima de festa durante o dia. Dezenas de carros oficiais rodavam por suas ruas enquanto em Petrolina o aeroporto era invadido por dezenas de aviões de pequeno porte de entidades públicas ou de governos da região. No local, os ministros receberam denúncias de que estaria ocorrendo desvio de gêneros alimentícios enviados pela Sudene aos flagelados. Um dia antes, em Salvador, a Comissão Pastoral da Terra da Arquidiocese da Bahia formulara outra denúncia. Grileiros estariam se aproveitando das cheias para desalojar posseiros e ocupar suas terras.

Quando a comitiva encerrou sua missão, restava uma certa frustração na área. Os 225 000 flagelados das enchentes do São Francisco, espalhados por uma área que se estende de Minas Gerais a Pernambuco, são, em sua maioria, meeiros e posseiros, que ganham, em média, um salário mínimo por mês e que por isso mesmo não vão poder se beneficiar dos empréstimos bancários e dos financiamentos da Caixa Econômica.



A McDonald's: ação comunitária para vender sanduíches

LANCHONETE

Way of life

O hambúrguer da McDonald's chega ao Rio

Um palhaço de nome americano — Ronaldo McDonald —, que fala um português irrepreensível, é o grande trunfo publicitário da McDonald's, a maior cadeia de refeições rápidas dos Estados Unidos para sua estréia no Brasil. Após quatro anos de pesquisas, a companhia decidiu instalar uma loja experimental em Copacabana. E, já na semana passada, o palhaço, símbolo da empresa, começou suas atividades com um show na avenida Atlântica. Essa estratégia de *marketing*, segundo o vice-presidente e diretor de *marketing* da companhia, Thomas Gruber, segue a mesma linha adotada nos Estados Unidos: atingir as famílias através das crianças.

Tomando como ponto de partida as estruturas comunitárias, o grande sucesso da McDonald's se deveu, segundo ele, à integração dos restaurantes na vida dos bairros e subúrbios das cidades americanas. Para tanto, criaram o sistema Star (*Store Activities Representative*), onde um representante fica encarregado das relações públicas com a comunidade — função que engloba da promoção de shows à assistência social em hospitais. Gruber admite que a implantação de tal sistema em Copacabana não será uma tarefa fácil. "Aqui as pessoas vivem muito isoladas, em um mesmo edifício as famílias nem se conhecem", admite ele, sem esconder um certo espanto. "Mesmo assim, existe

uma vida comunitária na igreja e nas escolas. É só saber procurar."

NÚMEROS ELOQUENTES — Essa curiosa receita mercadológica, misturando sanduíches, igrejas e escolas, somada à potencialidade do mercado brasileiro, é capaz de deixar Gruber animado. "São 110 milhões de habitantes, um país estável, uma economia saudável e uma vida moderna", resume ele. A esses pré-requisitos, essenciais, segundo Gruber, para que a venda de sanduíches seja bem-sucedida, soma-se um minucioso esquema empresarial. Durante esses quatro anos de pesquisas, foi montada uma estrutura de fornecedores. Os cuidados não se resumiram à área tecnológica e administrativa. "Metade do capital é brasileiro em sistema de *joint-venture*", explica o sócio local, o americano Peter Rondebeck, ex-oficial da Marinha americana e há doze anos no Brasil. Ex-funcionário do Citibank no Recife, Rondebeck se especializou em "hamburgerologia", na Universidade do Hamburger, criada e mantida pela McDonald's em Chicago.

Mais que essa engenhosidade mercadológica a McDonald's tem a mostrar os números de sua expansão pelo mundo. Possui 5 232 lojas, sendo 4 506 nos EUA. No ano passado, o número de lojas de sua rede internacional cresceu 23%. E só essa rede externa atingiu um faturamento, em 1977, de quase 500 milhões de dólares. Resultados como esses conferem credibilidade a qualquer estratégia de *marketing*. Talvez por isso é que o Bob's, a maior cadeia carioca do ramo, pela primeira vez colocou, em sua loja de Copacabana, um retrato de uma família, dentro do mesmo apelo publicitário da McDonald's.

Half & Half. O melhor da Escócia com o melhor do Brasil. By appointment to Fabrizio Fasano.

Fabrizio Fasano, que lançou muitos anos atrás o whisky mais famoso do Brasil, agora repete o sucesso e apresenta Half & Half.

Half & Half é escocês porque é elaborado com malte whisky envelhecido na própria Escócia.

E também é brasileiro porque contém nosso mais puro destilado de cereais.

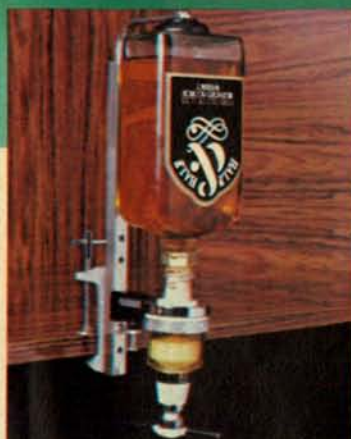
Reunindo o melhor da Escócia com o melhor do Brasil, Half & Half foi feito para as pessoas que gostam de saber o que estão bebendo.

Cr\$ 2.160,00
6 garrafas

Tarefa
MARKETING E COMÉRCIO LTDA.
Al. Gabriel Monteiro da Silva, 355
Fones: 290-4810 - 290-9043
852-9779 e 853-6924
CEP 01441 - São Paulo - SP



Compre esta oferta pelo correio. Compre da Tarefa.



Dosador de bebidas inglês.
Prático. Funcional.
E muito, muito decorativo.
Cr\$ 2.600,00.



6 garrafas de Half & Half
e um dosador de bebidas:
Apenas Cr\$ 3.760,00.

Faça seu pedido e pague com seu Cartão de Crédito: Credicard, Dinners e Passaporte ou envie cheque nominal no valor de sua compra para Tarefa Marketing e Comércio Ltda. Caixa Postal n° 99 São Paulo, Capital. Em poucos dias você receberá seu pedido em casa sem qualquer outra despesa.

V-1

Nome.....

Endereço.....

Bairro..... Cidade.....

Telefone..... CEP..... Est.....

☐ 6 garrafas de Half & Half Cr\$ 2.160,00

☐ Dosador de bebidas inglês Cr\$ 2.600,00

☐ 6 garrafas de Half & Half e um dosador Cr\$ 3.760,00

☐ Cheque nominal N°.....

☐ Cartão de Crédito N°.....

☐ Credicard ☐ Dinners

☐ Passaporte ☐ Ace

A Komatsu se encarrega de qualquer tipo de projeto.



Trabalhando com grande capacidade produtiva. Bulldozer Komatsu de 76 ton.

Em trabalhos subaquáticos.



Trabalhando onde nenhum outro jamais se aventurou. Bulldozer Anfíbio Komatsu.

Em terra.



Trabalhando onde as escavadeiras diesel não chegam. Pá Mecânica-elétrica Komatsu.

No fogo.



Trabalhando em condições de extremo calor ou perigo. Bulldozer Komatsu controlado por rádio.

A Komatsu vem mantendo a sua posição de líder mundial na produção de máquinas para a construção, através do lançamento constante de novos equipamentos — um maquinário muito à frente da nossa época.

Os bulldozers mostrados acima são exemplos disso.

Devido à contínua inovação tecnológica e à ampla linha de produtos projetados para cuidar igualmente de tarefas de grande e pequeno porte, a Komatsu tornou-se uma empresa altamente diversificada, com grande capacidade na construção.

O mesmo alto padrão tecnológico dos nossos equipamentos de construção também é encontrado nas

nossas impressoras totalmente automáticas, nas máquinas operatrizes computadorizadas e nos sistemas de matéria-prima a granel e de construção industrial.

Se você está planejando algum projeto e precisa de consultoria técnica em engenharia, não deixe de falar com um dos nossos representantes.

Podemos fornecer-lhe todos os cálculos e programações de computador, inclusive orientação administrativa, e também assessorá-lo na combinação ideal das máquinas.

De qualquer forma, você vai achar algumas das nossas recomendações muito úteis e aplicáveis ao seu caso.

KOMATSU LTD.

Tóquio-Japão

Representantes em: Sydney, Singapura, Djakarta, Manila, Seul, Bangkok, Bangalore, Teerã, Dubai, Jeddah, Riyadh, Ad Dammam, Bagdad, Ancara, Moscou, Londres, Bruxelas, Dusseldorf, Stuttgart, Varsóvia, Paris, Madrid, Cairo, Argel, Abidjan, Lagos, Nairobi, Johannesburg, Toronto, São Francisco, Fort Lee, Arlington, Atlanta, Detroit, Cidade do México, Havana, Panamá, São Paulo, Caracas, Lima, Buenos Aires, e distribuidores em mais de 100 países.



FOTOS DE GILSON RIBEIRO

“Aleluia”: numa obra elaborada, a espontaneidade do esboço, o equilíbrio sensível

Arte

A cor autônoma

Thomaz retoma uma questão básica da arte moderna

“Um quilo de azul” — dizia Gauguin — “é mais azul que meio quilo.” Essa frase, de significado deliberadamente ambíguo, indica o que a cor começou a significar para os pioneiros da nova pintura, na segunda metade do século passado. Hoje, um século depois do grande cisma que mudou a história da arte, acostumados com a nova linguagem, tendemos a não perceber esse dado fundamental: a descoberta da cor como matéria autônoma da pintura. Antes, a cor na pintura era a cor das coisas, das roupas, das casas, das pessoas — e por isso ela aparecia no quadro conforme as características dos objetos e da luz ambiente. A libertação começa com os impressionistas e chega a sua plenitude com Matisse que, em alguns de seus quadros, a despoja de toda e qualquer dependência naturalista. É nessa linha que se insere a linguagem de Thomaz Ianelli, sobretudo em sua fase mais recente.

A atual exposição de Thomaz (Galeria Bonino, Rio de Janeiro) compreende 23 óleos e cinco guaches, numa seleção dos últimos quatro anos de trabalho do artista. De fato, a maioria das obras é de 1977 e 1978, com apenas duas de 1976, uma de 1975 e uma de 1974. As obras mais recuadas — e essa deve ter sido a intenção do pintor — servem para nos indicar o processo de desenvolvimento de sua experiência até o momento atual, e que se define por uma busca de maior liberdade no uso da matéria expressiva. Ou seja, em seu caso, o uso da cor.

É curioso que, ao comentar uma exposição de agora, de um artista de hoje, me tenha reportado aos primórdios do movimento moderno. Mas é que, na verdade, no que



“Fundos de um Ginásio”: a obra não mente

se refere as questões básicas da arte contemporânea, não nos afastamos muito do que foi proposto por aqueles pioneiros: ou desbordamos para uma arte outra — que até repele a designação de arte — ou, se nos mantemos no âmbito do quadro, retomamos quase que as mesmas questões de antes. Cada pintor, por assim dizer, recomeça a experiência moderna.

FALAR SEM DISCURSAR — Thomaz, por exemplo, nascido em São Paulo em 1932, começou como desenhista de publicidade, dominando uma linguagem gráfica que nada tem a ver com a velha expressão acadêmica. Por sua formação e por sua experiência visual, estava totalmente ligado à arte de hoje: um herdeiro de um século de renovação estética. Mas, quando começa ele próprio a pintar, começa também a sentir a necessidade de retomar as questões fundamentais da linguagem artística moderna. Não importa se o fez conscientemente ou não. Provavelmente, não. O que indica, por um lado, o caráter necessário desse recomeço e, por outro, o nível de profundidade em que Thomaz realiza sua procura. Porque, sem qualquer dúvida, estamos diante de um artista criador e não de “produtor” de quadros. A obra não mente. Não é preciso conhecê-lo pessoalmente para perceber a qualidade de sua aventura estética, a profundidade de sua indagação de pintor, sua lida difícil para iluminar aqueles retângulos de matéria. Para fazer deles obras de arte.

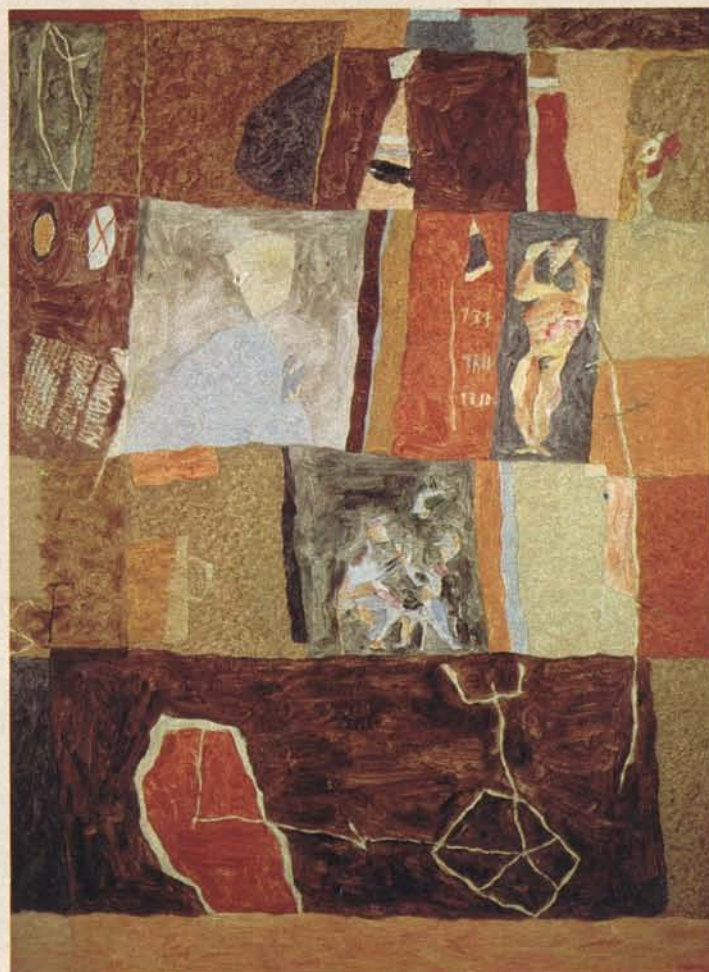
Thomaz recomeça, a seu modo, a experiência dos pioneiros, porque recomeça a cada quadro sua própria experiência. É como alguém que quisesse falar mas não discursar. Falar com palavras vivas, trazidas de seu mundo afetivo, densas de emoção, falar com palavras primordiais, que não sejam nunca o produto da habilidade oratória. Por isso seus quadros, tão elaborados, guardam a espontaneidade do esboço, o equilíbrio sensível da descoberta feita aqui e agora. Reduzindo a linguagem da pintura a sua matéria primeira — a cor —, ainda que não se desligue totalmente da referência do mundo natural, busca construir com ela, e só com ela, um universo de significação lírica. Porque não deseja apelar para nenhum outro recurso, o que lhe resta é, por meio da textura, das superposições delicadas de tons, das dissonâncias cromáticas, atingir o nível de transfiguração em que a matéria alça vôo: tinta sobre tela vira expressão humana.

FERREIRA GULLAR



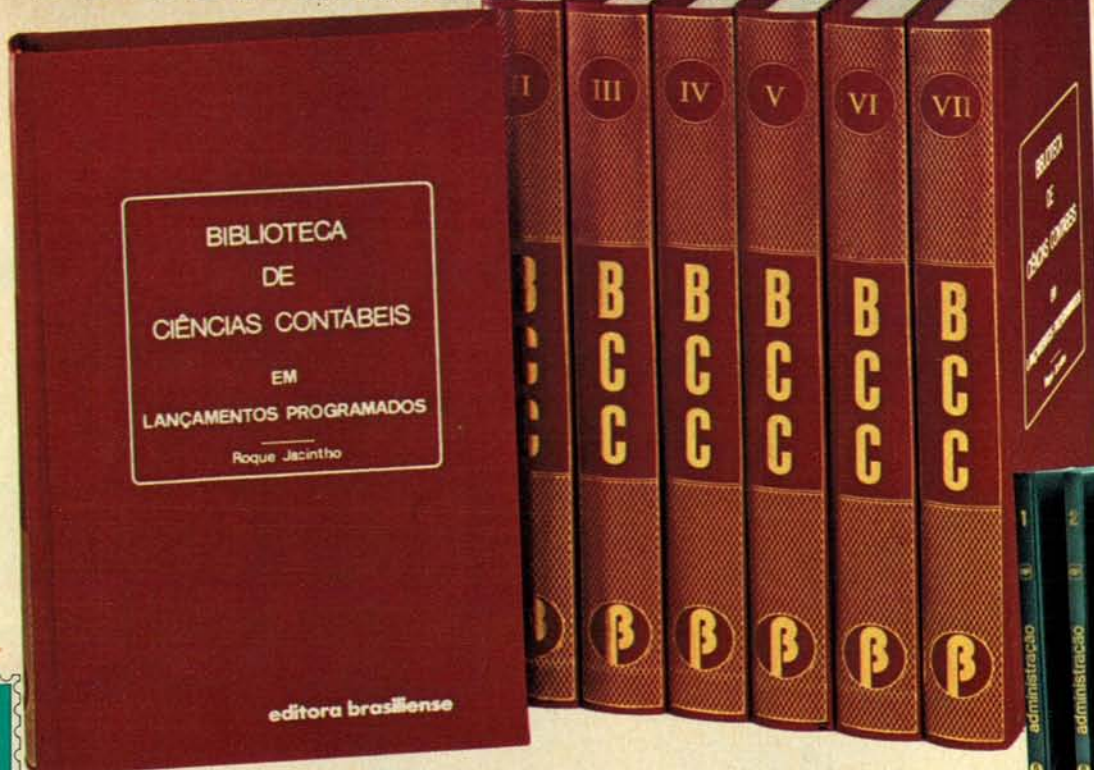
Thomaz Ianelli
"Sauna"

FOTOS DE GILSON RIBEIRO



"Janelas Abertas"

A contabilidade mudou.



ESTAMOS LANÇANDO A ÚNICA OBRA QUE SABE DESTA MUDANÇA.

BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS EM LANÇAMENTOS PROGRAMADOS.

A Lei 6404/76, e os Decretos Lei N° 1598/77 e 1648/78 obrigaram todas as empresas - individuais ou sociedades - à nova sistemática de contabilização, apuração do lucro real, demonstrativos financeiros e encerramento do exercício. Tudo isso sob o novo aspecto da correção monetária.

A BCC apresenta um completo Plano de Contas aplicável a qualquer empresa, disciplinando as contas em grupos e subgrupos já codificados, de acordo com a nova Lei. Além disso a BCC é a única obra publicada que tem a grande vantagem do Lançamento Programado.

COMO FUNCIONA O LANÇAMENTO PROGRAMADO.

De posse de um documento contábil qualquer, você recorre ao índice remissivo, organizado por ordem alfabética. O índice indica o n° da página onde você encontrará o modelo do Lançamento Contábil relativo a esse documento já pronto, com a classificação do Débito e do Crédito de acordo com o plano de contas. Assim como o histórico.

A seguir, você encontra um comentário sob o aspecto técnico e jurídico do Fato Contabilizado. Em linguagem simples e didática.

São 1527 modelos de lançamentos que abrangem todos, absolutamente todos os fatos contábeis de uma empresa. Tudo isso de acordo com a nova lei.

DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS.

As Demonstrações Financeiras são apresentadas passo a passo, de tal forma que ao final está montado o Balanço Patrimonial, a Demonstração de Lucros ou Prejuízos acumulados, concluindo com o resultado do exercício e a demonstração das origens e aplicações de recursos.

ENCERRAMENTO DO EXERCÍCIO.

Tudo é apresentado gradativamente de modo que os lançamentos de receitas e despesas, o encerramento de contas para efeito de balanço e a inclusão do demonstrativo vão se complementando programada e naturalmente até o fechamento do balanço.

CORREÇÃO MONETÁRIA DO BALANÇO.

Uma exaustiva análise baseada na Lei 6404/76, DL. 1598/77 e nas instruções normativas 35/78, 71/78 e 108/78, de 28/12/78. É amplamente desenvolvida, comentada em linguagem simples e complementada por modelos de lançamentos aplicados e exemplos práticos da nova aplicação da correção monetária no balanço.

APURAÇÃO DO LUCRO REAL.

Ampla abordagem sobre o assunto, assim como instruções para escrituração.

O AUTOR.

Roque Jacintho, o autor da BCC, é consultor técnico de várias empresas, diretor do Grupo Editorial Técnico Empresarial e do Núcleo de Produção de Literatura Técnica.

É colaborador permanente da Mapa Fiscal Editora, Editora Resenha Tributária, Notícias Econômicas e diversos outros jornais e revistas. Como professor tem lecionado sobre Ciências Contábeis em todo o Brasil. É autor de vários livros e enciclopédias de Contabilidade e de recentes matérias publicadas no DCI orientando como encerrar o exercício de 1978.

IMPORTANTE.

PENALIDADE PARA O NÃO CUMPRIMENTO DAS NOVAS LEIS.

Todas as sociedades e firmas individuais estão obrigadas a seguir a nova sistemática de contabilização e apresentação de resultado da Lei 6404/76, dos Dec. Leis 1598/77 e 1648/78 sob pena de ter seu lucro arbitrado em 15% do total da Receita Bruta.

BCC.

Obra fundamental para advogados, profissionais, professores e estudantes de Contabilidade e Administração.

Oferta de Lançamento:

Cr\$ 3.990,00.

Aproveite esta oferta. Faça seu pedido e pague com seu Cartão de Crédito, CrediCard, Diners e Passaporte ou envie cheque nominal para Tarefa Marketing e Comércio Ltda. no valor de sua compra. Caixa Postal 99 São Paulo, Capital.

Em poucos dias você receberá seu pedido em casa sem qualquer outra despesa.

- ☐ Biblioteca de Ciências Contábeis
☐ Curso de Administração em Instrução Programada

Nome
Endereço
Bairro
Cidade
CEP Estado Tel.:
☐ Cheque Nominal N°
☐ Cartão de Crédito: ☐ CrediCard ☐ Diners ☐ Passaporte
N°
Assinatura

Curso de Administração em Instrução Programada

Conheça o sistema mais revolucionário de aprendizagem.

A Instrução Programada é um sistema de administração realmente funcional. O Curso de Administração tem 5 volumes, de 700 páginas e é um verdadeiro curso para você nas horas vagas.

Cr\$ 1.485,00

Preencha o cupom ou carta para a Tarefa Marketing e Comércio Ltda. Caixa Postal 99 São Paulo, Capital.

Tarefa
MARKETING E COMÉRCIO LTDA.
Al. Gabriel Monteiro da Silva,
Fones: 280-4610 - 280-9043
852-9779 e 853-6924
CEP 01441 - São Paulo - SP

Pólo Petroquímico é isso aí:



A indústria petroquímica emprega a mais avançada tecnologia para fabricar uma infinidade de produtos que facilitam o nosso dia-a-dia. Brinquedos e muitos outros objetos que dão cor e vida à nossa vida, utensílios e aparelhos eletrodomésticos que utilizamos a todo instante, embalagens, acessórios, tecidos, bijouterias, equipamentos e materiais para escritório, e um sem número de outras aplicações práticas que trazem ao mundo de hoje mais opções, custos mais baixos, mais conforto e mais alegria.

Pólo Petroquímico do Nordeste
Participando do dia-a-dia de todos nós



Marília Pera e Paulo Autran: aproveitando o texto para exibir talento

Lembrando o TBC

Técnica impecável numa comédia de boulevard

Os anos 50 assistiram a modificações importantes no teatro brasileiro. A vinda de vários diretores europeus, em particular italianos, trouxe para os nossos palcos a técnica e a estética prevalentes em centros mais civilizados. Fala-se, com justiça, do período, como o de modernização do teatro brasileiro, atingida graças à importação do know-how estrangeiro. O principal núcleo gerador desse processo foi o Teatro Brasileiro de Comédia, dirigido artisticamente por Adolfo Celi. Visava-se um teatro de repertório e a escolha dos textos tinha dois objetivos: o primeiro, cultural, com a encenação de clássicos e outras peças importantes da dramaturgia moderna; e o segundo, comercial, atendido principalmente com a encenação das chamadas comédias de boulevard.

Ausente do Brasil por vários anos, construindo na Europa uma bem-sucedida carreira de ator cinematográfico, Celi volta ao palco brasileiro, neste início de temporada, com uma peça que se enquadra bem na segunda categoria de textos, a comercial, segundo os critérios do TBC e das companhias que nele

tiveram origem, como a que o próprio Celi organizou com os atores Tônia Carrero e Autran, **PATO COM LARANJA** (Rio), de William Douglas-Home, é uma comédia de boulevard inglesa, que, produzida e protagonizada por Paulo Autran e dirigida por Celi, está servindo para inaugurar um novo teatro oficial no Rio de Janeiro, o Villa-Lobos, e também para exemplificar, às novas gerações, o nível da técnica e a natureza da estética importadas por nosso teatro, há mais de trinta anos.

TUDO BEM — O texto é uma bobagem. Num confortável *drawing-room*, a esposa (Marília Pera) comunica ao marido (Paulo Autran) que arranhou um amante e que, portanto, planeja abandoná-lo. O marido reage com uma fleugma e um autocontrole irrepreensíveis. Bebendo com moderação — para ficar “sempre um pouco bêbado, mas jamais muito”, como é de bom-tom —, ele friamente organiza um amistoso fim de semana com a presença do amante da mulher (Dênis Carvalho) e de sua própria e atraente secretária (Karin Rodrigues). As situações são mais ou menos previsíveis — o que as torna um tanto tediosas — e o riso da platéia é fácil, em geral graças à exatidão do desempenho dos atores.

A resolução dessa trama convencional não poderia ser outra do que a apre-

sentada no último quadro da peça: o marido recupera a esposa e o amante vai embora com a secretária. Para o autor, certamente, um marido em plena posse das tradicionais qualidades britânicas de temperamento não pode perder a própria mulher. Basta-lhe agir com inteligência e contenção, equilíbrio e esperteza, para resolver o problema. Para um cavalheiro civilizado, que sabe manter a cabeça fria, nada pode dar errado.

A peça é construída com todos os recursos convencionais do gênero, segundo as regras codificadas do *playwriting* moderno, desde a utilização do contraponto estabelecido pela empregada da casa — interpretada com autoridade por Rosita Tomás Lopes — até o desenho específico de cada personagem. Na verdade, todos eles são um tanto bobos,

com exceção do marido, Hugo, que mantém para si toda a inteligência e a capacidade de manipulação das situações. Ele é o verdadeiro *maître du jeu* desse inofensivo xadrez — jogo, aliás, que fornece a imagem com que Home abre sua peça. Dada tal estrutura, as demais personagens servem principalmente de “escadas” para as artes do marido, para quem convergem todas as ações.

Em face disso, “Pato Com Laranja” é, no máximo, um veículo para os seus atores — e, em especial, para um deles, o que faz o protagonista, no caso o próprio Paulo Autran. Não se pode dizer que ele não tenha aproveitado: seu domínio de emissão de frase, pausas, gestos é tecnicamente perfeito. E o resto do elenco também se aproxima dessa exatidão, que é mais solta, desamarrada e graciosa em Marília Pera e Karin Rodrigues, e mais disciplinada, medida, em Dênis Carvalho. Em todos eles pode-se sentir a mão firme e minuciosa de Celi, que, entretanto, limita sua direção a uma transposição cênica do texto, sem maiores ousadias criativas. Conformado com o cenário e os figurinos rotineiros de Guilherme Guimarães, Celi consegue mostrar apenas, nesta sua volta, que, como diretor de teatro, é um profissional competente. Mas isso todos nós já sabíamos.

LUÍS CARLOS MACIEL



PEDRO MARTINELLI

Malu, Capri e Breda: uma curra bem-feita e uma tese malformulada

Três no embalo

A geração discoteque, vista por Plínio Marcos

Até hoje, em todas as peças de Plínio Marcos, os diálogos sempre transmitiram uma indiscutível impressão de autenticidade. Jamais Plínio havia escorregado no erro comum de muitos autores, que insistem em forçar suas próprias idéias pela boca das personagens. Nesse sentido, *SIGNO DA DISCOTEQUE* (Teatro Igreja, São Paulo) tem uma desagradável originalidade: em diversos momentos sente-se que não são as personagens que falam, mas sim o próprio autor. Quando as três personagens falam por si, temos o melhor Plínio Marcos. Quando apenas expressam as opiniões do autor, temos um Plínio inconvincente.

Tal defeito aparece diversas vezes em "Signo da Discoteque", especialmente nas falas de Luís (Herson Capri). Reprovado pela terceira vez no vestibular de medicina, Luís tem motivos de sobra para se sentir frustrado: não apenas precisa começar tudo de novo como deixou de ganhar do pai o sonhado carro. Como forma de compensar o fracasso, Luís tenta seduzir Lina (Malu Rocha), jovem que conheceu numa discoteca, contando com a colaboração do amigo pintor de paredes Zé das Tintas (Valter Breda), que lhe empresta o indispensável apartamento.

UMA VINGANÇA — Luís fica desapontado ao perceber o local modesto e em obras, "que nem cama tem". Zé das Tintas, antigo aliado de Luís em peladas de futebol, é um pobre-diabo acostumado a se esfregar em mulheres em

ônibus superlotados e não vê nada de mal na casa. E ambos discutem longamente sobre a conveniência de se ter ou não relações sexuais em tal lugar. A cena, além de informar muito sobre as duas personagens, tem ótimo rendimento cômico porque o espectador, sem saber que a jovem está para chegar, imagina que os dois são homossexuais.

Mas logo Luís começa a teorizar sobre os milhares de candidatos que se

submetem ao funil do vestibular e se põe a queixar do pai, "um repressor". Zé das Tintas não deixa por menos: encarándo a platéia, fala das revistas que mostram mulheres nuas em poses provocantes, criando desejos que ele jamais terá condições de satisfazer. Algumas doses de cachaça e um cigarro de maconha depois, os dois decidem que alguém tem de pagar por tudo isso — e resolvem aplicar uma curra na moça. Quando Lina (bem interpretada por Malu Rocha) surge em cena, o texto recupera seu ar de verdade: ou porque a personagem fale menos ou quem sabe pelo fato de que o espectador se solidarize com ela, o fato é que Lina surge como a figura mais forte do trio. Plínio Marcos diz que a idéia da peça surgiu dos debates que vem fazendo em faculdades, nos quais tomou contato com "a falta de perspectiva da juventude de hoje". Isso explica por que o texto parece a reunião de duas obras distintas: numa delas há o flagrante naturalista de uma curra, que Plínio Marcos faz muito bem. Mas "Signo da Discoteque" é também uma peça de tese — o que, decididamente, não chega a ser o forte do autor.

JAIR ARCO E FLEXA



IRMO CELSO

Palavras certas

NÓ CEGO (Teatro Eugênio Kusnet, São Paulo), encenada no Rio de Janeiro em 1978, é um dos melhores exemplos de teatro social surgidos nos últimos anos em nossos palcos. Isso pode parecer um paradoxo, pois suas duas personagens — o catador de restos do Carmo e o guarda Barbosa, que de madrugada desmontam um patíbulo onde um homem foi enforcado — são incapazes de qualquer reflexão mais conseqüente sobre a realidade à sua volta. No entan-

to, o autor e ator Carlos Vereza (na foto, à esquerda de Francisco Milani) injetou neles tanta verdade humana que o espectador pode reconstituir a partir de suas frases secas, espontâneas e pouco articuladas o quadro social em que estão mergulhados.

Dirigido por Marcos Flaksman, "Nó Cego" é mais do que um bom momento de arte teatral: poucas obras conseguiram sintetizar de modo tão acurado uma realidade social opressiva. **J.A.F.**

Parta em busca das

CIVILIZAÇÕES DESAPARECIDAS

Uma extraordinária coleção de livros luxuosamente encadernados e ricamente ilustrados.

A presença muda, entre nós, destes inúmeros traços do passado mais distante da Humanidade, abrirá as portas de um mundo misterioso onde pedras e objetos testemunham, após milênios de silêncio, a prodigiosa aventura de povos considerados durante muito tempo como bárbaros que conheciam provavelmente muito mais do que podemos imaginar.

UMA ENCADERNAÇÃO ORIGINAL PARA LEITORES EXIGENTES

- Lombada arredondada, com títulos e ornamentos gravados a ouro. ■ Fitolho e traços de cheilas variadas. ■ Capas "ouro" em desenho original. ■ Papel de luxo. ■ Numerosos documentos e ilustrações. ■ Formato clássico: 13 x 20 cm.

Como receber o primeiro volume para apreciação SEM QUALQUER COMPROMISSO

Tudo que pudéssemos dizer neste espaço reduzido só lhe daria uma idéia incompleta da qualidade e do interesse destas obras. Oferecemos-lhe, portanto, o envio do primeiro volume com total garantia de reembolso e sem qualquer compromisso. Você pode lê-lo, apreciá-lo, antes de decidir iniciar a sua coleção. Preencha e devolva HOJE MESMO (oferta é limitada) o Cupom-Garantia.

POR APENAS **CR\$ 98,40** por volume e por mês

OTTO PIERRE Editores

Caixa Postal 800 20000 RIO DE JANEIRO-RJ

SE VOCÊ PREFERIR 2 VOLUMES
POR MÊS, GANHARÁ ESTE
BRINDE GRÁTIS

3 volumes luxuosamente encadernados
OS SEGREDOS DA ASTRONOMIA



CUPOM DE PEDIDO SEM COMPROMISSO DE COMPRA

Queira enviar-me, sem qualquer compromisso de compra, o primeiro volume da coleção **AS GRANDES CIVILIZAÇÕES DESAPARECIDAS**

Pagarei essa remessa, pelo reembolso postal, por volume, Cr\$ 98,40 (mais Cr\$ 19,60 de despesa de envio). Poderei examinar a obra durante 8 dias e,

- se não estiver satisfeito, eu a devolverei e serei reembolsado da importância paga.
- se, pelo contrário, conservá-la, receberei os volumes seguintes do modo assinalado:

☐ 1 livro por mês.

☐ 2 livros por mês. Neste caso receberei, como BRINDE, **OS SEGREDOS DA ASTRONOMIA**, à medida em que for recebendo a coleção.

(favor preencher a máquina ou em letras maiúsculas) CDB3/9VE7

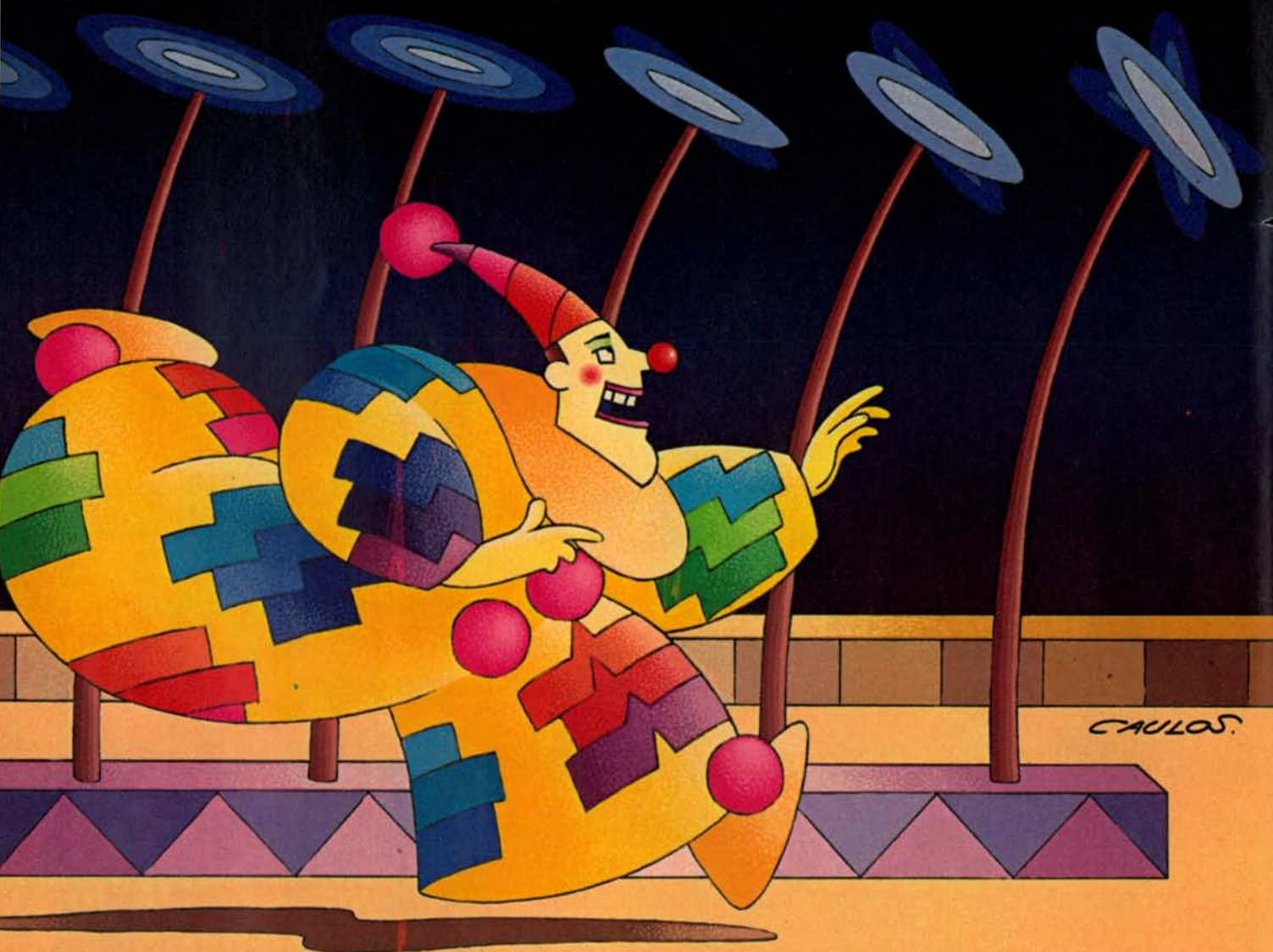
Nome _____

Endereço _____

C.E.P. _____ Cidade _____ Est. _____

Data _____ Assinatura _____

você vai constituir uma magnífica coleção de volumes Suntuosamente encadernados e abundantemente ilustrados.



a rapidez no cálculo

1979
Ano Internacional da Criança



Produtos da Zona Franca de Manaus

calculadoras eletrônicas

Os mais hábeis calculistas do mundo, usam calculadoras eletrônicas Sharp.

E a razão é elementar: elas são as mais rápidas e precisas que existem.



O xá e a imperatriz...

Gente

No palácio marroquino cedido pelo rei Hassan II, seu anfitrião, a vida do exílio segue modorrenta para o ex-monarca do Irã, o xá **MOHAMMED REZA PAHLEVI**. Os que se comprazem em sentir pena de poderosos desterrados contam que a cada dia Pahlevi mostra-se mais irritado e rabugento. Pudera, ao contrário de seu hospedeiro que guia seu próprio carro, Pahlevi se vê obrigado a locomover-se com a escolta permanente de carros lotados com agentes de segurança. E mais: o palácio vive protegido por 200 guardas e os passeios do xá se confinam aos parques 100 000 metros quadrados de jardins. Mas tudo poderá melhorar nos próximos tempos quando ele se mudar para sua nova propriedade na ilha mediterrânea espanhola de Minorca, agregando-se à comunidade de playboys europeus. Pelo menos é isto que pretende fazer crer a campanha de destruição da imagem do xá no Irã. Com a mesma fluência com que se ouvem os pronunciamentos do *ayatollah* Khomeini, correm histórias de arroubos sentimentais do ex-soberano, que, em alguns momentos, é equipa-



...no aborrecido exílio, sós com os filhos

rado a um furioso atleta sexual. Conta-se até que em sua visita aos Estados Unidos, em 1975, ele teria causado embaraços ao pedir a reserva de duas suítes reais: uma para a imperatriz Farah Diba e outra para sua amante Gilda Azad, tida como seu mais prolongado caso. Verdade ou mentira, ninguém teve coragem de perguntar ao xá qual a sua versão. E ele prossegue em sua vidinha, em Rabá, passeando com a imperatriz ou com seus filhos Reza, o mais velho, e a princesa Farahnaz.

Varando madrugadas e, o que é pior, en-



Buarque: varando madrugadas

carando câmeras e refletores que sempre o intimidaram, **CHICO BUARQUE** mesmo assim está gostando do seu atual trabalho: o documentário em longa metragem que o diretor argentino Mauricio Berú está fazendo sobre sua obra. Rodado nos estúdios da Polygram e na casa de Chico, o filme — “Certas Palavras de Chico Buarque” — tem um respeitável elenco de coadjuvantes, como Milton Nascimento, Caetano, Bethânia e Toquinho.

Justamente por não se tratar de uma militante, pode parecer estranho que a atriz **ÂNGELA LEAL** tenha sido eleita “rainha” da florescente comunidade gay do Rio de Janeiro. A razão é mais remota: filha do empresário Américo Leal, produtor de revistas e dono do Teatro Rival, Ângela viveu praticamente toda sua vida entre travestis. Estimada no meio, ela acha que não deve satisfações a ninguém: “Estou aí é para embaralhar a cabeça das pessoas”. Após o que, afirma com seriedade: “E se o movimento (gay) é de minoria, acho que devo apoiar”.



Ângela: a “rainha” gay

**Em energia elétrica
o Brasil já está no futuro.
ASEA também.**

Nas últimas duas décadas, a potência instalada no Brasil cresceu cerca de 10% anualmente. É um ambicioso programa de construção de usinas geradoras de energia elétrica assegura ao Brasil posição invejável: a oferta à frente da demanda.

Um País que pensa e age assim não está preocupado apenas com o presente - ele já vive o futuro.

Como a ASEA, empresa que, entre outras iniciativas pioneiras, foi a primeira a introduzir a técnica de transmissão de corrente contínua em alta tensão (HVDC). Pioneirismo que não parou mais: através do desenvolvimento dessa tecnologia e de seus equipamentos a ASEA mantém, até hoje, posição de absoluta liderança mundial no setor. Sua tecnologia está presente em 60% dos sistemas mundiais em instalação ou funcionamento.

ASEA



Adelaide e Eliana: na Atlântida...

Chanchadão

*O "Feijão" da Atlântida.
Ou melhor, da Globo.*

O que é a televisão? De acordo com alguns teóricos, ela seria uma espécie de liquidificador cultural, isto é, um eletrodoméstico capaz de misturar e diluir cinema, teatro, música e literatura num único espetáculo, oferecendo assim uma reforçada vitamina eletrônica para o público. Certa ou errada, a definição se encaixa perfeitamente na novela que a Rede Globo começou a apresentar às 7 da noite da semana passada: "Feijão Maravilha", onde os ingredientes e temperos são o fundo musical agitado, as tiradas irreverentes e os romances açucarados que fizeram a glória das chanchadas da Atlântida, nos anos 40 e 50. Só isso? Nem tanto: como se trata de uma história de Bráulio Pedroso, não faltam a grã-finagem que vem povoando seus enredos desde "Beto Rockfeller", de onze anos atrás, nem a ironia e muito menos seu cinismo diante de certas convenções sociais.

Previsto para seis meses de duração, este "Feijão" será cozinhado em três tipos de fogo — o do realismo, o da sátira e o das homenagens. No primeiro, estarão os jovens: "Eliana" (Lucélia Santos), "Adelaide" (Elisângela) e "Anselmo" (Stephan Nercessian) — nomes emprestados do grande trio de



... nos anos 50, e na TV, como "Leonor" e "Soraya"

astros de antigamente, e dos quais só Anselmo Duarte chegou ativo aos dias de hoje. No segundo, a atrevida Marilyn Meyer (Clarice Piovesan), candidata a atriz, seu comparsa Ambrósio (o vilão José Lewgoy), o bandido "Scarface" (Walter D'Ávila), sempre às voltas com "Shirley" e "Boi da cara preta", pistolas prontas para serem acionadas a qualquer momento. No terceiro, das homenagens, duas são mais importantes: Eliana Macedo, aos 50 anos, se junta a Adelaide Chiozzo, de 45, a primeira como "Soraya", a outra como "Leonor" — e as duas vão até apresentar alguns daqueles números musicais característicos que animavam as produções da Atlântida, nas quais Eliana era a heroína e Adelaide fazia o papel de sua amiga. Há também Grande Otelo, revivendo situações que ele mesmo criara no cinema, Ivon Curi e, na falta

do falecido Oscarito, Olney Cazarré.

UMA FORMA ALEGRE — Acostumado a escrever para o horário das 10, onde um público menor garante maior liberdade da Censura, Bráulio Pedroso parece bastante animado com esta sua estreia na novela das 7 — até agora reservada a histórias adocicadas em excesso. "Acho interessante lidar com um tema, as chanchadas, que tem acesso a toda faixa de espectador", afirma ele. Pois não se trataria apenas de levar para os vídeos o humor e as histórias que provocavam filas nas portas dos cinemas, décadas atrás, e fabricar mais um sucesso calcado na nostalgia. Bráulio ace-

na com implicações bem mais profundas do que o simples entretenimento permitido pelas novelas comuns. "Minha intenção foi retomar as raízes brasileiras, pois retomando o que é nosso acredito que estou contribuindo para um novo tempo que está aparecendo."

Para isso, ele pretende armar uma novela onde se fale pouco e se mostre muito — intenção que os primeiros capítulos,

com algumas cenas bastante arrastadas, não chegam a confirmar. Bráulio acredita que o país passou por "tempos negros" e por isso quer dar ao público alegria, vontade de agir. "Creio que o elogio à tristeza só contribuiu ao nível de obras muito críticas, muito para baixo. Com isso você desvitaliza o espectador, deixa-o impotente", teoriza ele.

Indiferente a tais teorias, o elenco parece empolgado por outros motivos. É o que acontece, especialmente, com Eliana Macedo e Adelaide Chiozzo, chamadas a viver papéis bastante parecidos com aqueles que enfrentam na vida real. Um tanto preocupadas com a imagem ("Sabíamos que estávamos velhas, mas até que nos vimos no vídeo não pensávamos que fosse tanto assim"), há muitos anos elas se afastaram das câmaras e dos palcos — exatamente

te a situação das suas personagens. Em 1964, quando terminaram as filmagens de "Um Morto ao Telefone", Eliana abandonou o cinema de vez.

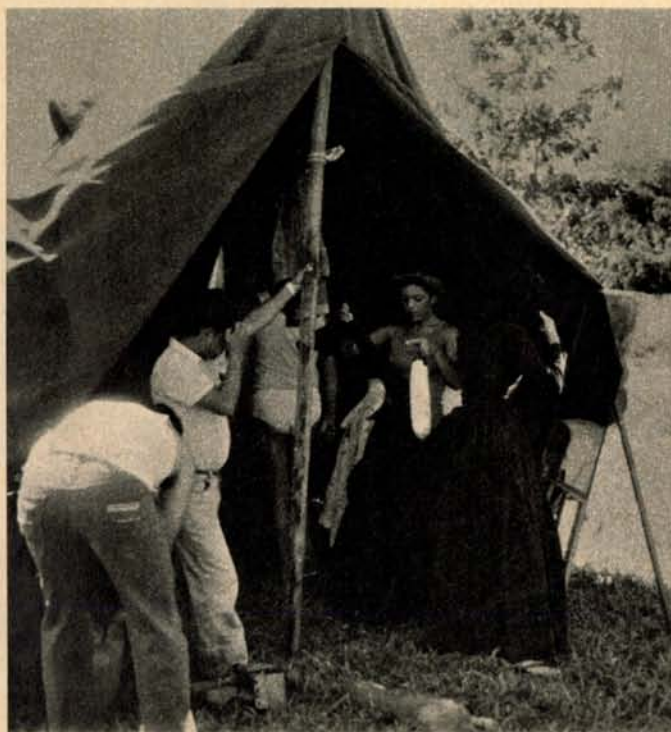
VELHAS AMIGAS — Um pouco mais bem disposta, em 1966 Adelaide chegou a formar o Eles e Elas, um conjunto familiar para garantir o prestígio de seu acordeão: o marido Carlos Mattos tocava guitarra-solo, a filha Cristina ficava com a guitarra-base, e um sobrinho, Marco Antônio, equilibrava tudo com sua bateria. Mas a concorrência era grande, e nem sempre muito leal (naquela época muitos rapazes se dispunham a tocar de graça em bailes e festinhas), e alguns meses depois todos tiveram de mudar de profissão: Adelaide foi ser dona de boutique, o marido virou corretor de imóveis, a filha e o sobrinho voltaram aos estudos. Fora isso, só se apresentavam em situações que lembram um pouco esta novela da Globo — shows de homenagem. Amigas desde 1949, quando fizeram "E o Mundo se Diverte", Eliana e Adelaide inverteram, na vida, os papéis que representavam nas telas. Fora do cinema era a extrovertida Adelaide quem assumia o comando das ações da dupla, ajudando Eliana na gravação das cenas, como fez agora. "Acostumada com o cinema", conta Eliana, "sempre achei que a câmara fosse uma mãe olhando para mim. Mas quando vi aquelas três câmaras de televisão na minha frente, fiquei apavorada."

A Globo, contudo, tem suas compensações. Adelaide conta que nem é preciso ensaiar direito para cantar, pois a emissora tem equipamento suficiente para corrigir qualquer desafinação mais comprometedor. Elas também não serão obrigadas a gritar muito, como faziam nos tempos da Atlântida, mesmo nos diálogos mais íntimos. "Se não fizéssemos assim, o microfone não captava nossas vozes", conta Adelaide. Para garantir, porém, que este "Feijão" tenha sempre novos temperos, a Globo está convidando uma série de grandes astros — como Gal Costa e Roberto Carlos — para participar de alguns capítulos. Com isso, talvez ela acabe produzindo a maior chanchada da história do Brasil — quase vinte anos depois de as chanchadas terem desaparecido.

Drama no Paraná

Santa ou outra coisa? Vem aí uma nova heroína

Santa ou prostituta? Em se tratando de Maria Bueno, mulher bonita que vem alimentando crenças e rezas populares há mais de 100 anos, no Paraná, tudo parece possível. Inclui um milagre: transformando em novela a história desta moça assassinada por um soldado de cavalaria, no que teria sido um simples crime passionai, segundo



"Maria Bueno": quando as barracas viram camarins

alguns, ou uma provação para a divindade, segundo outros, a TV Paraná, de Curitiba, espera conseguir bons índices no Ibope das 7 da noite — quando a Rede Globo invade os lares locais com seu "Feijão Maravilha". Mostrando cenas de altares e lupanares, Agnaldo Rayol no papel de galã e quase setenta atores paranaenses compõem o elenco, esta "Maria Bueno" eletrônica estréia nos vídeos de Curitiba na noite de 16 de abril e, conforme o sucesso, poderá ser exportada para outros Estados.

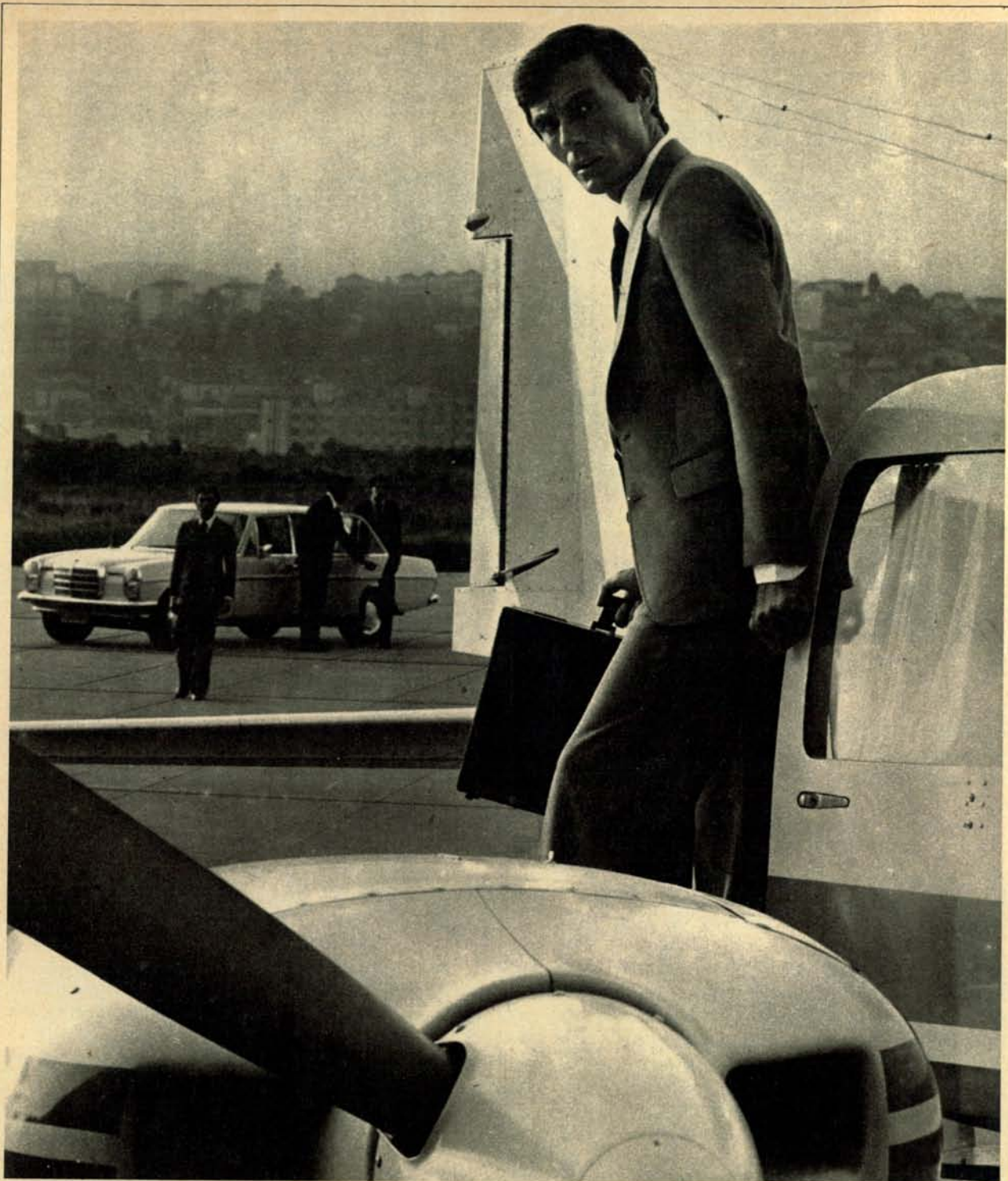
"O que queremos mostrar é a coragem do pessoal do Paraná ao fazer uma novela independente, fora do Rio e São Paulo", afirma Nelson Morrison, assistente de direção, ator e uma espécie de faz-tudo da equipe de produção. Tanto orgulho até que se justifica. Dispondo

de uma verba total de 1,5 milhão de cruzeiros para gravar os 72 capítulos da novela (quantia que as produções da Globo consomem a cada quinzena), os atores, motoristas, câmeras e produtores têm vivido durante as gravações peripécias quem sabe até mais empolgantes do que as aventuras que serão levadas ao ar.

DEVOÇÃO E BARULHO — Atacados por mosquitos, por chuvas violentas e por um calor quase insuportável, eles trabalham de 10 a 12 horas por dia em média, em Porto de Cima, a 70 quilômetros de Curitiba. Nesta pequena e antiga cidade onde Maria Bueno nasceu, os atores usam barracas do Exército como camarim e só podem contar com a ajuda da população, entusiasmada com a perspectiva de ver, no vídeo, personagens que só conhecia de ouvir falar. Assim, uma velha cama colonial, indispensável em cenários que remontam aos tempos do Império, só foi conseguida graças à boa vontade de um morador do lugar — que concordou em dormir por mais de um mês no sofá de sua casa, enquanto o móvel era cedido para o sono, as orações e outras atividades de "Maria Bueno", interpretada pela atriz paranaense Gilda Elisa. Muitos devotos também passaram pelo sacrifício dos figurantes: a maioria das gravações está sendo feita ao lado de uma estrada — e como a emissora não dispõe de pessoal para fiscalizar o trânsito e pedir aos viajantes que aguardem um pouco antes de seguir seu

caminho, o ruído de automóveis e caminhões exige que muitas cenas sejam regravadas por diversas vezes.

Tanto esforço valerá a pena? Talvez. Em tom de confidência, um dos produtores da novela conta que só a "Irmandade Maria Bueno" possui cerca de 200 mil sócios no Paraná, o que poderia render alguns pontos preciosos no Ibope. É possível ainda que a novela atraia uma outra faixa do público, disposto a apreciar, com humor, as improvisações de cada capítulo. Afinal, "estamos fazendo a novela mais criativa da televisão brasileira", afirma o ator Clóvis Aquino, que faz o papel de um padre. Dito isto, ele vai para a frente das câmeras e improvisa uma oração fúnebre, pois o texto de Paulo Avelar esquecera esse detalhe.



Decisivamente marcante como sua presença

eXecutive
ATKINSONS



Men's Cologne. After Shave. Shaving Foam. Deodorant. Soap for Men.

Os intelectuais e o poder

Participar do poder político — ou mesmo exercê-lo — pode ser uma aspiração legítima do intelectual, como de qualquer cidadão. No caso dessas pessoas que têm o vício de pensar demais, aquela aspiração pode se tornar mesmo uma necessidade, já que a vocação da teoria é a prática e o pensamento não quer perder-se no ar como fumaça. Assim é que Platão, vendo a possibilidade de influir no poder, aceitou o convite de Dion: “Vi que, se queria levar minhas idéias às leis e ao governo e realizá-las, havia chegado o momento de pôr mãos à obra”. Neste caso, o filósofo decide servir a um governo tirânico, contrário a seus princípios, mas certo de que, com boa influência, poderia mudar tudo. É difícil saber até que ponto essa esperança de Platão alimentava-se menos de dados objetivos do que do desejo de levar à prática as idéias que lhe eram tão caras.

Mas esse é um exemplo antigo e possivelmente demasiado ilustre. Sob pretextos menos nobres, muitos intelectuais, ao longo da história, têm servido a regimes injustos, ou simplesmente posto sua inteligência à disposição de uma classe que não é a sua. Tais comportamentos só fazem ressaltar a atitude daqueles que, por convicção e coerência, às vezes mais do que por bravura, não aderiram. Como se vê, o vício de pensar tanto pode gerar esperanças infundadas como levar ao conflito com os poderosos. De fato, se o intelectual, por oportunismo, abre mão de seus valores, ele se destrói. Não lhe restará então mais que assumir, aberta e dissimuladamente, os valores opostos.

Essas considerações induzem a uma conclusão: o intelectual não só pode como deve participar do poder, desde que exista — ou ele creia que exista — compatibilidade entre seus pontos de vista e o regime a que ele decide servir. O que leva à discussão de outros problemas.

Qual a função social do intelectual? A resposta a essa questão é muito complicada, dada a soma de problemas que envolve e a variedade de campos de atuação intelectual. Pode o artista responder, por exemplo, que seu compromisso é com os valores estéticos, e que, ao realizá-los, cumpre a sua função. Tal resposta, que é válida ainda que simplificadora, não exclui o fato de que o próprio artista, como as demais pessoas, eventualmente indagará dos efeitos que a obra produz além do âmbito estético propriamente dito. De qualquer modo, a ação mesma do artista, enquanto cidadão, ultrapassa o âmbito da arte, tanto mais quando se trata de sua vinculação com o poder. Aí, então, queira ou não queira, ele opta — define-se em face das idéias e das classes sociais em conflito.

Se é verdade que vivemos um momento de muita perplexidade em torno de questões ideológicas decisivas, não é menos certo que alguns valores estão profunda-



CHICO NELSON

mente arraigados à consciência do homem de hoje: o direito que têm os povos de escolher seus governantes e o regime político sob o qual desejam viver; o respeito aos direitos humanos fundamentais; o direito à livre expressão do pensamento e a lutar por uma vida melhor; o repúdio aos privilégios — são alguns desses valores. Tem o direito o intelectual de ignorá-los ou de servir a regimes que os desrespeitam ou violam? Antes, cabe ao intelectual a defesa desses valores e não só por razões éticas mas também porque deles depen-

de, em última instância, o desenvolvimento cultural e artístico do país.

Estas questões, por sua vez, não estão isoladas do sistema econômico nacional e seu relacionamento externo, gerando o problema da dependência que afeta todos os setores de atividade, inclusive o cultural. O cinema, a música popular, a literatura, sofrem as consequências disso. O produto cultural estrangeiro invade nosso mercado, moldando o gosto e a consciência do público e limitando as possibilidades profissionais do artista e do escritor brasileiros. É possível ignorar a aliança tácita que existe entre os setores internos que reagem às mudanças e essas forças externas de dominação? Não importa até que ponto a ação dessas forças é ou não planejada e dirigida, coisa difícil de provar. Importam as suas consequências e a identidade ideológica, que terminam por constituir um sistema espontâneo de controle e coerção. É verdade que tal sistema não funciona sem falhas e contradições e que a luta desenvolvida pelos setores melhor organizados da intelectualidade o tem obrigado a concessões e recuos. Mas o problema continua aí, como um desafio ao intelectual consciente de sua real situação no quadro social e político brasileiro. E deve constituir matéria determinante das relações que ele venha a estabelecer com o poder.

Outro dado a considerar é a presença crescente do Estado no âmbito cultural, o que é, por um lado, motivo de apreensões e por outro uma possibilidade de estímulo às atividades culturais e de defesa dos interesses do trabalhador intelectual. Trata-se de um fator indescartável, de um interlocutor compulsório. Nesse nível, o relacionamento do intelectual com o poder, para ter significação real e produzir resultados, exige ser feito através das entidades profissionais e organismos representativos dos diferentes setores intelectuais. Dependendo da orientação desses organismos e do respaldo que tenham no seio da categoria, podem eles desempenhar papel significativo em defesa do trabalho cultural e da liberdade de expressão. Além de dispensarem os desbundes ideológico-publicitários que têm lamentavelmente marcado este período de transição.

FERREIRA GULLAR

Ferreira Gullar é poeta, jornalista e crítico de arte

No emaranhado de 9.600 fios é que se conhece quem tem especialização.

Elemento fundamental na construção das redes telefônicas externas é a mão de obra especializada.

São emendadores e cabistas que realizam as conexões dos cabos telefônicos, operando um emaranhado de 9.600 fios que devem ser emendados um a um, respeitando a continuidade física e os parâmetros elétricos.

É por isso que Sielte valoriza ao máximo o elemento humano, realizando constantes cursos de

aperfeiçoamento e colocando seus colaboradores por dentro da mais avançada tecnologia.

Isso quer dizer que, a par de máquinas e equipamentos exclusivos, a Sielte oferece mão de obra de alto nível, para a construção e manutenção de redes telefônicas em todo o Brasil.

Abertura de um cabo telefônico de 2400 pares.

SIELTE S.A.
INSTALAÇÕES ELÉTRICAS E TELEFÔNICAS

Av. Brig. Luiz Antônio, 2791.

Tel.: 289-2122 (PABX) - Telex 1123576 SIETBR - São Paulo - Matriz.
Filiais: Rio de Janeiro - Florianópolis - Salvador - Recife - Goiânia.



O importante
é ter Charm!



Qualidade Souza Cruz